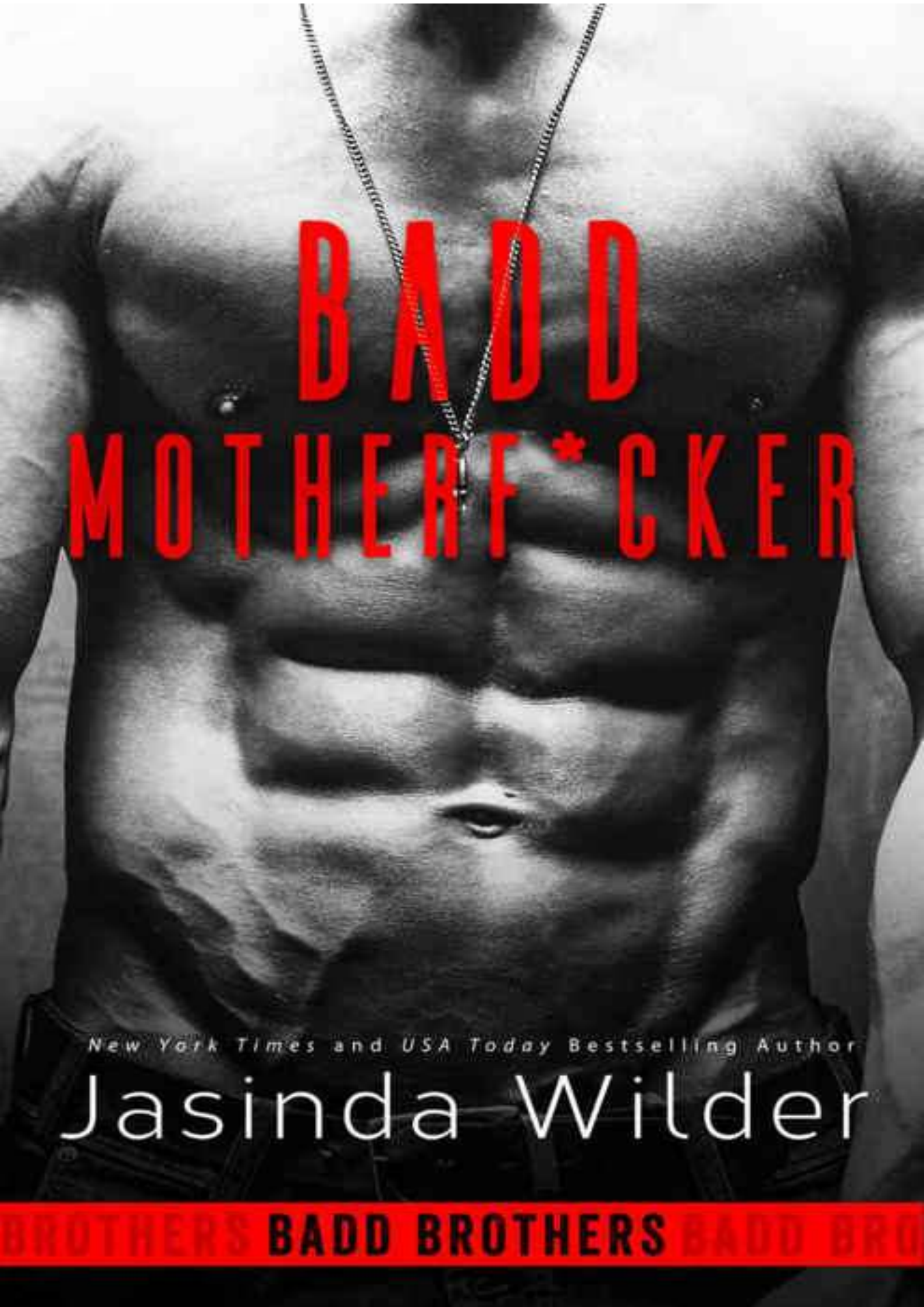

BADD
MOTHERF*CKER
New York Times and USA Today Bestselling Author
Jasinda Wilder
BADD BROTHERS

P L

APRESENTA

BADD MOTHERF*CKER

SÉRIE BADD BROTHERS



LIVRO UM

JASINDA WILDER

EQUIPE PL

Tradução: Ray L, Su Almond, Gil, Nalu, V. Stivanin, AnaS.

Revisão: Enchantress, Nala, Paula dsf, Skywalker, Flavinha

Revisão Final: Lily

Verificação: Judy Roze

Leitura Final: Silvia Helena, Regina C, Jade Lima

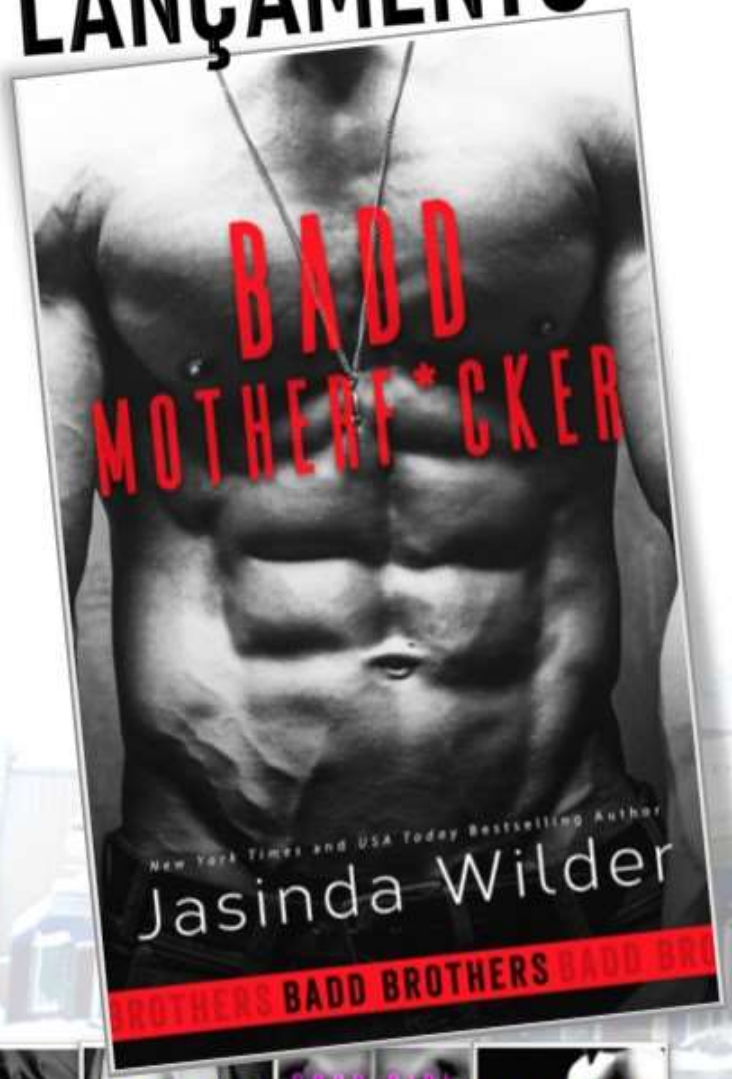
Formatação: Lola



P L

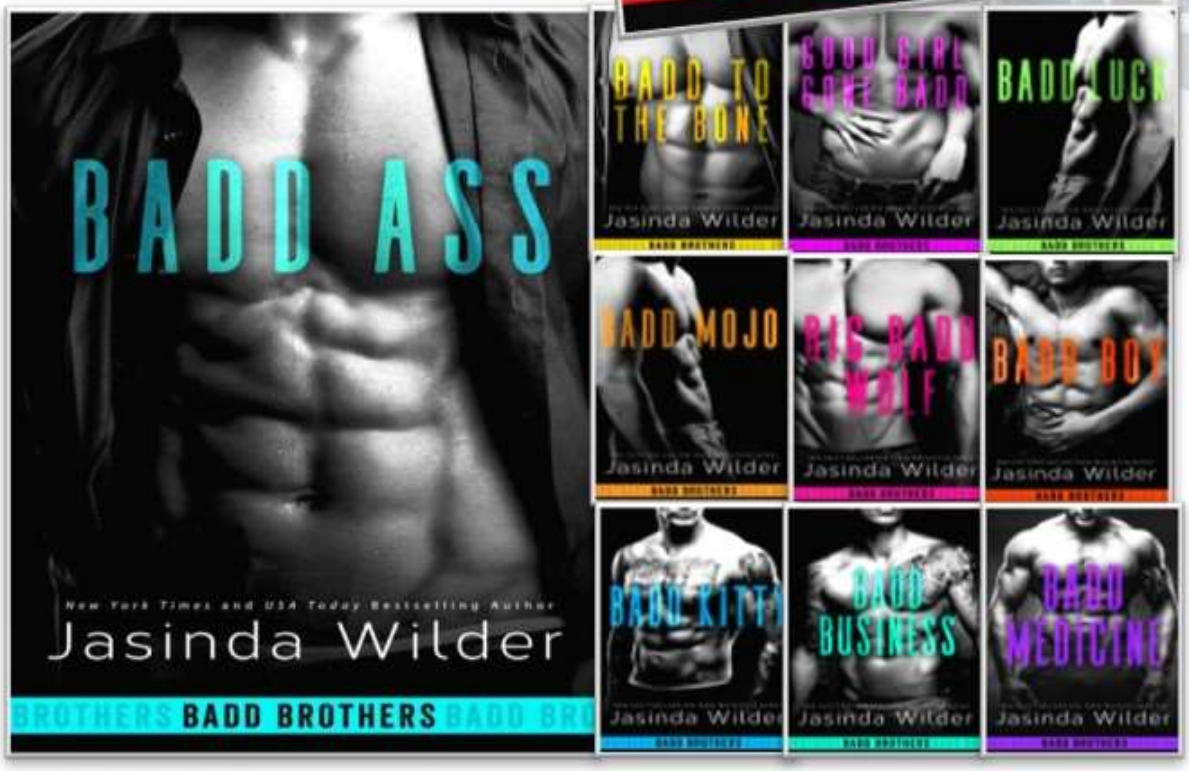
APRESENTA

LANÇAMENTO



SÉRIE BADD BROTHERS

EM BREVE



SINOPSE

O dia do seu casamento é supostamente o dia mais feliz de sua vida, certo?

Pelo menos é isso o que dizem. Comecei aquele dia esperando que fosse assim. O que recebi? O pior. Quer dizer, você realmente não pode ter um dia ainda pior, sem que alguém realmente morra.

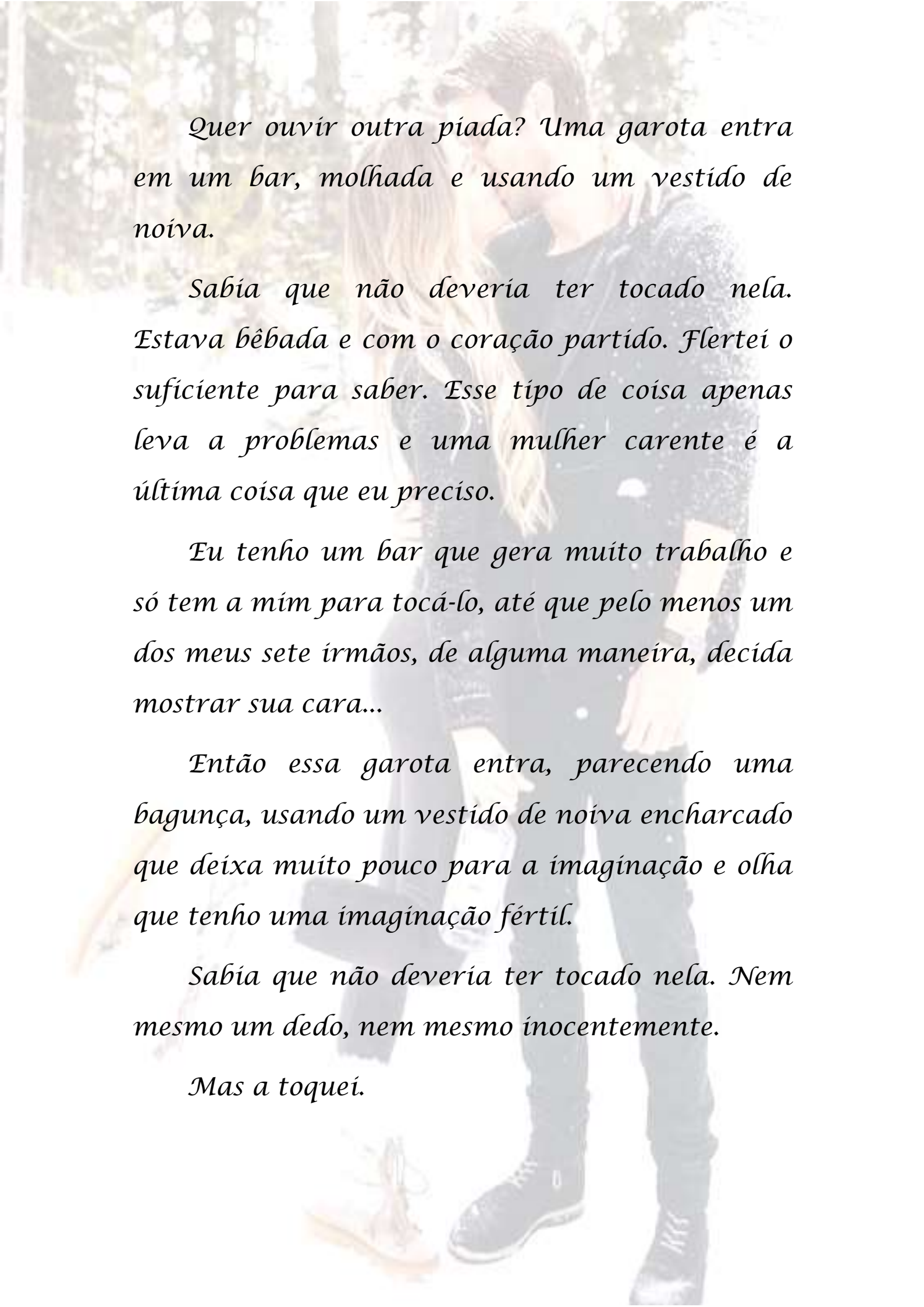
Então... talvez tenha bebido demais e talvez, fui um pouco impetuosa...

E acordei em um bar de mergulhadores em algum lugar do Alaska, sozinha, ainda usando o meu vestido de noiva, meio perdida e com o coração partido.

Oito irmãos, um bar.

Parece o começo de uma piada ruim, não?

Pense um pouco.



Quer ouvir outra piada? Uma garota entra em um bar, molhada e usando um vestido de noiva.

Sabia que não deveria ter tocado nela. Estava bêbada e com o coração partido. Flertei o suficiente para saber. Esse tipo de coisa apenas leva a problemas e uma mulher carente é a última coisa que eu preciso.

Eu tenho um bar que gera muito trabalho e só tem a mim para tocá-lo, até que pelo menos um dos meus sete irmãos, de alguma maneira, decida mostrar sua cara...

Então essa garota entra, parecendo uma bagunça, usando um vestido de noiva encharcado que deixa muito pouco para a imaginação e olha que tenho uma imaginação fértil.

Sabia que não deveria ter tocado nela. Nem mesmo um dedo, nem mesmo inocentemente.

Mas a toquei.

"A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."

Favor não publicar nossos arquivos no Facebook!

Se você viu algum livro do PL no face, sem a nossa autorização, converse com a moderação.
Se você gosta dos livros feitos pelo PL ajude!!!
Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face, expondo ao grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!
Não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pégasus
Lançamentos



1

Dru

Alisei o tecido branco sobre os quadris e respirei, o vestido estava muuuito apertado no meu peito, o que deixou o decote divino, mas me deixou incapaz de respirar bem.

— Realmente não posso respirar. — falei mais uma vez na tentativa de expandir plenamente os meus pulmões.

— É apenas por uma hora. — Annie disse.

— Logo que terminar a cerimônia, você poderá trocar pelo seu vestido de festa.

— Sim. — eu disse.

— Quem respira no dia do casamento, afinal? — brinquei.

Lisa, outra das minhas três damas de honra, dá os últimos retoques no meu cabelo, enrolando alguns fios em bobs e deixando alguns fios soltos ao redor do meu rosto.

— Meu vestido de noiva estava tão apertado, que quase desmaiei durante a recepção. — ela disse. — Não respirar no dia do casamento é uma antiga tradição.

— Bem... Foda-se essa tradição. — comentei. — Gosto de respirar. Respirar é bom.

Annie estava diante de mim, retocando minha maquiagem.

— O decote é bom. Estar gostosa no dia do casamento também é legal. E respirar? É superestimado.

Tentei respirar novamente, sentindo meus seios incharem contra a restrição do tecido. Minha cabeça girou e fiquei feliz por estar sentada. Estava tonta pelo nervosismo, isso era tudo. Estava nervosa, o que era verdade. Mas também não conseguia respirar. Estava com muito medo. Amava Michael, realmente o amava muito. Estava pronta para me casar. Estava pronta para me tornar Dru Connolly-Morrison. Sra. Michael Morrison. Dru Morrison.

Deus, nenhum desses nomes soava bem.

Mas Michael insistiu para que usasse seu nome, mesmo que tivesse hífen.

— Sou tradicional desta forma. — ele respondeu.

Eu amava meu nome e não queria mudá-lo. Dru Connolly: tinha um apelo. Era um nome forte e mais importante, era meu nome.

Respirar, tornava-se mais e mais difícil a cada momento que passava... ou talvez fosse apenas o fato de que estava perto de hiperventilar. Tentei diminuir minha respiração, mas meus pulmões não pareciam receber a mensagem.

— Preciso ver Michael. — disse.

Ele sempre tinha um jeito de me acalmar quando começava a entrar em pânico e pensar demais nas coisas.

Michael me beijava, abraçava e dizia que tudo ficaria bem, de alguma forma, as coisas sempre funcionavam. Nem sempre como eu queria ou como esperava, mas funcionavam.

Esta festa de casamento daria certo e o casamento também.

Mas... queria que meu casamento desse mais do que certo. Queria que fosse incrível.

Annie e Lisa trocaram olhares.

— Hum... bem... Você sabe que dá azar ele ver você em seu vestido.

— Vou me cobrir ou algo assim. Podem apenas trazê-lo?

Outro olhar entre as duas.

— É apenas nervosismo, querida. — disse Lisa.

Annie fecha sua bolsa de maquiagem.

— Apenas respire bem superficialmente e foque no altar. Você ficará bem.

Olhei de Annie para Lisa sentindo, talvez injustamente, que estivessem escondendo ou evitando. Alguma coisa. Não era próxima de nenhuma das duas mulheres, porém eram importantes para os melhores amigos de Michael, Nate e Eric... Lisa era esposa de Nate e Annie a namorada de Eric. Havia mais um padrinho, Tony, o primo de Michael e mais uma dama de honra, Tawny, uma das amigas de Lisa, acrescentada apenas para igualar os dois lados, mal conhecia Tawny e realmente não me importava tanto com isso, mas

você não poderia ter duas damas de honra e três padrinhos, certo?

Suspirei.

— Apenas preciso de alguns minutos sozinha, eu acho.

— Claro. — disse Annie. — Ajudaremos Tawny com as flores.

Franzi a testa.

— Ajudar Tawny com as flores? Elas estavam organizadas profissionalmente e eu mesma verifiquei esta manhã.

Lisa hesitou e lambeu os lábios.

— Eu... ela está apenas revisando. Você sabe, apenas... para ter certeza que tudo esteja lindo.

Não me interessava o que Tawny estava fazendo, então encolhi os ombros.

— O que quer que seja. Preciso de um minuto. Obrigada, meninas.

— Claro que sim, Dru. — Lisa disse e então ela e a Annie saíram, acenando para meu pai enquanto passavam por ele.

Eu realmente não tinha amigas, nem alguém em quem realmente confiasse ou gostasse. Não confiava em ninguém além de meu pai.

E Michael. Confiava em Michael.

Michael era incrível.

Bonito, bem-sucedido, carinhoso. Trabalhava na publicidade da Amazon. Sem barriga de cerveja, tinha cabelo, ia à academia dois ou três dias por semana e podia durar mais que cinco minutos na cama. Quem não o amaria?

Eu precisava ver Michael. E se o visse, todas as minhas dúvidas desapareceriam.

Assim foi como sempre funcionou.

Michael era um defensor da tradição, assim sabia que ele não iria querer me ver no vestido antes do momento certo, que seria quando estivesse caminhando até o altar, então coloquei a cabeça para o lado de fora da sala de escola dominical, que estava usando como um vestiário. Papai estava sentado num banco em frente à sala, mexendo no celular. Ele era meu melhor amigo e meu xará: ele era Drew Connolly e eu Dru Connolly. Talvez isso fosse brega, claro, mas papai era tudo que eu tinha.

— Papai?

Ele olhou para cima, sorrindo para mim.

— O que foi, garota?

— Está com aquele maldito casaco dos anos quarenta, o que sempre usa?

Ele franziu a testa.

— Vivemos no noroeste do Pacífico, Dru, um casaco não é estúpido, é prático. Então, sim. Por quê?

— Preciso ver Michael, mas não quero que ele me veja no meu vestido ainda.

Papai assentiu com a cabeça.

— Ah, claro. — ele levantou-se, foi até o cabideiro no fim do corredor e tirou o seu amado casaco bege de vinte anos fora do gancho.

Eu odiava aquele casaco. Fazia parecer que ele estava tentando ser um detetive em um filme de detetives da década de quarenta. Mas no momento, era o que precisava, então o coloquei, abotoei sobre o vestido e fiz uma volta, levantando meu calcanhar e posando... com zero por cento de sarcasmo, claro.

— Como estou?

Papai sorriu.

— Você está ótima, querida. Viu? Meu casaco está sempre na moda.

Revirei os olhos para ele.

— Nem me faça começar, pai. Casacos nunca estão na moda. Pelo menos não mais. Talvez por cinco minutos nos anos quarenta, claro, mas apenas isso. — inclinei-me e o beijei. — Voltarei logo para começarmos, certo?

E então papai deu-me o olhar. O que eu odiava. O olhar que dizia que ele não aprovava Michael ou o casamento, mas que me apoiava porque era sua única filha e me amava.

— Bem, se tem certeza que isto é o que você quer, então sim, estaremos prontos. A família de Michael está aqui, todos os sessenta e quatro deles. — ele sorriu.

— Rolando, Vickers, Johnson, Benson, Ayers e Mickelson estão todos aqui também com suas famílias, já temos algumas pessoas para encher o nosso lado. Mas se estiver com dúvida, basta dizer. Nós faremos uma fuga.

— Tenho certeza, papai. Eu juro. — inclinei-me e o beijei novamente. — Agora espere aqui, já volto.

Ele sentou-se, pegando novamente o celular e voltou a rolar a tela, feliz em esperar o tempo que fosse, contanto que tivesse seu aplicativo do Buzzfeed[1] para mexer.

— Então estarei aqui.

O vestiário de Michael estava a um canto do corredor. Seus dois melhores amigos, Nate e Eric, estavam sentados em um banco como papai, passando uma garrafa de um lado para o outro e conversando sobre algo no celular de Eric. Lisa e Annie estavam ao redor de Eric no celular, conversando e bebendo da garrafa que passava de mão em mão.

Caminhei até eles, que estavam tão envolvidos com o que olhavam que não me viram. Eu estava perto o suficiente para ouvir o telefone de Eric. Soava como pornô e quando cheguei perto o suficiente para vê-lo, parecia pornô. Eric estava com o telefone longe do corpo, para que todo mundo pudesse ver, as palmas das mãos em concha na parte de trás do aparelho para refletir o som. Eu estava ao lado de Lisa.

— O que estão vendo? — perguntei, mas era capaz de ver o suficiente para saber o que assistiam.

---

[1] É uma empresa norte-americana da mídia de notícias. A empresa cobre a variedade de tópicos, incluindo a política, DIY, animais e negócios.

Apenas, não fazia qualquer sentido.

Não podia ser.

Eric fez uma dupla checagem: olhando para mim, olhando para o telefone e depois para mim com total surpresa, o que rapidamente se transformou em pânico.

— Merda! Dru, eu... nós... estamos assistindo... nada. — ele desligou o telefone e colocou no bolso. — Não se preocupe. Um vídeo estúpido que meu amigo me enviou.

Eu estava calma, até agora.

Não era o que estava pensando.

Ele não faria.

Faria?

— Não é o que parecia. — disse.

Eric se moveu, olhando para seus amigos para ajudá-lo.

Lisa olhou para a porta do vestiário de Michael, olhos arregalados e depois olhou para mim, falando um pouco mais alto que o necessário.

— Você quer uma bebida, Dru? — ela arrancou a garrafa da mão de Nate e colocou na minha.

— Tome um gole. É Jim Beam[2].

Empurrei de volta para ela, ignorando-a e a garrafa, alcançando a maçaneta.

[2] O Bourbon JIM BEAM é uma verdadeira instituição americana, o mais puro espírito do Oeste. Sete gerações dentro de uma garrafa quadrada inconfundível.

— Não deveria vê-lo antes do casamento, Dru! — Lisa, gritou, ficando entre mim e a porta. — Isso dá azar!

— Ele não deveria me ver no vestido antes do casamento, idiota. — eu nunca gostei de Lisa, percebi. Ela era insípida e estúpida, agora estava me atrapalhando a ver meu noivo no dia do nosso casamento?

— É por isso que estou usando o casaco. Saia do caminho.

Então, ouvi.

Michael.

Fazendo certos... sons.

Lisa também ouviu, era por isso que tentou falar mais alto do que o necessário.

Eu mordi o lábio, pisquei forte e deixei de lado meu colapso iminente. Voltando-me para Eric, estendi a mão.

— Telefone, Eric. Agora!

Ele hesitou.

— Por que quer vê-lo? Você obviamente sabe o que é...

Fixei o olhar nele.

— Telefone... agora. — usei a voz dura que aprendi com meu pai, que estalava autoridade.

Papai era um policial, um antigo instrutor da corporação da Marinha dos EUA e um cara foda, e era um especialista no que chamava de “A Voz de Autoridade”. Também me ensinou autodefesa quando que eu tinha idade suficiente para andar,

então poderia derrubar à maioria dos homens em trinta segundos ou menos e Eric sabia disso. Porra, ele me viu fazer isso mais de uma vez.

Eric pegou seu telefone do bolso, o desbloqueou e me entregou. O vídeo estava em pausa.

Ele mostrava a porta atrás de mim, a porta do vestiário de Michael. Ela foi aberta e o vídeo estava sendo feito pela fresta. Michael era visível com a calça social ao redor de seus tornozelos. Sua gravata borboleta perfeitamente amarrada, o colete abotoado, casaco aberto, a camisa branca pendurada abaixo do colete e do casaco.

Na frente dele, curvada sobre o encosto da cadeira, estava Tawny, a melhor amiga de Lisa e minha terceira dama de honra. Sim, o nome dela era realmente Tawny. E se encaixava nele também: cabelo loiro falso, como seus peitos, ordinária e trabalhava como stripper. No vídeo, ela chupava o pau de Michael e pelos sons que fazia, estava adorando. Era bem alto.

Queria ver o que era tão engraçado, então selecionei para esquerda para voltar ao início do vídeo. O vídeo capturou Michael quando ele tropeçou em sua própria calça e caiu para trás de bunda no chão, deixando Tawny inclinada na cadeira, vestido acima dos quadris se movendo. O pau ereto de Michael ondulou e balançou quando Michael caiu. Honestamente, era hilário. Era engraçado o suficiente e apesar das circunstâncias, eu realmente ri.

Mas me recuperei rapidamente.

— Michael ainda está lá? — perguntei, jogando o telefone de Eric para ele. — Fodendo Tawny?

Ninguém respondeu, então esta foi a resposta que precisava, vi o suficiente, não havia necessidade de confrontá-lo.

Tirei do meu dedo o anel de noivado, um solitário de diamante de um quilate, e respirei... bem, tanto quanto pude... para afastar o colapso por mais alguns minutos. Virei para Lisa, agarrei seu pulso e pressionei o anel em sua palma.

— Tawny pode ficar com ele.

Virei e fui embora, lutando contra a necessidade de ter um colapso nervoso completo. Papai estava esperando no banco e olhou para cima, conforme passava por ele.

— Querida? Dru? O que está acontecendo?

Continuei marchando e deixei meu pai falando sozinho. Estávamos fora da igreja e na chuva de Seattle em menos de sessenta segundos.

— Você estava certo, papai. — eu consegui dizer, quando me aproximei do lado do motorista do vermelho e surrado 07 Tacoma[3] do meu pai. Ele nos levou até aqui, mas agora precisava dirigir. Precisava fugir o mais rápido possível.

Sem desperdiçar nenhum segundo, papai sentou no banco do passageiro, o que era bom já que não esperaria. No

[3] Um modelo de carro da marca Toyota.

segundo em que minha bunda tocou no desbotado e rasgado assento de pano, o motor foi ligado e estava acelerando.

— Certo sobre o que? O que está acontecendo? — ele perguntou conforme derrapava no estacionamento da igreja para estrada principal.

Papai me ensinou a dirigir, ele estava bastante descontraído, apesar da minha condução selvagem.

— Sobre Michael, sobre tudo. — eu fungo e tento parar de falar, porque sabia que uma vez que deixasse sair, não haveria como parar.

— Ele... ele... Tawny, Michael estava... Droga! — bati o punho no volante tão forte que toda a caminhonete tremeu. — Aquele pedaço de merda estava fodendo Tawny no vestiário.

O olhar do meu pai se estreitou e ele apertou seu punho.

— Sabia que esse vadio era um cretino nojento.

— Sim, você sabia.

— E agora?

Desabotoo o casaco, tiro e o entrego ao meu pai.

— Agora irei encher a cara. E depois? Não sei. — eu me contorci no lugar, tentando soltar o corpete e consegui espaço suficiente no vestido para de fato respirar sem sentir dor.

Papai colocou a mão em meu ombro.

— Encoste doçura. Eu vou dirigir.

Manobrei para direita, pisei no freio e o carro derrapou parando em um estacionamento da farmácia. Fizemos uma confusão passando de um lado para o outro e quando estava sentada no lado do carona, meu pai começou a dirigir, embora muito mais serenamente do que eu.

Ele olhou para mim.

— Você vai chorar?

Balancei a cabeça.

— Muito. Vou chorar muito papai, você não imagina o quanto.

Ele buscou no bolso de trás e pegou um lenço. Meu pai era um típico cavalheiro. Não era tão velho, já mamãe me teve aos dezenove anos, mas agia como alguém de uma geração anterior. Lenços, casacos e tinha certeza que guardava um chapéu de feltro em algum lugar.

Olhei para o lenço.

— Você usa isso no seu nariz?

Ele encolheu os ombros.

— Bem, claro, é um lenço.

— Isso é nojento.

Papai o guardou em seu bolso.

— Pode se virar sozinha. Mas está limpo, sabe. Eu tenho vários e os lavo. Não é como se fosse o mesmo lenço com vinte anos de ranho nele.

Isso tirou uma risada de mim, porque foi o que imaginei. Mas a risada foi o que me quebrou, não podia mais segurar meus sentimentos. Tudo começou com uma única lágrima e uma fungada, que se transformou em um soluço, então comecei a chorar como disse que faria.

Peguei o lenço, mesmo com nojo e enxuguei os olhos, sem me importar se estava manchando meu rímel.

Logo estava chorando tanto que não conseguia enxergar e senti papai parar a caminhonete. Meu pai soltou o cinto e arrastou-me para o lado dele, envolveu o braço em meus ombros e me segurou perto enquanto eu soluçava. Ele cheirava a pai e era sinônimo de conforto.

Ele me deixou chorar, não sei por quanto tempo e quando terminei, tirou o lenço de mim, limpou meu rosto e o guardou novamente no bolso.

— Melhor?

Balancei a cabeça.

— Não, nem perto disso. Mas parei de chorar por agora. É hora de ficar bêbada.

Papai me levou para seu lugar favorito, um bar de policiais perto de um pequeno campo de aviação rural fora de Seattle. Por pequeno, quero dizer de pequeno porte. O maior avião em qualquer lugar no campo era um avião bimotor carregado com caixas, o restante dos aviões era monomotor como os Cessnas, Cubs Piper, Beechcraft, entre outros. Ele conhecia todo mundo lá, estava na polícia há vinte anos e frequentou aquele bar em particular por ainda mais tempo,

não era apenas um bar policial, mas era o ponto de encontro pessoal, quase privado, do meu pai e os amigos policiais.

Quando entramos cada cabeça virou, porque era o tipo de lugar que você não entra a menos que soubesse que era bem-vindo. Então, quando os rapazes me viram no meu vestido de noiva sujo de caminhar pela chuva torrencial, rímel borrado de chorar... bem, os policiais eram um grupo unido. Cuidavam dos seus. Um olhar para mim e puxaram as mesas em um círculo, sentaram-me, tiraram uma garrafa do melhor uísque e me serviram um duplo com gelo. Eu cresci com estes homens. Suas esposas cuidaram de mim enquanto papai trabalhava no fim de semana ou no turno da noite. Iam na minha casa, no meio da noite, quando papai precisava interrogar um suspeito. Eles me cobriram quando saia com os rapazes no ensino médio. Aqueles policiais cuidaram de mim a vida toda.

Terminei meu primeiro uísque duplo e os ouvi discutirem planos para Michael e então esperei enquanto o Detetive Rolando servia-me um segundo copo. Olhei para todos eles, um por vez: Rolando, Vickers, Johnson, Papai, Benson, Ayers, Mickelson... Papai obviamente enviou mensagens para nos encontrarem ali depois que fugi do casamento.

— Sem vingança, rapazes. — olhei-os até que viram que eu estava falando sério.

— Michael não vale a pena. Pode ter Tawny e ela pode ficar com ele. Sem vingança. Embora, se alguma vez o

pegarem por excesso de velocidade, não o deixem sair sem uma multa. Não gastarei mais um minuto da minha vida com Michael e nem qualquer um de vocês deveria.

Recebo um coro de acordo. Depois de terminar o segundo uísque duplo, comecei a tirar as presilhas do meu cabelo e quando ficou solto, pareceu melhor.

Troquei de doses duplas de uísque para canecas de cerveja local.

Bem, aprendi a beber como os policiais... e aqueles podiam tomar álcool como ninguém.

Posso dizer que perdi a noção do tempo, mas porra, não me incomodei em contar.

Em algum momento, Mickelson colocou uma música para corações partidos no rádio do bar, e considerando o quanto estava bêbada naquele ponto, comecei a dançar. Realmente e verdadeiramente entrei no clima.

Papai e Ayers nos deixaram em um momento para levar algum suspeito que perseguiam, então fiquei sozinha com Mickelson, Benson e Rolando, amigos mais próximos do meu pai na força, homens que eram como tios para mim.

Mickelson estava sentado ao meu lado, jorrando sabedoria bêbada.

— Não deixe o desgraçado derrubá-la, Dru. Precisa manter a cabeça erguida, ok? Ele é um idiota e um bastardo, não merece suas lágrimas. Então, basta esquecê-lo, certo?

— Certo. — disse, porque era o plano desde o início, mas ele continuou trazendo Michael de volta para conversa. O que em meu pensamento embriagado, era contraproducente. — Preciso recomeçar.

— Recomeçar é um ótimo plano. Descartar tudo e começar novamente. — Rolando concorda.

Levantei-me, caminhei vertiginosamente através do bar para janela suja. Um avião estava prestes a decolar, aproveitando o período de calmaria na chuva.

— Estive em Seattle toda minha vida. Nunca estive em nenhum outro lugar. Michael está... onde quer que vá nesta cidade maldita eu o verei. Estava com ele há quatro anos. Quatro malditos anos! Há quanto tempo estava me traindo? Aquilo era algum tipo de despedida estúpida, em vez de uma despedida de solteiro? Oh, espere... não, Michael teve uma despedida de solteiro. E tenho certeza que foram a um clube de strip. Então... porra, tanto faz. Apenas... — realmente não estava falando com alguém neste momento.

— Não sei se posso ficar em Seattle mais. Eu preciso... preciso sair daqui.

Rolando ficou ao meu lado, ficando a uma distância respeitosa, mas perto o suficiente para me agarrar se desmaiasse ou começasse a vomitar. Ambos eram possíveis.

— Onde você iria?

Encolhi os ombros, isso me desequilibrou e coloquei a mão no balcão do bar para me equilibrar.

— Eu não sei, Lando. Para qualquer lugar. Talvez apenas... entre em um daqueles aviões e vá para qualquer lugar.

Rolando acariciou meu ombro.

— Seu velho não saberia o que fazer se você fosse, Dru. Mas entendo o ponto.

— Estive aqui minha vida inteira. Fui para faculdade aqui, consegui o primeiro emprego aqui, conheci Michael aqui. Como posso começar novamente no mesmo lugar que sempre estive? — estava começando a ver dobrado, mas sentia a verdade de minhas próprias palavras profundamente em meus ossos.

Olhei para minha bolsa, continha todos meus documentos e cartões de créditos, bem como o celular e o carregador. Mas estava sem roupas, exceto que ainda usava o vestido de noiva.

Mas foda-se tudo, certo?

Eu não podia mais ficar ali... Precisava ir embora.

Olhei pela janela, um avião foi para a pista e decolou.

E se...?

Endireitei-me.

Outro avião era visível à distância, luzes acesas, hélices girando, esperando sua vez de decolar. Realmente apenas via o que isso representava: liberdade, um novo começo. Vi hélices gêmeas girando, luzes da asa piscando, a dinâmica da fila de espera de pequenas aeronaves para pista.

Eu me virei para Rolando e Mickelson.

— Estou saindo.

Ambos franziram a testa.

— Você... o que?

Peguei minha bolsa na parte de trás da cadeira e pendurei no meu ombro.

— Eu não posso mais ficar aqui. Preciso ir embora.

— E você vai para onde? — Mickelson, que se assemelhava a uma versão levemente menor de Austin Powers, levantou-se e foi atrás de mim. — Não pode simplesmente ir, Dru. E seu pai?

Levantei meu celular da bolsa e mostrei para ele.

— Ligarei para ele quando chegar onde quer que eu vá. Não vou embora para sempre, apenas... não posso mais ficar aqui.

Empurrei a porta e caminhei em meus saltos de oito centímetros para o estacionamento, isto não era nada além de um campo de aviação pequeno: sem segurança, sem cercas, ninguém para me impedir enquanto passava pela grama diretamente para a pista.

Rolando foi correndo atrás de mim.

— Você está bêbada, Dru. Não pode fazer isso agora, não desse jeito.

— Eu preciso. É uma loucura, mas é o que preciso fazer. É o que farei. Diga ao meu pai que o amo e que ligarei assim que puder, ok?

Tirei os sapatos e segurei-os em minha mão, então corri para atravessar o campo em direção à pista. O avião estava indo em direção à pista agora, os suportes girando em um borrão. Estava bêbada, mas de alguma forma fiquei na posição vertical, até me aproximar, logo ergui os braços e acenei para o avião parar.

O piloto abriu a porta, os suportes abrandando.

— O que aconteceu, senhora? Você não pode simplesmente pular na frente de um avião assim. Quer morrer?

Subi na lateral, abri a porta e sentei no o assento do copiloto.

— Eu vou com você! — gritei.

Ele me encarou.

— Porra, não vai mesmo.

Abri minha carteira e tirei todo o dinheiro que tinha, mais de mil dólares que planejei gastar na minha lua-de-mel no Havaí.

— Aqui. — eu disse entregando a ele. — Mil e duzentos dólares para calar a boca e me levar para onde você está indo.

— Estou levando uma carga de suprimentos para...

— Não me interessa, não quero saber! — falei, interrompendo-o. — Não importa. Desde que seja longe daqui.

O piloto me olhou por um longo instante, em seguida, pegou o dinheiro, colocou no bolso da camisa de manga curta e pensei ter ouvido ele resmungar algo como:

— Alaska, aqui vamos nós.

Mas não tinha certeza, porque as últimas doses de repente me atingiram e estávamos decolando, enquanto me sentia tonta e com náuseas. Quando finalmente venci a vontade de vomitar, me virei para o piloto. Estávamos no ar agora em escalada íngreme, subindo por entre as nuvens chuvosas, ao céu da noite acima delas.

— Você disse Alaska? — precisei gritar a pergunta, porque o barulho era tão alto na cabine que não me ouvia falando.

O piloto me entregou um par de fones de ouvido com um microfone ligado a ele, quando eu o posicionei, olhou para mim.

— Você disse que não queria saber para onde estávamos indo.

— Parece que você disse Alaska.

Ele assentiu.

— Ketchikan, no Alaska, querida.

Quase desmaiei.

— Eu pensei... pensei que fosse para algum lugar como... Portland ou São Francisco.

Ele riu.

— Não, nós vamos para o Alaska. Bem, você irá. Quando pousarmos, deixarei a carga, receberei uma carga de peixes e levarei para o interior. Não voltarei para Seattle.

Náuseas me atingem novamente e me abaixei para colocar a cabeça entre os joelhos.

— Alaska? Jesus.

Ele me olhou com cautela.

— Você vai vomitar? Porque, se for, há sacos para enjoo sob seu assento.

Peguei um saco para enjoo, mas em vez de vomitar nele o usei para me ajudar a respirar.

— Alaska. — repito, como se dizer novamente tornasse mais real.

— Ketchikan, para ser exato. Lugar agradável, muitos navios de cruzeiro passam por lá. Lindo. Um pouco frio às vezes, mas lindo.

Outra onda de náusea passou por mim.

— Seria horrivelmente rude se eu pedisse para você se calar?

Ele apenas riu.

— Por mim tudo bem.

E ele fez exatamente isso, calou a boca, brincando com os botões e interruptores, tocando instrumentos, ajustando os controles.

Alaska?

Em que porra eu me meti?



2

Sebastian

Onde estão os malditos navios cruzeiro quando você precisa deles?

Eu limpo o balcão pela quadragésima sétima vez na última hora, olhando para meu bar, que estava morto, mais morto do que um cemitério e uma cidade fantasma juntos. Nem uma maldita alma no bar e eram sete da noite de um sábado. Deveria ter algum merda querendo uma maldita bebida. Mas não, não tinha um único cliente fedorento desde que abrimos às quatro. Geralmente o bar estava lotado ou pelo menos tinha uma multidão decente, mesmo em noites de semana ou dias tempestuosos. Gostaria de culpar a chuva, mas isso normalmente não impedia as pessoas de tomarem uma bebida ou seis. Merda, na maioria das vezes ficava mais movimentado, mas não morto.

Eu deveria simplesmente fechar. Qual seria o problema? Não havia ninguém ali de qualquer maneira.

Mas não podia fazer isso. Badd Bar & Grill já está sofrendo, então, se tivesse alguma esperança de manter o bar do papai vivo, não podia fechar mais cedo. Papai poderia estar morto, a três meses no túmulo, mas de jeito nenhum deixaria o seu bar afundar também. Estou fazendo o meu melhor, mas apenas um homem para cuidar de todo o bar

não é o ideal e isto significava uma diminuição do negócio, simplesmente porque não conseguia acompanhar a demanda, então as pessoas iam para outro lugar.

Eu fui criado neste maldito bar. Aprendi a andar indo da mesa três a quatro. Beijei a minha primeira garota no beco atrás deste lugar, dormi com a mesma garota no armazém do sótão, entrei na minha primeira briga naquele estacionamento.

Não deixarei este lugar fechar. Lutarei de alguma forma. Irei mantê-lo, mesmo que não seja mais o point que um dia foi. Talvez tenha de me resignar e contratar alguém para ajudar. Odiava essa ideia, em todos estes anos, nós nunca contratamos ninguém fora da família e odiava a ideia de romper a tradição.

Estive esperando algum tipo de sorte inesperada depois que ele morreu, sabe? Uma herança ou algo assim. Pensei que papai estivesse bem todos aqueles anos, imaginei que tivesse dinheiro guardado. Mas não. Não sei como não conseguiu poupar nada, já que morava no bar e raramente o deixava, quando os meus irmãos e eu éramos mais jovens vivíamos todos por conta dele. Mamãe ficava na cozinha, papai servia as bebidas.

Então, quando tinha dezessete anos, minha mãe morreu e assumi a cozinha. Gostava de chegar em casa da escola, amarrar um avental e começar a servir hambúrgueres, batatas fritas e asas de frango. Foi meu primeiro emprego e agora, dez anos mais tarde, este bar foi o único trabalho que

tive. Papai me deixou ajudá-lo com os livros quando fiz vinte anos, deixou-me dividir os turnos com ele, três dias por semana para ele e quatro para mim.

Eu sabia que o negócio vinha sofrendo há um tempo, mas nos últimos meses desde que o papai morreu as coisas realmente entraram em queda livre.

Fiz o meu melhor para manter as coisas estáveis, mas não ajudou o fato de ser o único empregado. Cozinhava, era barman, levantava as mesas, limpava, varria e trabalhava para abrir e fechar, das dezesseis às duas da manhã, sete dias por semana.

A coisa mais frustrante era que embora tivesse sete irmãos, ninguém estava por perto para ajudar.

Isso mesmo, havia oito de nós. Mamãe e papai criaram oito rapazes no apartamento de três quartos acima do bar, quatro de nós em um quarto em conjuntos de cama de beliche duplo. Quando mamãe morreu, Zane tinha quinze anos, Brock treze, Baxter doze, Canaan e Corin os gêmeos idênticos dez, Lucian nove e Xavier, o bebê, tinha sete.

Dez anos mais tarde, Zane foi embora para ser um fuzileiro naval em algum lugar, Brock estava jogando futebol na Liga Canadense de Futebol e estava sendo sondado para a NFL ou então dizia que estava, Baxter era um piloto acrobático viajando pelo país fazendo espetáculos aéreos, Canaan e Corin estavam viajando pelo mundo com sua banda de rock Bishop's Pawn, e Lucian... bem, não tinha certeza. Lucian deixou-nos no dia em que fez dezoito anos e

não voltou, sequer enviou um maldito cartão-postal. Acho que levou o dinheiro que juntou trabalhando em barcos de pesca, desde que tinha quinze anos e estava vadiando pelo mundo. Assim era ele, pensativo, tranquilo e um gênio. Xavier ganhou uma bolsa para Stanford, ficava entre o futebol e o mundo acadêmico, falava sobre os olheiros da FIFA observando-o..., algo sobre seus talentos ou uma merda assim. Logo estava eu, Sebastian Badd, o mais velho, preso na maldita Ketchikan cuidando de um bar fodido e falido, onde estive desde os meus dezessete anos.

Todos meus irmãos eram homens bons, bonitos e bem-sucedidos e eu era a porra de um garçom.

Não que estivesse amargo, nem nada. Quer dizer, merda, era o mais bonito de todos, afinal.

E não me interpretem mal, amo o bar. Estava em casa. Foi um lar toda minha vida. A parte mais difícil era que nunca tive a chance de fazer qualquer outra coisa. Quando mamãe morreu tudo ficou para mim, e como o mais velho precisava ajudar papai. Consegui o diploma do ensino médio, mas por pouco. Estive muito ocupado cozinhando, limpando as mesas e lavando a louça para me preocupar com os testes ou trabalhos de casa. Trabalhei muito para que meus irmãos não precisassem fazer isso... pelo menos durante a semana.

Papai sempre me deu os sábados de folga e fez com que alguém estivesse por perto para ajudar. Normalmente, isso significava Zane, Baxter e os gêmeos, já que Brock sempre tinha aula prática e Lucian e Xavier eram muito jovens para

serem de alguma serventia. Os sábados significavam encontros para mim. Pegava o que ganhava durante a semana e viajava pela cidade na minha moto, uma Harley modificada na qual meu pai e eu trabalhamos todos os domingos, e ia à procura de garotas. Geralmente não demorava muito para encontrar alguém para me divertir à noite, já que tenho o tamanho do pai, sua aparência e confiança, além da atitude calma da minha mãe.

Bem, na maioria das vezes tinha a atitude calma da minha mãe, tinha o temperamento do pai às vezes, e nos dias de hoje não era difícil aflorar isso em mim. Acho que ficava irritado porque precisava dirigir este lugar sozinho. Naquela época estava entediado e cheio de raiva por causa da morte da minha mãe e estava sempre pronto para lutar e foder, era muito bom em ambos.

Hoje em dia, a única luta que tinha era expulsar um estranho bêbado. A foda era constante, mesmo que o negócio não estivesse indo tão bem, Badd & Grill ainda possuía uma reputação de ter um barman bonito que servia bebidas fortes e que sempre estava disponível se fosse minimamente decente de se olhar e tivesse um bom corpo... O barman bonito era eu, obviamente.

Ketchikan, sendo um destino popular para os cruzeiros no Alaska, tinha quase sempre um fluxo constante de turistas à procura de um ponto local para beber, o que significava garotas gostosas apenas por um ou dois dias. Estas garotas fáceis incorporaram uma cláusula de fuga: sabiam que se iam, sabia que elas iriam embora, então não

haveria nenhuma confusão, sem ferir os sentimentos, sem a estranha conversa da manhã seguinte.

Era um bom lance.

Mas era o único show que tinha. Não fazia ideia o que mais poderia fazer, no que mais eu seria bom, o que mais queria fazer. Cuidava do bar e fodia turistas gostosas, foi o que sempre fiz.

Foi tudo o que fiz.

Hoje, passei quase uma hora sonhando acordado e ficando com raiva dos meus irmãos, mas ainda assim ninguém entrou.

— Porra. — disse e servi um uísque puro.

Puro, um copo cheio até a borda com um Black Label.

Dei a volta pelo balcão, sentei-me perto da TV e liguei na ESPN, inclinando para trás na cadeira alta com os pés encostados na frente do balcão e bebendo meu uísque, assistindo as repetições e destaques da noite passada.

Talvez umas duas horas depois, estava no segundo copo e ainda não vi uma alma. Então a campainha da porta tocou.

Esperava que fosse uma turista bonita, talvez uma ruiva com um belo par de seios ou uma loira com uma bunda suculenta.

O que recebi foi Richard Ames Burroughs, o advogado responsável por executar o testamento do meu pai: terno de três peças, pasta de couro fino, sapatos Oxford, cabelo com gel e separado, óculos que poderiam, apropriadamente e não

ironicamente, serem chamados de óculos, uma tendência para literalmente olhar sobre o nariz para mim. Ele também tinha uma tendência a agir como se os bancos e a parte superior do bar estivessem infectados, como se pudesse pegar malditos piolhos ou algo assim.

Acredite em mim, amigo, lavava aquele bar o suficiente que não houvesse nenhuma bactéria na maldita coisa.

Richard Ames Burroughs pisou no chão com cuidado, que ainda estava limpo de quando o varri antes de abrir e parou ao meu lado.

— Sr. Badd.

— Meu nome é Sebastian. — rosnei.

— Sebastian, então. — Richard puxou o banquinho ao meu lado, esfregou-o com um guardanapo, em seguida, colocou sua pasta sobre ele. — Eu tenho o testamento do seu pai.

Engoli o meu uísque.

— Ele está morto há três meses, caralho. Porque você está me trazendo isso agora?

— Você pode me chamar por Richard ou Sr. Burroughs, como quiser. E fazia parte do seu testamento que não poderia ser lido por doze semanas após sua morte. Não sei por que, já que ele não disse o motivo. — Richard fez uma pausa e abriu a pasta.

— Enviei cópias para cada um dos irmãos ou pelo menos, para aqueles a quem pude localizar em um endereço

físico. Mas estou me adiantando. Seu pai foi muito específico e queria que esperasse três meses antes de ler o testamento e que você fosse o último para quem eu lesse.

Puxei as mangas da minha camisa térmica Henley sobre o cotovelo, desnudando os antebraços cobertos pelas minhas tatuagens.

— Ok, bem, isso é muito estranho. O que a maldita coisa diz, então? Deixe-me adivinhar: estou quebrado, ele estava quebrado, o bar está falido e devo muito dinheiro que sequer sabia a respeito?

— Deus sabe que é exatamente o que se poderia esperar de um lugar imundo como esse. — disse Richard, puxando uma pasta de dentro de sua pasta. — Mas acho que você ficará bastante surpreso.

Endireitei o banco, coloquei o uísque na mesa e me levantei para ir para cima do advogado irritante.

— Ouça-me seu insignificante, se você veio aqui falar merda do meu maldito bar, terei que esmagá-lo como uma maldita barata. — cruzei os braços e flexionei-os para provar o ponto. Os meus braços eram mais grossos do que suas pernas.

— Que tal você dizer logo o que veio aqui para dizer e não bato nos seus malditos dentes brancos da Ivy League[4], idiota magricelo.

[4] Ivy League (Liga Ivy ou Liga da Hera) é uma conferência desportiva da NCAA de oito universidades privadas do nordeste dos Estados Unidos.

Meu outro lado mais... agressivo estava aparecendo, mas ele me assustou e me fez sentir como se pensasse ser melhor do que eu.

Ele empalideceu, levantou-se e tropeçou para trás alguns passos.

— Não há necessidade de ameaças, Sr. Badd, simplesmente... não é... ah... como você disse, começarei as particularidades do testamento. — ele abriu a pasta, embaralhou os papéis, ajustou os óculos, leu em silêncio por alguns minutos, em seguida, substituiu os papéis na pasta, mas não a fechou. — Seu pai conseguiu economizar uma grande quantia, se não se importa que eu diga.

Pisquei para ele.

— Ele... o que?

— Seu pai era dono deste prédio e vivia acima dele, então tinha muito pouco em termos de contas, exceto as despesas do bar, o que manteve no mínimo e por muitos anos, parece que este bar foi bem-sucedido. Ele foi rigoroso e usava apenas pequenas quantidades dos lucros. Gastou extraordinariamente pouco, na verdade.

Balancei a cabeça.

— Isso faz sentido. Então, quanto ele deixou e quem?

— Para quem, você quer dizer. — disse Richard.

— Não corrija a minha maldita gramática, seu nerd maldito. — rosnei. — Quanto e para quem?

Richard piscou para mim por um momento, então limpou a garganta novamente.

— Hum... ele deixou uma soma total de duzentos e noventa mil dólares para ser dividido entre os oito irmãos Badd. Não é uma fortuna, mas uma soma considerável. Além da escritura do bar, mas isso não faz parte dos duzentos e noventa sendo distribuídos por sua vontade. Quanto à distribuição em si, bem, é aí que fica um pouco mais complicado.

Eu rosnei.

— Complicado? O que isso significa? O que é complicado sobre para quem meu pai deixou o dinheiro dele?

— Bem, normalmente em circunstâncias como estas, as verbas são distribuídas igualmente entre todas as partes ou a favor de uma ou outra na questão do falecido, que geralmente leva a lucros e ações judiciais, mas isso agora não interessa.

Girei a mão.

— Vá frente, caralho. Qual é a versão curta para nós, pessoas pobres e sem educação?

Ele suspirou.

— Isso significa que seu pai deixou instruções específicas que devem ser concluídas antes que qualquer um dos fundos possa ser liberado.

— Instruções?

Richard concorda com a cabeça.

— Advertências é o termo jurídico aplicável aqui. Significa que nem você e nem qualquer dos seus irmãos receberão o dinheiro do testamento até que os termos sejam cumpridos.

— Então? Quais são os termos?

Ele cita o testamento:

— Antes que alguém receba um centavo do dinheiro, todos os sete dos meus filhos rebeldes devem retornar para Ketchikan, no Alaska, por um período mínimo de um ano civil e passar esse ano vivendo dentro de uma proximidade razoável do Badd Bar & Grill e devem contribuir com no mínimo duas mil horas de trabalho no bar durante este período.

Então precisei me sentar.

— Que porra é essa?

— Isso significa que seus irmãos devem voltar para Ketchikan para viver e trabalhar aqui por um ano. O valor de duas mil horas é baseado em uma semana de trabalho de quarenta horas em um ano civil de cinquenta e duas semanas.

Tentei fazer com que meu cérebro começasse a trabalhar.

— Então... o que mais ele diz?

— Ele nomeia cada um dos seus irmãos e suas prováveis localidades de residência. Concede-lhe a propriedade exclusiva do bar, depois da assinatura da

escritura e deixar apenas a você dez mil dólares. O restante do dinheiro será dividido igualmente entre os oito, o que chega a... trinta e seis mil e duzentos e cinquenta dólares para cada um.

— Então os dez mil para mim....

Richard consultou o testamento.

— Para meu filho mais velho, Sebastian, deixo dez mil dólares fora dos parâmetros da execução dos termos anteriores do testamento, como uma pequena recompensa pela sua fidelidade ao longo dos anos a mim e ao Badd Bar & Grill.

Eu engasguei.

— Uma pequena recompensa... Droga. — pisquei com força, fui para trás do balcão e derramei mais uísque no copo, engoli de uma vez de frente para o espelho sujo por trás das fileiras de garrafas na parede traseira. Uma pequena recompensa pela minha fidelidade. Uma vida de merda que passei aqui e ganhei dez mil. Era para rir.

— Jesus, pai.

Inclinei-me contra o balcão, tomei outro longo gole de uísque e fiz um gesto sarcástico. Para ser sincero, sentia-me um pouco perturbado. Dez mil dólares?

Quer dizer, obrigado pai, é fantástico. Isso manteria o bar por mais um tempo. Mas... merda. Quase sentia que talvez merecia um pouco mais de agradecimentos. Agora estava irritado com meu pai por morrer, e depois por me dar

míseros dez mil depois de todas as horas que coloquei neste lugar. Dez mil? Porra. Sentia como um insulto. Preferia simplesmente voltar para a cozinha.

Meus irmãos ferrarão tudo, isso era um fato, embora não sabia se ficariam mais irritados por eu ganhar dinheiro extra ou por que estavam sendo forçados a voltar para cá. Zane não retornava há anos e não tinha certeza se ainda estava vivo. Os gêmeos estavam na Alemanha ou algo assim, a última vez que ouvi, estavam em uma turnê mundial louca abrindo os shows de alguns cantores famosos.

Olhei para Richard.

— O testamento diz onde está Lucian?

Ele folheou os papéis.

— Hum... não. Diz que a última localização verificada de Lucian foi... Udon Thani, Tailândia. Isso foi há seis meses, quando seu pai escreveu o testamento.

— Tailândia? O que aquele merdinha está fazendo na Tailândia? — esfrego a nuca, sentindo uma dor de cabeça chegando.

— Não faço ideia, Sebastian. Não era da minha conta perguntar.

— Você tem qualquer ideia de como encontrar o restante dos meus irmãos? — perguntei. — Boa sorte com Lucian, a propósito.

Richard fechou o arquivo, olhando formal e satisfeito.

— Na verdade, contratei um detetive particular para encontrar seu irmão misterioso e no mês passado, o meu investigador conseguiu entrar em contato com Lucian e informá-lo do testamento. Não sei onde está ou o que está fazendo, mas foi contatado e informado da situação. Já entrei em contato com o restante. Falei ao telefone com Xavier, Baxter e Brock, troquei e-mails com Zane e os gêmeos, Canaã e Corin, tudo isso no último mês ou mais e todos eles exceto Lucian confirmaram que retornarão, logo que as respectivas situações os permitam. A maioria deles deve chegar em Ketchikan nos próximos dias, eu acredito.

Franzi a testa.

— Você tem o e-mail de Zane?

Richard parecia perplexo.

— Bem, sim, claro. Foi incluído no testamento do seu pai.

— Nem sabia que o idiota tinha e-mail. Seria bom saber. — tomo um longo gole da minha bebida. — Claro, isso não serviria de nada já que eu não tenho um.

Richard tossiu, o que suspeitei ser para tentar cobrir uma risada.

— Você foi, honestamente, o mais difícil de contato de todos seus irmãos, com exceção de Lucian. Não há nenhum telefone no bar, sequer tem um telefone celular e este não é o tipo de cenário que poderia organizar via e-mail, portanto exigiu a minha viagem aqui de Anchorage.

— Sim, sou um homem das cavernas. Gosto de bater na cabeça da minha presa com um taco antes de comê-la. As mulheres também. — poderia dizer que Richard não sabia se eu estava brincando. — Então meus irmãos idiotas estão voltando, realmente?

— Zane está, posso dizer isso com certeza. Ele está vindo do seu local de trabalho mais recente para cá, embora não tenho certeza de onde é. Os outros disseram que retornariam quando os respectivos horários permitissem. Os gêmeos estão comprometidos com a duração de sua turnê no exterior pela última vez que ouvi falar, mas disseram que voltarão quando acabar ou mais cedo se puderem. E como eu disse, apenas recentemente consegui localizar Lucian, então suas intenções são uma incógnita.

Esfreguei o rosto com as duas mãos.

— Todos os meus irmãos odeiam este lugar. — olhei para o advogado. — Por que papai fez isto, cara? Não entendi.

— Apenas especularia, claro, porque ele não me explicou o raciocínio. Mas se fosse arriscar um palpite, diria que era sua tentativa final de forçá-lo a reconciliar-se com seus irmãos.

— Não há nada para reconciliar. Nunca houve qualquer briga entre qualquer um de nós... Eles simplesmente odeiam isto aqui. Toda esta merda faz com que eu e meus irmãos fiquem presos a um bar e cidade que odeiam.

Richard encolheu os ombros.

— Sinto muito Sebastian. Apenas estou fazendo o meu trabalho. Não há nada que possa fazer para mudar isso. Você poderia contestá-lo, é claro, mas isso seria um esforço legal dispendioso e demorado, sinceramente não acredito que qualquer juiz estaria inclinado a mudar ou reverter a vontade do seu pai sem um bom motivo. As condições são eminentemente razoáveis, então deve se sustentar, tenho certeza.

— Incrível. — eu terminei o meu uísque. — Bem, é isso, a menos que haja mais surpresas divertidas no testamento do papai.

— Não, isso é tudo. — Richard colocou uma pilha de papéis grampeados no bar. — Esta é uma cópia do testamento, se quiser mantê-lo. Abrangi todos os fatores importantes. E se tiver alguma pergunta depois de lê-lo, ligue para mim. Anexei o meu cartão de visita.

— Quer uma bebida? — perguntei.

Ele hesitou.

— Uma taça de vinho não iria mal.

Começo a rir.

— Vinho. Você é engraçado, cara. Isto não é um bar de vinhos, amigo. — lhe servi uma dose de uísque em um copo limpo e empurrei para ele. — Servimos uísque, cerveja e sarna.

— Sarna... muito engraçado. — claramente não querendo ser rude, Richard toma um gole hesitante de uísque

e tosse. — Bem, isto certamente me fará criar pelos no peito, não é?

Eu continuo rindo.

— Você é um homem adulto, já não tem pelos no peito?

— É... é uma questão de formulação, Sebastian. Não sou uma pessoa peluda por natureza, se você quer saber.

— Peluda? — eu não sou estúpido, mas não sou a pessoa mais culta do mundo. Meu vocabulário realmente não se estende aos tipos de palavras da Ivy League.

Ele toma outro gole, em seguida, aponta seu peito, sua voz rouca pelo ardor do uísque.

— Peludo. Coberto de pelos.

Eu me esforcei para não rir quando ele corajosamente tentou terminar o uísque sem tossir, mas claramente não era sua xícara de chá. Bem, uma xícara de uísque, devo dizer. Embora tenha terminado, devo admitir. Fui para trás do balcão e bati-lhe nas costas.

— Essa é a bebida de um homem, cara. Quer outra? É por conta da casa.

Richard estremeceu.

— Não, obrigado. E se não se importa, devo ir. Meu voo de volta para Anchorage sairá em breve.

— Como quiser. — apertei sua mão e apenas porque eu era esse tipo de idiota, apertei um pouco mais. — Obrigado por ter vindo, cara.

— Sim, eu... bem, não posso dizer com sinceridade que o prazer foi meu, porque este trabalho é criado por falecimentos, mas... fico feliz em ser útil. Ligue-me se tiver mais perguntas.

— Claro, o farei.

Ele deixou o aperto de mão e flexionou os dedos. Talvez eu tenha deixado impressões da minha mão na pele dele.

Passei o restante da noite pensando em qual dos meus irmãos apareceria primeiro e como eu reagiria.

Estava prestes a desligar o sinal de Aberto e fechar quando a porta se abriu, deixando entrar o frio e a chuva da tarde.

Em vez de um dos meus irmãos, porém, um anjo entrou.

Um anjo molhado, sujo, ressacado e irritado em um vestido de noiva ensopado.

Porra, ela era a garota mais bonita que já vi, um metro e setenta com um corpo lindo. Cabelos que provavelmente estavam em algum lugar entre vermelho e o castanho avermelhado, quando estivesse seco. Pele cremosa, impecável, com malditas curvas.

Meu Deus. Quem quer que abandonou esta mulher no altar era um triste filho da puta, ou um completo idiota.

Ela tinha olhos azuis, o tipo de olhos azuis que não se vê muitas vezes em ruivas. Não sei todas as palavras bonitas para diferentes tons de azul, mas se você já viu fotos do oceano na Grécia, era o tipo de azul que parecia impossível...,

mas esta era a cor dos olhos dela. Mencionei as curvas? Meu pau ficou duro enquanto a observava entrar no bar, vendo a forma como o vestido apertado moldava a curva dos quadris em forma de sino e a forma como seu decote sedoso e leitoso se movia a cada passo.

Esse vestido... Jesus. Justo ao corpo, obviamente um corte personalizado para caber no corpo dela, todo elaborado e agrupado com ondulações ao redor de seu quadril e cintura, o corpete sem mangas com sutiã meia taça e decote em forma de coração levantando os peitos, no quais adoraria me sufocar por horas.

E ela também era a pessoa mais infeliz que vi em muito tempo.

Voltei para trás do balcão e me encostei contra ele, segurando a beirada, então os meus antebraços e bíceps ondularam, as garotas pareciam gostar da pose, então usei isso a meu favor.

Ela sentou-se em uma cadeira, cruzou os braços no balcão e deixou sua cabeça bater com força.

— Álcool, agora. — ela murmurou em seus braços.

— Não tenho vinho, princesa, sinto muito.

Ela levantou a cabeça e me lançou um olhar tão feroz e furioso que senti queimar os pelos na nuca.

— Foda-se, seu maldito orc[5]. — ela colocou a cabeça para baixo. — Uísque com gelo. E deixe a garrafa.

Bem... isso parecia interessante.

[5] Orc, Ork ou Orco, aparece nas línguas germânicas e nos contos de fantasia medieval como uma criatura deformada e forte, que combate contra as forças "do bem"



3

Dru

Eu estava sem disposição para besteiras. Mesmo que tenha vindo do homem mais intensamente masculino que já coloquei os olhos. Intensamente masculino, um deus, alto, escuro, estrela de rock lindo, duro, corpulento, tatuado. Um metro e noventa, braços que se estendiam pelas mangas de uma camisa Henley, o que havia nessas camisas que eram tão sexys, afinal? Com tatuagens cobrindo os antebraços e obviamente estendendo-se pelos cotovelos. Ele tinha ombros enormes e um peito largo que se afunilava em músculos e apostaria todo o dinheiro que deixei, que o seu sexy corte V conduziria até um enorme pau.

Ruborizo com o pensamento, porque estava pensando em seu pau? Não estava, não de verdade.

Estava muito irritada, com o coração partido, muito perdida, de ressaca e com muita fome para pensar num pênis. Mesmo que aquele pênis fosse provavelmente um órgão lindo, perfeito do tamanho do meu antebraço.

Pare, sem mais pensamentos de pau.

O cabelo dele era castanho claro. Mas se fosse justa sobre a cor de seu cabelo, era o tipo de castanho que veria em um urso pardo. Mesma textura, mesma cor. Ele o penteou de uma maneira casual e bagunçada que dizia que realmente

não se importava porque sabia que era sexy e não precisava se esforçar. Deus, o cabelo dele. Além disso, a barba no queixo, um ou dois dias de crescimento num maxilar que Henry Cavill teria ciúme. E mencionei os braços? E antebraços? Porra. Eram absolutamente perfeitos. A tatuagem era uma obra de arte profissional, não apenas uma porcaria de motociclista ou prisão, era realmente uma obra de arte. Vi um corvo em voo, algo retorcido, um anjo negro, caveiras feitas no dia dos mortos estilo mexicano, totens de nativos americanos e mais não consegui ver.

Mas depois ele teve de estragar e assumir que eu queria vinho.

A porra do vinho.

Mas quando o chamei de Orc, ele apenas riu, um profundo estrondo de diversão em vez de ficar ofendido e levantou uma garrafa meio vazia de Johnny Walker Black Label, do bar onde estava sentado, ao lado de um copo de gelo, como se já estivesse munindo-se de sua própria garrafa. Embora, considerando a falta de clientes, realmente não o culpava.

O barman pegou um copo uísque limpo de um monte que estava no balcão, jogou-o no ar e pegou-o na posição plana da palma da mão, derramou o que deveria ser um triplo ou até mesmo um quádruplo. O homem claramente não brincava. Nós podemos nos dar muito bem se ele continuar me servindo Johnny Black tão liberalmente. Depois de encher

o meu copo, derramou uma medida saudável no seu próprio e então me entregou.

— Nestas condições, na ressaca amanhã nenhum de nós se lembrará que bebemos esta noite. — disse ele e Deus, até mesmo sua voz me lembrava um urso, profunda, feroz, rouca, com um toque de rosnado.

Eu bati o copo contra o dele e tomei uma longa dose antes de responder.

— Este é o melhor brinde que já ouvi. — murmurei.

Nós bebemos num silêncio estranhamente desconfortável por um tempo, assistindo aos destaques da ESPN, durante o qual terminei meu uísque e ele me serviu mais, outro copo cheio.

Eu estava de mau humor e o uísque ajudou um pouco, mas apenas um pouco. Um turbulento vôo de três horas e meia, seguido de uma aterrissagem difícil que foi no mar, em vez de um aeroporto. Na minha pressa bêbada para fugir de Seattle, nem reparei que o avião no qual entrei era um hidroavião.

A duração do vôo significava que passei de bêbada para de ressaca, então o piloto pegou o meu dinheiro e me deixou nas docas com a bolsa, vestido de noiva e nadinha mais, exceto uma dor de cabeça e um coração partido. Bem, o piloto na verdade não era assim um idiota: devolveu seiscentos dólares do dinheiro, dizendo que eu parecia tão confusa que achou que precisava mais dele do que ele. Mas

ainda me deixou nas docas sem ter para onde ir, sem ninguém para conversar, numa tempestade, sozinha...

Além disso, eu não comi não sabia desde quando. Almoço? Deixei Seattle em algum momento perto das nove ou dez, o que significava que deveria ser quase duas da manhã agora, se já não fosse mais.

Bem na hora o meu estômago roncou alto.

Os lábios, estupidamente perfeitos do lindo barman curvaram-se.

— Fome?

Encolhi os ombros e voltei ao copo.

— Um pouco, sim. — Estava morta de fome, na verdade, mas seria amaldiçoada se admitisse para ele.

— Eu estou com fome. — ele disse, dando um gole no restante do seu uísque, como se não fosse nada. — Prepararei alguma coisa. Não será extravagante, mas alimentará.

Ele rodeou o balcão e foi para a cozinha, acendendo as luzes quando passou. Por este ângulo, pude ver a maior parte da cozinha, o que me deu a oportunidade de vê-lo, enquanto tomava meu segundo grande copo do saboroso uísque.

Ele ligou a grelha, do tipo plano de metal, usada em restaurante de comidas rápidas, ligou uma fritadeira, retirou uma bandeja de hambúrguer e jogou quatro deles na grelha, então abriu a geladeira e derramou um punhado de batatas fritas dentro da fritadeira crepitante. Fez tudo isso com

familiaridade casual, movendo-se com graça e facilidade ao redor da cozinha. Pressionou os punhos na grelha para passar a espátula nos hambúrgueres e fazê-los cozinhar mais rápido e jogou dois pães para tostar, em seguida, colocou dois pratos com tomate, cebola, alface e uma porção de maionese, tudo feito habilmente e cuidadosamente, tendo cuidado na apresentação. Mais alguns minutos e as batatas fritas ficaram prontas, então ele levantou a cesta para escorrer, virou os hambúrgueres e depois jogou sal sobre as batatas fritas, sacudindo o cesto para que o sal fosse distribuído uniformemente.

Em seguida veio com uma caixa de papelão com um pacote de seis de cerveja Miller High Life e um suporte repleto de talher, ketchup, mostarda e vinagre. Não havia desperdício de movimento, nenhum momento inútil gasto apenas esperando a comida cozinhar. Colocou uma fatia de queijo sobre cada hambúrguer e depois uma fatia de picles, então enfiou a sua espátula sob dois hambúrgueres de cada vez e colocou-os em um aquecedor vertical para derreter o queijo, o que demorou apenas alguns segundos, então colocou os hambúrgueres em uma fatia de pão, a outra metade do pão sobre eles, em seguida, sacudiu metade das batatas fritas sobre um prato e a outra metade em outro.

Ele desligou a grelha e a fritadeira, limpou todas as superfícies que usou e carregou os dois pratos em uma das mãos e os condimentos na outra, até conseguiu apagar as luzes da cozinha com o cotovelo. Colocou um prato na minha frente e outro ao meu lado, então inclinando-se sobre o

balcão do lado do cliente, derramou para cada um de nós numa caneca uma cerveja âmbar.

Quinze minutos depois que eu disse que estava com fome, terminei meu uísque quádruplo e comi um cheeseburger duplo suculento, completo com batatas fritas e cerveja gelada.

Gostei desse homem. Apenas, sabe... não muito.

E então, após espalhar a maionese, afundei os meus dentes no hambúrguer...

O homem era uma encomenda de Deus, com certeza.

— Oh meu Deus. — eu disse, ainda mastigando. — Este hambúrguer é incrível. Sinto muito por tê-lo chamado de Orc.

Ele terminou uma mordida do seu e sorriu para mim.

— Ei, já fui chamado de coisa pior. Que bom que gostou.

Não tenho certeza se fiz uma pausa para respirar, depois disso. O hambúrguer era a coisa mais incrível que já provei, o que pode ter sido parcialmente devido à fome extrema, além de estar com ressaca e indo em direção a ficar tonta. Mas também era mesmo um bom hambúrguer. Eu sabia que teria que encontrar uma academia em algum momento para queimar as calorias, mas bem, não me importava. Nem um pouco.

E se não pudesse ceder sem culpa no que era para ser minha noite de núpcias, que se tornou a pior noite da minha vida, então quando poderia?

Quando terminei o hambúrguer, cuidei das batatas fritas e da cerveja, finalmente diminuindo a velocidade e respirando. Embaraçosamente, notei que o lindo e tatuado homem não estava nem na metade do seu hambúrguer ainda.

Olhei para ele, silenciosamente, desafiando-o a dizer algo sobre as minhas maneiras à mesa.

Ele apenas colocou uma batata frita na boca dele e tomou a cerveja.

— Ei, não me olhe assim. Uma garota que devora um cheeseburger assim está tudo bem para mim. Além disso, se não se importa que diga, parece que você está com uma horrível ressaca e nada cura uma ressaca como uma boa e gordurosa comida de bar.

— Não tenho certeza se estou ainda com ressaca ou bêbada outra vez. — admiti. — Ambos, provavelmente. E sim, a comida está fazendo maravilhas à pior de todas as ressacas e dores de cabeça.

— Termine a cerveja e lhe servirei outra. Não faz sentido hesitar entre uma ressaca ou bêbada, certo?

— Contando que saiba de algum lugar onde possa ficar, quando precisar desmaiar, então continue servindo.

— Eu cuido de você, anjo. — ele disse, um olhar malicioso em seu rosto.

Eu o olhei.

— Anjo? — então vejo um sorriso nos lábios dele e me levanto, derrubando o banquinho e encarando o rosto bonito, rude. — Ouça, seu filho da puta, se acha que vai me tirar desse vestido apenas porque fez um cheeseburger decente, é melhor pensar melhor. Você não quer nada disto e não é uma oferta, então recue, porra.

Ele ergueu as mãos e as sobrancelhas.

— Ei, calma. Não foi isso que quis dizer. — ele inclinou a cabeça para um lado e sorriu novamente.

— Quer dizer, sim, eu não mentirei, adoraria vê-la fora desse vestido. Mas é óbvio que está bebendo para esquecer e posso ser um idiota, mas não sou esse tipo de idiota. Há alguns hotéis não muito longe daqui. Posso deixar você, se quiser. Claro, temporada turística e mesmo neste tempo de merda, acho que estarão todos reservados nesta altura. E bebida, e condução pode não ser a melhor opção.

Sentei-me, sabendo que explodi um pouco prematuramente, mas não me desculpei por isso.

— Quais são as minhas opções, então?

Ele apontou o dedo para o teto.

— Há três quartos lá em cima e estou usando apenas um. Todos têm fechaduras resistentes e os seus próprios banheiros. E se precisar desmaiar para curar a sua ressaca, é bem-vinda para ficar.

— Sozinha?

Ele assentiu.

— Como eu disse, não sou um grande idiota. Mas você tem apenas uma noite grátis.

— Então você começa a cobrar?

— Então começo a jogar-me em você. — ele sorri amplamente. —Você é bem-vinda para ficar de graça o tempo que quiser.

— Mas terei de lidar com seus avanços pegajosos?

Ele brincou com uma batata frita e seus olhos chocolate se fixaram nos meus, mostrando todas suas promessas e vivacidade.

— Anjo, não haverá nada de pegajoso nisto. Acredite em mim.

Porra, acreditava nele. O que era um problema.

— Claro, os quartos ficarão cheios em breve.

Enruguei o nariz em confusão.

— O que isso significa?

Ele suspirou e virou uma pilha de papéis no balcão.

— Significa que meu barzinho morto está prestes a se afogar nos irmãos Badd.

— Ainda não consigo entender.

Ele indicou o sinal de madeira esculpido à mão sobre o espelho na parede traseira: Badd Bar & Grill.

— Eu sou Sebastian Badd. Este é meu bar, tenho sete irmãos todos prestes a vir para este lugar.

Ele disse isso com um estremecimento como se não estivesse inteiramente feliz com a perspectiva.

Ofeguei. Havia mais sete como ele?

— Seus irmãos... todos se parecem como você? — não pude deixar de perguntar. Realmente não pude.

Ele sorriu novamente.

— Eu sou o mais velho e o mais sexy. Os outros são feios, gigantes, orcs e ogros do pior tipo. Irá odiá-los. Especialmente Zane, o segundo mais velho. Ele é realmente feio.

— Você não gosta de seus irmãos?

— Não, eu os amo. — ele levanta um ombro. — É complicado. São meus irmãos e os amo, mas vamos apenas dizer que não estarão felizes de estarem aqui. Somos todos grandes e este é um espaço pequeno, então será... interessante.

A coisa estranha sobre toda esta conversa era a suposição silenciosa de que eu estaria por perto para encontrá-los.

Terminei a última das minhas batatas fritas e tomei o restante da minha cerveja, então levantei, um pouco instável, devo admitir. Apalpei a bolsa e então me lembrei que dei ao piloto metade do meu dinheiro. O que me deixou com seiscentos dólares e cartões de crédito que estavam todos estourados para pagar o casamento, a lua de mel e o vestido. Papai me ajudou e Michael pagou a viagem de lua de mel, o

que me deixou com o buffet, mas paguei a maior parte das contas. Eu tinha algumas economias, mas não durariam para sempre.

Desde que tinha dinheiro limitado, tirei o único cartão de crédito que ainda possuía um pouco de dinheiro nele e estendi-o para ele.

— Aqui, debite tudo aí.

Ele apenas me olhou, divertido.

— Não precisa pagar, anjo. É por conta da casa.

— Não quero sua caridade e não dormirei com você.

Sebastian levantou-se e se moveu para ficar de pé sobre mim. Deus, ele era alto. E esses olhos aborrecidos em mim, intensos, ferozes, primitivos.

— Não é caridade e não estou tentando entrar sob esse seu fodido vestido sexy.

— Sinto como se estivesse tentando. — respondo.

Sebastian chegou-se mais perto, tão perto que podia sentir o calor de seu corpo e o cheiro de perfume masculino, tão perto que precisei olhar fixamente para ele e meu coração acelerou no peito com sua proximidade.

— Querida, se estivesse tentando, você saberia, porque estaria nua e gritando meu nome. Eu teria você nesse balcão, essas suas coxas lisas abertas e minha língua em seu clitóris.

Bem... merda.

Eu me contorci, sentindo-me dolorida e lembrei da minha raiva.

— Foda-se, seu maldito orc. — eu me afastei, empurrando o cartão de crédito de volta na bolsa e fui para fora do bar e para chuva.

Tropecei, com o salto preso em algo, mandando-me para o chão com minhas mãos e joelhos. Lama espirrou, encharcando o vestido, meu rosto e as minhas mãos. Lá se foi a saída dramática. Olhei sobre o ombro e vi o restante de Ketchikan, sobretudo escuro, com algo grande, escuro e volumoso à distância. Tudo parecia tão longe e não tinha ideia aonde os hotéis estavam. Apenas encontrei o bar porque era o único lugar com luzes acesas perto de onde o piloto me deixou.

E agora estava mais molhada do que alguma vez estive, bêbada novamente, coberta de lama e lutando contra as lágrimas.

Sentei-me na lama, tentei limpar o rosto com as minhas mãos, mas estavam cobertas de lama e prometi a mim mesma que o colapso que tive na caminhonete de volta para Seattle era o único que me permitiria, mas aparentemente menti para mim mesma.

Porque estava chorando novamente.

Forte.

Mas agora estava sozinha na lama, sentada na chuva, sem papai para me consolar.

Por que fugi?

O que estava pensado?

Sem emprego, deixei o emprego no escritório de advocacia, já que eles não me deram tempo suficiente para a lua de mel e tinha muitas outras ofertas na minha área. Estava confiante de que seria capaz de encontrar um novo emprego quando voltasse e até mesmo enviei o currículo para alguns lugares prováveis. Exceto que agora estava em Ketchikan, no Alaska com quatro cartões de crédito estourados, economias limitadas, sem emprego, sem carro, sem família, exceto papai, sem vôo de retorno disponível até que soubesse quando e se pudesse pagar, e oh sim, o meu noivo transou com a minha dama de honra minutos antes de subirmos ao altar.

Eu cedi e deixe-me chorar.

E então ouvi os seus passos na lama, olhei para ver as botas maciças esmagando a lama, jeans desbotado manchado pela chuva e depois ele ajoelhou-se ao meu lado, cabelo umedecido, mas parecia não se importar. Sebastian estendeu uma grande mão, limpou a lama do meu rosto e limpou-a no jeans. Não estava sorrindo, mas havia algo terrivelmente parecido com compaixão em seu rosto, o que apenas me deixou ainda mais irritada.

— Deixe-me em paz. — eu disse. — Não preciso da sua ajuda.

— Que pena. — disse ele, me abraçando e levantando-me sem esforço. — Porque você terá minha ajuda, gostando ou não, querendo ou não.

— Solte-me, orc!

Ele estava perto demais e eu completamente bêbada novamente, o odiava porque era muito lindo e podia cozinhar, serviu-me uísque e era lindo... já disse isso? Tinha tatuagens... e sempre tive uma coisa secreta por tatuagens, também podia me pegar facilmente, apesar de não ser realmente delicada. Não sou do tipo grande, mas também não sou pequena.

Ele carregou-me facilmente para outro lado da rua cheia de lama, abriu uma porta e subiu um conjunto de escadas.

Chutou uma porta para abrir, acendeu a luz de alguma forma, em seguida, me colocou em pé. Estávamos em um quarto, mas isso foi tudo o que consegui distinguir através da dupla visão.

— Você pode se virar a partir daqui?

Concordei de forma descuidada.

— Claro, claro. Sem problemas. Apenas vou dormir.

Ele me pegou antes de cair.

— Anjo, você está encharcada, coberta de lama e bêbada. Não pode simplesmente ir dormir.

— Claro que posso. — hesitei, porque a cada segundo que passava, a comida, o uísque, a cerveja, o cansaço e a dor de cabeça estavam me alcançando e me puxando para baixo.

Não podia parar e não me preocupava com nada além de ficar quente, seca e na horizontal, que era o oposto de tudo o que estava naquele momento.

— Merda. — eu o ouvi murmurar em voz baixa, então senti que ele me guiou com suas mãos grandes e quentes pela cintura em direção as múltiplas portas escuras girando em círculos de caleidoscópio que presumi ser o banheiro.

As luzes se acenderam e ouvi um chuveiro ser aberto. Estava com sono. Tanto sono e tão bêbada. Tão desolada.

Isso dói, porra... dói.

Então ele estava na minha frente.

— Ei, fique comigo, anjo.

— Meu nome é Dru, lindo homem, orc. Dru. D-R-U. Dru.

— Ok, entendi. Dru. — seu rosto franziu e girou na minha frente. — Você precisa desesperadamente de um banho. Pegará um resfriado. Mas também está completamente bêbada.

— Sim. Sim, estou. Estou muito, muito bêbada. Obrigado por isso, a propósito.

— Sem problemas. Fico feliz em poder ajudar. — ele me segurou pelos ombros para me manter de pé. — Mas preciso que você preste atenção, ok?

Concordei, mais ou menos.

— Ok. O que foi, docinho?

— Eu a ajudarei a tirar a roupa e a tomar banho, porque não há mais ninguém.

— Merda que vai. — consegui lançar um olhar que deveria ser duro. — Você só quer colocar as patas sexys em mim.

Eu vi seu sorriso antes da minha capacidade de concentrar-me nele ir para a merda.

— Com certeza eu quero. Quando você estiver sóbria e em plena consciência. Agora mesmo, estou exercendo meu cavalheirismo, que está bastante enferrujado, devo admitir. Não vou tocá-la, mas olharei para seu lindo corpo como uma forma de pagamento.

Eu tentei encará-lo, para avaliá-lo, mas que droga, estava completamente bêbada e não podia sequer conseguir aproveitar o momento, muito menos decidir se iria ou não acordar com uma boceta dolorida se ele aproveitasse, enquanto estivesse bêbada. E de alguma forma, porém, não sentia isso com Sebastian. Estava sendo estúpida e sabia disso, mas estava bastante bêbada para não me importar. E se quisesse tirar vantagem enquanto estivesse bêbada, pelo menos era gostoso. Esperava me lembrar de alguma coisa e que fosse bom.

— Tanto faz. Apenas que seja bom, ok?

Ele se moveu atrás de mim sem me soltar e se atrapalhou com o zíper escondido do meu vestido.

— Fazer com que seja bom o que?

— Quando tirar vantagem do meu corpo bêbado.

Sebastian tinha meu zíper aberto até ao meio das costas, parou e me puxou. Com força, era bom que estivesse segurando forte, porque caso contrário teria caído e não me refiro sobre ele, mas no chão.

— Cuidado.

Ele estava com raiva.

— Ouça, Dru. Eu sei que sou apenas um barman tatuado no meio do nada e entendo, sou um pouco bruto. Mas nunca, jamais tirarei vantagem de uma mulher bêbada. Entendeu? Você não tem nada a temer de mim. Sua virtude está segura como uma casa, tudo bem?

Fiz um gesto sarcástico.

— Virtude? Essa é boa. Perdi a minha virtude com Jimmy Irvin na traseira atrás da caminhonete dele depois do baile. — eu vi, mesmo através da minha bebedeira e neblina giratória, que ele não estava se divertindo. — Sinto muito. Você disse que seu nome é Sebastian, certo?

Ele me virou de volta, suavemente desta vez e terminou de abrir meu zíper.

— Sim, meu nome é Sebastian.

Agora que estava com o zíper aberto até o fim, me sentia livre, finalmente.

— Jesus, aquela coisa era apertada. — experimentei respirar fundo, me deleitando com a liberdade de expandir

plenamente meus pulmões pela primeira vez em Deus sabe quantas horas.

— Olha, sinto muito se o ofendi. Mas coloque-se na minha posição por um segundo. Sabe, você é um homem bom, que não se aproveita de uma bêbada desleixada com o coração partido que deveria se casar, mas eu não sei sobre isso.

Podia dizer que ele estava me observando no espelho e seus olhos estavam fixos nos meus seios com cada respiração que tomava. Eu não estava usando sutiã. Estava usando calcinha, mas ela não era muito mais do que pedaços de renda, que dificilmente poderia ser chamado de calcinha.

Meu coração estava acelerado no peito e outras partes de mim estavam se contorcendo com a consciência de que estou em um banheiro, o vestido solto, os seios nus se movendo em um enorme suspiro de liberdade, havia um homem atrás de mim, era o homem mais sexy que alguma vez vi. E ele estava, mesmo para mim com o poder de observação exausta e embriagada, atraído por mim.

Mas consegui ficar de pé sem a ajuda dele, ainda que não conseguia ver direito. E se ele me soltasse, eu tombaria para o lado, provavelmente batendo a cabeça na bancada e precisaria de pontos e somente Deus saberia que tipo de serviços médicos tinham nesta cidade em que estava, o que, de repente me lembrei, não sabia absolutamente nada a respeito. Sequer sabia, geograficamente, em que parte do Alaska estava.

As mãos de Sebastian tocaram meus ombros.

— Dru? Você vai vomitar?

Balancei a minha cabeça.

— Não, não. Simplesmente... foi um dia muito longo e isso me atingiu.

— Vai chorar novamente? Porque não sei ao certo como lidar com essa merda.

— Não. Apenas... preciso de um banho.

Encontrei seus olhos no espelho ou tentei. Tudo o que consegui foi olhar mais ou menos na sua direção, pelo menos, na direção dos dois ou três dele que estavam girando na minha frente.

— Você consegue?

Eu me esforcei para ficar na vertical, mantive uma mão sobre o balcão e tentei sair do vestido. Mas considerando que levou três das minhas damas de honra quase uma hora para me colocar nele, as minhas chances de sair sozinha enquanto estava bêbada eram... bem... zero.

— Merda. — disse.

— Você terá que me ajudar. Mas se tocar nos meus seios, te darei um soco. E Sebastian? — olhei em sua direção da melhor maneira que pude. — Acredite em mim quando digo que você não quer que o acerte. Sou irlandesa e sou a filha de um instrutor do corpo de fuzileiros navais. Eu posso acabar com você, ok?

Ele pareceu impressionado ou pelo menos, é o que a minha capacidade reconhecida de ler expressões faciais me informou.

— Eu me comportarei do melhor jeito possível, juro.

Era uma situação bastante fodida.

Mas entrei nesta confusão e papai me ensinou a sempre aceitar as responsabilidades pelas minhas ações e apenas pegar o que vinha da melhor forma e lidar com a merda sem hesitar.

“Faça o que você tiver que fazer e lide com as emoções depois”, papai sempre dizia.

Faria o que era preciso.

Coloquei ambas as mãos no balcão, me estabilizei e olhei para ele no espelho.

— Ajude-se a sair deste vestido estúpido, Sebastian.



4

Sebastian

Merda. Merda. Merda.

Isso era ruim. Quer dizer era incrível, mas... era ruim. Esta mulher mal podia se segurar. Não perguntaria o que aconteceu, mas não era nada bom. A forma como ela... estava destruída... ali na rua, deixou meu estômago em chamas, homem. Isto me deixou bem irritado. Quem faria uma coisa tão má a uma mulher para fragilizá-la desta forma? Mesmo assim me pareceu forte, sem frescuras. Não deveria se fragilizar facilmente. Mas ali no meio da lama? Dru simplesmente se entregou. Sozinha. Com o coração partido. E acho que fui um idiota, porque não podia deixá-la ali. Era óbvio que não estava em condições de ficar sozinha e fui eu quem lhe deu uísque, o que significava que ela agora era meu problema.

E neste momento, estava ela ali, sexy, coberta de lama, bêbada, lutando com outro esgotamento, tão exausta que tinha marcas sob os olhos, e caralho, se não eram lindos. Molhada, cheia de lama, cabelo castanho avermelhado colado ao rosto e os ombros nus, com aquele vestido sexy como um pecado salpicado de lama, caindo sobre os seios grandes e suaves cor de marfim, com os mamilos se escondendo, os quadris atraindo como ímãs para as minhas mãos e sua

bunda... Jesus Cristo, aquela bunda. Redonda, cheia, parecendo um pêssego. Mas Dru estava um desastre. E eu não podia fazer nada. Não podia tocar. Não podia colocar os meus lábios naquela pele macia, não podia afastar com beijos seu desgosto amoroso, não podia fodê-la tão bem e tão forte, por tanto tempo até que esquecesse o nome do filho da mãe que destruiu coração dela.

Precisava ser um cavalheiro.

E eu não era assim.

Bebia, fodia e frequentava bares. Não era um cavalheiro. As mulheres que entravam no bar procuravam uma única coisa, assim como eu. Uma rápida, fácil e simples transa. Sem amarras, sem emoções, apenas um bom exercício e sentir-se bem durante um tempo. Não tinha que me preocupar com o que gostavam, pensavam ou sentiam. Podia ler as reações de seus corpos, ao que fazia, como se tratasse de um livro e conseguia excitá-las, logo voltariam de suas férias, sentindo-se as melhores por terem fodido o barman local.

Esta mulher não era assim.

Tinha classe. O vestido valia uma grana, tal como os sapatos que deixou no chão do meu bar e aquela bolsa no chão do quarto. Mas não era pelo dinheiro. Ela não era uma mulher mimada e rica, podia sentir as desse tipo e fodi muitas. Dru apenas possuía... classe. Não fodia com qualquer um. Não era de casos.

Que merda estava pensando? Não podia foder esta mulher. Não mesmo, nem pensar, nunca. Ela não era para mim. Precisava domar a fera na minha calça, limpá-la e deixá-la dormir.

Terminado de me repreender internamente, mantive-me controlado e comecei a ajudar a mulher mais sexy que já vi a tirar o vestido de noiva... sabendo que não iria tocar sua pele perfeita.

Precisei fazer força para conseguir passar o vestido por seu peito e Jesus, cada vez que forçava, os seios balançavam, não eram somente grandes, mas eram naturais, balançando como gelatina cada vez que puxava o vestido. Senti meu pau endurecer na calça e fiz tudo para ignorá-lo. Alguns puxões mais, o vestido estava nas suas coxas e assim que saiu, ela finalmente ficou à minha frente com nada mais do que uma tira com laços ao redor dos quadris.

Com a bunda descoberta, a tira branca desaparecendo no meio das bochechas doces. Podia vê-la no espelho e... Cristo, a calcinha não cobria muito na frente também. Quer dizer, na realidade, não cobria nada. Sua boceta engolia essa pequena tira, como se fosse a sua última refeição e se eu já não estivesse com uma ereção, ficaria duro como o aço com a visão daqueles lábios macios úmidos nesse pântano de seda branca. Sim, ela estava molhada. E não apenas da chuva e da lama. Estava olhando para mim do espelho, com aqueles olhos ridiculamente azuis, tentando focar, mas fixos em mim com pensamentos indecifráveis e emoções cruzando o rosto e aparecendo em seus olhos.

Porra.

Preciso me afastar, devo fechar minhas mãos e os olhos, pensar somente naquela vez em que um carro de entregas atropelou um cachorro.

Velhas freiras nuas.

Velhos padres nus.

Frio, peixes se contorcendo.

Vermes na sujeira.

Quando abri os olhos, ela ainda estava olhando para mim no espelho. Mas agora a estava vendo e seus seios estavam bem em evidência no espelho, grandes, redondos, perfeitos com auréolas escuras do tamanho de moedas e duros, eretos mamilos rosados, assim todo o esforço que fiz para domar minha ereção foi completamente desfeito.

E ela estava apenas olhando para mim e juro que estava pensando que não se importaria se a tocasse, se o meu autocontrole escorregasse um pouco.

— Pare de olhar para mim assim, Dru, por Deus. — saiu como um gemido mais profundo que alguma vez já fiz.

— Assim como?

— Não sei. O que quer que esteja pensando, olhando para mim dessa forma, pode parar. — afastei a cortina do banho, ajustei a água, para que não estivesse nem muito quente, nem muito fria e então segurei seu pulso.

— Entre, Anjo.

Ela entrou, mexendo na torneira para colocar a água mais quente, até que olhou para mim, encostando-se à parede.

— Ainda estou com a minha roupa íntima.

Apertei os dentes, porque agora Dru estava no meu chuveiro, nua, com a água escorrendo pelo corpo, colando seu cabelo junto à cabeça e ombros, eu estava lutando contra qualquer instinto que tinha de entrar lá com ela e lavá-la, apenas para depois deixá-la mais suja.

Não pude conter o olhar irritado que lhe enviei.

— Bem, sinto muito, mas não vou tirar isso de você. Já está sendo bem difícil me controlar. Então você terá que tomar banho com essa calcinha, porque não a ajudarei.

— Oh. — ela colocou a cabeça sob o jato de água, lavando seu cabelo, depois virou a cabeça e olhou pelo chuveiro.

— Xampu?

Tirei um frasco debaixo do lavatório e lhe entreguei.

Ela colocou no cabelo em camadas, encostando-se às vezes na parede com uma mão ou agarrando-me com a outra. Estava ficando molhado com os respingos, assim como o chão, mas porra, não me importava. Não agora. Vê-la tomar banho? Deus, eu era o filho da puta mais sortudo em todo a porra do mundo e o mais amaldiçoado: deleitando-me com a visão do seu corpo nu, toda aquela pele perfeita, aquelas curvas, vendo gotas de água escorrendo pelos seios e entre as

coxas... porra. Mas estava amaldiçoado porque não podia tocar.

E logo Dru olhou para mim, considerando, pensando. Tentou ficar de pé com uma mão na parede, enganchou o polegar num dos lados da calcinha e começou a descê-la pelos quadris, depois juntou as coxas e as moveu para que a calcinha escorregasse até os joelhos, até que caiu junto aos pés. Inclinou-se para pegá-la e perdeu o equilíbrio, assim precisei agarrar seus ombros para mantê-la de pé, o que significou que me queimei com o jato de água quente e fiquei com as mãos na sua pele molhada e nua, agora ela estava a poucos centímetros de mim, com a água caindo pelo rosto, com os olhos bem abertos, tristes, assustados e excitados.

Mas tinha a calcinha na mão.

E nesse momento, com os seus olhos nos meus, os pensamentos e sentimentos claros em seu rosto e olhos, com o corpo nu e molhado pressionado contra o meu...

Ela colocou a calcinha molhada na minha cabeça, e riu.

Escorreu água quente no meu cabelo e rosto até a nuca. Tirei-a da cabeça, espremi-a e afastei-me dela. Era preciso fazer isso.

Aquela risada.

Porra, aquela risada.

Doce, inocente, brincalhona, sexy, sem fôlego.

E se conseguisse fazê-la rir assim na cama, fazendo-lhe cócegas, provocando-a com a língua até que sua risada se

transformasse em gemidos eróticos, o que levaria a gritos de orgasmo enquanto chupava seu clitóris, saboreando a doçura de sua boceta...

Virei-me para ela, olhando-a, com a real intenção de levá-la para cama e fazê-la implorar pelo meu pau com aquela sua voz musical...

Cheguei a colocar a mão no seu quadril, então os meus dedos pressionaram sua pele e seus olhos se fixaram nos meus, ela hesitou, caiu para trás na parede do chuveiro, respirando com dificuldade, os seios subindo e descendo com cada respiração e porra... porra, porra, suas coxas estavam tremendo, juro por Deus que podia sentir o cheiro de desejo através do vapor da água quente que saía, enquanto Dru tentava me alcançar também, mas ainda tinha uma mão na parede que a impedia de cair.

Você é um cretino, Sebastian Badd.

Afastei-me dela antes que ambos fizéssemos algo do qual nos arrependeríamos, mas estava tão irritado comigo e com ela, e com o idiota que partiu seu coração... tão irritado. Adrenalina me percorreu, enquanto me afastava dela.

Ataquei com o punho a moldura da porta o mais forte que pude, atingindo-a com tanta força que lascas da madeira voaram até ao chão.

— Jesus, Sebastian! Que merda!

Ela estava chocada, assustada.

Mantive os olhos afastados dos dela, agarrei uma toalha debaixo do lavatório e coloquei-a sobre a bancada.

— Não consigo fazer isto. Sinto muito. Tente não desmaiar e cair de cabeça.

Saí do banheiro, fechei a porta do quarto atrás de mim e depois encostei as costas nela, agarrando meu cabelo com as duas mãos. O pulso latejava, mas não me importei.

Ouvi o som do chuveiro por tanto tempo que pensei que Dru realmente desmaiou, mas a água parou e depois ouvi a cama mexer enquanto ela se deitava.

— Sebastian? — Ouvi sua voz atrás da porta, triste, ansiosa.

— Sim?

— Preciso de um balde. No caso de vomitar.

— Certo. — peguei um balde de um dos outros banheiros e depois bati na sua porta.

— Você está coberta?

— A maior parte.

Abri a porta e caminhei para cama. Ela estava atravessada na cama na diagonal virada para os pés e o parcialmente coberta dela, significava que tinha a toalha enrolada à cintura, o que cobria a maior parte de sua bunda e estava deitada de barriga para baixo com a cabeça na lateral da cama.

— O vestido é tudo o que você tem, eu presumo?

Ela acenou.

— Sim. E um par de sapatos. Minha carteira e meu coração partido. Mas não tenho roupas.

— Vou buscar uma camiseta para você dormir, então.

Trouxe uma das minhas camisetas velhas, já sem muita cor, era uma camiseta do Badd Bar & Grill, do tempo em que o Badd era mais uma atração turística do que um bar de um homem só. Era macia, o logotipo já desaparecendo de forma que mal se conseguia ler. Toquei seu ombro gentilmente e depois sentei-me perto da sua cabeça.

— Você consegue sentar-se?

Ela moveu a cabeça bem devagar.

— Não. Sem condições, Sr. Sebastian. Estou muito bêbada. Completamente. Adeus.

— Maravilha. Bem, vou ajudar. Vestirei a camiseta em você, ok?

— Ok.

Segurei-a pelos ombros, ajudei-a rolar para ficar de costas, depois levantei-a para uma posição sentada e não sei como consegui manter a toalha no lugar, durante o processo. Passei a camiseta pela cabeça e tentei ajudá-la a passar os braços, mas ela perdeu-se ou confundiu-se, algo assim e ficou toda presa, com a cabeça a meio caminho da abertura, um braço na manga errada, o outro preso atrás dela.

— Espere. Espere. Espere. — ela disse para mim com as duas mãos. — Pare, seu estúpido e lindo homem ogro. Eu consigo.

Soltei-a, tentando não rir e falhando completamente.

— Pare de rir de mim!

— Sinto muito, isso é engraçado. Você é engraçada, mas é uma engraçada fofa.

Ela finalmente conseguiu entender-se com a camiseta e colocou-a no lugar, depois deu-me um olhar triste e infeliz.

— Não deveria ser fofa. Era para ser sexy. — ela disse, com a voz plana e triste.

— Era para estar casada. Era para estar casada neste momento! Era para Michael ter tirado o meu vestido. Deveria ser o pau dele dentro de mim neste momento, mas em vez disso, estou aqui, bêbada, fora de mim, com o coração partido, querendo que fosse você com o seu pau dentro de mim, sem contar que Michael é um imbecil! — ela gritou esta última palavra tão alto que estremeci.

Precisei me forçar a ignorar a única frase de tudo o que ela disse que realmente ficou registado... tente adivinhar. Toquei sua bochecha suavemente.

— Você é sexy, Dru. E sinto muito que a porra do seu ex-noivo tenha partido seu coração. Michael é o pior tipo de idiota no mundo inteiro e está bem melhor sem ele.

Ela riu outra vez para mim.

— Quer saber porque Michael é um idiota?

— Ele deixou-a no altar?

Ela balançou a cabeça para os lados de uma forma lenta e desajeitada, num gesto exagerado.

— Nãoooooo. Ele estava fodendo minha dama de honra antes do maldito casamento. E o nome dela era Tawny! Quem em sã consciência, dá o nome de Tawny a seu filho? Os pais queriam que ela fosse uma puta? Porque é assim que você se torna uma puta. E ela é uma puta. Quer dizer, tenho certeza de que há moças simpáticas, normais, chamadas... Tawny, merda. O que quero dizer é, nem todas que se chamam Tawny são putas, sinto muito por isso. Mas ela é uma puta. Fodeu o noivo no dia do meu casamento, quem faz isso? Tawny fez isso, porque ela é uma puta! Foda-se Tawny, sua puta.

Ela ficou parada olhando para mim, até que sorriu como se eu tivesse perdido alguma piada.

— Você ouviu tudo o que eu disse? Disse que queria o seu pau dentro de mim e não o do Michael. Aposto que você tem um pau enorme, o maior, mais lindo pau de todos, certo? Você tem, apenas sei que sim. E se não tivesse completamente bêbada e supostamente casada agora, estaria fodendo tão forte, que você nem saberia seu nome. Não mesmo! — ela apontou com o dedo indicador no meu peito.

— Entendeu?

Suspirei, lutando comigo mesmo.

— Sim, Dru, entendi.

— E então?

Fiz uma careta.

— Então o que?

— Você tem?

— Tenho o que?

Ela apontou para minha virilha.

— Um pau grande.

Queria tanto mostrar-lhe o que tinha, porque apesar da situação, estava tão duro que doía.

— Nunca tive reclamações. Mas por agora, acho que você precisa dormir.

— Sozinha.

Concordei.

— Sim, sozinha.

— Bom. — Dru deitou-se para trás nos travesseiros e puxei as cobertas que estavam sob ela e a cobri. Estava indo para porta quando sua voz rouca e doce me parou.

— Sabe o que é uma merda, Sebastian?

— O que?

— Você vai se lembrar de tudo isto amanhã e eu não. — ela tentou apontar para mim, mas falhou e apontou para seu lado em vez disso. — Pelo menos, espero que não me lembre disto amanhã. Espero que você também não, porque estou um caos. Espero acordar com amnesia. Pode me dar amnesia?

— Não. E mesmo que pudesse, não o faria.

— Porque não? Não quero me lembrar disto. Não quero lembrar de nada.

— Porque esquecer é evitar o problema, Anjo e você é mais forte do que isso.

— Como você sabe?

Apaguei as luzes, ouvindo-a se acalmar.

— Apenas sei. Agora durma. Está segura aqui.

— Isso é porque você é um ogro e ninguém mexe com ogros. Mas é um ogro sexy. Um ogro muito sexy.

Esta merda estava ficando seriamente interessante. Deixei-a dormir com um balde no chão perto da sua mão e fui para o meu quarto.

Tranquei a porta. Tranquei a porta do meu banheiro, tirei a roupa e abri o chuveiro, dizendo a mim mesmo para parar de pensar nela.

Mas foi inútil.

Entrei no chuveiro e lidei com isso enquanto lavava meu cabelo. Lutei contra, enquanto esfregava a minha pele com sabonete.

Dru era tudo o que podia ver. Tudo o que podia cheirar. Tudo que podia sentir. Podia ver cada centímetro do seu corpo nu, molhado e quase podia sentir a sua boceta apertada, molhada e quente deslizando no meu pau enquanto entrava nela, quase podia ouvir aquela sexy gargalhada quando a provocasse, merda, merda... Ela estaria tão

molhada para mim, que seria... Deus, como nada que já senti. Apenas sabia que fodê-la seria como nada que senti antes. A forma como se moveria sob mim, sobre mim, a forma como gemeria e pediria para que a fodesse forte…

O meu pau estremeceu na minha mão enquanto me toco pensando em Dru, imaginando sua pele molhada contra a minha, sua boceta molhada engolindo cada centímetro do pau, que eu sabia ser o mais grosso e duro pau que ela alguma vez teve dentro dela e que a foderia até que ambos estivéssemos loucos com isso.

Gozei tanto que pensei, ter ficado cego, esvaziando minhas bolas em jatos, até ficar completamente seco e ter que me encostar à parede para me manter de pé.

Eu era um filho da puta de merda. Porque sabia que bateria outra por Dru em algum momento. Apenas não podia tocá-la.

Não se fode quem está com o coração partido: essas pessoas ficam agarradas a nós e não quero isso. Nunca e especialmente com os meus sete irmãos prestes a chegar.

O que levantou uma questão muito importante: onde iremos os oito dormir? Mal cabíamos os quatro num quarto lá atrás quando éramos crianças, agora somos todos homens adultos que ocupam muito espaço e estes quartos, mesmo não sendo pequenos, definitivamente não seriam suficientes para caberem oito homens adultos, mesmo que abra mão de um quarto só para mim, o que não me agradava muito. Merda, nenhum de nós ficaria satisfeito.

Mas que droga, pai? Eu o ajudei no bar, claro..., mas mesmo assim. Que merda?



5

Dru

Acordei com uma dor de cabeça poderosa e a boca tão seca que parecia ter engolido areia. Mas que merda... onde eu estava? O que aconteceu?

Não conseguia lembrar-me de nada inicialmente. O que realmente era uma sorte. Tentei voltar a dormir, mas normalmente, assim que acordava já não conseguia dormir, não importava o quanto estivesse exausta, bêbada ou de ressaca.

A cama não me parecia certa, não era a minha cama. Era dura demais, os lençóis pareciam diferentes, os cobertores cheiravam diferente, os travesseiros cheiravam diferente e eram muito altos. Abri os olhos, olhei para o teto durante alguns minutos, o que foi um erro, por que aí tive mais provas que não estava na minha casa. Este teto era branco sem cimento para esconder os cantos. O meu teto em Seattle era muito mais alto e industrial, pintado de preto, barras de metal expostas e paredes de tijolo.

Virei-me para o lado e vi dois pequenos milagres: uma garrafa de água e duas aspirinas. Também havia uma nota...

Letra masculina, descuidada e rabiscada, mas legível:

Dru,

Aposto que se está se sentindo como merda agora. Beba a garrafa de água e tome a aspirina, depois desça. Farei o café da manhã.

Apenas para avisar, um dos meus irmãos está aqui e é o filho da puta mais feio que você já viu, apenas para avisá-la. Ele também é um idiota, então não espere que tenha boas maneiras, pois passou os últimos anos fingindo que é um homem foda. O seu nome é Zane e se o ignorar tempo suficiente, ele irá embora. Ao contrário de mim.

Algumas outras coisas:

Tenho um amigo na vila que é dono de uma lavandaria, então ele está com seu vestido para ver se consegue fazer alguma coisa com aquelas manchas de lama.

Segunda coisa, tenho outra amiga que é dona de uma loja de roupas de segunda mão, então ela trouxe algumas roupas. Não fazia ideia do seu tamanho, então disse-lhe o tamanho do vestido e esta amiga adivinhou a partir daí. Espero que sirvam.

Por último, parece que fiquei com um estranho caso de amnésia relativo à última noite. Muito uísque, provavelmente. Então não se sinta estranha, já que nenhum de nós se lembra de merda nenhuma.

PS: Você é muito adorável enquanto dorme. Ronca.

Merda.

Merda.

Merda.

Merda!

Lembrei-me de tudo. Tudo ao mesmo tempo, como um comboio descontrolado de dor no coração e vergonha.

O vídeo no telefone de Eric, Michael fodendo Tawny por trás no vestiário, minutos antes de quando deveria supostamente dizer sim para mim.

Ficar bêbeda com os companheiros de polícia do meu pai.

Literalmente saltar no primeiro avião indo para sei lá onde e oferecer ao piloto todo o dinheiro que tinha para me levar para onde quer que ele fosse. O que acabou sendo um lugar chamado Ketchikan, Alaska.

Tropeçar meio bêbada, meio de ressaca e irritada em um bar de merda nas docas, ficar bêbada novamente, com o homem mais sexy que já vi.

Que me serviu uísque. Alimentou-me com comida deliciosa. Carregou-me para fora da lama. Despiu-me. Colocou-me no chuveiro. Colocou-me na cama. E não tentou nada comigo.

Embora eu tivesse dito, tinha quase certeza, de que ele possuía o maior pau e que o queria dentro de mim.

E depois... depois... deixou-me água e aspirina e uma nota fofa.

E levou meu vestido para limpar. E conseguiu roupas para mim. E estava fazendo café da manhã. Era provavelmente a ressaca, mas posso ter chorado pelo cuidado e preocupação que ele demonstrou.

Tentei sentar-me, o que levou alguns minutos, porque mexer-me era difícil e manter-me acordada e estar viva era difícil, tudo doía, mas principalmente a minha cabeça e coração doíam de diferentes, mas dolorosas maneiras. Abri a garrafa de água, tomei quatro goles da água fresca e depois tomei as aspirinas com mais água. Então finalmente olhei à minha volta. O quarto era pequeno e com poucas coisas.

A cama onde estava apenas tinha um colchão numa cama box sem cabeceira. Lençóis simplesmente brancos e um cobertor grosso cinza. Não havia realmente mais nada no quarto, exceto uma mesa à minha esquerda, onde estava a água, o bilhete e meu telefone, com o carregador ligado à tomada da parede. Ele até colocou o celular para carregar.

Havia uma janela, então me levantei com dificuldade e caminhei lentamente pelo pequeno quarto e olhei para fora.

Jesus.

Ketchikan era linda. A vista da janela mostrava docas estendendo-se pela margem da água, com barcos de todos os tipos presos a ela e então o mar ondulando com ondas brancas e pontilhado com velas e barcos de pesca, um navio de cruzeiro enorme à distância que se aproximava da costa. Depois mais afastado do lado esquerdo da minha visão os montes estavam cheios de árvores verdes, um céu cinzento e

casas coloridas subindo o monte, além de uma montanha bem distante, coberta de branco.

Escolhi um lugar lindo para fugir, disso tinha certeza.

Afastei-me da vista e reparei numa pilha de roupa aos pés da cama: um jeans, uma calça de ioga preta e duas camisetas com decote em V: uma branca e uma preta, um moletom com capuz, uma camisa preta de lã grossa, um pacote fechado de três calcinhas de algodão, um sutiã de ginástica, dois pares de meias de lã grossas e um par de botas de caminhada usadas que pareciam bem caras.

A minha garganta se fechou e ficou quente, por alguma estúpida razão.

Era apenas roupa.

Mas... ele pensou em tudo. Até em um sutiã e em roupa íntima, teve a certeza que as calcinhas não fossem usadas. O sutiã também, ainda tinha a etiqueta, que foi riscada com uma caneta e um segundo preço escrito à mão na parte de trás. Vesti a calcinha e o sutiã, ambos serviram, mas o sutiã ficou um pouco pequeno. O jeans era o meu tamanho, então vesti com uma camiseta e o moletom com capuz, e deixem-me dizer, que estar vestida com roupa limpa e quente, era um luxo depois dos acontecimentos do dia anterior.

Contudo, o meu cabelo estava um desastre. Descobri isso depois de ir ao banheiro. Com os dedos tentei penteá-lo o melhor que pude, o que não deu muito certo por causa dos nós, mas agora pelo menos estava menos assustador. Tentei

sair do banheiro e foi então que vi o aro da porta partido e tive um flashback.

Ele caminhando até mim, como se o seu autocontrole chegasse a um limite, colocou a mão na minha cintura nua e lembro-me de sua mão ser quente e forte, agarrando as curvas generosas da minha cintura como se a sua mão fosse feita para minhas curvas, até que se virou de repente e esmurrou o aro da porta tão forte que o mesmo se desfez, deixando uma marca do seu pulso no material.

Merda, o homem podia bater forte.

Estava postergando, percebi. Tinha que abandonar o relativo santuário deste quarto, descer e enfrentar Sebastian, além de seu suposto irmão idiota feio.

Chega de ser covarde. É hora de ser adulta.

Então coloquei o capuz na cabeça, peguei o celular, girei o trinco da porta e saí do quarto. Haviam outros dois quartos no corredor, ambas as portas fechadas, o corredor abria para uma outra sala maior. A área da cozinha estava separada da sala de estar por um balcão com bancos do lado da sala de estar e na área para sentar estavam duas cadeiras estofadas com braços, um sofá de pele que não combinava com elas e um pequeno sofá para duas pessoas, uma mesa de centro velha e uma pequena televisão plana na parede oposta ao sofá. As janelas deixavam a luz natural entrar e revelavam uma vista de cortar a respiração do porto e dos montes verdes.

Nada muito caro, nada chique, mas confortável, acolhedor e caseiro.

Na outra ponta do corredor a partir da sala grande estava a porta, que eu imaginei levar lá para baixo. A sala grande estava vazia, então assumi que Sebastian e o seu irmão estavam lá embaixo. Com o coração acelerado, desci a escada estreita, empurrei a porta e entrei no bar ao lado da cozinha.

E por um momento, congelei.

Sebastian vestia um jeans azul, rasgado e debotado, uma camiseta com o decote em V, que simplesmente não conseguia esconder os músculos ou as suas tatuagens. Podia realmente ver mais tatuagens agora, que ele usava uma camiseta de manga curta que terminavam abaixo dos seus esculturais bíceps e parecia estar tão esticada que podia rasgar. Estava também esticada ao longo dos ombros e peito, destacando o largo tronco, caindo depois na sua cintura estreita.

Ele também estava descalço e santa mãe, o que se passava com um homem descalço e de jeans azul? Era um cliché, eu sabia, mas merda, era tão gostoso.

As tatuagens mais ainda. Sinceramente lambi os lábios, olhando para elas. Cada imagem era distinta, mesmo assim misturada e incluída com cada outra em cada braço, estendendo-se à parte de trás dos seus ombros e para baixo em cada braço. Haviam muitos totens, animais, caveiras,

desenhos, imagens de cultura pop enroladas de toda maneira numa outra mescla de imagens com suas próprias histórias.

E de frente para Sebastian estava outro homem, este um pouco menor que Sebastian, talvez dez centímetros, tendo cerca de um metro e oitenta e dois para um e noventa e três de Sebastian, mas Jesus, o homem era bem construído. Quer dizer, Sebastian era bem definido, mas este homem... Deus, ele estava em outro nível de grandeza. Tinha a mesma estatura, ombros largos, peito amplo, cintura definida, mas este homem era um outro nível. Braços ainda mais grossos que os de Sebastian, quase tão grossos como as minhas coxas, um peito que quase podíamos usar como uma tábua e era simplesmente... insanamente musculoso. E mesmo assim não era como um fisiculturista... ainda era magro. Tudo nele gritava perigo. Sua cabeça estava raspada na parte de trás e dos lados e possuía um pequeno tufo de cabelo castanho na parte de cima. Apenas tinha uma tatuagem que conseguia ver, uma águia imponente no bíceps esquerdo, em uma garra um tridente e na outra uma arma, com uma âncora sobreposta. Reconheci o desenho, mas demorou um pouco para me organizar, o bilhete de Sebastian dizendo que o seu irmão Zane passou os últimos anos tentando ser um cara durão. O desenho era da Marinha dos Estados Unidos.

Merda. Provavelmente não fingia ser um homem durão.

Sebastian também disse que ele era o homem mais feio que eu veria alguma vez e deixando de lado o poder físico de guerreiro, Zane era tão sexy quanto Sebastian. O maxilar bem definido, olhos escuros, maçãs do rosto definidas, uma

boca larga expressiva... sim, Zane Badd era muito gostoso. Mas onde Sebastian era duro, rude e áspero parecendo ainda como uma intoxicante base de calor e carisma, Zane apenas parecia... assustador. Seus olhos eram frios, escuros e selvagens. Sebastian tinha esse mesmo ar selvagem no olhar, mas os olhos de Zane eram vazios e gelados. O homem deve ter visto coisas ruins na sua vida e transpareciam em sua aura exterior.

Nenhum deles me viu ainda. Estavam cara a cara no meio do bar, poucos centímetros separavam seus grandes peitos, olhos em chamas, punhos apertados, estavam ambos irritados. Quase explodindo, era o que parecia para mim.

— Não fazia ideia que papai colocou essa merda no testamento, Zane! Como poderia? Nem sequer sabia que ele possuía a porra de um testamento, muito menos que tinha um problema no coração. Apenas se levantou e morreu, no meio de um turno. Estava morto antes sequer de atingir o chão e não ouvi falar de testamento até ontem. Então não venha até aqui brigar como se eu soubesse alguma coisa a mais do que você.

— Esse advogado irritante enviou-me por fax uma cópia do testamento, Bast. Você recebe dez mil a mais que nós. Explique essa merda, então.

Parecia que Sebastian estava prestes a explodir e atacar seu irmão. Que, pelo visto, também estava pronto para partir para cima de Sebastian. E dado o absurdo de grandeza e

poder de ambos os homens, não tinha a certeza se este bar sobreviveria se começassem a brigar.

Mas o que poderia eu fazer? Era metade do tamanho deles, não conhecia nenhum dos dois e estaria me intrometendo numa discussão claramente pessoal.

— Bem, viu o testamento. E se viu que recebo dez mil, dos quais não vi um centavo até agora, então sabe o que papai colocou ali. Porque fui eu quem sempre ficou por aqui. Tomei conta da cozinha quando mamãe morreu. Cuidei da papelada para que papai pudesse se aposentar. Geri este lugar, Zane. Eu. Todos vocês fugiram para perseguir seus sonhos e fiquei aqui para gerir o bar com papai. Ninguém sequer perguntou se era isso o que queria. Então ele me deixa alguns dólares extra como "uma pequena recompensa" ou alguma merda assim e você tem coragem de achar ruim? Foda-se… você.

Sebastian disse a última palavra com um grande empurrão, fazendo o seu irmão recuar alguns passos.

E Zane? Bem… ele não gostou. Obviamente. Seu punho voou, bateu contra o maxilar de Sebastian e derrubou-o de lado.

E depois começou, ambos os homens partindo um para cima do outro, xingando-se e dando murros. Precisava parar isso.

Não foi sequer uma coisa consciente, honestamente, apenas reagi. Desde quando tinha dois anos, papai me ensinou artes marciais. Todas as manhãs de madrugada,

passávamos pelos movimentos de ataque e defesa e uma vez por semana ia com o meu pai ao seu ginásio para praticar boxe. Nunca me preocupei com os faixas ou nada, porque fazia pelo meu pai mais do que tudo, mas passei para o segundo grau do teste de faixa preta, com a insistência de papai.

Então sabia que conseguia me proteger e saltar para parar uma luta fazia parte da minha natureza. Tinha capacidade, então estava obrigada a usá-las se necessário na defesa de outros, outra lição que o meu pai me ensinou.

Então quando os punhos começaram a voar, eu entrei.

Bloqueei o gancho direito de Sebastian e redirecionei-o, fazendo com que se desequilibrasse e depois girei no rosto de Zane, que já tinha um soco direcionado para onde Sebastian estava e onde eu agora estava. Virei para evitá-lo, entrando no alcance de Zane, peguei sua outra mão e a torci contra a articulação bloqueando seu pulso.

Pretendia virá-lo e derrubá-lo para separar os irmãos, mas subestimei a velocidade da reação instintiva de Zane ao bloqueio do pulso. O homem era um Seal da Marinha, por Deus… o que eu esperava? Ele simplesmente sentiu a dor no pulso e bateu com a palma da mão no meu peito, bem contra o diafragma. Tirou-me o ar todo, me fez cambalear, tentando respirar. Não foi uma agressão forte, mas foi instintiva, o resultado de centenas de horas de prática.

Antes que eu pudesse reagir, ele tinha os dedos ao redor da minha garganta, cortando-me o ar e levantando-me claramente uns três centímetros do chão.

— Quem é esta puta, Bast?

Claro que o meu treinamento ensinou o que fazer quando se tem as mãos à volta da garganta e eu não seria estrangulada ou intimidada, sendo Seal ou não. Agarrei sua mão com as minhas duas, torci para que ele não tivesse onde agarrar, dobrei seu braço para trás e, virando-o no lugar, batendo depois com o joelho entre as suas pernas com toda força que pude. O que levou este grande soldado ao chão, encolhido. Abaixei-me perto de Zane, que estava agonizando com dores no chão.

— O meu nome é Dru Connolly. E se você me chamar de puta novamente, rasgo a porra das suas bolas, entendeu?

Ele acenou, agarrando as bolas com ambas as mãos, lutando para respirar.

Senti duas mãos agarrarem meus ombros e me puxar. O primeiro instinto foi começar a partir ossos, mas depois percebi que era Sebastian, então o deixei me puxar um pouco para trás.

Girei e olhei para ele.

— Você disse que o seu irmão era feio, não que era um completo idiota.

Os lábios de Sebastian curvaram-se.

— Acho que também disse para não esperar muito das boas maneiras dele.

— Verdade. — reparei então que o lábio de Sebastian estava cortado e que sangue escorria do seu nariz. — Você está ferido. Vem aqui.

Outra reação instintiva, sem pensar. Puxei-o para o bar e sentei-o numa cadeira. Havia uma toalha branca limpa em cima do bar, dobrada, agarrei-a, coloquei gelo e encostei no lábio inchado e aberto de Sebastian, então usei um dos cantos da toalha para esfregar seu nariz. Não sei o que me deu, honestamente. Mesmo quando o estava fazendo, senti-me estranha. Não parecia eu. Mesmo assim estranha, era certo. E familiar.

O que me assustou.

Não costumo ter o instinto de cuidar, nunca tive. Pelo menos, nunca pensei ter. Michael uma vez cortou o dedo, ao cortar pimentas e a minha ideia de cuidar dele, naquela altura, foi entregar-lhe guardanapos de papel e dizer-lhe que não sangrasse nas pimentas. Foram precisos quatro pontos para fechar aquele corte e o homem era meu noivo. Agora, um homem que conheci na noite anterior e que entrou numa briga com seu próprio irmão, ficou com um lábio partido e um nariz sangrando eu estava cuidando e pensando em bebês.

Olhei para ele quando percebi o que estava fazendo, e que estava olhando fixo para mim com aqueles olhos

castanhos selvagens e quentes de urso, exalando calor e sexualidade.

Afastei-me abruptamente.

— Obrigada. Pelas roupas, quero dizer. E... pela última noite. Você foi um verdadeiro cavalheiro e eu... sim. Obrigada. — virei-me, caminhei com a respiração ainda irregular e passei por Zane para a saída.

Cheguei à porta e tinha a minha mão na maçaneta.

— Espere. — a voz de Sebastian me parou. Foi uma ordem rosnada, retumbando tão baixo e tão poderosa que não tive como resistir. Não conseguia me mexer. Senti-o chegar por trás, senti agarrar-me e virar-me.

— Porque você fez isso?

— Fiz o que?

— Bem, se jogar assim no nosso meio.

Fiz uma careta.

— Instinto. Eu disse-lhe, o meu pai é policial e ex-Seal, sou sua única filha, então ele ensinou-me tudo o que sabe e algo mais.

Sebastian estava perto demais.

— Você derrubou meu irmão e ele é um Seal da Marinha.

— Eu não diria que o derrubei, mas ainda assim, Seal's da Marinha, são homens com bolas sensíveis.

— Ele não quis fazer aquilo. O estrangulamento e chamar-lhe de puta.

— Senti que era para valer, as duas coisas. E não aceito muito bem ser chamada de puta ou ter um homem colocando as mãos em mim sem eu querer.

— Você bloqueou o meu pulso. — isto foi dito por Zane, atrás de nós. — Foi instinto de memória muscular.

Passei por Sebastian.

— Sim e quanto ao ter me chamado de puta?

Ele estava de pé. Ainda que cautelosamente, inclinado sobre mim.

— Isso foi desnecessário e peço desculpas. Estava irritado e você ficou no caminho. — ele esticou a mão para mim para apertar. — Podemos começar novamente? Sou Zane Badd.

Apertei a mão dele.

— Dru Connolly.

Zane olhou de mim para Sebastian.

— Desde quando você tem namoradas, Bast?

— Não sou sua namorada. — disse eu, mesmo antes que Sebastian pudesse responder.

— Ainda não. — Sebastian murmurou sob a respiração, apenas alto o suficiente para eu ouvir.

— Nem nunca. — disse, envergonhada com o meu comportamento de ontem à noite. — Preciso encontrar um voo de volta para Seattle.

Sebastian olhou para mim questionando.

— Porquê?

— Porque ninguém sabe onde estou. Eu fugi no calor do momento e...

Foi então que Zane falou.

— Sinto muito, querida, mas você não vai a lugar nenhum.

Virei-me para ele, preparada para brigar outra vez, se ele estivesse tentando me dar ordens mais uma vez.

— E porque não?

Ele inclinou-se ao meu lado e abriu a porta, revelando uma chuva torrencial, e depois fechou.

— O meu voo aterrissou pouco antes desta tempestade e ouvi o piloto dizer que todos os voos seriam cancelados por pelo menos o restante do dia, se não por mais tempo. Esta é uma grande tempestade, feia.

— Merda. — afastei-me de ambos os homens e caminhei para o bar onde me sentei. — Preciso ligar para o meu pai, pelo menos.

Sebastian empurrou Zane para a porta do andar superior.

— Vamos, conversaremos lá em cima.

Quando eles saíram, peguei o telefone e desbloqueei-o. Dezesseis ligações perdidas, nove mensagens de voz e quarenta e sete mensagens de texto.

Quatorze das ligações, sete das mensagens de voz, quarenta e duas mensagens de texto eram do meu pai, as outras eram todas de Michael.

Sério? Ele teve a audácia de tentar entrar em contato comigo depois de tudo o que fez? Idiota.

Estava tentada a apagar todas as não lidas e não ouvidas de Michael, mas não o fiz, não podia. Estive com ele por quatro anos e não conseguia me libertar assim tão facilmente, por mais que quisesse. Ainda estava em choque, acho, ainda processando mentalmente e emocionalmente o que aconteceu, o que vi.

Ainda assim mais uma razão para me manter afastada de um homem como Sebastian Badd. Conhecia o velho ditado que dizia que a melhor maneira de superar alguém era ficar com outra pessoa, mas não agia dessa forma. Isso não funcionaria. Nenhuma quantidade de transa casual poderia apagar os quatro anos da minha vida com Michael. Não interessava o quanto espetacular Sebastian me fodesse, isso não consertaria o meu coração partido.

E seria fantástico, embora... ou devesse dizer uma foda espetacular.

Merda. Não deveria pensar no quão bom Sebastian seria na cama.

Muito ruim Dru. Eu não vou fodê-lo. Voltarei para casa e lidarei com a loucura que é minha vida.

O problema, é que não queria voltar para casa. Não queria andar nas ruas de Seattle e ver os nossos restaurantes e bar preferidos. Teria que voltar ao meu apartamento. Sentiria seu cheiro nos lençóis e teria a sua escova de dentes no meu banheiro, seus pelos no ralo do chuveiro, os preservativos tamanhos médio na mesa ao lado da cama e as suas roupas na gaveta que lhe dei. Ele estava em cada coisa da porra da minha vida, não fazia ideia como apagá-lo.

Contra minha vontade, passei o polegar no aplicativo de mensagens e abri o texto com a mensagem de Michael.

Dru,

Não é o que você pensa. Por favor ligue-me!

Ela não significa nada para mim, querida, juro. Foi um momento de estupidez, por favor, por favor, por favor, perdoe-me! Eu faço qualquer coisa!

Haviam mais três textos semelhantes, cada um mais desesperado, mais mal escrito, mais mal pontuado que o último. Não respondi a nenhum deles, mas sabia que ele receberia a mensagem de lido. Michael saberia que as vi, o que significava que ouviria falar dele em algum momento. Nem pensar, não estava pronta para isso, então abri algumas mensagens de voz e ouvi primeiro as de Michael. Na primeira ele parecia eléctrico, desesperado, um pouco louco.

Querida,

Querida, você precisa me ligar de volta. Sei o que você viu e não é o que está pensando. Foi apenas esta vez. Nós podemos consertar isto, Dru, eu sei que podemos. Amo você.

Apagar.

Dru, querida. Sinto muito.

Ele parecia mais calmo desta vez e sinceramente perto das lágrimas.

Eu fodi tudo. Sei que sim. Apenas... queria que você me desse a chance de explicar.

Explicar o seu pau na boceta larga de Tawny, idiota.

Apagar.

Quando finalmente tive a coragem de abrir a última mensagem de voz de Michael, não era o que eu esperava.

Acho que você não ouvirá isto e se o fizer, não me responderá. Entendo. Fui um idiota. Ninguém tem a menor ideia de onde você está e estamos todos preocupados. Não

costuma simplesmente desaparecer. Pelo menos ligue para seu pai, para que pare de entrar em pânico. Acho que se você não lhe disser onde está, em breve, ele me fará desaparecer e não acho que seja brincadeira. Parecia bem lúcido, mas bêbado. Há tanta coisa que podia dizer, mas estive bebendo e não direi por mensagens de voz. Apenas... eu sei que fiz besteira, mas foda-se. O seu pai está ligando novamente. Espero que alguém saiba algo sobre você, em algum momento, Dru. Estamos todos tão preocupados. Então... adeus, acho.

Não apaguei essa. Não sei bem porquê, honestamente. Apenas... não pude.

Algo molhado escorregou da ponta do meu nariz para o balcão. Mas que merda? Recuso-me a chorar pelo idiota novamente. Não mais.

Ele não merecia mais nenhum tempo, pensamento ou minha energia. Ninguém seria sempre fiel, minha mãe abandonou meu pai, quando eu tinha onze anos, limpou a conta do banco e fugiu com um homem numa Harley. Lembro-me disso. Ela pegou uma mochila, um capacete muito grande e saiu da casa, subiu na parte de trás da barulhenta Harley, abraçou o motociclista, um grande, robusto, monstruoso homem peludo e foram embora, assim mesmo. Papai ficou ao meu lado na frente da varanda, olhando, simplesmente chocado.

Foi mesmo de surpresa. O meu pai se juntou a Marinha com dezoito anos, passou ali vinte anos e finalmente se reformou. Ele não tinha certeza do que estava fazendo e estava um pouco confuso. Não faltava dinheiro, mas não éramos ricos, também. Tínhamos uma bela casa, um carro decente, comida, dinheiro suficiente extra para ir ao cinema de vez em quando e comer fora, talvez. Lembro-me do meu pai estar muito em casa e da minha mãe trabalhando num restaurante para colocar mais um pouco de dinheiro no banco, até que papai decidisse qual seria sua nova carreira.

E depois, sem mais palavras, sem uma razão, sem qualquer briga ou discussão, minha mãe simplesmente... foi embora.

Isso assustou a mim e ao meu pai, demais. Papai nunca mais namorou e sempre achei impossível confiar em mais alguém a não ser ele. Nunca tive muitos amigos, nunca namorei muito. Tive muitos problemas no ensino médio, do tipo de beber e fumar erva, foder os rapazes na parte de trás dos carros, mas isso era porque estava irritada e confusa. Não tinha uma mãe para me mostrar como ser uma mulher e o papai já era policial, então não havia ninguém para me dizer não. Nenhum dos rapazes que fodi, significaram alguma coisa. Era o que problemáticos faziam e era... acreditem no que digo, bastante cliché, um grito para chamar atenção.

Conheci Michael no meu primeiro ano de faculdade. Ele era alguns anos mais velho que eu, legal, descontraído, bonito, possuía uma família normal, mãe, pai, irmão e irmã. Não era próximo aos irmãos, mas tinha-os, ambos juntos na

mesma casa, já casados. Era estranho para mim. Íamos para sua casa, a mesma onde Michael cresceu e viveu toda a sua vida, ao contrário de mim, uma fedelha filha de policial que esteve em seis escolas diferentes desde o jardim até o quinto ano e sentávamo-nos à mesa de jantar com sua família inteira, eles discutiam e brigavam, bebendo demais e por vezes Michael e seu irmão chegavam quase a brigar depois de beberem muito vinho tinto, mas sempre se abraçavam antes de eu e Michael irmos embora, logo abraçava sua mãe, pai e irmã também, era simplesmente... estranho. Não fazia sentido para mim. Eram disfuncionais com certeza, mas de uma forma normal.

A minha mãe me abandonou. Era mais independente aos doze anos do que a maioria dos colegas. Fazia meu café, cuidava do meu almoço e normalmente fazia o jantar para papai também. Fazia os trabalhos sem ninguém me dizer e a maior parte do trabalho de casa. Conseguia pegar ônibus de casa para os arredores e fazia-o regularmente. Vários dias aceitava caronas para escola ou para a delegacia onde os companheiros do meu pai estavam, o que significava ir para o banco do passageiro e brincar com o rádio, ligar a sirene se recebessem uma chamada.

Conseguia disparar uma arma melhor que alguns recrutas, conhecia uma dúzia de diferentes maneiras de partir um pulso e possuía a minha própria teaser. O qual uma vez usei num cara no ônibus que tentou mexer comigo, neste momento eu tinha quatorze anos.

O meu pai era grande, resmungão, cínico, duro, intimidante. Uma vez prendeu um rapaz com quem eu saía, o rapaz queria que o chupasse e eu disse não, ele ficou um pouco agressivo com sua atitude de adolescente. Infelizmente para Billy Price estávamos no seu carro à porta da minha casa e papai estava observando. Honestamente, teve sorte que papai não usou o spray pimenta nele. Billy foi algemado, acusado de assédio e passou a noite na cela de detenção com os bêbados antes do meu pai o libertar. Não precisava da intervenção dele, mas também não fiquei irritada com isso.

Depois veio Michael e a sua família normal, suas maneiras afetuosas, mas estranhas, o seu não impressionante, mas decente pau, a sua não impressionante, mas decente capacidade de durar mais de cinco segundos na cama e o fato dele assumir que me amava. Ele me buscava no trabalho, no escritório de advogados, me levava para jantar, comprava rosas, levava-me ao cinema ou a concertos, fazíamos sexo, acordávamos, tomávamos café da manhã e íamos trabalhar, Michael na divisão de marketing da Amazon e eu no pequeno, mas intenso escritório onde era uma advogada estagiária e esta era nossa vida. Ele parecia feliz. Pensava que estivesse feliz.

Michael me pediu em casamento num jantar num restaurante conceituado e planejamos o casamento. Queríamos que fosse pequeno, apenas família e os amigos mais chegados. O meu pai e eu não tínhamos realmente mais ninguém do que os companheiros da Polícia desde que não

ligávamos para parte da família de minha mãe e papai era filho único, e seus pais morreram há muito tempo.

Nunca duvidei de Michael. Ele não ficava até mais tarde no trabalho, não escondia seu telefone debaixo do travesseiro ou enviava mensagens em horas estranhas, sequer fazia ligações secretas. Não havia batom nos colarinhos, nenhum perfume estranho no corpo.

O batom no colarinho, contudo será que isso acontecia mesmo? Como é que fica batom no colarinho de um homem? Beijando sua camisa?

O ponto era que, não havia nenhum sinal para alarme.

Fazíamos sexo regularmente. Ele nunca agiu estranho. Não era possessivo ou ciumento, nunca o peguei olhando para outras mulheres…

E então… no dia do nosso casamento, ele fodeu Tawny Howard no vestiário.

E se não o tivesse flagrado, será que teria se casado comigo? Ele me levaria para a cama na nossa lua de mel com os sucos da boceta de Tawny em todo o seu pau?

Estremeci, já que agora não fazia ideia do que mais ele poderia ter feito, melhor, com quem mais esteve. Nunca fizemos sexo sem proteção, porque eu não tomava a pílula, tinha ciclos regulares, que não eram fortes e odiava como a pílula mexia com meus hormônios. Estava feliz com isso agora, porque significava que estava limpa, mesmo que ele fosse um filho da mãe mentiroso e que fodesse com todas.

Senti outra lágrima escorrendo por minha bochecha e depois outra. Provavelmente já me enganava há muito tempo, apenas fui estúpida demais para ver. Fiz um esforço consciente para confiar nele depois que disse que me amava. Michael disse primeiro, sem nenhuma pressão da minha parte. Nem sequer pareceu forçado, sem ser natural ou falso. Acreditei nele. E me deixei apaixonar por ele. Tinha fé cega, o que ia completamente contra qualquer instinto. Eu não queria confiar nele, não queria apaixonar-me por ele. Mas obriguei-me a confiar porque, como disse a mim mesma, se não escolhesse confiar em alguém, passaria a vida sozinha, como meu pai. Que estava triste, sozinho e com dificuldades, exceto no que me dizia respeito.

Falando no meu pai... abri sua mensagem e comecei a ler.

Dru?

Porra, onde você está garota?

Sério. Ligue-me. Agora.

Onde raio você se meteu?!

DRU EMMALINE CONNOLLY LIGUE JÁ PARA O SEU PAI!

As mensagens eram assustadoras e com raiva, até que as últimas eram quase ilegíveis. As mensagens de voz eram piores. Ele parecia realmente assustado e para um homem

que foi em missão no Iraque e patrulhava as piores partes de Seattle todas as noites, isso dizia muito.

Droga.

Merda, merda, merda.

Fodi tudo.

A minha mãe já o abandonou sem razão e agora eu também, pelo menos pensava que ele se sentia assim. Quer dizer, disse a Roland para avisar que ligaria, mas para alguém que já foi abandonado pela mulher, deveria ser como uma traição. Como uma faca no coração.

Limpei os olhos, tentei engolir o nó na garganta e liguei para meu pai, ele atendeu antes mesmo de acabar o primeiro toque.

Ele parecia grogue e rouco.

— Dru?

— Sim, papai. Sou eu.

— Onde caralho você está?

Apenas um homem da marinha poderia dizer tantos palavrões assim.

— Estou em Ketchikan, pai.

— Alaska?

— Aparentemente.

Um momento de silêncio e depois o som da máquina a moer os grãos de café e da torneira, enquanto o papai fazia café.

— Explique.

— Eu sinto muito, papai. Realmente. Não pensei em como você se sentiria, apenas... precisava partir. Não podia ficar em Seattle outro segundo. Foi uma coisa louca no momento e estava bêbada..., mas foi o melhor para mim. Apenas sinto muito tê-lo preocupado.

— Que tenha me preocupado? Preocupado estaria se você tivesse batido o carro ou algo assim. Roland me disse que você pulou na frente de um avião durante sua decolagem e subiu nele bêbada, ainda com seu vestido de noiva e foi embora nele? Isso não é preocupação, é um ataque de coração. Briguei com Lando por tê-la deixado ir dessa maneira. Ele devia tê-la algemado antes de deixá-la entrar naquela porra de avião.

— Eu não teria deixado. Não estava pensando direito. Estava em pânico, estava... espere você não teve um ataque de coração, verdade?

— Não, não. Pensei que sim até fui ver o dr. Roberts, mas ele disse que era um ataque de pânico e não de coração. Sou saudável como um cavalo, apenas fiquei preocupado com você. É tudo o que tenho, docinho.

— Tudo em Seattle está manchado por Michael. Voltarei, apenas não sei quando.

— Então você está no Alaska?

— É para onde o avião ia. É bonito aqui.

— Precisa de alguma coisa?

— Um coração novo?

Isto tirou-me uma gargalhada triste.

— A você e a mim, querida.

— Apenas preciso de tempo.

— Você está em um lugar seguro, pelo menos? Precisa de dinheiro ou mais alguma coisa?

— Tenho a poupança. Estou... — será que estava segura? Quer dizer, mais ou menos. Para o bem de meu pai, decidi, que sim, estava segura. — Estou bem. Quer dizer, não estou bem, mas estou de alguma forma segura. Ficarei bem.

— Quer que eu e os rapazes ensinemos uma lição no seu ex? — papai parou um pouco. — Espere, ele é ex, certo? Você não o quer de volta, quer?

— Não, não batam nele, não vale o esforço. É claro que não, não o aceitarei de volta. Provavelmente deixarei que ele se explique, em algum momento, mas não o aceitarei de volta. Aprendi a perdoar com você, afinal.

— Sim, eu não tenho essa habilidade.

— Esse é exatamente meu ponto, pai.

Ele riu.

— Ah, certo. — papai ficou calado por mais um momento. — Certeza que está bem, docinho? Tenho um velho amigo da marinha em Spokane que tem um avião. Posso pedir para ele buscá-la.

Sim. Deveria pedir a esse amigo do meu pai para vir me buscar e levar para casa. Não havia nada em Ketchikan para mim.

Exceto um certo barman tatuado...

Não. Não.

Nem pensar. Mal plano. Péssimo, horrível, nada bom, muito, muito terrível, estúpido plano, ter alguma coisa com Sebastian. E nem com o estúpido do seu idiota irmão Seal.

Mas não posso fazer isto. Não tenho nenhuma boa razão e muitas boas razões para não fazer, mas quero ficar. Não tinha a certeza para onde iria ou o que faria, mas enquanto estivesse em Ketchikan, muito, muito longe daquele estúpido e mentiroso filho da puta cara de pau, do Michael, poderia muito bem ficar por ali e descobrir o que fazer, como originalmente planejei... se bem que planejar pode ser a palavra errada, mas era o que queria fazer.

Você não cresce como filha de um policial sem aprender palavrões. Não, nada aconteceria com Sebastian.

Apenas precisava de uma mudança de cenário, alguma coisa nova e sem ser familiar para colocar meus pensamentos em ordem, para perceber os sentimentos, para apenas... sentir minha dor e aprender como superar isso. Mais, a tempestade ainda estava forte, então estava ali presa por mais um dia ou mais de qualquer forma.

— Dru? — a voz do papai me tirou dos meus pensamentos.

— Sinto muito papai, me perdi em pensamentos por um segundo. Não, ficarei bem por enquanto. Mas mantenha seu amigo no gancho, porque posso precisar de uma carona para sair daqui quando estiver pronta.

— Pode deixar, querida.

Ouvi o som do café sendo derramado.

— Bem, deixarei você ir. Amo você, Dru. E lamento que esteja passando por isto.

— Obrigada. Também amo você, papai. Sinto muito por assustá-lo.

— Agora que sei que você está viva, bem e onde está, estou bem. Leve o tempo que precisar. Estarei aqui quando decidir voltar e se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, apenas ligue. Entendeu, querida?

— Entendi, papai. Amo você, adeus. — aquele nó estúpido na minha garganta não ia embora.

— Adeus.

Coloquei o telefone no bar e girei em círculos. Pelo menos sempre terei meu pai.

Fui para a escada à procura de Sebastian para o lembrar do café da manhã que me prometeu.



6

Sebastian

— O que deveríamos fazer, Bast? Esquecer tudo o que sonhamos para nossas vidas? Todos odiávamos este lugar. Nós queríamos mais. Você sempre pareceu feliz gerindo o bar com papai. — Zane estava sentado num dos bancos, folheando preguiçosamente uma revista quando subi para o café da manhã na cozinha do andar de cima.

— Ninguém nunca me perguntou o que eu queria, Zane. Isto é o que estou dizendo. Todos vocês apenas supuseram. E se não fosse feliz aqui? Você foi embora, depois Brock... — agitei os ovos mexidos com um pouco mais de força do que precisava.

— Um após o outro, todos simplesmente foram embora. Ficamos apenas Lucian e eu nos últimos meses, depois de Xavier viajar para Stanford, mas Lucian... você sabe como ele é. Estava trabalhando no barco de pesca de Clint mais do que ficava em casa, fazendo sua poupança. Depois ele simplesmente desapareceu. Fez suas malas, embarcou num navio de carga rumo ao leste e desde aí não ouvi falar sobre sua bunda.

— A última vez que soube, ele estava nas Filipinas.

— O advogado disse Tailândia.

— Isso foi há seis meses atrás. Eu tenho um amigo na inteligência que o localizou para mim há algumas semanas atrás e o rastreei até Manila.

— Ninguém nunca me diz essas merdas. — grito.

— Isso é por que você homem das cavernas não tem um computador ou um celular.

— Eu tenho um computador. — Zane riu.

— Cara, aquilo não é um computador, é um dinossauro. Tenho quase certeza que meu primeiro celular tinha mais poder de computação do que este velho pedaço de merda.

Realmente era um velho pedaço de merda. Acho que papai conseguiu em 96 para deixar os recibos e os inventários mais organizados ou algo assim. Usei-o principalmente para jogar solitário nas noites sem movimento. Às vezes jogava campo minado, mas este eu não entendia. O inventário acontecia numa área de transferência e os recibos arquivados em um arquivo. Sem internet, sem e-mail e não tinha certeza se possuía CD-ROM, ou seja, lá o que fosse chamado. O equipamento tecnológico mais avançado no bar com menos de vinte anos era um rádio ligado a quatro pequenas colunas que instalei em cima do teto. O rádio tinha claramente três estações: country, rock e pop e permanecia sintonizado para o rock.

— Não importa. — disse. Não queria dizer a verdadeira razão de não ter substituído aquela maldita coisa.

Zane, era um cretino perspicaz.

— Eu entendo que era do papai, mas ele não entendia de computador, Bast. Ele se foi. Você não o substituirá se comprar um computador novo e uma conexão à internet.

— Foda-se. Que porra você acha que sabe?

Zane fez aquela coisa ninja que sabia fazer, ele se moveu tão rápido e silenciosamente que não sabia que estava bem atrás de mim até sentir a sua mão no meu ombro.

— Cara, olha, eu entendo, ok?

Passei por ele e empurrei-o. Sabia que era estúpido provocá-lo fisicamente, desde que era realmente um filho da puta mortífero, mas não pude evitar.

— Você não entende porra nenhuma, Zane! Não estava... aqui.

Ele rosnou e sua mão se fechou ao redor da minha garganta. Era dez centímetros mais baixo do que eu, mas o filho da puta era forte. Zane me levantou e deixou-me na ponta dos pés, vendo estrelas.

— Porque eu estava na porra do Afeganistão matando terroristas, seu idiota! Estava rastejando pela lama evitando as granadas quando papai morreu. Entrei para a reserva quando fiquei sabendo, mas estava naquele país. O que queria que fizesse? Desertar? Foda-se você também, Sebastian. Não foi o único a perdê-lo. — ele me soltou e virou-se para se afastar com um suspiro.

— Merda.

— Eu... sinto muito. Estou obviamente interrompendo. — ela virou-se para sair.

— Pare, Dru, espere. — a voz de Zane a impediu. — Você teve uma má impressão. Não vá. Nós normalmente não somos assim.

— Não preciso entrar em suas discussões familiares. — disse ela, abrindo a porta da escada.

— Eu tenho meu próprio drama, não preciso do seu também. — então desceu a escada, seus passos lentos, mas firmes.

Empurrei Zane e passei por ele.

— Pratos com ovos para três e termine o bacon. — eu disse a ele.

Ele franziu a testa para mim.

— Eu cozinhando?

— Faça o seu melhor. — disse. —E se consegue saltar de um helicóptero, consegue fazer bacon.

Desci pela escada atrás de Dru, não sei ao certo por que, apenas tinha um sentimento de que não queria que ela fosse embora, no entanto.

Apenas queria meu pau dentro dela, parte de mim argumentava e sabia que ela não precisava disso agora. Não impeço o pau de querê-la, no entanto. Talvez meus pés de irem atrás dela, mas não tinha certeza se meus pés estavam agindo à serviço do meu pau ou a estranha sensação no íntimo que queria que Dru ficasse. Claro, sentimentos

normalmente acontecem em algum lugar além do coração, mas estava indo pelo caminho dos sentimentos uma vez que parecia mais simples e mais fácil de explicar.

Alcancei-a na porta da frente do bar. Colocando as mãos em sua cintura, a fiz girar e pressionei-a de costas contra a porta. Ela olhou para mim, olhos azuis tristes e irritados, chocados e confusos e... cheio de uma luxúria tão feroz quanto a sua.

Eu a beijei.

Não foi um beijo áspero, exigente, mas também não foi lento e molhado. Eu a beijei como se ela fosse minha, como se tivesse todo o tempo no mundo para beijá-la completamente, como se passasse mil noites e mil dias beijando-a assim, as minhas mãos na sua cintura, puxando-a agora contra mim e empurrando o meu corpo contra o dela.

Deus, ela era suave.

Flexível.

Seus seios eram firmes e ficaram esmagados contra o meu peito, os lábios quentes e úmidos nos meus. Era perfeita. Encaixava-se bem. Um momento de hesitação e então outra parte dela assumiu, uma parte que queria este beijo tanto quanto eu. Sua boca moveu-se, então, seus lábios se abriram sobre os meus, inclinando, escorregando, molhado sobre molhado e depois sondei a linha de sua boca com a língua e ela abriu para mim, aceitou minha língua e tocou-a com a sua.

Puxei-a mais perto e sabia que não havia forma dela não perceber o bastão de ferro da minha ereção entre nós. Saboreei sua boca, então a ouvi gemer, quase podendo prová-la. Deus, esse gemido. Enviou fogo para minhas veias. Meu pau que já pulsava latejou com mais força.

Suas mãos subiram enquanto nos beijamos, uma parando no meu braço para acariciar os bíceps, rastreando as minhas tatuagens, a outra enterrada no meu cabelo acima da orelha, descendo e Jesus, que toque mais suave, mais gentil, buscando acariciar com as pontas dos seus dedos por trás das minhas orelhas... o que era isso que me deixava tão louco? Deixava-me selvagem, fazendo meu peito expandir, o coração acelerar, o pau inchar ainda mais e minha garganta emitir um rosnado quando segurei mais apertado, cravando as mãos em sua bunda redonda, suculenta e levantando-a, puxando-a contra mim, empurrando meu zíper na fenda apertada de suas coxas. Bati-a contra porta e graças a Deus estava trancada, caso contrário, teríamos caído do lado de fora.

Então, o beijo ficou selvagem.

Como se ela estivesse morrendo de fome. Como se este beijo pudesse saciar alguma necessidade profunda dentro dela, como se nunca tivesse sido beijada assim. O que deveria ser uma piada, porque como pode um homem ter uma mulher assim nas suas mãos e não ficar selvagem? Sinto-me como um animal, minha libido ficou primitiva, exigindo que rasgasse suas roupas e a devastasse sem sentido, foder até cansar, fazer dela minha, deixar minha marca em sua pele

pálida e cremosa. Não podia parar. Sentia-me voraz, monstruoso e selvagem. Meus dedos agarraram sua bunda e minha língua golpeou e enrolou contra a dela, o quadril movendo-se contra seu núcleo. Dru estava gemendo, ofegante contra minha boca, aproveitando o beijo, gemendo em meus lábios.

Eu girei no lugar, andei três passos para frente e a deitei sobre a mesa, chutando as cadeiras para o lado, minha boca nunca deixando a dela. Suas pernas se engancharam ao redor da minha cintura, mantendo-me no lugar, firmes contra o seu núcleo coberto pela calça. Isso não me impediu de me esfregar, de me mover como se estivesse fodendo-a, como se pudesse sentir sua boceta apertada, quente e molhada através da calça. Muito mais, faria se pudesse. Nesta altura, estava duro o bastante para pregar um prego e estava esfregando contra ela tão forte que corria o risco de gozar na calça como um maldito adolescente, porra, não me importava. Precisava dela, precisava de mais, não conseguia parar. Nem sequer tentei.

Ela estava sóbria e não me impedia.

Merda, ela estava implorando por mais. Sua boca estava feroz na minha, beijando-me de volta tão ferozmente quanto a beijava. Eu precisava foder esta mulher. As minhas mãos assumiram, apagou minha linha de pensamento e continuei.

Afastei as mãos de sua bunda e as subi pelo quadril, puxei sua camiseta de algodão para expor o abdômen e depois o sutiã esportivo. Interrompi o beijo, desci por seu

corpo para passar a minha língua em seu umbigo. Depois beijei o estômago indo em direção à cintura do jeans e voltei. Passei por suas costelas logo abaixo da parte inferior do sutiã.

Porra.

E de jeito nenhum conseguiria conter-me, não agora que tinha os lábios sobre ela, não agora que tinha minhas duas mãos nessa sua bunda linda e especialmente não agora que a inclinara sob mim, as suas pernas ao redor da minha cintura, os seios a poucos centímetros dos meus lábios, apenas um pouco de tecido entre minha boca e seus mamilos.

Era apenas puxar e seus seios estariam livres do sutiã, Deus foi o que fiz. A visão daqueles belos seios era quase demais, caralho. Precisei apertar os músculos e me conter para não gozar. Grandes, redondos e reais, apenas um pouco mais que uma mão cheia... os mais exuberantes, bonitos seios que alguma vez já vi.

— Jesus, Dru. — ouvi-me dizer, o que meu pau estava pensando. — Você é muito sexy.

— Sebastian... — sua voz era uma música erótica para meus ouvidos.

Respondi chupando seu mamilo, tinha um gosto divino como imaginei na noite anterior quando a observei no banho enquanto a água escorria sobre eles e quando me masturbei à imagem deles na noite passada e novamente esta manhã. E

se não me afastasse agora, eu faria uma viagem ao banheiro para me masturbar pensando nela novamente.

Dru se contorceu na mesa, pressionando-se contra mim, gemendo, segurando minha cabeça em ambas as mãos, então levei minha boca para o outro seio e senti o sabor da pele salgada, deixando o mamilo molhado, logo ela gemeu novamente e o som foi direto para meu pau latejante.

Toquei com minha língua seu mamilo, um depois do outro, torcendo o que não estava em minha boca. Mas ela tinha outros lábios que eu queria provar e vi aqueles também, tão cheios e úmidos como os de sua boca e apostava que possuía um gosto como açúcar. Ainda chupando um mamilo enquanto o segurava com uma mão, levantei minha mão livre até sua calça, abri o botão e desci o zíper, empurrei a mão sobre sua bunda e puxei a calça e a calcinha de algodão, descendo-a e expondo sua boceta.

Dru gritou, mas o grito se transformou em um gemido enquanto colocava minha boca em sua boceta, senti seu cheiro incrível, sua boceta era doce e limpa. Recentemente depilada, suave como seda. Exalando desejo. Caralho, podia ver os sucos pingando dos lábios. Eu os lambi e ela se debateu, ofegando e depois soltou um gemido longo, baixo e feroz enquanto passava a língua contra seu clitóris. Mergulhei dentro, brincando, sem provocações, fui direto a sua boceta como um homem faminto.

Ela se contorcia sob minha língua, resistindo tanto que precisei pressionar o meu braço em seus quadris para mantê-la onde queria. O que apenas deixou-a mais louca.

— Sebastian! Porra! Deus, sua boca, é... Porra!

— Goze para mim, Dru. — coloquei dois dedos dentro de sua boceta apertada e molhada, explorando seu canal, logo os afastei e entrei novamente, mais rápido, imitando o que faria a ela com meu pau no segundo que tivesse a chance.

— Deixe-me sentir esta boceta apertada apertar os meus dedos.

Curvei os dedos dentro dela, sentindo-a tremer, suas coxas se apertaram com uma força que deixaria contusões, enquanto ela se abaixava na mesa para esfregar seu clitóris contra minha boca. Chupei o clitóris e depois esfreguei-o contra minha língua e fodi-a com meus dedos. Belisquei os mamilos, um depois o outro, chupei, lambi, apertei e os toquei enquanto a sentia pulsar em um orgasmo de ranger os dentes.

Dentro, Jesus Cristo... precisava estar dentro dela.

— Porra, porra, porra... Sebastian, oh meu Deus, oh meu Deus. — Dru estava ofegante, as palavras quase se perderam entre seus dentes e os gemidos roucos.

Então, no meio do orgasmo, ela perdeu completamente a cabeça.

— Pare! Pare! Jesus Cristo, que merda estou fazendo? — ela me afastou, lutando contra o orgasmo, tentando ficar de

pé para fugir de mim, parecendo até mesmo fugir de si mesma, do prazer percorrendo-a.

Ela pulou da mesa e a deixei ir. Pelo menos, até que percebi que ela não era capaz de se levantar direito ainda. Peguei-a, puxei-a contra meu peito e segurei-a enquanto tremia e estremecia pelas últimas ondas do clímax e depois agachei-me e sem soltá-la, peguei sua calça para subi-la por seu corpo.

Subi a calça junto com a calcinha, traçando com um dedo sua cintura para garantir que cobrissem o corpo e fechei o zíper. Puxei o sutiã para cobrir os seios, o que era algo triste, soltar aqueles seios doces e finalmente deixar sua blusa cair no lugar, então ela estava vestida. Dru empurrou-me para longe, tropeçando para trás, limpando a boca e me encarando incrédula.

— Eu não posso acreditar. Porra, porra. — inclinou-se contra a mesa na qual a deitei. — Não posso acreditar que apenas... porra...

— Dru, qual é o problema? Pensei que quisesse isto. Senti que estava gostando, querida. — eu me aproximei dela, principalmente porque não podia evitar.

A mulher era magnética. Estava atraído por ela e me sentia impotente. Precisava me aproximar, ter as mãos nela novamente assim que possível.

Ela se afastou das minhas mãos.

— Pare, não, Sebastian, não me toque.

Parei, com as mãos levantadas em rendição.

— Ok, tudo bem, sem mãos, mas tenho que admitir que estou um pouco confuso. — eu a observei cuidadosamente, vendo várias emoções cruzar suas feições rápido demais para ler.

Ela balançou a cabeça.

— Isto não deveria ter acontecido. Não deveria ter feito. Não com você, agora não. Não mesmo. Jesus, estou tão confusa e eu... — ela parecia estar perto de entrar em pânico, como na noite anterior, mas desta vez estava sóbria, o que significava que seria pior, porque não era a garota bonita, desleixada e bêbada, mas sim a mulher emocionalmente sóbria e confusa.

— Eu não posso... não posso...

— Ei, ok, respire fundo, está bem? Por que não se senta?

Peguei uma cadeira do bar e ela sentou-se automaticamente, respirando fundo e esfregando o rosto. Fui para trás do balcão e peguei uma cerveja para Dru, porque se sabia de alguma coisa era quando alguém precisa de uma cerveja.

— Beba, Dru.

— Eu não quero uma bebida. — ela disse, as suas mãos sobre o rosto.

— Sim, você quer.

Ela me olhou e então para a cerveja que entreguei, uma cerveja local.

— Talvez eu queira. Deus, estou uma bagunça.

— É permitido se sentir assim. — disse, inclinando no balcão para ficar mais perto dela, apenas para poder sentir o cheiro do seu perfume intoxicante.

Ela tomou um gole e suspirou.

— Você mencionou café da manhã? Eu não sei se aguento mais alguma coisa com o estômago vazio.

Caminhei até o fim da escada, abri a porta e gritei.

— Zane! Onde raios está a comida?

— O que, preciso servir sua bunda também? — Zane gritou de volta, mas ouvi seus pés na escada.

Ele desceu precariamente equilibrando três pratos em suas mãos. Zane me entregou dois deles, parando na porta quando viu Dru curvada sobre o balcão, com a mão ao redor da cerveja e lutando para se acalmar… às dez da manhã. Ele levantou as sobrancelhas para mim.

— Isso é com você, irmão.

— Obrigado. — revirando os olhos enquanto ele arrastava a ponta dos pés de forma dramática, subindo a escada. — Covarde.

— Ei, dê-me um alvo com uma AK ao invés de uma mulher chorando qualquer dia da semana. — ele fechou a porta acima da escada, então fiquei sozinho com Dru.

Que estava, sim, chorando sobre a cerveja.

Deus me ajude.

Zane deveria ter feito algo. O que eu deveria fazer, agora? Não fazia ideia. Sequer sabia que porra acabou de acontecer, para fazer Dru surtar comigo assim. Tudo o que sabia com certeza era que ela tinha o gosto como o céu na minha língua e parecia a perfeição nas minhas mãos, estava tão duro que era difícil de caminhar.

Eu levei os pratos até o bar, puxei uma cerveja para mim, porque, porra, por que não? Coloquei um prato à frente de Dru e sentei-me ao lado dela com o meu. Ela não se afastou, nós estávamos perto o suficiente para que nossos ombros roçarem. Dru pegou o garfo, espetou-o algumas vezes nos ovos e depois cravou-os ansiosamente. Segui o exemplo, passei um bom tempo observando-a enquanto comia.

— Não está mal. — comentei. — Ele fritou demais o bacon e pouco os ovos, mas não está tão ruim.

Ela ignorou-me, concentrando-se na comida, tomando aos poucos a cerveja. Quando terminou, empurrou o prato para trás alguns centímetros, enrolou as mãos ao redor da cerveja e olhou para o líquido borbulhante dourado.

Esperei, sentindo que começaria a falar quando estivesse pronta.

— Peguei meu noivo me traindo com uma dama de honra no dia do casamento. Ontem, eu acho. Parece que foi em outra vida, de um jeito engraçado. Como... a garota ingênua que achava que se casaria com um homem que a

amava. Era aquela garota ontem, mas hoje sinto-me como outra pessoa.

— A dama de honra era sua amiga? — perguntei.

Dru balançou a cabeça.

— Não. Na verdade, não tenho amigas, para ser sincera. Não há irmãs, nem primas, nem tias, nada. Apenas eu e meu pai. Todas minhas damas de honra, eram namoradas dos amigos dele. E aquela que Michael estava fodendo, Tawny, era amiga de uma das outras damas de honra. Havia três padrinhos, os três melhores amigos de Michael e ele achou que precisávamos de uma terceira dama de honra, então Lisa perguntou à sua amiga. Vi Tawny, duas vezes? Talvez? Todos nos juntamos para beber e ela esteve lá algumas vezes. Nunca gostei dela. Sempre pensei que fosse uma vagabunda. Acontece que estava certa, aparentemente.

— Aparentemente. — concordei. — Acha que foi a primeira vez? Que ele a traiu apenas uma vez?

— Isso não consegui descobrir. Não consigo pensar em nenhum sinal que tenha perdido pelo caminho. Então, por esse aspecto preciso dizer, sim, foi a primeira vez. Mas isso não faz sentido, não é? Porque no dia do nosso casamento? Isso não faz nenhum sentido. No dia do nosso casamento, no seu vestiário, no mesmo prédio que eu, estava literalmente ao fundo e no outro corredor, me preparando. — ela fungou.

— Eu estava... estava nervosa, sabe? Pensando: “estou fazendo a coisa certa?” Então vesti o casaco do meu pai sobre o vestido de noiva para que Michael não me visse e fui

procurá-lo. Pensei que ele me acalmaria, me lembrasse do porquê nos casaríamos.

— E você entrou com ele fodendo uma dama de honra?

— Não exatamente. Na verdade, não entrei. — ela tomou um gole da cerveja, girando a garrafa.

— Seus amigos, um padrinho e uma dama de honra, estavam todos sentados fora do vestiário dele, vendo algo em no seu telefone, rindo como loucos. Eu perguntei o que era tão engraçado? E eles ficaram quietos, como “oh, não é nada”. Apenas um vídeo estúpido. Então o ouvi. Conheço os sons que Michael faz quando está fodendo e foi isso que ouvi, então fez-me pensar porque estavam tão estranhos sobre aquele vídeo. Então os forcei a me mostrarem. E era ele, naquele vestiário, fodendo Tawny.

— Eles gravaram? — perguntei, incrédulo.

Quem porra faria isso?

Ela assentiu.

— Através da porta aberta. A parte engraçada era que Michael tinha a calça do smoking ao redor dos tornozelos, certo? E estava fodendo-a como um louco, ficou tão louco que tropeçou na calça e caiu para trás. Seu pau ficou se movendo para todos os lados e Tawny estava rebolando o pequeno estúpido quadril como se ele ainda estivesse fodendo, mas estava no chão com o pau fora e a calça ao redor dos tornozelos.

— Seus amigos estavam assistindo, rindo, enquanto ele ainda estava dentro do vestiário, fodendo Tawny no dia do nosso casamento. — ela suspirou. — Simplesmente não entendi. Michael não podia esperar até depois da nossa lua-de-mel para me enganar? Sequer aguentou até o casamento? Mas que merda? E eu, como... que porra há de errado comigo, quando ele disse que me amava, pediu-me em casamento, planejou comigo e depois me traiu? Quando, fazia ideia? O que que me escapou?

— Ele é um idiota. — respondi.

— Sim. Isso é óbvio. — ela balançou a cabeça incrédula. — Mas deixa muitas perguntas. Sobre mim. Como... porque não sou boa o suficiente? Porque não fui o suficiente para Michael? Não é como se não fizéssemos sexo, sabe? Nós fazíamos. Frequentemente. Não todos os dias, mas muito. E eu... sempre pensei que fosse bom. Mas acho que não era. Porque se ele precisou procurar outra pessoa, na porra do dia do nosso casamento, então obviamente perdi alguma coisa. Há algo que precisava que não lhe dei.

— Agora isso é besteira. — disse a ela. Segurei seus joelhos e girei-a para me enfrentar.

— Você não teve culpa. Seu ex-noivo é um filho da puta traidor. Cem por cento da culpa recai sobre ele. Mesmo que vocês tivessem alguns problemas, como as coisas não estarem bem e o sexo não ser bom o tempo todo ou o que quer que não estivesse recebendo de você, isso não lhe dá direito de sair por aí fodendo outras mulheres.

— Mas este é o meu ponto. O sexo era bom entre nós. Nós dois gozávamos ou pelo menos ele gozava todas as vezes. Eu nem sempre, mas Michael sim. Tinha isso de mim e ainda me traiu, Deus sabe com quem mais enquanto estávamos juntos. Quer dizer, com certeza houve outras nos quatro anos que ficamos juntos.

Senti-me um pouco transtornado, pensando no idiota ingrato que teve suas mãos ingratas nesta deusa. Ele teve todo seu corpo doce e sexy para quando quisesse... não podia imaginar ir para cama com ela e não lhe dar tantos orgasmos até que não pudesse ficar acordada por mais tempo e de tal forma que não poderia andar no dia seguinte. Eu não imaginava não fazer tudo para agradá-la. Deus apenas a fiz gozar uma vez e Dru ficou apavorada, mas sabia que vê-la gozar seria minha própria recompensa, sempre. Fazê-la gozar, senti-la desmoronar, ver seu rosto lindo enquanto gozava, a sensação daquele maldito corpo incrível sacudindo e contorcendo-se, o suor sob as minhas mãos, sua boceta em minha boca, apertando meus dedos... Jesus, Dru apertava forte também. Apenas podia imaginar o quão forte apertaria meu pau.

O idiota não a merecia.

Ele não poderia foder outra mulher enquanto a tivesse, o ex-noivo teve a oportunidade de tê-la para sempre... e a desperdiçou. Deu aos homens de verdade uma má fama.

Eu era um jogador, com certeza. Fodi muitas mulheres diferentes regularmente. Houve trios e grupo de quatro

pessoas, duas mulheres na mesma noite em momentos diferentes. O máximo que tive em uma noite, mas não ao mesmo tempo na minha cama, foram quatro garotas, Deus, mal consegui andar no dia seguinte, mas porra, valeu a pena. No entanto, nunca fiz promessas a ninguém. Sempre fui contra essa merda. Deixava claro que foderíamos e elas seguiriam seu caminho. Sem abraços, nenhuma conversa de travesseiro, nenhum segundo. Apenas quebrei essa regra uma vez por uma mulher. Ela era uma leoa e ensinou-me alguns truques, o sexo honestamente foi bom o suficiente para que quisesse repetir quando estivesse pronta para partir após a primeira rodada.

Mas Dru? Eu sequer a tive uma vez e queria a terceira, a quarta. E o estupido deixou isso?

Dru olhou para mim e percebi que estava longe em meus pensamentos.

— O que é esse olhar em seu rosto?

Balancei a cabeça.

— Você provavelmente não quer saber.

Ela tomou o último gole da cerveja e olhou para mim.

— Não me diga o que eu quero ou não saber.

Acabei minha cerveja e afastei a garrafa. Segurei seus joelhos, me aproximando mais dela.

— Está bem. Estava pensando que nunca tive nada bom o suficiente de qualquer mulher que me fizesse querer ficar com alguém mais do que uma vez. Essa é a verdade. Mas

você? Dru, se a tiver em minha cama, nunca a deixarei sair. — levantei-me do banco e aproximei mais, olhei em seus olhos, e a deixei ver a verdade nos meus.

— O sexo não seria muito bom. Seria o melhor que qualquer um de nós já teve, sempre. Eu a faria gozar tão intenso e tantas vezes que imploraria para que saísse apenas para que você pudesse recuperar o fôlego. Iria foder essa sua boceta apertada, molhada, doce, todas as noites e a cada dia tão duro por tanto tempo que estaria andando de pernas arqueadas. E não importa o quanto nós fodermos, Dru, nunca me cansaria. E posso assegurar que não pensaria em outra mulher desde que tivesse você. Merda, tudo o que recebi foi um pequeno gosto dessa boceta e não consigo pensar em mais nada.

Ela piscou para mim, olhos bem abertos, o peito se levantando, os dedos fechados em punho em seu colo. Abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Segurei sua nuca e inclinei-me, coloquei os lábios sobre os dela.

— É isso que estava pensando.

— Ah. — ela respirou.

Eu movi os lábios sobre os dela, não beijando, era mais provocando-a com a promessa de em beijo.

— Sim. — sussurrei de volta. — Ah.

Dru olhou para mim, perdida. Ela queria o beijo. Porra, queria tudo o que acabei de lhe prometer. Foi uma promessa e não uma em vão. Mas ela ainda lutava contra qualquer coisa que não conseguia desligar e se deixar levar, ceder a

esta coisa entre nós. Dru estava tremendo, sacudindo, mal conseguia respirar. Seus lábios tremiam contra os meus e as suas mãos se levantaram para o meu peito.

Bingo.

Pressionei os lábios contra os dela, rastreei sua boca com a língua. Ela escorregou do banco, pressionou o corpo dela contra o meu. Deus, estas curvas contra mim, me deixavam louco. Eu gostaria de me livrar da ereção e agora ela estava me olhando com aqueles olhos azuis novamente e seus seios esmagados contra meu peito, os quadris estavam nas minhas mãos, os seus lábios nos meus tão suaves, quentes e molhados…

— Porra, Sebastian! — ela se soltou das minhas mãos, derrubando o banco na tentativa de escapar. — Pare de fazer isso comigo.

— Fazer o que?

Ela se afastou.

— Beijar-me assim. Tocar-me assim.

Eu a segui.

— Bem, sua boca diz, não faça isso, mas seu corpo e os olhos dizem, faça novamente. E não pare, porra.

Ela esbarrou contra a porta da frente.

— Eu não quero usá-lo como um rebote.

— Não me importo.

— Eu me importo. — ela respondeu. — Sim, quero você. Isso é óbvio. Mas não estou em uma situação mental e emocional para querer alguém.

— Posso fazer você se sentir bem, Dru. — pressionei-a contra porta, toquei seu quadril, encostei minha testa na dela. — Você merece se sentir bem.

— É demais. É muito cedo. — suas mãos estavam tateando atrás das costas.

— Não o suficiente e não perto o suficiente. Deixe-me apagar tudo, Dru.

— Não quero esquecer tudo.

— Não foi o que você disse ontem à noite.

— Eu estava bêbada. Fiz o papel de otária. Disse muita merda estúpida.

— Veja, acho que o que disse na noite passada era verdade. Embaraçoso? Não. E estúpido, tampouco. Apenas a verdade. — eu estava com uma ereção monstruosa e pressionei contra ela. — Sente isso? Pode estar dentro de você. Fazendo-a se sentir incrível. Fazendo toda a merda desaparecer. Você quer isso. Não precisa ser complicado, Dru. Pode ser simples, real e bom. Enquanto você quiser.

Ela fechou os olhos, apertou-os e balançou a cabeça.

— Porra, Sebastian. Você é tão mau. Tão mau para mim.

— Coloque mais um D e terá uma ideia[6].

[6] Faz um trocadilho com seu sobrenome e palavra mau em inglês. Bad é mau, Badd o sobrenome de Sebastian.

Ela bufou, porque isso foi muito brega, mas era tão mau como bom. Talvez... então Badd fosse bom.

Obrigado, obrigado, ficarei aqui a noite toda.

Ela empurrou a porta aberta que destrancou quando eu falava e mergulhou para a tempestade.

Eu a segui.

— Dru! — gritei, sobre o barulho da chuva e os trovões.

Ela parou alguns metros de distância, já encharcada até aos ossos.

— O que?

Apontei para um pequeno veleiro ancorado perto.

— Aquele é meu. Fica lá até estar pronta para voltar.

Ela assentiu e correu para meu barco, pulou no convés e desapareceu dentro da cabine.

Eu a deixei ir.

Ela voltaria.

Esperava que sim.



7

Dru

Filho da puta do caralho, aquele homem é potente.

Uma vez que se aproximou e colocou aquelas mãos fortes em mim... Fiquei perdida. A forma como me beijou, aqueles lábios suaves contra os meus, me provocando com o beijo, me deixou louca. Eu não conseguia lidar com ele assim tão perto. E se colocasse as mãos em mim? Merda... estaria perdida. E sua boca? Deus, Deus, Deus. Nunca na minha vida senti nada parecido com o que Sebastian me fez sentir, deitando-me naquela mesa.

Nunca fiquei excitada assim, apenas... aconteceu. Sebastian sentiu que o queria, que estava disposta e apenas me tomou. Sem desculpas, sem pedidos de permissão ou um "está tudo bem". Fez-me dele e me fez sentir incrível, cheguei ao orgasmo em segundos. Michael poderia me levar ao orgasmo, mas precisava trabalhar muito, em todas as direções e não, mais lento, aí não, não pare, santo Deus assim, não pare, disse para não parar, porra! E então geralmente parava, abrandava ou acelerava, quando eu estava quase gozando, Michael estragava tudo. E sim, às vezes eu fingia para que pudesse me dar um orgasmo mais tarde, do meu jeito, da maneira certa. Outras vezes ele

acertava e ambos tínhamos nosso orgasmo e era ótimo. Tínhamos sentimentos parecidos ao amor e... era bom.

Sebastian me incendiava.

Não havia um único segundo de hesitação ou inabilidade. Sabia exatamente como me levar ao orgasmo, encontrou meu ponto G com precisão infalível, introduziu os dedos grossos, fortes, dentro de mim e lambeu meu clitóris, torcendo os mamilos... e Deus, a forma como ele empurrou minha calça para baixo foi tão gostosa.

Com Sebastian não foi bom. Foi... maravilhosamente intenso.

Fazendo-me gozar como se fosse sua única missão.

Lembrei o quão duro e grosso o pau dele estava por trás de seu zíper, quando me pressionou contra a porta na primeira vez e então outra vez, logo antes de eu fugir. Ele provavelmente lutou contra um pau duro o tempo todo.

E me deu um orgasmo sem esperar nada em troca.

Quer dizer, obviamente ele queria mais. Mas quando fiquei assustada, recuou. Sebastian me acalmou, me alimentou, me consolou. Então me excitou, sussurrou promessas sujas e bonitas no meu ouvido, logo fugi dele novamente, deixando-o com outra ereção dolorida.

E a noite anterior? Ele não confiou em si mesmo para não me tocar enquanto eu estava bêbada, então me deixou no banheiro, ao invés de se aproveitar de mim. E estava

completamente nua, o provoquei, tirando minha calcinha na frente dele, falando sobre seu pau...

Estava sóbria o suficientemente para aceitar um fato: a coisa era enorme.

Levei um segundo para olhar ao meu redor. A cabine do veleiro era minúscula. O espaço mal dava para ficar de pé e era mais baixa que Sebastian vários centímetros. Mas era aconchegante. Assentos de madeira, cromados, forrada com tapetes, uma mesa para dois, uma cozinha, uma porta que dava para um pequeno quarto, outra que dava ao banheiro. Não havia muito luxo, mas era quente, seco e confortável.

O problema era que me sentia horrível por fugir de Sebastian.

Ele fez-me sentir incrível e então cuidou do meu surto com benevolência.

Porra.

Não podia ficar aqui neste pequeno barco. Queria me esconder dele, fingir que nada aconteceu. Queria sentar naquela cabine e curar a dor no meu coração.

Meu Deus, dói.

Agora após passar um pouco de tempo da traição, pensando nisso, percebi que a infidelidade de Michael e a maneira como descobri doeu profundamente, foi intensamente doloroso. Muito mais do que pensava. Ele me machucou demais, passou pelos ossos e chegou na essência da minha alma. Levando tudo o que eu achava que sabia,

tudo o que queria na vida. Minando minha capacidade de confiar em alguém, o que já era muito fodido pela traição da minha mãe.

Doeu tanto.

Por que, Michael? Porque?

Não havia resposta fácil ou óbvia.

A única coisa óbvia era como me sentia atraída por Sebastian. O que não fazia sentido e eu não sabia o que fazer, porque o queria mais do que alguma vez quis algo, mas meu coração estava tão ferido que não ousava confiar em mim mesma, muito menos num homem que mal conhecia.

Minha libido tinha outra opinião, obviamente. Não era necessário envolver meu coração, apenas minha boceta.

E meus seios. Minha boca.

Minhas mãos. E minha bunda.

Cada centímetro do meu corpo, que tinha certeza que ele beijaria. Cuidadosamente e completamente.

E porra eu queria isso.

Sente isso? Pode estar dentro de você. Fazendo-a se sentir incrível. Fazendo toda a merda desaparecer. Você quer isso. Não precisa ser complicado, Dru. Pode ser simples, real e bom. Enquanto você quiser.

Sebastian disse a verdade em voz alta. E quase funcionou. Porque eu queria isso. Queria que todas as mentiras fossem embora. Queria esquecer tudo e tão certo

como sabia meu próprio nome, sabia que Sebastian cumpriria esta promessa. Ele poderia abafar tudo.

Bem, se o deixasse.

Mas não deveria.

Seria imprudente. Não sentir nada. Iria querer mais dele. E mesmo se fosse capaz de mais, de colocar sentimento na relação, não sabia se eu era capaz disso, não depois do que Michael fez. Além disso, esta era sua casa, não minha. Teria que voltar para Seattle em algum momento, certo? Minha vida estava lá. Papai estava lá.

Michael estava lá... merda, este era um argumento para outra conversa.

Estava andando em círculos e sabia disso.

Posso fazê-la se sentir bem, Dru. Você merece se sentir bem. Deixe-me apagar tudo.

Eu poderia deixá-lo apagar tudo. Poderia voltar para o outro lado da rua e deixar que Sebastian me fizesse sentir bem por um tempo. E então, quando tivesse o bastante, quando me sentisse forte o suficiente para novamente enfrentar Seattle e a perspectiva de recomeçar sem Michael... voltaria. Alguns dias, no máximo.

Passar uns dias com Sebastian, deixá-lo me fazer sentir bem, então eu voltaria para Seattle.

Esqueça Michael.

Esqueça Tawny.

Esqueça o casamento frustrado e que estourei os cartões de crédito e o fato de que deixei meu emprego e que o aluguel do apartamento estava vencendo e não tinha para onde ir.

Mas nada importava, importava? Não agora. Estava em Ketchikan, Alaska, longe de toda essa merda e tinha um homem sexy do outro lado da rua que me queria e que poderia me dar em poucos dias os melhores orgasmos da minha vida.

Porra.

Eu não era uma garota típica de ligar o Foda-se. Pensava nas coisas. Fazia a coisa certa. Era atenta aos detalhes, formulava planos e tomava decisões com lógica. O contrato estava terminando e me casaria, então não procurei um novo apartamento porque moraria com Michael. Foram-me oferecidas algumas posições de assessoria na faculdade e aceitei a que mais gostei, o que acabou por ser um erro, já que eles não tinham a intenção de realmente me promover ou usar ao máximo as minhas capacidades, então verifiquei e sabia que seria capaz de conseguir uma nova posição em uma faculdade maior e melhor. Assim, quando meu chefe me disse que não poderia tirar alguns dias para minha lua de mel, entreguei o aviso prévio de duas semanas. Michael ganhava bem, eu ganhava bem, assim não tive nenhum problema com os cartões de crédito para pagar o casamento, especialmente desde que meu pai não poderia pagar tudo e Deus sabia que os pais de Michael também não.

Mas olhando para trás, aqueles foram erros graves. Bem, quer dizer, eu ainda conseguiria um emprego se voltasse a Seattle. Pelo menos, não dependeria de Michael e do casamento.

Se?

Não enlouqueça. Claro que eu voltaria.

Apenas... não ainda.

A cabine do veleiro era agradável, quente, aconchegante, seca e acima de tudo, privada. Poderia ficar ali. Relaxar em paz, sem nenhuma situação fodida para lidar.

Tiro a roupa e coloco para secar, vou para o quarto e deito na cama, puxo as cobertas até meu queixo.... e rapidamente adormeço.

Quando acordei novamente, o celular mostrava que dormi quatro horas e ainda estava cansada. Então o desbloqueei, abrindo o aplicativo Kindle, li por mais algumas horas, terminando um livro e começando outro. Li até que meus olhos se fechassem novamente. Afastando o celular, fechei os olhos, me deixando flutuar sob a superfície da consciência. Na próxima vez que voltei à consciência, estava escuro lá fora e a chuva parou. Meu celular mostrava que eram apenas dez da noite e estava muito acordada. Visto minhas roupas aparentemente secas, arrumo a cama e saio do veleiro atravessando a rua para o Badd.

O bar estava cheio, com cada assento no bar e a maioria das mesas ocupadas, mas não era sua total lotação. Zane estava atrás do balcão e parecia atender sozinho, abrindo

uma cerveja, em seguida, despejando um pouco demais de vodca nos copos... ele estava sem Sebastian atrás do balcão.

Eu fui até o bar e chamei a atenção de Zane.

— Onde ele está?

Zane encolheu os ombros enquanto acrescenta tônica na vodca, uma fatia de limão e um canudo.

— Não tenho certeza. Saiu, talvez? Acredito que o vi sair. Creio que ele não foi longe, porque o bar está cheio. E se encher mais, pedirei demissão.

— Obrigada. — disse e vaguei pela cozinha, para porta dos fundos, que estava aberta por um grande jarro de óleo de fritura.

Ouvi vozes, uma delas definitivamente era de Sebastian. Olhei pela abertura e o vi encostado em uma parede, suas mãos nos bolsos, uma careta em seu rosto. Havia uma mulher na sua frente. Dizer que ela estava com pouca roupa seria um exagero. Vestia uma mini saia tão curta que mal cobria a bunda e nada mais que um sutiã de renda. Saltos de doze centímetros, cabelo soltos. E ela tinha suas mãos em Sebastian. Ele não a estava tocando de volta, mas não a estava parando também. Eles estavam de perfil para mim, então podia ver tudo.

— Foi bom entre nós, não foi, Sebastian? — a voz dela era bajuladora, tentando ser sedutora. — Eu o fiz se sentir bem. Você se lembra do que posso fazer com minha boca, não é?

— Allie... Deus, pare. Não faremos isso. — ele se moveu, então não estava mais tão perto dela, afastando-se sutilmente.

— Eu não farei isso. Você deveria ir. — ela riu.

— Eu não estou pedindo para você sair comigo, apenas estou procurando diversão. O que é sua especialidade, certo? Uma diversão rápida e fácil? Isso é tudo o que estou procurando.

— Allie, você não está me ouvindo...

Ela fica de joelhos, as mãos dela em seu zíper.

— Ah, qual é, Sebastian. Você sabe que quer isso. Sabe quão bem eu posso chupar seu pau, não é? Posso chupar seu pau e fazer durar por horas, Sebastian. — ela estava acariciando o pau sobre a cueca dele, preparando-se para tirá-lo e chupar.

— Isso é bom, não é? Você está tão duro. Eu posso consertar isso para você, bebe.

Senti-me traída. Estúpido, mas não poderia deixar de sentir assim. Sebastian não me devia nada. Não era nada meu. Mas lá estava ele, vivo, real e inegável, preso como uma tonelada de tijolos em cima da ferida ainda crua da traição de Michael. Eu não podia lidar com isso também.

Virei-me para sair e o pé bateu em alguma coisa que fez barulho, então ouvi a voz de Sebastian gritando meu nome, mas não parei para ouvi-lo. Não fazia sentido.

Corri desordenadamente pela cozinha, para o outro lado do bar, ignorando a expressão curiosa de Zane.

Lá fora estava chovendo novamente, não uma chuva torrencial, mas uma chuva constante. Suficiente para me molhar nos poucos passos que dei na rua, antes de sentir uma mão agarrar o meu ombro.

Não foi uma jogada inteligente. Não pude evitar a reação mesmo que quisesse e não queria. Agarrei seu pulso, colocando meu ombro na sua axila e usando o ímpeto e baixa estatura para o impulsionar sobre meu corpo com uma força brutal. Ele caiu de costas, na rua, ofegante e piscando para mim.

— Nunca coloque suas mãos em mim assim, idiota. Nunca. Pensei que você já tivesse aprendido isso, mas acho que não. — eu me afastei dele e comecei a descer a rua.

Ele ainda estava ofegante, mas conseguiu se levantar, hesitantemente e dolorosamente.

— Espere. — ele tossiu, respirando fundo e tentando novamente. — Dru, por favor. Por favor espere.

— Por que? A sua ex está esperando para uma rapidinha. Por que você me quer?

Ele tropeçou na minha frente, levantando suas mãos, mas não me tocou. Notei que sua calça jeans ainda estava aberta.

— Não deixei aquela vadia desesperada me tocar, Dru. Chutei a bunda dela na calçada antes de saber que você viu

alguma coisa. No segundo que ela tentou colocar a mão no meu pau, eu a impedi. Disse-lhe para ir embora e não fui gentil. Não é uma ex, ok? É apenas uma garota com quem transei uma vez e que estava farejando, esperando por mais.

— E isso deve me tranquilizar? — cruzei meus braços sobre o peito e olhei para seu zíper.

Ele olhou para baixo, percebeu que ainda estava aberto e abotoou seu jeans.

— Não, apenas...

— Por que isso é tudo o que serei também, certo? Uma cadela desesperada na esperança de receber algo de Sebastian, o todo-poderoso?

— Isso não foi o que quis dizer. — ele pareceu um pouco irritado.

E eu sabia que não estava sendo racional. Ele não me devia nada. Não tinha o direito de tratá-lo desta forma. E se quisesse transar com outra pessoa podia, não havia nada que pudesse dizer. E se quisesse deixar uma garota chupar seu pau no beco atrás do bar dele, tinha todo o direito e não me devia explicações.

Honestamente, o fato de me sentir como se ele me devesse algo, de querer isso dele, me incomodou. Não deveria querer isso.

Naquele momento, vi Zane colocar a cabeça para fora da porta do bar.

— Ei, Bast. Preciso de ajuda, irmão. Está ficando um pouco louco aqui.

Sebastian rosnou em frustração.

— Preciso ir. Mas por favor, não vá embora. Eu não a toquei, não a deixei me tocar. Ela não significa nada para mim Dru, e essa é a verdade, quer você acredite ou não. Normalmente não dou explicação a ninguém, mas por alguma razão a ideia de deixá-la ir sem... não sei. Não sei. Apenas...

— SEBASTIAN! — a voz de Zane era poderosa e irritada, agora. — Tenho clientes irritados, cara. Vamos. Isso pode ser resolvido mais tarde.

— Vá, Sebastian. — eu disse. — Seu irmão precisa de você.

Ele rosnou novamente.

— Não vá embora. Isto ainda não acabou, querida. Não mesmo.

E então ele foi correndo para o bar, fiquei sozinha na rua, na chuva, sem a menor ideia do que pensar ou sentir, muito menos do que fazer em seguida. Então voltei para o veleiro. Senti-me diferente, solta, à deriva, sem nada para fazer.

Não queria ir embora. Queria ficar com Sebastian. Eu o queria totalmente. Era uma tolice, provavelmente. Apenas acabaria sendo ferida, como nunca, tendo que rastejar para meu pai em Seattle e tentar reconstruir as ruínas da minha vida de merda. Ficar era um risco. E para que? Alguns

minutos para me sentir bem nos braços fortes de Sebastian Badd?

Claro que sim. Exatamente por isso. Porque aqueles poucos minutos prometiam ser... merda, melhor que qualquer coisa que já experimentei. Apenas sabia que isso era o que faria. Mudança de vida e sexo de abalar a terra. Droga, queria isso. Queria muito.

Mas estava realmente disposta a arriscar a ficar ligada a Sebastian por causa do sexo incrível, apenas para que me deixasse uma vez que tivesse se cansado de mim? Porque se o que tive com Michael não foi bom o suficiente para que fosse fiel, quais eram as chances de um homem como Sebastian me achar satisfatória? Quer dizer, ele era um Deus. Além de lindo, duro, áspero, dominante, hábil no sexo, tinha seu próprio bar, mulheres tão desesperadas por uma segunda vez com o pau dele, no qual estavam dispostas a fazer qualquer coisa para conquistar isso, até mesmo o encurralar no beco por uma chance de ter mais uma vez com ele. E aqui estava eu, que nem conseguiu fazer um chato como Michael permanecer fiel.

Sim, boa sorte. Mas algo dentro de mim insistia em lhe dar uma chance. Porque seria muito bom. O risco valeria a pena.

Tentei tirar isso da minha mente por um momento.

Li posts de colunas sociais no meu celular, verifiquei os aplicativos de notícias, e li mais. Cansei-me novamente, mesmo tendo dormido a maior parte do dia.

Acordei com uma penumbra cinzenta nas janelas. Meu celular estava morto, então não tinha ideia de que horas eram, mas provavelmente eram sete ou oito da manhã.

E meu primeiro pensamento foi Sebastian.

Eu o queria. Sabia que provavelmente acabaria mal, mas uma atitude impulsiva, louca dentro de mim dizia para ir atrás dele. Que não podia deixar Michael arruinar minha vida ou obrigar-me a construir paredes ainda maiores do que as que já tinha. Não podia deixar a traição de Michael me transformar em uma covarde, em alguém com medo de correr atrás do que queria. E queria Sebastian. Não tinha ideia de como seria, como acabaria, como aconteceria ou se meu coração iria sobreviver à experiência, mas estava disposta a arriscar. Precisava saber.

Porra.

Empurrei a porta da cabine, abrindo-a e corri pelo aguaceiro até o outro lado da rua. Abri a porta do bar, mas estava vazio. As luzes estavam todas apagadas e a porta que dava para a escada do apartamento estava aberta, então percebi que ele deveria estar lá em cima, provavelmente dormindo, já que ainda era cedo.

Encontrei Zane no sofá com um olhar sonolento, mas assistindo ao noticiário na TV. Ele piscou para mim e então apontou com o polegar para o corredor.

— O quarto dele é o do final do corredor.

A porta de Sebastian estava fechada, mas não trancada, então entrei. No quarto havia uma cama king size com uma

cabeceira de metal simples e criado-mudo. Havia lençóis de flanela desarrumados e um grosso cobertor de lã. Uma cômoda com seis gavetas, uma delas aberta com uma camiseta pendurada metade para fora, um prato na parte superior contendo algumas coisas, uma caixa de ferramentas Leatherman e um relógio de prata velho. Cuecas no chão e um jeans. Um velho e surrado violão Taylor de pé num canto e com uma presilha nas cordas. Um par de botas Timberland, bem desgastadas. Um casaco de lã verde pendurado na porta do armário aberta, parecendo que foi pendurado desde o final do inverno passado. Nada nas paredes, sem despertador, sem fio de telefone ou rádio, sem eletrônicos de qualquer tipo, isso era um fato. A única coisa sobre a mesa de cabeceira ao lado da cama eram uma garrafa de água e uma pequena foto preta e branca emoldurada, com uma mulher, que assumi ser a mãe dele, ao lado de um homem, que achei ser o pai.

Porém, sem Sebastian.

A porta do banheiro estava entreaberta e olhei lá, tendo um vislumbre no espelho de Sebastian de pé.

Pernas bem afastadas, cabeça e ombros largos, ofegante. Jeans ao redor de suas coxas e uma bunda firme, musculosa com um pouquinho de pelos. Uma de suas mãos estava apoiada na parede à sua frente, o braço esticado para aguentar o peso dele e o outro na frente de seu corpo. Ele estava rígido, sua bunda flexionando. O braço se movendo lentamente para frente e para trás.

— Porra... — ele gemeu, sua voz baixa e rosnando.

Foi inesperado. Pulei enquanto Sebastian gemia, pega espionando. Vendo-o se masturbar.

— Dru... porra. — ele falou.

Ele estava se masturbando pensando em mim? Meu coração estava acelerado, o estômago apertou, minhas mãos tremiam e o clitóris pulsava.

Eu não conseguia desviar o olhar. Absolutamente não podia.

Movi-me um pouco, ajustando o ângulo e agora ao invés de ver apenas as costas, podia ver mais do seu perfil no espelho. O punho dele escorregando para cima e para baixo no pau enorme e duro. E quero dizer ENORME e DURO.

Observava enquanto ele se acariciava e senti um calor me percorrer, senti a umidade escorrer em minha calcinha. Sebastian não se apressou, apenas acariciou-se devagar e calmamente, tomando seu tempo. Depois de uns minutos de carícias lentas, o quadril começou a se mover, sua respiração ficou irregular e o punho começou a se mover mais rápido.

Ele não me viu, seus olhos estavam fechados, sua mandíbula flexionada enquanto o punho ficava cada vez mais rápido.

E então ele parou. Com os olhos se abrindo, estendeu a mão e adicionou mais um punhado de loção, espalhando-a em seu pau e recomeçando as carícias, de início lentamente e rapidamente voltando à velocidade.

— Dru... Deus, Dru...

Meu coração batia mais rápido cada vez que ele dizia meu nome e minha boceta pulsou de tesão ao ver sua mão deslizar para cima e para baixo em seu pau enorme, duro. Imaginei minha mão nele, acariciando-o... precisaria de ambas as mãos e provavelmente apenas caberia um pouco na minha boca.

Mas então ele olhou no espelho e me viu.

— Vê algo que gosta, Dru? — ele perguntou, sua voz em um rosnado baixo.

— Sim. — eu me ouvi dizer. — Não pare.

Ele retomou a carícia no seu pau, mas não afastou os olhos dos meus através do espelho.

— Venha aqui.

Abri a porta o suficiente para entrar e então a fechei atrás de mim. Sebastian usou a mão livre para empurrar de lado a cortina do chuveiro.

— Sente-se.

Sentei-me na beirada da banheira, tremendo, centímetros longe dele. Centímetros longe do seu pau grosso. Eu o encarei, tentando parecer mais ousada do que me sentia.

— Por que está aqui, Dru? — ele perguntou, o punho nunca parando, ainda passando lentamente ao longo de seu pau.

— Eu... quero esquecer, Sebastian. Apenas... quero esquecer. Como você disse. Sentir-me bem por um tempo.

— Vai enlouquecer outra vez?

Encolhi os ombros.

— Provavelmente.

Ele sorriu.

— É justo. — olhando para baixo, nós dois o assistimos se acariciando. — Você quer ver?

— Nunca vi antes. Nunca vi ninguém fazer isso. Nunca observei ninguém. —eu lambi os lábios, olhando para o pau dele. — Continue.

Então ele o fez.

O punho dele deslizou para cima e para baixo, lentamente, calmamente, a loção facilitando cada movimento. Então começou a empurrar, indo mais rápido e sua mandíbula flexionou, os músculos tensos e o punho castigando seu pau.

Eu estava dolorida.

Minhas mãos, fechadas no colo, morrendo de vontade de tocá-lo.

Seus olhos se fecharam momentaneamente, então se fixaram nos meus.

— Toque-me, Dru. Ajude-me a gozar. É culpa sua que eu esteja assim tão duro.

Estendi a mão, meus dedos hesitando em uma faixa de pelos em seu pau e depois fechei minha mão ao redor dele. Deus, tão grosso, tão suave, ainda assim tão duro. Eu levei

minha mão até a cabeça e toda a extensão para baixo, o punho escorregando sobre a loção. Ambos tínhamos uma mão no pau dele, a dele embaixo da minha. Nós o acariciamos juntos, cada vez mais rápido.

— Caralho Dru, sua mão é tão gostosa em meu pau.

— Seu pau é incrível, Sebastian. — eu sorri para ele. — Acho que estava certa na outra noite, hein?

— Acho que sim. — ele respondeu e seus quadris começaram a impulsionar.

Eu movimentei minha mão mais rapidamente e a mão dele se afastou, então era apenas a minha. Firmei sua bunda com minha outra mão e estabeleci um ritmo rápido no seu pau latejante. Mais forte, mais rápido.

Deus, quanto tempo ele podia aguentar? Sebastian começou a gemer, sob sua respiração. Olhou para mim.

— Vou gozar, Dru.

Seu lindo pau empurrou minha mão e os olhos ficaram fixos nos meus, os abdominais tensos e flexionados. Assisti, absorta, minha pequena mão pálida alizar e massagear sua pele bronzeada, então ele congelou, com os quadris impulsionando para frente.

— Porra... porra, vou gozar, Dru. Olhe para mim enquanto gozo.

Eu me inclinei para longe do corpo dele, a palma da mão em concha sob a ponta do seu pau e continuei acariciando. Sebastian rosnou, os quadris moveram-se mais uma vez, e

então gozou com um rosnado baixo. Seu pau pulsou na minha mão e a porra jorrou dele, transbordando e caindo no chão do banheiro. Então ele rosnou, se empurrou na minha mão e gozou novamente, enchendo e derramando, novamente e novamente, continuei acariciando-o até que finalmente parou de rosnar e gemer enquanto fodia minha mão.

— Jesus, você gozou muitas vezes. — eu disse, maravilhada com a quantidade inacreditável de porra na minha mão, escorrendo entre meus dedos, cobrindo a minha mão com uma porra quente e branca.

— Você não tem ideia. — ele rosnou. — Lave as mãos e tire suas roupas.

Eu tremia com a potência feroz da voz dele.

— Você é sempre mandão?

Ele rosnou para mim novamente.

— Você estava com a mão no meu pau, Dru. Preciso comer sua boceta doce até que você goze na minha língua, então quando eu estiver duro novamente, foderei você de várias maneiras. Então se não fizer o que estou dizendo, farei por você.

Olhei para ele, o tesão queimando em seus olhos castanhos, o peito arfando, o pau pendendo. Sebastian tirou o jeans, cueca e camisa, jogando-os no chão e ficou nu na minha frente. E caramba, o homem malhava. Abdominais musculosos, peitorais esculpidos, bíceps tatuados incrivelmente dos ombros até o pulso. E seu pau, mesmo mole, apenas momentaneamente, ao que tudo indicava, era

impressionante. Totalmente ereto era enorme, maior e mais grosso que qualquer pau em minha experiência, perfeitamente reto e lindo... e tão grande que poderia me rasgar, eu tinha certeza.

Eu tremia apenas de pensar.

E aparentemente não me movi rápido o suficiente para ele, porque Sebastian agarrou meu pulso, abriu a torneira, limpando a porra dele da minha mão, secou com uma toalha e então abriu a porta do banheiro, me levando para seu quarto. Fechou a porta com um chute, em seguida, me virou para me encarar com a mão na fechadura.

— Você quer ir embora? Agora é a hora, doçura. Trancarei a porta e não a deixarei sair até que implore por misericórdia.

Eu levantei meu queixo.

— Não quero ir embora.

Eu não queria, realmente não. Mas o olhar dele era selvagem. Comecei a me perguntar se minha ideia de ter alguns orgasmos com esse homem e depois voltar para Seattle inabalada talvez fosse um pouco irrealista. Ele estava voraz, como se estivesse a segundos de pular em mim e me devorar. Nunca fui devorada antes. Merda, nunca sequer recebi um olhar assim antes.

Ele agarrou meu casaco, puxou o capuz e depois o tirou, colocando de lado. Tirou minha camiseta e depois o sutiã. Impiedosamente, de forma eficiente. Então tirou meu jeans e

o deixou junto com minha calcinha. Todo o processo levou menos de trinta segundos.

Ele envolveu as mãos na minha cintura e por um momento foi suave, me encarando com aqueles grandes olhos de urso castanhos, carinhoso e agradecido. Durou enquanto olhava nos meus olhos e seu olhar desviou para baixo, observando meus seios, minha barriga, minha boceta...

Seu aperto sobre minha cintura era firme.

— Nenhum som, Dru. Sim?

Concordei e foi quando soube que meu mundo acabou.

Ele me levantou pela cintura e me jogou em sua cama, um movimento casual e fácil que me mandou para o colchão quicando uma vez, então me pegou em seus braços e foi para cima de mim, pele pressionada contra pele, a boca no meu pescoço, lábios beijando e chupando, dentes mordendo e língua lambendo.

Movendo-se até meus seios, os apertou, chupando um mamilo rígido, sensível em sua boca e depois o mordeu, provocando um gemido em mim. Não tive tempo nem para processar como cheguei à sua cama e ele estava tocando meus mamilos e apertando-os apenas um pouco mais, então moveu sua boca para baixo, em direção à minha barriga, passando sua língua no umbigo de forma que lutei contra a vontade de gemer. Então se afastou mim, saindo da cama. Passou as mãos em meus tornozelos, me arrastou para a beirada, separou minhas pernas e mergulhou.

— Jesus, Sebastian, devagar! — eu falei assustada.

— Não. — ele rosnou a resposta.

— Mas eu... Porra. Porra. Ah porra. — um choque de êxtase total foi arrancado de mim, alongando cada consoante, cada vogal, cada sílaba, com ele lambendo ao redor do meu clitóris, sacudindo loucamente a língua, seus lábios criando uma sucção e depois enfiando dois dedos na minha boceta. Não pude evitar o suspiro que saiu dos lábios quando me penetrou e depois os girou dentro de mim para encontrar o ponto G, como se tivesse algum tipo de radar ou varinha de condão para apertar este ponto dentro de mim.

Duas chupadas, dois dedos e gozei.

Eu me contorci na cama, mordendo o lábio para manter o silêncio e então Sebastian rolou a língua ao redor do meu clitóris e me perdi, me contraindo sob ele, gozando rapidamente.

— Deus, Dru, você goza tão fácil. — Sebastian respirou, sua voz contra minha boceta. — Goze mais uma vez. Deixe-me sentir essa boceta me espremer outra vez.

Acrescentando um terceiro dedo e sua boca voltando para minha boceta, envolveu meu clitóris e nunca na minha vida gozei mais do que uma vez transando, nem mesmo quando me masturbava e muito menos antes da penetração sequer acontecer, mesmo assim me encontrava prestes a gozar novamente.

— Belisque seus mamilos. Faça-os doerem.

Precisava obedecer. Não podia explicar o efeito que seus comandos tinham sobre mim. Eu não era uma garota que

obedecia facilmente, mas o jeito como Sebastian rosnou suas ordens atingiu algum instinto meu e me fez obedecer automaticamente. Fez-me “querer”, não, “precisar” obedecer-lhe.

Apertei os dois mamilos, girando os bicos retos entre os indicadores e polegares até chegar à sensação de calor e dor.

— Mais forte. — ele rosnou. — Eu disse para fazer com que doa.

Então belisquei os mamilos ainda mais forte, o suficiente para que um gemido saísse dos meus lábios, mas a dor transformou-se instantaneamente em algo mais enquanto os dedos grossos moviam-se dentro e fora de mim e sua língua e lábios tocavam meu clitóris e a fenda.

E então senti uma dor forte no vão onde a boceta encontrava a coxa e meus olhos abriram para ver Sebastian voltando para lamber meu clitóris. Inclinando-me, puxei a pele e vi que ele deixou uma marca grande e escura lá.

— Você... deu um chupão. — disse entre pequenos suspiros de prazer. — Na minha boceta?

Ele me olhou e seu sorriso não era doce, gentil ou afetuoso, mas selvagem e feroz. Inclinando-se mais contra minha boceta, puxou minha coxa para o lado e apertou os lábios no mesmo ponto, porém no lado oposto e senti o aperto dos dentes e a sucção da língua e lábios em um ferrão forte. Então se afastou, deixando outro chupão.

— Minha. — seu tom não tolerava nenhum desacordo e as mãos no meu corpo não deixaram espaço para argumento.

Dele? Porra, não havia como sobreviver a isso.

Mas então meus pensamentos foram dissolvidos quando ele voltou a extrair outro orgasmo de mim. Não levaria muito tempo.

Senti-me ferver e desta vez não precisei de seu comando para meus dedos encontrarem os mamilos e os apertar forte, então o calor e a tensão foram pulsando através de mim, passando pelo meu corpo e já via estrelas, vendo tudo escuro, turvando toda a visão, enquanto arqueava na cama. As mãos dele sob minha bunda, levantando-me da cama, me segurando contra sua boca enquanto lambia e chupava meu orgasmo, logo me colocando para baixo e sua língua continuou, molhada, quente, insistente e faminta, descendo pela minha boceta para lamber o orgasmo.

Depois que me limpou, finalmente moveu meu corpo na cama, em direção aos travesseiros, segurando-me mais uma vez como se não pesasse nada, como se fosse dele para fazer o que quisesse.

E eu era, não era? Me coloquei em suas mãos, o deixei fechar a porta e agora estava nua, após dois orgasmos intensos e nem remotamente saciada.

Esperava que Sebastian não quisesse que eu retribuísse o favor chupando seu pau, mas em vez disso, descansou contra os travesseiros de lado, me puxando para ele e me envolvendo nos braços. Ambos os braços me rodeando como correntes de aço, me esmagando contra seu corpo. Cheirando e apertando, senti o calor e a suavidade de sua pele...

E então ele acariciou meu rosto, inclinou minha boca em direção à sua e me beijou.

Lentamente.

Profundamente.

Completamente.

Sebastian me fodeu com a boca da forma íntima e delirante como foderia minha boceta. Eu gemia, como não gemer? A língua dele estava saqueando minha boca, duelando com minha língua e dentes. Pensando bem, estava segura e aquecida em seus braços poderosos. Ele colocou uma mão na minha bochecha, os dedos acariciando minha orelha e o polegar sob meu queixo, direcionando o beijo e o outro braço estava sob a cavidade onde meu quadril encontrava a cintura, a mão dele estava espalhada em toda minha bunda, dedos firmes na pele, apertando, amassando, explorando a vastidão e a curva de cada nádega, uma de cada vez. E Deus, porque esse simples toque era tão erótico? Tudo o que ele fazia era acariciar minha bunda, mas as emoções me percorriam, fazendo com que impulsionasse os quadris contra seu corpo, forçando minhas coxas a se abrirem e aceitarem a sua perna entre elas, numa desculpa pobre do que realmente queria, o pau dele duro dentro de mim.

Mas ele não estava com pressa.

Ele me beijou com talento e paixão, apertando meu rosto e explorando minha bunda ao mesmo tempo. Quanto tempo nós ficamos deitados na cama, um no outro, apenas beijando? Não tinha ideia. Para sempre. O dia todo. Toda

noite. Talvez apenas alguns minutos. Não era tempo suficiente, com certeza. Seu beijo era inebriante, seu toque era como fogo na minha pele.

E então senti a grossura do seu pau contra o quadril e barriga. Movi minha mão para o rosto dele, acariciando sua barba áspera e colocando tudo de mim no beijo, retribuindo, provando sua língua, chupando sua respiração nos meus pulmões. Eu precisava. Não podia deixar. Você não recebe um beijo assim e não o devolve. Isso a deixa delirante e selvagem. Senti um tumulto dentro de mim, uma louca corrida de emoções que não ousei examinar, então guardei profundamente e foquei no gosto dos lábios e a sensação de sua barba sob a palma da minha mão, então movi minha outra mão entre nossos corpos e encontrei o pau dele.

Ele murmurou algo entre os dentes enquanto o acariciava, o sentindo endurecer na minha mão.

— Seu toque é como mágica, Dru. Não sei o que você faz comigo, mas apenas a sua mão no meu pau me enlouquece.

— Foda-me, Sebastian. — sussurrei contra seus lábios. — Preciso muito do seu pau dentro de mim.



8

Sebastian

Merda, a voz dela quando implorou pelo meu pau? Os olhos dela? Estava tremendo, estremecendo, suas coxas tremiam na minha perna. Sempre fui abençoado, meu sistema é imune a encantos, tenho um pau grande, mas algo sobre Dru me deixava duro como aço mais rápido do que nunca e agora ela estava me implorando por isso?

— Sim? — eu me afastei dela, abri a gaveta da mesa de cabeceira e arranquei um preservativo do pacote. — Quanto?

Dru arrancou o preservativo de mim, empurrou-me de costas e abriu o pacote. Ela brincou com ele por um segundo, descobrindo para que lado rolar, depois agarrou meu pau pela base e rolou o preservativo sobre mim num movimento de mão, o que me fez sufocar um gemido.

— Estou louca por isto, Sebastian. Por favor. — disse ela enquanto colocava sua coxa sobre meus quadris e sentava montada em mim. — Você prometeu que me faria esquecer. Então, estou implorando, por favor, apague tudo.

Ela apoiou as mãos no meu peito e seu cabelo castanho avermelhado solto cobriu meu rosto e ombros, seu peso era uma promessa excitante do que estava prestes a acontecer. Aproximei-nos, agarrei o pau com uma mão e toquei sua abertura com a outra. Guiei a cabeça para sua fenda.

Empurrei um pouco, mas não completamente dentro, então a cabeça foi abrindo sua boceta, mas não estava exatamente dentro dela. Afastei, segurei seu quadril para impedi-la de descer sobre mim antes de estar pronta. Ela inclinou-se para frente, as pontas dos seios roçando meu peito, os olhos dela eram de um azul selvagem mais quente. Precisava entrar nela tanto quanto ela precisava de mim dentro, mas queria saborear isto. Gravar na memória. Queimar dentro dela.

— Assim? — provoquei.

— Não. — ela murmurou. — Mais fundo.

Soltei seus quadris. Apalpei seus seios e inclinei para morder o lábio inferior, puxei-o e soltei. Os olhos dela abriram quando belisquei os mamilos, depois, ficou com as pálpebras pesadas enquanto flexionei meu quadril para levar meu pau um pouco mais fundo.

— Sim. — ela gemeu. — Assim. Mais fundo.

Segurei os quadris dela novamente e guiei-a para se mover para cima e para baixo com pouca profundidade na ponta do meu pau. Provocando a ambos. Deixando-me absolutamente louco com isto. Podia senti-la, sentir sua doce boceta ao redor do meu pau e não era o suficiente, precisava ir mais fundo, enchê-la, reivindicar sua boceta como minha, precisava bater fundo e sentir suas coxas tremerem ao redor enquanto gozasse.

Ela estava tremendo, ofegante, precisando se mover contra mim.

— Por favor, Sebastian. Por favor. — agora ela estava desesperada.

Eu também estava. Terminei com este jogo cruel que estava jogando. Soltei seus quadris.

— Mostre-me quão fundo você me quer, Dru.

— Oh caralho, finalmente. — ela pressionou sua testa à minha e manteve os olhos em mim, hesitando um segundo, os quadris se contorcendo impotentes e depois afundou-se em meu pau. Lentamente, deliberadamente, os olhos dela foram ampliando enquanto entrava em sua boceta molhada.

— Jesus Cristo, Sebastian. Eu não posso... Oh Deus, não posso tomá-lo mais.

— Sim, você pode. — rosnei. — Lento. Recue. Bem devagar.

— Estou tentando, mas você é tão enorme, eu simplesmente... — os olhos dela estavam arregalados, cintilantes e reluzentes com um tremor delirante e um pouco de dor quando a esticava além do que esperava. Ela ergueu os quadris para me tirar, pairou ali por um momento, recuperando o fôlego e depois afundou novamente, levando-me mais fundo.

—Deus, Sebastian. Tão... Porra, bom.

Eu não conseguia respirar. Verdade, estava sem fôlego, tremendo todo. Estar dentro de Dru... apagou cada momento de antes. Era... perfeito. Sequer estava todo dentro, estava lutando contra o desejo de fixá-la à cama e fodê-la como uma

fera selvagem. Igualmente, precisava apenas segurá-la assim, aceitar a ondulação dos seus quadris exuberantes e deixá-la montar até o orgasmo e apenas mergulhar em sua beleza incrível, apenas beber os ângulos de seu rosto, o grosso cabelo ruivo solto sobre os ombros, a forma como os seios pesados tremiam quando se abaixava sobre mim. Apenas queria sentir isto, afogar-me na sensação de estar dentro desta mulher.

Não queria que acabasse.

Queria saborear cada segundo.

Dru ofegou enquanto escorregava pelo meu pau novamente, seus dedos cravando em meu peito, unhas fortes e afiadas perfurando-me para me agarrar. A dor apenas me lembrou que isto era real, que estava realmente ali com ela, sentindo isto, enchendo-a, abrindo-a. Não era um sonho, não era minha imaginação. Era melhor do que fantasiei enquanto me masturbava. Infinitamente melhor. Seu corpo era tão glorioso, porra, não me atrevi a piscar, porque não queria perder um único segundo do jeito que ela olhava para mim.

Antes mesmo dela tomar metade do meu tamanho, recuou novamente até que apenas a ponta ficou dentro dela, hesitou, como se preparasse para me sentir enchê-la novamente. Senti os batimentos cardíacos acelerarem enquanto ela pairava ali, esperando, deixando-me louco por não saber quando desceria novamente em mim, quão fundo ou quão lentamente. Levou tudo que eu tinha para ficar

quieto, para deixá-la se acostumar em seu próprio tempo, em sua própria maneira.

Dru respirou fundo, cravou as suas unhas na minha pele, ainda mais fundo, quase quebrando-as e então, lentamente desceu. E Deus, porra, ela estava tão apertada que senti cada milímetro enquanto empurrava para dentro, sentia sua boceta apertando-me, segurando-me, molhada, escorregadia e quente, era... parecido como estar em casa, penetrando para dentro dela. Enchendo-a.

Dru tomou quase tudo de mim, respirando sem fôlego enquanto se retirava novamente, hesitou, testa com testa, respirando com dificuldade. Em seguida, no mesmo movimento agonizante e lento, molhado, torturante, empalou-se novamente. Gemendo o tempo todo, sua voz baixa, rouca e primitiva, como uma leoa. Praticamente fora saindo e pairando por cima, em seguida, afundando, movendo os quadris, rolando para foder alguns centímetros do meu pau na sua boceta. Ela estava me provocando e provocando a si mesma, de sua garganta saiu um gemido baixinho num som tão excitante, erótico que fez minhas bolas ficarem apertadas, fez o meu pau latejar, fez-me apertar os dedos em sua bunda, segurando-a.

Deus, eu precisava mover-me, precisava empurrar. Precisava foder. Mas não podia. Não. Não até que ela estivesse pronta.

Sem aviso, ela bateu sua bunda sobre mim, tomou todo o pau num único impulso duro e esmagador, apertando a

boca contra meu ombro e mordendo para abafar o gemido. Rosnei com a dor ardente dos seus dentes na minha carne e o repentino ataque vertiginoso do êxtase quando senti sua boceta engolir meu pau, enchendo a sua boceta apertada tão completamente, que não poderia ficar quieto por causa da felicidade crua e inebriante pela forma como a sentia.

— Porra. — respirei, meus lábios beijando sua orelha. — Dru, você parece como... Jesus, eu não sabia que poderia me sentir assim.

Dru estava soluçando, ofegante, sua bunda encostada contra meus quadris, a sua boceta me apertando, como se ela já estivesse tendo um orgasmo.

— É demais, Sebastian. Porra.

— Olhe para mim, Dru. — rosnei. O olhar dela encontrou o meu e a umidade em seus olhos azuis os deixou mais azuis. — Essas lágrimas são boas, querida?

Seus dedos arranhavam a carne do meu peito, o cabelo solto e selvagem ao redor dos nossos rostos, seus joelhos apertando meu quadril enquanto me montava, ela só conseguia acenar no começo, mordendo o lábio inferior. Então falou, com os dentes apertados.

— Sim. São boas.

— Pode me tomar agora? — perguntei.

Ela assentiu com a cabeça mais uma vez, com a respiração ofegante e trêmula quando começou a rolar seus

quadris e depois enterrou o rosto na curva da minha garganta.

Eu enrolei seu cabelo grosso e ruivo ao redor do meu punho e levantei o rosto dela para que fosse forçada a olhar para mim.

— Preciso de sua voz, Dru. Preciso me mover. Você pode tomar tudo de mim agora? Diga.

Ela inalou irregularmente.

— Sim, Sebastian. Dê-me tudo o que você tem. Dê-me tudo.

Eu a apertei contra mim e rolei para deitá-la na cama.

— Não feche seus olhos. Não perca um segundo disto, Dru.

— Eu não irei.

Empurrei o quadril com mais força contra ela, empurrei o pau tão fundo quanto podia ir. Então lentamente, saí e Dru gemeu como se lamentasse minha falta dentro dela. Suavemente, a penetrei de novo. Meus braços estavam apoiados em ambos os lados de seu rosto, suas coxas ao redor do meu quadril, pés plantados no colchão perto dos joelhos. As mãos dela estavam apertando meus ombros e quando empurrei, suas unhas se transformaram em garras novamente e Dru ofegou quando a enchi. Novamente e todas as vezes que entrava nela, me arranhava, e eu adorava o desespero e a forma como se agarrava a mim, a ferocidade dos seus dedos e a respiração erótica e ofegante de sua voz.

Mas ainda estava devagar. Entrando aos poucos. Apenas começando. Não querendo dominá-la ou assustá-la com todo meu poder.

Mas Dru percebeu isso. Passou as mãos no meu cabelo e desceu as minhas costas para apertar minha bunda. As palmas das mãos alisando minhas nádegas e então passou as pontas dos dedos movendo os quadris contra os meus, cravando os dedos ásperos e ferozes na minha bunda e me puxando contra ela para aprofundar o impulso.

— Mais Sebastian. Eu disse que posso tomar. Dê para mim. — ela ergueu o seu rosto para o meu, beijou o canto da minha boca, provocando-me com um beijo e depois mordeu a minha orelha. — Pegarei tudo o que você tem e implorarei por mais.

Recuei e comecei a me mover mais intensamente, olhando para ela.

— Eu gosto quando você implora, doçura.

Ela sorriu satisfeita e divertida.

— Sim?

— Sim.

Puxou-me contra ela com uma mão na minha bunda e envolveu a outra mão por trás do meu pescoço, puxando a minha orelha para os lábios.

— Foda-me, Sebastian. Por favor... por favor foda-me. — ela sussurrou no meu ouvido, contorcendo sua doce boceta apertada e molhada ao redor do pau latejante, dolorido. —

Preciso que você me foda tão forte que não consiga respirar. Foda-me sem sentido.

Inclinei para trás, coloquei os joelhos debaixo de mim, levantei suas pernas e empurrei-as contra seu abdômen, esticando-a, abrindo-a, deixando-me entrar mais fundo. Fui para mais perto dela, assentei o pau tão fundo quanto pude ir. Retirei, voltei a entrar. Lento no início, testando sua profundidade. Ela gemeu enquanto empurrava profundamente, entrelaçou os dedos no meu cabelo e arqueou a coluna para fora da cama.

— Sim, bem assim. — ela gemeu.

Eu entrei com mais força, então lentamente soltei a fera que senti rosnando dentro de mim, furiosa para sair.

— Assim?

Ela assentiu com a cabeça, sua coluna vertebral se arqueou completamente para fora da cama, uma mão mergulhando entre as coxas, a outra foi para os mamilos.

— Sim, Sebastian, bem assim. Tão bom. Porra, tão bom. Céus, por favor não pare.

Sorri para ela, adrenalina me percorrendo enquanto percebia como insaciável estava, que Dru podia tomar tudo o que eu tinha e ainda exigir mais, tal como disse que faria.

— Apenas estou começando, baby. Preciso sentir você gozar ao redor do meu pau.

Os olhos dela ficaram vidrados por um segundo e ela congelou, depois se encheram de dor.

— Não me chame assim. Nunca me chame de baby.

Eu hesitei.

— Ok. Sinto muito.

Ela respirou fundo, fechou os olhos e apenas respirou por alguns segundos. Quando os olhos dela se abriram novamente, havia remorso neles.

— Sinto muito, Sebastian. Apenas…

Abaixei as pernas dela e envolvi o braço sob seu pescoço, movendo-me para o lado e puxando-a contra mim, agarrei sua bunda enquanto entrava profundamente. Uma mão presa no cabelo, a outra em sua bunda, as nossas pernas entrelaçadas.

— Ei, você não gosta, isso é tudo o que importa, doçura. Não precisa explicar merda nenhuma para mim, ok? — movi contra ela, lento e sinuoso. — Apenas você e eu aqui, doçura. Nada mais importa. Você me sente?

Ela se agarrou a mim, mal respirando e então assentiu com a cabeça depois de um momento.

— Eu sinto você.

— Tudo bem agora?

Os olhos dela se abriram e encontram os meus, seus dedos passaram pelo meu cabelo.

— Estou bem. Mais que bem. Sinto muito, eu simplesmente…

Eu calei-a com um beijo, empurrando a língua para dentro e para fora de sua boca imitando a ação do meu pau.

— Sem desculpas. Não quer, não precisa.

Mordi seu lábio inferior, então Dru inclinou a cabeça para trás para me dar acesso a sua garganta. Eu a beijei e mordi desde a coluna de marfim de sua garganta até os seios, depois encontrei os mamilos, lambendo, chupando e mordendo-os, até que ela ficou ofegante.

— Isto é o que eu preciso, Dru. Esses sons que você faz. — empurrei para trás novamente, inclinando-me para deixar espaço para sua mão entre os nossos corpos. Guiei seus dedos para baixo entre as pernas até o clitóris. — Vamos, doçura. Deixe-me senti-la se romper sob mim.

Ela começou timidamente, toda a ferocidade que veio com a palavra baby desapareceu. Eu a queria de volta, essa leoa feroz e implacável. Mas precisava ir devagar, precisava persuadir.

Movi-me suavemente, lentamente, superficialmente quando Dru fechou os olhos, pressionou a ponta dos dedos no clitóris e começou a circular lentamente. Curvei-me sobre ela, beijei seus seios, toquei os mamilos com a língua. Apoiei meu peso em um braço e pressionei minha palma da mão na sua mão livre, entrelacei nossos dedos. Não sei por que fiz isso, sinceramente. Senti que era certo. Senti que ela precisava no momento. Uma vez que nossas mãos se juntaram... algo mudou. Dentro de mim. Nela. Senti isso dentro de nós dois, como se a palma de sua mão à minha

abrisse alguma conexão entre nós e agora que a ligação foi criada atingiu tudo separado por nós dois. Dru ofegou, os olhos se abriram e se encontraram com os meus e a necessidade estava de volta, a fome, o furioso desespero. Os olhos dela arregalaram-se e brilharam molhados, adorei isso, vê-la perto das lágrimas com toda intensidade. Eu também sentia isso. Não podia negar o quão intenso era.

Os dedos dela, se moviam mais rápido, comecei a entrar mais fundo enquanto seu toque enlouquecia, cada vez mais rápido até os quadris dela saírem da cama e pressionar sua boceta contra mim em uma demanda silenciosa por mais. O lábio inferior dela estava preso entre os dentes, os olhos arregalados e a sua bunda se movendo, se contorceu e sua mão apertando a minha.

— Oh-oh merda, ah sim, sim, sim... — ela gemeu. — Sebastian, meu Deus, eu vou... vou gozar, Sebastian.

Eu me movi um pouco mais forte, então ela gemeu, apertou minha mão na dela tão forte que pensei que meus dedos iriam quebrar, mas adorei e devolvi a pressão igualmente forte. Senti sua boceta apertar ao redor e seu quadril ficou selvagem, batendo contra mim quando gozou, com os olhos fechados.

— Porra! Ah merda. Ah Deus, Sebastian! Céus, estou gozando tão forte que dói...

— Olhe para mim, Dru, doçura. Olhe para mim enquanto você goza.

Ela abriu os olhos, os dedos voando ao redor de seu clitóris enquanto a fodia lento e profundamente.

— Preciso que goze, Sebastian.

— Sim. — eu disse. — Irei. Prometo. Mas ainda não terminei com você.



9

Dru

Não terminou comigo? Acabei de gozar tão forte e ele ainda não acabou?

Sebastian esperou até que parei de tremer pelo meu orgasmo, ainda ofegante, ainda soluçando e então voltou para sentar-se em seus calcanhares, os tornozelos contra o colchão, levantando-me com ele por isso fiquei sentada em suas coxas. Estava fraca e instável, tremendo, então agarrei-me ao pescoço dele com os dois braços e envolvi as pernas à volta de sua cintura. Sebastian flexionou os quadris para empurrar para dentro e não pude evitar outro suspiro. Assim de repente, talvez pelo espaço de um minuto, Sebastian preguiçosamente flexionou os quadris para entrar em mim, até que comecei a me sentir gananciosa por mais, comecei a sentir a necessidade aumentando novamente.

Pressionei a minha boca ao seu ouvido.

— Mais, Sebastian. Mais.

— Graças a Deus. — ele rosnou. — Pensei que você nunca pediria.

Afastei-me para encontrar seus olhos.

— Você não parece o tipo de esperar que lhe peçam.

— Eu não sou. — ele disse, levantando-se em seus joelhos. — Mas você teve um momento. Não queria forçá-la tão rápido.

— Você é doce. — eu me segurei mais forte ao redor de sua cintura com as pernas e usei os meus braços para levantar, depois descer. — Mas já superei o momento.

— Tem certeza?

Cravei os dedos em seus ombros, ele parecia gostar disso e Deus sabia que não podia evitar, não quando seus dentes beliscavam o lado do meu pescoço e o pau dele me enchia até quase explodir.

— Totalmente.

— Porque pensei tê-la perdido por um segundo.

— Você perdeu. Mas estou de volta.

Ele segurou minha bunda e me levantou, e saindo de mim.

— Voltou a ficar selvagem?

Arranhei suas costas e afundei-me nele, sentindo-o suado e suave sob minhas unhas, mordendo seu ombro tão forte que ele rosnou de dor e os quadris bombearam quase por instinto, empurrando seu pau grosso e quente em mim tão forte que perdi o folego.

— Diga. — ofeguei, movendo-me com ele, contorcendo-me, rasgando suas costas com minhas unhas e mordendo-o tão forte quanto eu me atrevi. — Isto é selvagem o suficiente para você?

— Não. — ele rosnou. — Nem perto.

Ele me empurrou para longe dele, minha boceta latejando e dolorida com sua ausência. O pau dele bateu contra seu abdômen e o olhar era primitivo, o castanho era quase preto, o amplo peito ofegando, seu duro, esculpido abdômen flexionando a cada respiração.

Sebastian saiu da cama para ficar de pé, apenas olhando para mim e respirando forte. Fiquei ofegante, vazia, desesperada, confusa. Deitada de costas, com as pernas abertas, boceta molhada e exposta, os seios balançando ao ritmo da minha respiração.

Ele agarrou-me pelos tornozelos e me puxou para beirada da cama, forçou o seu quadril entre as minhas pernas.

— Não sou geralmente de perguntar, mas preciso de você na mesma sintonia que eu, então o farei apenas desta vez. — ele agarrou seu pau em uma mão, enterrando-se profundamente, em seguida, colocou as mãos sob a minha bunda e me levantou da cama deixando apenas a parte superior das costas no colchão, apenas me segurando ali.

— Quão duro posso fodê-la, coisinha selvagem?

Eu me contorcia em seu aperto, ondulando, segura e domínio dele sobre mim, sabendo que não me deixaria cair. Encontrei seu olhar e belisquei os meus mamilos com uma mão, apertei os calcanhares em sua bunda e toquei o meu clitóris com a outra mão.

— Tão duro quanto você quiser. — respondi. — Destrua-me.

— Destrua-me, ela diz. — Sebastian rosnou. — Tem certeza?

— Muita conversa, pouca foda.

Ele rosnou sem palavras. Apertou meu quadril até que soubesse que teria hematomas onde seus dedos cravaram na minha carne, e adorava essa ferocidade nele. Precisava senti-lo perder o controle, sentir que tinha esse poder sobre ele, que podia empurrá-lo para além dos limites e quebrá-lo, da maneira como me quebrou. Alegremente e orgulhosamente levaria os hematomas como símbolos, lembretes do que tivemos juntos.

Eu me contorci contra ele e então senti uma mudança. Senti-o inchar, tanto dentro de mim como acima de mim. Sebastian afastou-se, saiu e então bateu de volta, empurrando-me contra ele e o som dos nossos corpos juntos soou alto. Apertei os dentes em um gemido profundo que seu impulso arrancou de mim, sequer parei de gemer quando se afastou e empurrou profundamente mais uma vez, arrancando outro gemido.

Mais rápido desta vez.

Com mais força.

Cada impulso ia mais fundo, cada impulso batia mais forte.

— Caralho, você é muito gostosa, Dru. — ele murmurou. — Muito.

— Seu pau é a coisa mais incrível que já senti, Sebastian.

Ele observou como minha boceta engolia seu pau, assistindo-o a desaparecer dentro de mim.

— A forma como você me toma, merda, é como se fosse feita para o meu pau.

— Acho que... — precisei respirar enquanto ele acelerava, verdadeiramente e loucamente me fodendo agora. — Acho que eu estava... Ah meu Deus, Sebastian, sim... assim mesmo. Oh Deus, é tão gostoso, foda-me com força, com mais força!

— Jesus, mulher... — Sebastian rosnou. — Você é selvagem.

Combinei meus impulsos com os dele, toquei o clitóris enquanto ele entrava em mim.

— Somente para você... ah porra. Sim, exatamente assim. Com mais força, Sebastian. Nunca, Deus, nunca pare de me foder assim.

Perdi-me nessa altura. Eu era outra pessoa, alguma versão enlouquecida e animal de Dru, que nunca viu a luz do dia, até que Sebastian colocou as mãos sobre mim e o seu pau dentro.

Esta Dru era insaciável, poderosa. Era inteiramente eu, o melhor de mim. Verdadeiramente, profundamente eu. E ele estava trazendo-a para fora.

Ele atingiu um clímax, então seus quadris se moviam implacavelmente contra o meu, o pau batendo tão forte e rápido que perdi a noção de onde o impulso terminava e começava o próximo, tudo se reduziu a isto, as mãos de Sebastian na minha bunda batendo-me em suas estocadas, o pau dele dentro de mim, seus olhos nos meus.

Eu não conseguia ficar quieta. Não mais. Gemia, outro orgasmo me rasgando, este era mais ofuscante ainda, me deixando arqueada e contorcida nas suas garras, mas não conseguia igualar seus movimentos, acelerar a velocidade, poderia apenas gemer e sentir.

— Goze para mim, Sebastian! Deixe-me sentir. Deixe-me tê-lo.

— Deus, estou gozando. Agora mesmo. — ele disse e suas estocadas diminuíram. Então me colocou na beirada da cama curvou-se sobre mim e me empurrou, inclinando-se para perto e reclamando a minha boca enquanto gozava, gemendo contra meus lábios.

— Sim, Sebastian, porra, você é tão gostoso. Goze para mim. Continue me fodendo.

Os impulsos dele retomaram, mas sua boca nunca deixou a minha. Eu cravei as unhas nas suas costas e arrastei-as para baixo, o seu orgasmo estimulando o meu próprio, o pau vindo contra mim, a ponta tocando meu ponto

G, sua libertação dirigindo a minha própria. Sebastian rosnou e gemeu enquanto me fodia, eu senti o espasmo dentro de mim e gozei com ele, agarrando-o com mais força.

— Olhe para mim, Sebastian. — pedi. — Olhe para mim enquanto você goza.

Sebastian encontrou meu olhar com o seu, se arrastou até a cama e se ajoelhou entre as minhas coxas, abaixei o quadril para me aproximar enquanto ele se movia através de seu orgasmo, os olhos nunca deixando os meus, abrindo-se enquanto ele gozava, as sobrancelhas abaixando, a mandíbula flexionando.

— Porra, Dru... Jesus. — ofegou. — Eu não... não sabia...

Ele fodeu-me profundamente... e ficou ali, flexionando-se para entrar mais fundo, as palavras saindo em um rosnado primitivo. Eu o senti encher o preservativo, pulsando profundamente, quando terminou, empurrou novamente, enterrando o rosto nos meus seios. Segurei sua nuca e me contorci com seus movimentos.

— O que você não sabia, Sebastian? — perguntei.

— Que algo poderia me fazer sentir assim. — sua voz era abafada contra os meus seios.

— Que, porra, poderia... — ele parou, parecendo inseguro de como dizer.

— Sentir muito mais do que apenas fodendo? — acabei por ele.

Ele resmungou.

— Sim. Exatamente.

Sebastian não estava mais me olhando, eu percebi. Sai de debaixo dele, alcançando entre nós para certificar que o preservativo permanecesse nele. Sentei-me nos calcanhares e olhei para ele quando estava deitado de bruços, o rosto enterrado no seu braço.

— Ei, Sebastian.

Ele rolou de costas e jogou o antebraço na testa, com o peito ofegante e os olhos fechados.

— Sim, doçura.

— O que aconteceu com coisinha selvagem? — eu perguntei. — Gostei demais disto.

Ele sorriu.

— Dê-me alguns minutos para me recuperar e lhe mostrarei.

— Olhe para mim. — eu exigi.

Seus olhos se abriram e vi a distância neles.

— O que?

— Agora estou perdendo você. — eu disse.

— O que você quer dizer?

Deitei na cama ao lado dele, rolei do meu lado para enfrentá-lo.

— Foi intenso, sim?

Ele resmungou uma afirmativa.

— Muito intenso, sim.

— Então porque você está agindo assim?

— Assim como? — os olhos dele estavam nos meus, mas a máscara ainda estava no lugar.

— Como se fosse apenas uma foda e está esperando que eu vá embora.

— Bem, o que quer? Aconchegar?

Isso doeu. Senti meus olhos se encherem de lágrimas. Eu me afastei para longe dele, saindo da cama. Agarrei a camiseta branca do chão e a vesti, pegando todas as roupas molhadas abri a porta, parando ali.

— Algo assim, sim. — eu disse, tentando esconder a dor.

Saí tão silenciosamente quanto pude do seu quarto, na esperança de escapar de Zane. Deveria saber que era inútil. Ele estava atrás do balcão na cozinha, mexendo na geladeira. Zane se endireitou quando me viu e seu olhar passou por meu corpo, coberto com nada além da camiseta enorme de Sebastian. Então até ao meu rosto.

— Ele não é o tipo de algo assim, querida. — Zane falou com uma garrafa de cerveja nos lábios. — Lamento ser eu a dizer isto para você.

— Como você sabe? — perguntei, indo em direção ao quarto que dormi na noite anterior.

— Porque nenhum de nós é e todos aprendemos com ele.

— Bem, foda-me. — eu disse.

— Ei. — Zane disse. — Bast já fez. Isso faz com que seja uma zona proibida para o restante de nós.

Eu rosnei com irritação. Fechei a porta do quarto temporário atrás de mim, joguei as roupas molhadas no chão e deitei na cama, lutando contra as lágrimas.

O que esperava? Dele ou de mim? Sabia que não conseguiria apenas foder e não ficar emotiva sobre isso. Afinal, estava um caco emocionalmente. Fui enganada e rejeitada. Desperdicei quinze mil dólares, que nunca voltaria a ver em um casamento que nunca aconteceu. Nenhum casamento. Nenhum marido. Nenhuma lua de mel.

E agora estava em Ketchikan na merda do Alaska caída por um homem sexy e tatuado que mal conhecia, um homem que acabei de conhecer e que me fodeu, deixando-me arruinada.

Como poderia foder outro homem e não o comparar com Sebastian? Ele conseguiu um padrão impossível de vencer e então simplesmente se fechou, me afastando. Fui rejeitada novamente.

Por que? Por ter começado a dar provas de envolvimento.

Covarde de merda.

Deveria saber que isso não daria certo. Deveria conhecer-me melhor para me deixar fazer sexo com um perfeito estranho, menos de quarenta e oito horas depois do

segundo pior dia da minha vida. E deveria saber que não podia esperar nada da porra de um jogador como Sebastian, especialmente quando ele começou a sentir realmente algo mais do que uma foda. Muito mais.

Isso foi verdade. Tivemos uma conexão.

Real, poderosa, potente e inegável. E completamente diferente de qualquer coisa que já senti antes, com qualquer um. Tirei a camiseta de Sebastian, porque não conseguia lidar com seu perfume por mais tempo.

Exceto que seu perfume não estava apenas na camiseta, estava em mim. Na minha pele. No meu cabelo. Abri as pernas e puxei a pele das coxas, para olhar as marcas que ele deixou em cada lado da minha boceta. Sebastian me marcou, me reclamou. Por alguns minutos, me senti absolutamente perfeita, linda, poderosa, desejada e necessária.

E então ele apenas me jogou contra a parede.

Precisava tirar o seu cheiro de mim, então fui para o chuveiro e esfreguei a minha pele com raiva, logo saí, sequei-me e vesti outra roupa. Lá fora, a chuva diminuiu um pouco, se eu quisesse ir embora desse bar e para longe de Sebastian, agora era a hora.

Ignorei Zane completamente quando saí do quarto e desci rapidamente pela escada, com uma bolsa na mão. Ridículo, que tudo o que possuía era uma bolsa branca de mão que combinava com meu vestido de noiva, mas não importava. Tinha minha carteira e telefone, que era tudo o que realmente precisava.

Havia uma série de ganchos com casacos no fundo da escada, no interior da escada, pendurado num gancho havia uma capa de chuva verde com um capuz. Peguei-a coloquei-a sobre a minha bolsa e saí do bar.

Estava tentada a voltar para o veleiro de Sebastian, mas não estava pronta para ser encontrada ainda, assumindo que ele me procuraria.

Então... apenas caminhei.

E tentei desesperadamente me convencer a não me sentir magoada e rejeitada por Sebastian. Não funcionou, é claro, mas precisava tentar. Era melhor do que apenas chafurdar nele, certo? Eu fui tão idiota.

Era verdade e sabia. Não havia nenhum ponto em argumentar comigo mesma por causa da minha própria estupidez. Mais estúpido ainda era que eu sabia que isso aconteceria.

Duplamente burra.



10

Sebastian

Ouvi a porta do apartamento abrir e fechar e soube que Dru saiu. Quer seja para o bem ou não, não tinha certeza e tento me convencer de que não me importo.

Visto a calça jeans, deixo meu quarto e encontro Zane descansando no sofá com uma cerveja, assistindo algum filme de ação na TV a cabo.

Havia meia garrafa de Jack no armário em cima da geladeira, apesar da hora, preciso disso. Nem mesmo é meio-dia e já estou uma confusão por causa daquela mulher. Pego a garrafa, um pedaço de queijo da geladeira, uma faca e sento ao lado de Zane no sofá. Corto uma fatia grossa de queijo e coloco na minha boca.

Zane me observa abrir a tampa do uísque com uma espécie de olhar estranho. Eu tenho a garrafa nos lábios e quando ele levanta a mão rapidamente puxa a garrafa de mim derramando uísque em meu peito.

— Mas que porra é essa, cara? — pergunto.

Ele a tira de mim antes que eu possa reagir e a joga pela sala.

— Que porra você está fazendo, idiota?

— Bebendo? Porque sou um adulto e posso? — tento levantar, mas o punho do Zane bate no meu peito e me faz sentar novamente no sofá.

— Não, você não é. É um maldito idiota. O idiota mais estúpido que já conheci e isso inclui o fracasso no primeiro dia no treinamento SEAL. Você deixou a garota sair pela porta e não vai atrás dela... Deveria cortar suas bolas, pois tenho certeza que não as merece. — ele aponta para a garrafa com raiva.

— E em vez de resolver essa porra, vai se esconder no fundo de uma garrafa como covarde. Foda-se, babaca.

Levanto-me com raiva. Quem, porra, ele pensa que é?

Caminho pela sala, pego a garrafa e vou para cozinha. Planejei jogá-la fora, mas Zane deve ter interpretado minha ação como intenção de beber de qualquer maneira. Ele estava do outro lado da sala e no meu rosto em um flash.

— Eu posso chutar sua bunda, Bast, e é melhor você não se esquecer disso. — ele pega a garrafa de mim e a coloca gentilmente no balcão, depois volta para ficar a minha frente, sua voz mortalmente calma. — Papai nos criou melhor do que isso.

Deixei minha raiva aparecer, então.

— Não traga o papai para isto, seu idiota.

A porta se abre e nós dois viramos para ver quem é.

Baxter estava parado na porta com Brock atrás dele. Ambos estavam molhados da chuva e nos olhando um pouco

chocados. Zane e eu brigávamos quase tanto como Canaã e Corin, mas mostrar a verdadeira raiva um ao outro era muito raro. Normalmente apenas brigávamos, desde que Zane era tão macho como eu e me achava mais maduro e responsável, na maior parte do tempo, uma vez que eu era o mais velho, o que nos fez dar cabeçadas por praticamente tudo.

O problema com Zane geralmente, era porque foi o mais maduro e responsável de nós dois. Ele era de longe o mais sério, o que se esperava dada sua profissão. Zane viu e fez muita merda, coisas que realmente marcavam profundamente, deixando marcas permanentes em sua alma. Isso o deixou com pouco tato e nenhuma tolerância para besteiras, o que significava que ele me chamaria atenção sem poupar os meus sentimentos no processo.

Como agora.

Assim a minha raiva aumentou, mesmo sabendo que ele estava certo e isso me irritava. E me irritava ser um covarde e Dru me irritou também por ser incrível e ainda me fazer sentir um covarde. Os olhares que Brock e Baxter estavam me dando, também me irritaram, apenas porque eram meus irmãos.

Desnecessário dizer, eu estava com vários tipos diferentes de irritação.

— Que porra vocês dois estão olhando? — rosnei. Baxter, com seu um metro e oitenta estava entre mim e Zane em altura, porém mais perto de Zane em termos de massa magra. Considerando que o corpo do Zane era o de um

guerreiro, magro, musculoso e condicionado para lidar com a mais exaustiva das circunstâncias, e Baxter sendo um jogador de futebol semiprofissional, era mais amplo. Carregava nos músculos um pouco mais de gordura corporal, foi condicionado para ter poder bruto e para absorver os impactos brutais de um atacante. Seu cabelo era como a maioria de nós irmãos Badd, um profundo e rico castanho, grosso e ondulado, cortado dos lados, longo e bagunçado no topo. Os mesmos olhos castanhos escuros, como todos nós, mas os dele refletiam uma personalidade descontraída, despreocupada, festeira.

Baxter levava sua carreira de futebol intensamente a sério, e no campo Bax era absolutamente um monstro, mais rápido do que o tamanho dele e ainda forte o suficiente para derrubar os atacantes com facilidade. Eu o vi se livrar com sucesso de caras que mediam dois metros e pesavam cento e oitenta quilos. Ele apenas os removia como se não fossem nada, então decolava como um foguete para derrubar o Quarterback com uma força esmagadora de um caminhão desgovernado.

Fora do campo, Baxter não levava quase nada a sério. Era um homem de mulheres, como o jogador que era. Possuía uma maneira fácil de arrumar garotas e uma maneira mais fácil de abandoná-las. Bebia muito, treinava como um animal e geralmente exalava um ar de não dar a mínima para nada, exceto futebol, mulheres e bebida. O que era verdade... quase sempre. Ele tinha seus demônios e como todos nós, os mantinha enterrados e não se incomodava

tentando classifica-los, preferindo beber, foder e malhar para esquecer.

Baxter se aproximou de mim, com uma expressão estranha no rosto. Ele levantou as duas mãos e curvou os dedos como garras, cravando-os em meu peito e desceu alguns centímetros.

Merda, merda, merda. Esqueci isso, deveria ter colocado uma camiseta.

Ele se afastou e soltou uma risada.

— Que inferno, irmão. — ele disse, rindo sem rodeios, agora. — Você lutou com um leão da montanha ou tem uma bunda escondida aqui em algum lugar.

Outra risada e seus dedos estavam traçando o que presumi serem as marcas das unhas da Dru nas minhas costas. Pela extensão do toque, a risada dele e do restante dos meus irmãos, todos atrás de mim agora, percebi que as marcas que ela deixou eram muito extensas.

— Quer dizer..., caramba, cara. — disse Baxter rindo. — Ela rasgou você fodendo.

Zane, claro, tinha que dar sua contribuição.

— Sim e ele a deixou ir, também.

Bax girou, olhando para mim como o idiota que era também.

— Você o quê?

— Como se qualquer um de vocês estúpidos soubessem algo sobre isso. — corto. — Não a conheceram e nenhum

alguma vez ficou com uma garota mais do que uma vez, como eu. Então, não quero ouvir merda sobre isso de qualquer um de vocês.

Brock me olhou.

— Ela era boa?

Suspirei e esfreguei meu rosto com as mãos.

— A coisa mais incrível que alguma vez já experimentei.

— O que, claro, significa que deve abandonar imediatamente, certo? — Brock curvou uma sobrancelha, um gesto que odiava, igual meu pai fazia.

Brock era o que mais parecia com papai. Apenas um pouco mais alto que Bax, ele era mais magro, mais inclinado a passar o tempo na cabine de seu avião de acrobacia do que no ginásio. Mesmo cabelo e olhos castanhos, mas Brock mantinha o cabelo ordenadamente cortado como um modelo de passarelas, alguns fios caindo sobre o olho esquerdo. Sendo meu próprio irmão, eu não tinha nenhum problema em admitir que era um filho da puta bonito. Era um chato, honestamente. Possuía senso de humor, uma visão afiada e uma tendência a fazer perguntas difíceis, geralmente nos piores momentos, também. Como agora.

Eu bati no seu ombro.

— Cale-se, Brock.

Ele apenas riu e olhou para Zane.

— Bast fez mal, não é?

Zane empurrou um polegar para a garrafa.

— Foi ideia dele de lidar com isso.

Brock me bateu nas costas.

— Boa ideia, irmão mais velho: beba para esquecer. Faz todo sentido. Isto é, claramente, a forma mais lógica de lidar com essas emoções turbulentas. Funciona sempre!

— Sabe-tudo. — rosnei.

Eu deveria saber, porque no segundo que as palavras deixaram minha boca, todos os três dos meus irmãos falavam em uníssono:

— Melhor do que ser um idiota!

Essa era a frase favorita do papai para usar, e ouvir todos de uma vez só me irritou ainda mais.

— Fodam-se filhos da puta. Não preciso dessa merda.

Volto para meu quarto, visto uma camiseta e calço as botas, então passo pelos irmãos Badd idiotas para a escada.

— Onde você vai, idiota? — Baxter perguntou.

— Porra, não sei. Onde quer que vocês idiotas não estejam. — eu disse, descendo.

Brock foi o único a me seguir, eu o ignorei no momento, mas de todos os irmãos presentes, era o mais equilibrado, portanto, conseguiria me atingir. O outro irmão que realmente ouvia quando estava irritado era Lucian, simplesmente porque era do tipo forte e silencioso. Raramente falava mais do que algumas sílabas de cada vez, mas quando fazia, tendia a acertar as coisas com palavras bem escolhidas e difíceis.

Minha capa de chuva se foi, o que assumi e esperava, que estivesse com Dru em algum lugar.

Porra. Apenas um pouco de chuva, não doerá nada.

Apenas daria uma volta para esfriar a cabeça, tentei dizer a mim mesmo. Eu não estava à procura de Dru.

— Então, onde você acha que ela foi? — Brock perguntou.

— Não sei.

— Você não sabe? Não sabe onde ela iria após você dar um fora nela?

— Eu mal a conheço, Brock. Literalmente a conheci na noite de anteontem. Nada para dar o fora.

— E ainda está atrás dela?

— Não estou atrás dela, idiota. — não tive que olhar para ele para ver sua sobrancelha arqueada. — Abaixe essa maldita sobrancelha antes que a tire do seu rosto de menino bonito.

— Super desligado, então.

— Cale-se, Brock.

— Qual é o nome dela?

— Dru.

— Ela é bonita?

— Pare em suas ideias quentes, cara.

Ele manteve o ritmo comigo enquanto caminhava até as docas.

— E o sexo... você disse que foi o melhor?

— Acho que meu coração parou por um segundo, perto do fim.

— Veja, você diz que o seu coração parou, mas acho que está apenas fora de contato com seus sentimentos. Está confundindo o coração físico parando com o o coração metafísico procurando por ela.

Parei e encarei o Brock.

— Porra, de onde você tira essa merda?

Ele encolheu os ombros.

— Livros. — ele lançou um olhar astuto sobre mim. — Diga-me que estou errado.

Eu conhecia as porcarias deste irmão em particular.

— Cale-se, Brock.

Ele apenas riu.

— Viu? Não se importa com uma garota que conheceu ontem à noite. Uma garota que também parece ser capaz de impedi-lo atingir seus objetivos, apenas por existir, deu-lhe o melhor sexo da sua vida e toda a merda foi tão boa..., mas você a deixou. E agora está vagando pelas docas da Ketchikan, recusando-se a admitir que está procurando por ela e suponho que não tem ideia do que dizer, se realmente a encontrar...

— Pare com esta merda, Brock!

Que droga, ele estava certo. Odiava quando meus irmãos eram mais espertos do que eu... o que era a maior parte do tempo.

Brock pegou tudo isso e nem sabia sobre as circunstâncias que ela estava em Ketchikan em primeiro lugar. Ele realmente arrancaria isso de mim se desconfiasse.

Estremeci apenas ao pensar. E, claro, Brock me viu escondendo as coisas.

— O que não quer contar?

Olhei para ele.

— Deus, mais que droga, Brock, porque não deixa isto em paz?

— Porque você não quer que eu faça. Teria me jogado de volta para o bar se realmente não quisesse ouvir o que tenho a dizer.

Ele estava certo, como de costume, então apenas resmunguei.

— Idiota. Quando conseguiu ser assim tão esperto?

— O problema não é sua inteligência, Sebastian. É que você nunca teve uma chance de crescer emocionalmente.

Parei de pensar e virei para ele.

— Seria melhor você explicar essa merda bem rápida, Brock.

Apesar de ser mais baixo oito centímetros, quatorze quilos magro e quatro anos mais novo, Brock não parecia

intimidado pela minha raiva. Apenas me bateu nas costas e continuou andando ao longo das docas, a água à nossa esquerda, Ketchikan em nossa direita.

— Você tinha uns dezessete anos quando a mamãe morreu? Isto nos desestabilizou de alguma forma, mas acho que fodeu você. Precisou tomar o lugar dela no bar, sim, mas papai ficou deprimido por tanto tempo que você acabou sendo um pai para nós também.

— Eu não fiz essa merda. — resmunguei, com um sentimento pesado, desconfortável, rolando através de mim.

Brock lançou um olhar irritado para mim.

— Talvez tenhamos diferentes lembranças daqueles anos, então. Eu me lembro de você fazendo almoços para nós. Nos ajudando com a lição de casa que mal entendia, não me bata! Sabe que é verdade e não se culpe. — ele segurou as duas mãos para afastar o meu punho instintivamente acionado. — Você nos acordava de manhã. Certificava-se que Bax tivesse uma carona para casa depois do treino de futebol. Conseguiu-me lições de voo.

Tentei encontrar alguma maneira de responder, mas não tinha nada. Fiz tudo isso, mas não parecia ter uma escolha. Papai dormia até muito tarde depois que mamãe morreu, apenas usei a desculpa de ter que fechar o bar todas as noites, sendo até três ou quatro vezes. Claro, eu fechava com ele e ainda levantava para ir à escola, então depois que me formei, me assegurei que o restante dos rapazes, também

o fizessem. Precisava ser feito e eu era o mais velho, o que se tornou meu trabalho.

Olhando para trás, vi que a morte da mamãe dizimou nosso pai de uma forma pior do que qualquer um de nós realmente percebeu e talvez injustamente, colocou muita pressão em mim. Mais do que provavelmente, entendia. Encolhi os ombros e coloquei as mãos nos meus bolsos.

—Fiz o que era preciso. Não quer dizer nada.

— Aí é que você se engana, cabeça oca. Isso significou algo. Você se intensificou. Nenhum de nós nunca se esqueceu disso. Todos vivemos nossos sonhos, pelo menos parcialmente, porque você foi forte quando papai não foi. E nenhum de nós dirá isso contra papai, mas foi horrível. Para todos nós, e colocou um fardo enorme especialmente em você. — ele deu um soco no meu ombro e doeu muito mais do que esperava.

— Então quando digo que nunca cresceu emocionalmente, apenas quer dizer que estava tão preocupado em cuidar de nós que não teve uma chance de aprender a lidar com suas próprias emoções. Você está fora de alcance. Não chegou a lamentar a morte da mamãe e com certeza não lamentou a do papai. Está todo bagunçado por dentro, então uma garota aparece e desafia sua situação atual e fode com suas cuidadosamente isoladas emoções e você não sabe como lidar com isso. — ele encolheu os ombros. — Então seu chato...

Eu suspirei, um rosnado profundo crescendo.

— E então vocês, idiotas, aparecem e me apontam tudo que estou fazendo de errado.

— Apenas porque nos importamos.

— Sim, sim, sim. Tanto carinho acontecendo que estou me sentindo um molenga. Jesus.

Brock, levantou as mãos e as apertou.

— Ah não! Sentimentos! Você deveria dar um soco numa parede para que não se transforme em uma garota.

— Talvez eu soque sua cara estúpida em vez de uma parede. Deixá-lo um pouco mais feio. Deus sabe que poderia precisar, menino bonito.

— Você apenas está com ciúmes.

— Ciúmes? De você? Pelo o que? — parei de andar e olhei para ele.

Ele estava me provocando, claro e apenas caí na dele.

— Oh, eu não sei... talvez porque posso usar palavras de três sílabas e formar frases completas sem palavrões?

Olhei para ele.

— Você seu maldito pirralho. Vamos ver suas frases completas, depois que eu bater em seus dentes!

Brock pegou meu pulso e de algum modo desviou, redirecionando-o para o lado tão bem que quase caí na doca. Zane também sabia essa besteira de judô e aprendi o suficiente para esperar esses truques sujos e como lidar com eles. Neste caso? Fingi estar mais desequilibrado do que

estava, então quando Brock se moveu para aplicar algum golpe, bati no seu intestino. Difícil de desviar do meu soco ou alguma merda se você não consegue respirar.

Ele atuou como homem, então me atacou com um gancho de direita que me pegou completamente de surpresa, principalmente devido à sua completa falta de sofisticação, que não era muito parecido com Brock, a maior parte. Bateu no meu queixo enviando estrelas piscando atrás dos meus olhos e me deixou tonto.

Não tonto o suficiente para não retribuir o favor e fiquei satisfeito ao notar que o gancho de direita enviou Brock ao chão. Claro, fui burro o suficiente para ficar ao alcance dele enquanto estava caído. As pernas dele se levantaram e foram ao meu redor, me jogando no chão tão rápido, que não sabia o que me atingiu, até que minha cabeça estava tocando o chão e as pernas ficaram presas na minha garganta. Eu rolei em direção a ele, coloquei minhas mãos no seu pescoço... e comecei a apertar. Agora era apenas uma questão de quem poderia ficar mais tempo sem respirar antes de desistir.

Ele bateu, falando com a voz rouca através da minha gravata.

— Espere, espere! — as pernas me soltaram e ele apontou para baixo nas docas. — Aquela não é sua capa de chuva?

Eu o deixei ir e segui o dedo estendido. Com certeza, havia uma figura a uns trinta metros longe, vestindo uma capa verde-oliva vários tamanhos maiores do que ela, em

frente a um hidroavião gesticulando um pouco com raiva para o piloto.

Dru.

Era ela.

E pelo que parecia, ela estava tendo uma discussão para conseguir uma carona para longe daqui, com minha capa de chuva... e o meu coração.

Alguma besteira sentimental, emocional, ou assim. Tudo que sabia com certeza era que o pensamento de Dru entrando naquele avião e indo embora de Ketchikan, para nunca mais voltar parecia muito errado, assustador e uma merda, uma coisa que eu realmente precisava evitar.

Tipo... agora.

Brock se sentou e curvou essa maldita sobrancelha para mim.

— Bem? Vá, seu cabeça oca...

Eu fui e ainda consegui ser maduro o suficiente para ignorar as farpas que Brock jogou na minha cara. Bem... ignorei na maior parte. Exceto por um dedo do meio ou dois levantados para ele enquanto andava até a doca em direção a Dru.

O problema era que Brock estava bem perto antes, quando disse que eu não teria uma maldita pista sobre o que dizer se encontrasse Dru. Porque não tinha. Não tinha a mínima ideia.

Mas então, falar não era realmente o meu forte, era? Talvez devesse apenas jogar os pontos fortes e mostrar para ela o que significava.



11

Dru

— Sinto muito querida. Não posso fazer. — o piloto repetiu. — Eu disse que terei um carregamento completo e não há espaço para passageiros. E mesmo se tivesse um lugar, não poderia levá-la para aonde quer que seja sem todo o pagamento primeiro. Dê-me o dinheiro agora e talvez possa arrumar alguma coisa. Mas sairei em dez minutos, então é melhor se apressar.

— E eu disse que poderia dar mais dinheiro assim que aterrissarmos. —segurei meu celular.

— Um telefonema e poderia ter dinheiro na mão no segundo que chegarmos. Mas não existem quaisquer bancos por aqui que vão me deixar retirar da minha conta poupança. Por favor, por favor... seiscentos dólares por uma viagem apenas de ida para Seattle? Quanto mais você quer? Diabos, até mesmo se me deixar perto de Seattle! Você será pago, tem minha palavra.

— Palavras não pagam a conta do combustível, querida. — o piloto começou a virar os interruptores e depois os motores giraram e as hélices começaram a rodar, aumentando até um rugido ensurdecedor dentro de segundos. Ele fechou a porta e inclinou-se para fora da janela aberta. — Tente o Bruce! Logo abaixo!

E então o hidroavião foi revertendo para fora na baía e minha última esperança de sair por conta própria dessa porra foi embora.

Eu olhei para baixo da doca para o outro hidroavião. Monomotor, minúsculo, com fita adesiva sobre os flutuadores, visíveis ferrugens nos lugares e sujas listras em outros... a aeronave era obviamente antiga e bem usada. E o piloto, sentado no flutuador com uma vara de pescar na mão... parecia ser mais velho que a sujeira atual e tão desgastado pelo tempo, como o avião dele. Hum... provavelmente não. Bem, se estivesse bêbada e desesperada o suficiente, talvez, mas não achava que teria muitas chances de chegar a Seattle viva.

Obrigada, mas não, obrigada, Bruce.

Merda. Merda!

Eu teria que ligar para meu pai, decidi. Não queria, no entanto. Sentia isso como desistir, ligar para papai me salvar. Entrei nessa bagunça sozinha e o caralho que imploraria para vir me tirar dela.

Eu estava na doca, esfregando meu rosto e tentando não chorar. Apenas queria ir para casa e fingir que nada disso aconteceu. Beber algumas dezenas de garrafas de vinho e comer dúzias de caixas de sorvete e ter uma maratona da série Housewives.

Claro, meu contrato na casa estava expirando em breve, o que significava ir à procura de uma casa ou ir morar com papai. Eu sabia que o apartamento foi alugado para outra

pessoa já, então não tinha nenhuma margem de manobra e não havia qualquer inquilino saindo no edifício, desde que passou a ser um bom edifício em uma parte desejável de Seattle... que desisti por Michael.

Um pensamento me ocorreu, a propósito de nada. Michael tinha os bilhetes de avião para nossa lua de mel. E a reserva do resort com tudo incluído em seu nome, também. Verifiquei a hora no telefone: onze e quatorze da manhã; nosso voo estava previsto para sair às onze e quarenta. Então deve estar embarcando agora. Obviamente isso não estava acontecendo, mas talvez pudesse mudar o meu bilhete de forma a tirar-me daqui...

Eu rolo através de meus e-mails para a notificação de check-in do voo, que nunca consegui fazer. Encontrei um número de telefone e depois de algumas transferências, consegui falar com uma pessoa real.

— Delta Airlines, é Felícia falando, como posso ajudá-lo? — disse uma voz feminina plana.

— Oi, meu nome é Dru Connolly. Tenho passagens para um voo partindo de Seattle-Tacoma, em cerca de vinte minutos, mas eu...

— Número do voo? — Felícia interrompeu. Li o número de voo e ouvi o som dos dedos em um teclado, então ela falou novamente. — Sim, vejo que você já fez check-in e está a bordo.

— Mas não estou, é por isso que estou ligando...

— Você terá que perguntar ao atendente de portão. Tudo o que tenho é o que meu computador me diz. — ela falou um número de telefone e então prontamente desligou.

Bom... atendimento ao cliente no seu melhor.

Eu disquei o número que foi dado e após alguns toques atendeu uma voz masculina exuberante.

— Delta Airlines, portão C20, aqui é Kevin, como posso ajudá-lo?

— O voo DL 743 já decolou?

— Ele está totalmente embarcado, mas não saiu ainda. O que posso fazer pela senhora?

Eu lutava para encontrar uma explicação.

— Tenho um bilhete para o voo, mas outro representante da Delta me disse que alguém tomou o meu lugar. Quero saber se você poderia me ajudar a descobrir isso.

— Qual é o seu número de assento?

— Três-C.

Alguns segundos de batida e então ele responde. — Oh, humm. Interessante. Qual é seu nome, senhora?

— Dru Connolly.

— Ah, sim. Bem, parece que o bilhete foi alterado esta manhã. O portador do bilhete é agora uma... Tawny Howard.

— Caralho! — gritei, em seguida, acalmei imediatamente. — Sinto muito Kevin. Apenas... obrigada. Isso é tudo que eu precisava.

— Há alguma coisa que possa fazer por você?

— A menos que você possa fazer meu ex-noivo menos do que um estúpido enganador, então não, provavelmente não. Mas obrigada mesmo assim.

— Os homens são uns porcos. — ele disse, claramente em consideração.

— Sim, eles são. — suspirei. — Obrigada por verificar.

— O prazer foi meu, senhora. Tenha um bom dia.

Eu ri amargamente.

— Sim, não tanto.

Desliguei antes de submeter o pobre empregado de portão mais constrangimento de auto piedade.

O cretino! Ele estava levando-a na minha lua de mel? Filho da puta!

Eu queria jogar meu telefone no oceano, mas isto não ajudaria em nada, então não fiz.

Em vez disso, chorei.

Porque parece que era apenas o que eu fazia nestes dias.

Mas ser traída e rejeitada no prazo de quarenta e oito horas faz isso com você, eu acho.

Não ouvi os passos, não senti sua abordagem, porque apenas sabia chorar.

Ele estava ali, envolvendo os braços em mim, me envolvendo com seu calor, sua força e eu estava tão chateada que não o questionei.

Em seguida, atingiu-me. E o empurrei para longe de mim tanto quanto podia.

— Não! Tire suas mãos de mim, Sebastian!

Ele recuperou seu equilíbrio e voltou a ficar diante de mim, ao meu alcance, mas não me tocando.

— Dru, ouça...

— Não, seu idiota. Você teve sua chance. Não funciona dessa forma. Não comigo, não depois de tudo que aconteceu. Caramba, tudo ainda acontecendo.

Ele estava molhado, porque mesmo que a chuva reduziu, estava ainda forte o suficiente para ensopá-lo em alguns minutos até os ossos. E eu tinha sua capa de chuva.

Não se sinta mal por ele, ordenei a mim mesma. Sebastian estava molhado, não ferido. Secaria.

Mas tinha uma sombra em seu maxilar, como se alguém tivesse batido com força o suficiente para deixar uma contusão. E ele parecia irritado. Merecia, o imbecil. Com certeza.

— Dru, por favor. Apenas ouça por dez segundos.

— Porquê? — perguntei.

Ele moveu em seus pés, lutando por uma resposta e me olhava como se eu tivesse pena dele e explicasse suas ações. Provavelmente não, amigo.

— Olha, essa merda não é fácil para mim, ok? Estou tentando aqui.

Não pude deixar de rir.

— O que não é fácil, Sebastian? Conversar com uma mulher? Tenho certeza que já teve muita prática. Descubra isto.

Ele rosnou, porque parecia ser a maior parte do seu vocabulário.

— Sim, já conversei muito. Mas isto é diferente.

Eu mantive minha expressão em branco, mesmo que a esperança estivesse começando a germinar dentro de mim.

— Por quê?

— Porque. — ele suspirou, passou as mãos pelo cabelo, jogando as gotas de chuva para todo o lado e fazendo-o parecer ainda mais sexy do que já era, com a chuva molhando sua camiseta branca em seu corpo musculoso, fazendo destacar o tamanho e sua tatuagem, seu corpo estupidamente sexy...

Não. Não. Não vá por aí, Dru. Ele é um idiota. É feio. É estúpido. É um homem, e os homens são porcos.

Sim, argumentou alguma outra parte de mim mais estúpida, mas ele não é o Michael. Não o puna por isso. E Sebastian é sexy demais.

Mas ainda era um idiota.

Concedido.

Agora que ambas as partes de mim estavam de acordo, esperei por Sebastian falar tudo o que estava tentando dizer.

— Porquê...? — incentivei.

— Porque sinto coisas. — ele concluiu, um pouco irritado, esfregando a nuca com uma mão.

Revirei meus olhos para ele.

— Uau. Isso foi profundo, Sebastian. Você sente coisas? Poderia talvez ser apenas um pouco mais específico?

Ele rosnou novamente, virou-se para olhar para outro homem de pé a uns cem metros afastado, então de volta para mim.

— Tentando aqui, doçura, mas essa merda não vem naturalmente. — ele soltou outra respiração. — Eu sinto coisas por você, Dru. Não deveria tê-la deixado sair assim. Deveria ter... não sei. Feito muita coisa diferente.

Suspirei e balancei minha cabeça.

— Como proclamar seu amor, dizendo que sou a... única.

Ele não gostou disso.

— Talvez, eu não saiba muitas palavras bonitas. Você quer essa merda, vá falar com Brock lá atrás, ele está cheio delas. Tudo o que tenho é o que sei.

Ele se aproximou e não pude ir para trás ou estaria nadando. Apenas podia ficar ali e olhá-lo, Deus, até mesmo sua expressão era sexy. Assustadora, mas sensual.

— Não vou proclamar meu amor, pois acabamos de nos conhecer. Apenas estou dizendo... sinto algo por você e talvez deveríamos tentar, poderia ser algo mais. Quer dizer, eu poderia me sentir assim por você. Sei que isto não é uma poesia de contos de fadas sobre meus sentimentos ou qualquer outra coisa, mas é o melhor que posso fazer. Não foi apenas sexo, o que tivemos mais cedo. Eu senti isso. Sei disso. E sei que você sabe também e... realmente gostaria de ver o que é isso, a longo prazo. Não estou prometendo que ficarei melhor com essa besteira de sentimentos agora, porque não tive muita prática ouvindo o que o coração tem a dizer ou como quiser colocá-lo, mas... precisava tentar. Isso é o que posso prometer a você.

Eu pisquei para ele, absorvendo tudo o que acabou de dizer para mim. O que, apesar da aspereza, era incrivelmente doce, tão honesto e sincero como poderia pedir. Bem, se declarasse seu amor eterno, riria na cara dele, mas não era o que oferecia. Sebastian não disse que mudaria sua natureza, mas estava disposto a tentar. Porque... sentia algo por mim. Isso era suficiente? Era mesmo o que eu queria?

Não tive a chance de resposta, no entanto.

— Agora, quais são as chances de você vir para casa comigo para que possamos continuar esta conversa em

algum lugar um pouco mais seco? — ele empurrou a cabeça em direção ao bar.

Aparentemente não respondi rápido o suficiente, porque ele me pegou em seus braços e começou a caminhar de volta até a doca. Eu ri e bati no seu ombro.

— Coloque-me no chão, seu grande idiota. Eu posso andar.

— Você irá na direção certa? — ele perguntou.

— Sim, sim, irei com você. Abaixe-me. Eu não sou uma maldita inválida.

— Estou molhado e ficando com frio, você não respondeu. — ele murmurou, colocando-me em meus pés. — E falei sobre meus sentimentos e você ainda não disse porra nenhuma sobre isso, então estou ficando um pouco ansioso, aqui, sabe?

Nós encontramos o homem que Sebastian disse ser Brock, um de seus irmãos, eu assumi e ele ouviu o que Sebastian disse.

— Dê a garota um minuto para processar, ok? — ele estendeu a mão para mim. — Eu sou Brock.

— Dru. — respondi, apertando sua mão e odiei como soava atordoada.

Porque... porra, se eu achava que Sebastian e Zane eram gostosos? Brock era... Jesus. O homem era maravilhoso, de um modo elegante, clássico, magro e rijo. Características semelhantes às de Zane e Sebastian, o mesmo

cabelo castanho rico, expressivos olhos castanhos, mas onde Sebastian era áspero, selvagem e rude e Zane era frio, perigoso e brutal de uma forma sexy e assustador, Brock era apenas... lindo. Homem, definitivamente nada afeminado, apenas verdadeiramente belo. Não tinha ideia do que Brock fazia para viver, mas se dissesse que era modelo, não ficaria surpresa.

O que apenas me fazia imaginar, como os outros cinco pareceriam. Caramba, mais cinco irmãos Badd?

Eu dei uma cotovelada em Sebastian.

— Todos os seus irmãos são bonitos assim?

Ele sorriu para mim.

— Não. O outros são feios.

Franzi a testa.

— Isso foi o que você disse sobre Zane, e não pude classificá-lo como feio.

Brock riu.

— Socos e insultos são sua maneira de demonstrar afeição.

— É a única língua que gorilas sem educação entendem. — disse Sebastian.

E por alguma razão, Brock achou isso hilário.

— Estou surpreso que conseguiu lidar com todas essas sílabas na mesma frase, Bast. Estou tão orgulhoso de você!

Sebastian rosnou.

— Eu posso ainda te estrangular, babaca.

Brock apenas riu novamente.

— Sim, eu gostaria de ver você tentar, seu cabeça oca.

Observei a conversa fácil. Apesar das palavras duras, nem pareciam verdadeiramente insultados ou com raiva. Era estranho. E se alguém tivesse dito esse tipo de coisa para mim, eles acordariam no hospital com dentes falsos e pinos, mantendo os ossos juntos.

Brock me olhou, aparentemente percebendo minha falta de familiaridade com o seu tipo de brincadeira.

— Estamos apenas brincando, sabe.

Sebastian empurrou Brock em direção à água e o irmão mais novo mal conseguiu evitar dar um mergulho.

— Fale por si, Ding-Dong. Você ainda estaria inconsciente se não tivesse visto Dru.

— Como? — Brock parou e então deu um passo em direção a Sebastian. — eu acho que você estava prestes a desmaiar, na verdade.

E eles estavam prestes a se enfrentar novamente.

— Hum, rapazes? Podemos não...? — disse, ficando entre eles.

Sebastian sorriu para Brock.

— A propósito, caso você venha com algumas ideias... Dru aqui derrubou Zane em dois movimentos.

Brock me deu um olhar chocado de surpresa.

— Porra, garota. Tem coragem de ir atrás de Zane.

— Não, foi apenas uma joelhada nas bolas. — eu disse.

— Como isso surgiu? — Brock perguntou.

Sebastian encolheu os ombros.

— Nós não começamos exatamente com o pé direito, digamos assim.

Eu bufei.

— Bem, se isso significa prestes a rasgar um ao outro, então sim, isto seria uma declaração precisa.

Sebastian respondeu:

— Não foi tão ruim assim. — argumentou. — Apenas uma discordância.

Brock balançou a cabeça.

— Vocês dois discutem mais que Corin e Canaã. É patético.

— Não foi minha culpa. Ele ficou falando sobre quando o papai me deixou o dinheiro.

— E deixe-me adivinhar, você disse algo sobre estar preso aqui em Ketchikan e ele levou para o pessoal, então você tentou bater nele com todos estes músculos?

Eu ri com isso.

— Exatamente isso. Você é engraçado, Brock.

Ele piscou para mim.

— Sou eu, o cara engraçado.

— Como são seus outros irmãos? — perguntei.

Sebastian respondeu.

— Você conheceu Zane. Ele é sério, intenso e um pouco difícil de se acostumar. Mas é legal, se puder ganhar a confiança dele. Brock aqui é o engraçado...

— E o inteligente, não se esqueça. — Brock acrescentou.

— Não, este é Xavier. Ele ainda o faz parecer um tolo. — Sebastian disse a Brock, então olhou para mim.

— Xavier é o bebê. Tem dezessete anos, estrela de futebol do ensino médio, conseguiu uma bolsa acadêmica integral para Stanford e possui algumas escolas da Ivy League atrás dele por isso e futebol. Baxter está de volta no bar já. Joga futebol e é tudo o que você precisa saber sobre ele. Joga na liga canadense por agora, mas acho que tem falado em se tornar profissional. Não me surpreenderia, honestamente. O garoto é um monstro.

Brock corrigiu.

— Bem, existia uma conversa de tornar-se profissional. Essa vontade do papai coloca um fim nisso.

Sebastian suspirou.

— Sim. Coloca um fim, em muita merda para todos.

O humor provocador de Brock foi embora agora.

— Sim, mas Bax e os gêmeos têm mais a perder este ano no negócio de Ketchikan. Bax, basicamente, precisa colocar sua carreira de lado e os gêmeos tem que pular um ano

inteiro de turnê. Zane assinou seus papéis de dispensa para isto, se você não sabia e quem sabe o que Lucian está fazendo. Eu posso facilmente pular um ano de shows aéreos, então isso não me incomoda tanto assim.

Sebastian franziu a testa para o irmão.

— Zane deixou a Marinha?

Brock bufou.

— Não deixou. Ele precisou deixar. E se todos nós não aparecêssemos este ano para o encontro fraternal, ninguém receberia o dinheiro.

— Eu não pensei sobre esse aspecto. — disse Sebastian.

— É por isso que estou dizendo. — Brock disse, batendo nos ombros de Sebastian. — Mas quero dizer que você precisa saber que haverá ânimos exaltados num futuro próximo. Mas lembre-se, todos estão fazendo isso por papai, sim, mas por você também.

Sebastian parou e olhou para Brock.

— Por mim? O que isso significa?

Senti-me como uma estranha, ouvindo isto. Claro que era um assunto muito delicado, difícil. Brock suspirou e levou um minuto para formular seus pensamentos.

— Nós provavelmente deveríamos ter essa conversa outra hora. — ele olhou para mim.

— Não por causa de você, Dru, é apenas... é um assunto complicado, para todos nós. A morte do papai ainda está fresca para todos, Sebastian. Mas nenhum de nós esqueceu

como você a enfrentou e que esteve levando o bar sozinho desde que nosso pai morreu. Todos nós tiramos tanto tempo para o funeral quanto pudemos, mas... — ele encolheu os ombros, pela primeira vez em um tempo. — Então recebemos a ligação do advogado sobre os termos do testamento e sabíamos que precisávamos voltar. Não temos escolha. Não qualquer um de nós.

— Espere, espere... vocês conversaram sobre isso já? — Sebastian perguntou.

Brock hesitou.

— Sim, algo do tipo.

— Claro que vocês conversaram. — Sebastian foi em frente, suas longas pernas rapidamente o afastando de mim e Brock.

— Não é como você pensa. — Brock correu para o alcançar. — Bast, você não está entendendo. Todos nós temos nossas carreiras. Não precisamos do dinheiro. Então conversamos sobre o ano e depois daríamos o dinheiro para você.

Sebastian parou, a raiva em todo seu rosto.

— Não preciso do dinheiro, idiota.

— Sim, você precisa. Mas não é sobre o dinheiro.

— Então do que se trata?

Brock agarrou os ombros de Sebastian.

— Você.

Sebastian se livrou de seu agarre.

— Eu disse, toda essa bobagem sobre o modo como as coisas foram depois que mamãe morreu... isso foi o que precisava fazer. Nem mais, nem menos.

— Como você se sente não é o ponto. — disse Brock.

Sebastian jogou suas mãos para cima e continuou andando.

— Tudo está confuso. — ele abriu a porta do bar e desapareceu dentro.

Brock o deixou ir e se virou para olhar para mim.

— Bast é um filho da puta teimoso, mas irá se acalmar. Você não pode levar em conta a primeira reação de Sebastian. Ele tende a agir primeiro e depois que tem a chance de pensar nas coisas, volta. Então... sabe, lhe dê uma oportunidade.

Concordei, mas minha mente estava indo a um milhão de milhas por segundo.

— Parece que as coisas estão ficando complicadas para vocês.

Brock curvou uma sobrancelha.

— Você poderia dizer isso. Nosso pai faleceu há três meses e o testamento estipulava que todos os seus filhos, significando que nós sete que saímos de casa, precisávamos voltar aqui por um ano inteiro para trabalhar no bar com Sebastian, antes de recebermos o dinheiro de sua propriedade. — ele puxou a porta aberta para mim e fomos

para o bar ainda escuro. Sebastian estava longe de ser visto, o que significava que estava lá em cima, eu assumi.

— E sim, complica a vida de praticamente todos nós. É sobre o tempo, se você me perguntar. Sebastian teve que lidar com muito mais do que sua parte do fardo por aqui, por muito tempo. Então todos decidimos voltar e fazer o que era preciso, por causa de Sebastian. Apenas ele é muito teimoso para aceitar isso, então será um homem das cavernas rosnando sobre isso até decidir ver à nossa maneira de pensar.

— E sim, todos os oito irmãos Badd totalmente adultos vivendo e trabalhando neste pequeno bar? — ele riu sombriamente. — Oh rapaz, será superinteressante por aqui, deixe-me dizer. Entre a postura de Zane e Sebastian sobre quem é o mais fodão, Baxter, agindo de sua maneira desengonçada, a luta de cão-e-gato dos gêmeos... que merda, cara. O próximo ano será divertido. Especialmente para mim, porque eu sou o mediador na maioria das vezes.

— Há oito de vocês, certo? — enumerei os nomes que conhecia. — Sebastian, o mais velho, então Zane...

Brock assumiu.

— Depois eu, depois Baxter, o jogador de futebol, em seguida, Canaã e Corin os gêmeos idênticos, que estão atualmente na Alemanha em turnê com sua banda, então, Lucian, que é um cara estranho e misterioso, mas legal se você puder fazê-lo se abrir, em seguida, Xavier, o bebê.

— E todos voltarão? — perguntei.

Ele assentiu.

— Acho que Lucian irá demorar um pouco, desde que estava a meio caminho do fim do mundo fazendo Deus sabe o que. Xavier deve chegar dentro de alguns dias e os gêmeos em algumas semanas. Eles tinham uma série de shows na Europa que estavam comprometidos, mas já cancelaram o restante. E isso é tudo, como dizem. — Brock disse a última frase com sotaque britânico meio ruim.

Inclinei-me contra o bar.

— E eu, no meio de tudo, fodendo com a cabeça de Sebastian.

Brock balançou a cabeça para os lados.

— Não sei, na verdade. Não sei se diria que está fodendo com a cabeça dele. Quer dizer, apenas estou aqui uma hora, mas Bast obviamente se ligou em você e nunca soube que ele estivesse preso a uma garota antes. Precisa de um bom chute para a situação atual. Esteve preso em uma rotina, eu acho, e a única maneira de sair disso é se alguém obrigá-lo a fazer.

— E você acha que eu farei isso?

Brock apenas encolheu os ombros.

— Isto cabe a vocês, independentemente de ele estar ou não disposto a realmente deixá-la entrar, e independentemente ou não de você ter paciência para aturar o seu absurdo emocional. — Brock bateu no balcão do bar com a palma da mão. — E por um lado, espero que vocês façam isso.

— E se ele não o fizer?

Outro levantamento de ombro.

— O idiota terá que deixar de ser vulnerável. Tenho o visto fazer isso várias vezes. Bast não gosta quando as coisas ficam reais, então coloca para fora esses comportamentos idiotas, para apenas afastar as pessoas. Não funciona em nós, é claro, desde que somos seus irmãos e vemos através dele, mas para as mulheres...? Ele é um menino mau, sabe? Como puro sangue, até os ossos. As garotas adoram, a curto prazo. Mas tentar se livrar do idiota para chegar ao cara decente à espreita debaixo dele, leva mais do que qualquer uma esteve disposta a tentar.

Um grande vozeirão acabou a discussão tranquila.

— Pare de aborrecer a senhora com sua psicologia barata de menininha, Brock! Tempo para fazer fotos!

O homem que acompanhava a voz deveria ser Baxter, de acordo com a descrição de Sebastian. Grande, corpulento, rude, pescoço grosso, cheio de fúria e poder. Mesmo que Sebastian, Zane e Brock, Baxter tivessem cabelos e olhos castanhos, como cada um de seus irmãos, ele o tinha de forma diferente. Os braços eram tão grandes, que me questionei como ainda conseguia limpar a bunda, e o peito era na verdade uma espécie de placa tectônica, mas sua cintura era estreita, abraçada por uma camiseta verde e amarela de Universidade de Oregon. Ele ocupava um enorme espaço físico, mas assim que desceu a escada e atravessou o bar, ficou claro que também era uma daquelas pessoas que

dominavam todo o lugar que passava por virtude do grande volume, turbulência, desafio e poder de personalidade.

Ele passou por trás de Brock, arrastando os dedos ao longo das garrafas de bebidas alinhadas nas prateleiras.

— Uni, duni... ni...te! — ele tocou numa garrafa de Johnny Walker, Jack Daniel's, Wild Turket de cada vez, então na palavra "te" parou em uma garrafa de Patrón Silver.

Brock bateu no ombro de Baxter.

— É meio-dia, retardado. Não estamos fazendo drinks de tequila.

Baxter o ignorou, colocou três copos transbordando de tequila, vasculhou sob o bar por uma bandeja cheia de limão fatiado e um saleiro.

— É sempre hora para tequila, sua putinha! — ele colocou um copo na minha frente, agarrou meu pulso, lambeu, sacudiu o sal nele, atirou-me um limão. Levantou o copo para mim.

— Para meu irmão Sebastian, babaca extraordinário e proprietário do gancho de direita mais cruel que já sentiram e para você, Dru, por ser mulher o suficiente para ter a calça dele apertada!

Ele tocou meu copo com o seu, derramando toda a tequila na minha mão e na dele e então bateu o copo contra o copo do Brock que, apesar do protesto, também bebia. Nós lambemos o sal das nossas mãos, bebemos o drink e depois

chupamos os limões, cada um de nós fazendo o gemido de drink pós-tequila necessário.

Notei, então que Baxter tinha uma sombra em seu maxilar, também.

— Espere, Sebastian bateu em você também?

Baxter colocou outra dose e bebeu, sem sal, limão ou gemido.

— Sim, ele fez. O filho da puta. Eu sempre esqueço o quão forte o desgraçado pode bater.

Franzi a testa.

— Por que ele bateria em você?

Zane apareceu, então, pegou a garrafa de tequila e roubou o copo de Baxter, tomou dois goles rapidamente, renunciando o sal e limão.

— Porque o babaca teve a coragem de perguntar a ele porque estava irritado.

— Para o que Sebastian respondeu: “não estou usando nenhuma calcinha, filho da puta”. — disse Baxter, esfregando seu queixo. — E então ele me bateu.

Por sua vez olhei para Zane, Baxter e Brock, cada um dos que causou algum tipo de raiva de Sebastian.

— Então ele bateu em vocês três... — peguei a garrafa e fiz outro shot, mas fui com sal e limão, porque claramente não estava no mesmo nível de beber como os irmãos Badd. — O que os leva a beber tequila ao meio-dia em uma segunda-feira à tarde?

Zane assentiu com a cabeça.

— Sim. Quer dizer, eu não sei sobre esses desgraçados, mas não fui para a cama ainda. Tive uma noite de Londres para Los Angeles, depois uma escala de Los Angeles para Seattle e depois de Seattle para cá e isto foi a parte curta da minha viagem. Então para mim, basicamente ainda é domingo, de acordo com as regras antigas de ficar acordado a noite toda.

— E eu fui traída, no dia do meu casamento. — expliquei. — Que foi há dois dias, depois conheci Sebastian e ele tinha que me bagunçar de todas as formas, assim me sinto no direito.

— E nós dois fomos socados. — Baxter salientou, balançando Brock pelos ombros.

— O que nos dá uma boa desculpa. Mas você me conhece, não preciso de uma desculpa para fazer merda, certo? — e então ele prontamente bebeu um terceiro shot.

Eu estava sentindo meus dois primeiros, então parei.

— Por que Sebastian anda por aí batendo em todo mundo?

— Eu disse. — disse Brock. — Porque ele é um homem das cavernas emocionalmente atrofiado.

— Oh. — eu disse.

Baxter riu.

— E porque ele é idiota. Acha que vamos deixá-lo escapar nos batendo, porque está todo irritado sobre as coisas.

Olhei de relance, de irmão para irmão e de volta para irmão, uma vez mais e notei que cada um deles tinham a mesma expressão... e Brock estava fazendo um segundo shot também e depois um terceiro. Eles estavam todos olhando para o outro, trocando esses olhares significativos que os homens que se conhecem bem têm uma tendência a fazer quando querem se comunicar.

— Acho que não o deixarão fugir, certo? — perguntei, com cautela.

Zane riu sombriamente.

— Porra nenhuma.

Baxter fechou a garrafa de Patrón, colocou-a no lugar e depois bateu com o punho no bar.

— Pronto, irmãos?

Zane e Brock responderam em uníssono.

— Prontos.

Todos os três andaram em direção a escada, Zane subindo primeiro, Brock em segundo lugar e Baxter em terceiro. Baxter reapareceu quase imediatamente, olhando para mim.

— Dru? Bem, se eu fosse você, ficaria... hum... agachada...

Pisquei e então ele se foi, ouvi seus pés na escada. Alguns momentos de silêncio, em seguida, um rugido sem palavras de Sebastian...

Bate, bate, a queda de algo quebrando, mais batidas tão duras e barulhentas que sacudiram as paredes...

E então vários pares de pés pisando sobre a escada, mais batidas e voz de Sebastian gritando, berrando e xingando.

— Soltem-me, seus idiotas! — ouvi-o gritar, então Baxter e Zane apareceram, cada um segurando um dos braços de Sebastian e então Brock com os pés.

Carregaram-no pelo bar e ele estava chutando e batendo tanto que obviamente estavam lutando para o manter controlado. Baxter tinha um lábio sangrando, o nariz de Zane estava escorrendo sangue e a camisa de Brock foi rasgada... e nem estavam lá fora ainda.

Esperei até que eles o passassem pela porta, então os segui, para ficar na porta assim que os irmãos jogaram Sebastian, sem a menor cerimônia, em sua bunda no meio da rua, então cada um deles pulou para trás.

Sebastian veio balançando, se lançou para Baxter primeiro, esse gancho de direita dele se conectou de maneira tão avassaladora que enviou Baxter tropeçando para trás. Brock e Zane se juntaram, a luta que se seguiu foi de joelhos batendo de forma brutal, arrastando uma briga entre quatro homens poderosos. E apesar de três contra um, Sebastian estava com uma raiva tão horrível que segurou sozinho por

um tempo, rosnando, fervendo, xingando, rugindo, chicoteando, punhos e joelhos, levando sem parar golpes de seus irmãos sem abrandar.

Era ainda três contra um, porém, Sebastian, mesmo tão poderoso como era, não tinha muita chance, Brock colocou um braço em um bloqueio e Zane o outro, Baxter seguiu com um punho no intestino de Sebastian, que tirou ar e a luta dele.

Todos os quatro irmãos estavam ensanguentados. Eu vi pelo menos dois narizes quebrados, todos os lábios cortados e queixos machucados...

Mas Sebastian foi subjugado. Deixaram-no cair no chão, ofegante, sangue escorrendo pelo seu nariz, queixo e com um corte acima do olho. Zane balançou até sentar ao lado dele, depois Brock, então Baxter, cada um enfrentando Sebastian e então formaram uma aliança de irmãos. Por longos momentos, ninguém falou.

E então, cheio de machucados, lábios sangrando, Sebastian falou.

— Sinto falta dele, porra. — sua voz era grossa.

— Eu também. — Zane disse. — Nunca superarei não ter ido ao funeral dele.

— Ninguém o culpa por isso. — disse Baxter. — Não é como se você tivesse uma escolha.

— Eu perdi meu melhor amigo naquele dia. — a voz de Zane estava calma, baixa e crua. — Nunca contei para nenhum de vocês.

Sebastian olhou para Zane.

— Você perdeu?

Zane assentiu com a cabeça.

— Marco. Peguei uma difícil missão... aconteceu tão rápido, minha cabeça não estava no jogo, estava em papai, em vocês, faltar ao enterro... Marco não deveria levar em sua cabeça e não disse nada para ele. Já perdi caras antes, obviamente, mas Marco, homem.... passamos pelo treinamento Seal juntos.

— Jesus, cara. Eu não tinha ideia. — Sebastian envolveu o braço ao redor de Zane. — Que merda.

— Sim. Perdi papai e Marco com dias entre eles.

Eu estava apenas ali, na porta, a mão sobre minha boca, cheia de tantas emoções conflitantes que não sabia o que fazer com qualquer uma delas. Queria sufocar Sebastian com beijos, limpar o sangue, o levar para dentro e fazê-lo se sentir melhor, fazê-lo falar sobre seu pai, mas fiquei um pouco assustada de quão bem ele lutou, tão selvagemente. Claro, nenhum deles estava tentando realmente machucar um ao outro, mas não se seguraram também. Acima de tudo, apenas queria que Sebastian me deixasse entrar, eu acho.

Mas esta cena, com seus irmãos... não era sobre mim. Era sobre eles, eu era apenas uma espectadora.

Honestamente, não entendia. Não podia entender que tipo de ligação que tinham que poderia deixá-los se baterem de forma tão sangrenta assim e depois se sentar, compartilhar pensamentos profundamente pessoais, braços ao redor de cada um.

— Sentimos falta do papai. — disse Baxter. — Você sabe o quanto de tequila eu bebi nos últimos meses por causa disso? O treinador Baldwin quase me colocou no banco algumas vezes.

Brock cuspiu uma boca cheia de sangue, estremecendo.

— Nenhum de nós está realmente lidando com isso muito bem, eu acho.

— O que, você? Senhor bem ajustado em psicologia? — Baxter disse, sua voz grossa cheia de sarcasmo. — Não acredito.

Brock olhou para seu irmão com o que pensei ser um brilho atipicamente sujo. — Foda-se, Bax. Você acha que não fui afetado?

Baxter levantou suas mãos, não querendo começar outra briga, aparentemente.

— Apenas dizendo, provavelmente você se sentou nas sessões de terapia toda semana em vez de beber seus sentimentos como o restante de nós.

Brock ruborizou.

— Então e se eu fiz? Não me importo de fingir que não estou sentindo coisas, embora posso ter cedido ao desejo de

entorpecer a dor com álcool, mais do que gostaria de admitir, deixar para lá completamente não era uma opção para mim. E entrar na cabine bêbado ou de ressaca, me mataria ou mataria outra pessoa. Não posso pagar o preço por beber, para colocar para fora meus sentimentos.

Baxter agarrou o ombro do Brock e apertou, sacudindo-o.

— Sim, bem, alguém nesta maldita família tem que ser um adulto, não é?

Sebastian sacudiu os ombros, em seguida, meu coração apertou no peito.

— Isso é estúpido..., é tão estúpido...

— O que é estúpido? — Brock perguntou.

— Estou irritado com ele. — disse Sebastian, sua voz quebrando.

— Com papai... estou com raiva dele por ir. Por que fez isso? Apenas me ferrou me deixando aqui sozinho, deixou o bar nas minhas costas depois que mamãe morreu, não tive a porra de uma escolha senão... fazer o que precisava ser feito. Eu não queria isso. Estava planejando que ele contratasse outra pessoa para que pudesse, não sei... fazer algo diferente, para variar. Mas depois papai morreu e eu apenas... porra. Caralho. — Sebastian balançou a cabeça, esfregou os olhos, como se pudesse esfregar longe a dor. — Odeio essa merda.

— Quando Marco morreu. — Zane disse, sua voz pensativa, cuidadosa. — Eu e Cody saímos sem permissão.

Nós pegamos um jipe e uma garrafa de bebida ruim e saímos no meio do nada. Bebemos como estúpidos e choramos muito como pequenas putas. Você não pode ignorar esta merda, Bast. Precisa deixar ir. Isto irá comê-lo vivo se não deixar ir.

— Sim, mas tenho apenas... — Sebastian empurrou as palmas de suas mãos contra os olhos e esfregou com força. — Apenas estive tão sozinho.

— Não mais, irmão. — disse Zane, grosseiramente apertando Sebastian em um abraço contra o peito, segurando-o de lá. — Não mais.

— Todos vocês me deixaram aqui. Eu sabia que tinham suas vidas para viver, mas caralho, porra! — os ombros de Sebastian saltaram novamente e desta vez não pararam e Zane apenas manteve um duro aperto em seus ombros, recusando-se a deixá-lo ir apesar de Sebastian lutar, tentando fugir, tentando negar a liberação das emoções.

Meu coração doía, ouvindo a dor em sua voz, a agonia crua de perda e solidão, então compreendi a razão para as paredes, a razão para se esconder por trás da fachada de machista idiota. Ele estava sofrendo, sozinho e se recusava a lidar com isso. Até agora acho que recusou sequer a reconhecer que tinha um problema.

Brock e Baxter fecharam o círculo, envolveram os braços em volta de Sebastian e dentro da segurança do grupo, o ouvi chorar, finalmente se permitindo ficar de luto pela perda de seu pai e os anos de solidão.

Apenas fiquei ali na porta dos Badd e assisti, sentindo-me como uma intrusa, mas privilegiada por poder presenciar o momento.

Após vários minutos, Sebastian endireitou e levantou-se, agarrando a parte de trás da camisa dele e a puxou, limpando o rosto com ela. Então ele virou-se e ajudou cada um de seus irmãos a se levantar.

Ele olhou para cima e me viu em pé na porta do bar.

O olhar no seu rosto naquele momento fez minhas pernas tremerem e meu núcleo se apertar. Eu tinha certeza que Sebastian Badd estava prestes a me foder sem sentido.



12

Sebastian

Não podia negar a maldita libertação que isto me trouxe. Sentia como se um fardo saísse dos meus ombros e do peito. Mesmo assim, ainda me sentia ferido. Apesar do fato de me sentir aliviado, papai não voltaria. O bar ainda era problema meu. Os rapazes iriam embora novamente e ficaria sozinho mais uma vez.

Merda, cara, não chorava desde que minha mãe morreu. Mas isto fui eu, sozinho, no meu quarto, com a porta trancada, luzes apagadas e lembro-me que doeu muito, porque simplesmente não podia aguentar mais, apesar do muito que tentasse. Odiei deixar-me levar, odiei chorar, mas fisicamente não conseguia parar. Tal como neste momento nas docas com meus irmãos. Não tinha força para parar e era afinal o que eles queriam o tempo todo. Os filhos da mãe se juntaram e me forçaram fisicamente para que confrontasse minhas emoções.

E eles tinham razão, acho que verdadeiramente nunca deixei meus sentimentos saírem à superfície ou sequer pensei neles. Não depois da morte da minha mãe e nem depois da morte do meu pai, certamente não confrontei meu profundo senso de abandono. Irracional? Claro. Sabia que era. Mas não

podia evitar. Minha mãe me abandonou. Meu pai tinha me abandonado. Todos os rapazes me deixaram.

Mas agora estavam de volta, sob coação e temporariamente, mas estavam ali. E isso era bom. Agora apenas precisava que os outros quatro chegassem e estaria completo.

Limpei o sangue do meu rosto com a camiseta e agarrei-a numa bola com o punho.

E depois senti sua presença.

Estava todo dolorido: os rapazes não pegaram leve comigo. Foram realmente com força para cima de mim e sentia muitas dores. As minhas emoções ainda estavam em alta, explodindo, rápida e sem misericórdia e lá estava ela, porra.

Parada ali na porta do bar, um ombro encostado à moldura da porta, ainda usando minha capa de chuva de cor verde. O capuz estava cobrindo parcialmente sua cabeça, revelando uma parte do cabelo castanho avermelhado, solto ao redor dos ombros e modelando seu lindo rosto. E os olhos dela, aqueles malditos olhos. Tão azuis, que me deixavam sem fôlego, a seis metros de distância.

E a compaixão em seu rosto… caralho. Por mim? Aquele olhar me atravessava, indo para bem dentro de mim e enviava farpas por todo meu corpo e sabia que nunca desapareceriam. Era um olhar que dizia “eu vejo você”. E essas três palavras não faziam justiça. Ela me via. Significava que via além daquilo que mostrava. Além das tatuagens, dos

músculos, da mentalidade de jogador idiota, além de toda a merda de armadura emocional, com a intenção de afastar todas as pessoas... e evitar que pudessem me ver mais de perto.

Mas Dru? Ela via. Não precisava passar por essas coisas, porque a via como parte de mim.

E ali estava o que me perturbou e muito.

As contusões, o nariz machucado, as costelas doridas, o lábio aberto... tudo isso tornou-se insignificante enquanto caminhava em sua direção. Ela manteve-se parada no lugar enquanto me aproximava.

Fiquei à frente dela, olhando para baixo, sentindo o sabor do sangue nos lábios que vinha do meu nariz ainda ensanguentado.

— Preciso de você, Dru.

Ela somente sorriu para mim.

— Eu sei.

Levantou ambas as mãos e levou-as ao meu nariz, hesitando por um segundo, e depois gentilmente mexeu nele e endireitou-o.

— Já fez isso antes. — eu disse.

Ela sorriu.

— Você não passa algum tempo num ringue sem ter o nariz quebrado uma vez ou outra.

— O que você viu agora. — eu comecei, mesmo sem ter certeza do que diria como explicação ou até mesmo como ela se sentia sobre isso.

Ela tirou a camiseta da minha mão, limpou meu nariz, enxugou meus lábios, com uma expressão suave e afetiva. — Shhh...

Fiz uma careta.

— Mas eu...

Ela esticou-se na ponta dos pés.

— Silêncio, Sebastian. Cale-se e me beije.

Calei-me e beijei-a. Coloquei o braço em sua cintura e puxei-a contra mim, agarrei a bochecha com a minha outra mão e cuidadosamente beijei-a.

É difícil beijar cuidadosamente alguém que queria foder, então precisei ir calmamente, saboreando seus lábios, a linha dos dentes, sua língua. Então suas mãos estavam em mim, passando pelo meu peito em minha pele úmida da chuva e do suor, agarraram a parte de trás da minha cabeça e puxaram-me para aprofundar o beijo, para exigir mais de mim.

Ouvi o motor de uma moto rugindo atrás de nós, ouvi o barulho parar e botas baterem no chão.

— Bem, caralho, parece que perdi toda a diversão.

A voz foi abafada pelo capacete, mas sabia de quem era.

Afastei-me, sussurrando contra os lábios de Dru.

— Xavier. Preciso dizer olá e depois a levo para cima.

— Seja rápido. — ela sussurrou de volta.

Deixei-a ir relutantemente e virei-me a tempo de ver Xavier tirar o capacete. O universitário ficou completamente hippie, aparentemente.

E de todos nós, Xavier, era quem mais se parecia com nossa mãe. O seu cabelo era mais preto que castanho, encaracolado e bagunçado. Também era o único a ter os olhos verdes iguais aos dela. Era um punk que mal tinha idade para se barbear, mas com certeza possuía o aspecto e o estilo dos Badd. Jeans preto justo, com botas de combate, uma camiseta branca apertada sob uma jaqueta de couro dos anos 50. Os lados de sua cabeça estavam raspados, com a parte de cima do cabelo mais longo e bagunçado. As orelhas tinham três brincos, uma série de figuras geométricas tatuadas em padrões interligados em seus braços... o rapaz estava seguindo meus passos, pelo que parecia.

Aquela moto, contudo, era nova. A última vez que o vi, ele pilotava uma moto mais velha, tipo uma 93 Topaz[7] ou alguma merda assim. Acho que poupou para comprar algo melhor e gostava disso. Esta era uma Triumph Adventurer[8], usada, provavelmente por oito ou dez anos, mas bem cuidada. Uma beleza e senti um pouco de inveja. Não que tivesse tempo ou dinheiro para uma moto, mas desejava uma, desde que precisei vender a minha para saldar algumas dívidas que fiz quando... digamos, era impetuoso e estava intoxicado.

---

[7] Marca de moto.

[8] Moto para pilotar na terra ou asfalto. Foi projetada para poder realizar viagens transcontinentais.

Ele sorriu quando parei à frente dele, agarrei-o num abraço de urso tão apertado que quase o puxei de sua moto.

— Ei, seu grande maluco fodido, solte-me! — Xavier tentou soltar-se, mas eu era dez anos mais velho do que ele e pelo menos mais pesado cinquenta quilos, então não tinha nenhuma chance. Cedeu ao abraço. — Pronto, maldito ogro. Está bem, está bem, você já conseguiu seu abraço, agora solte-me antes que eu caia da moto. Ela é nova.

Era divertido brincar com Xavier. Ele era um pouco retraído, um tanto tenso, e não gostava muito de contato físico. O que significava, que odiava abraços, odiava ser tocado por alguém. Apenas um capricho, acho. Tinha algo a ver com a sua esquisita inteligência natural, presumo. Pontuação SAT[9] perfeita, 4.3 GPA[10], primeiro da turma no ensino médio, créditos da faculdade conquistados antes de atingir o último ano, assistente de física autodidata, prática em leitura dinâmica, voraz nerd de livro, mestre de desenho e no seu tempo livre, também possuía essa estranha obsessão com a criação de pequenos robôs estranhos que não faziam nada útil, que apenas andavam por aí. Xavier usava os mecanismos e as baterias dos relógios, coisas estranhas e sobras, e com isso fazia magia, criando pequenas criaturas engraçadas e malucas. E, também, era um talentoso jogador de futebol.

Vai entender.

---

[9] Exame padrão utilizado pela maioria das escolas para ingresso nas universidades americanas.

[10] GPA (Grade Average Point) – uma escada que vai de 0 a 4

Este rapaz tinha o cérebro que faltou a mim, Bax e Zane. Não que fossemos estúpidos, mas Brock e Xavier estavam num nível bastante acima de inteligência e Xavier ainda elevou esse nível e arrebentou na escala.

E porra, o rapaz era bonito e tinha mais arrogância do que podia aguentar. Apenas… não podia tocar nele.

Deixei-o ir finalmente e observei enquanto mexia os ombros, encolhia e mexia, como se estivesse tentando expulsar bichos rastejantes.

— Muito bem, seu pequeno punk. Preciso resolver algo. Vejo você daqui a pouco, sim?

Os olhos de Xavier foram diretos para Dru e depois para mim. Ele sempre foi observador e sendo o mais novo esteve junto a mim mais tempo que os outros, então viu-me em várias situações ridículas e embaraçosas com mulheres diferentes ao longo dos anos, mas nenhuma delas levei para cima ou apresentei aos meus irmãos, muito menos a papai. Nunca as via mais do que uma vez e nunca fiz nada para lhes dar a impressão que seria algo mais do que uma foda casual. E isso significava sem afetos, sem coisas amorosas.

Xavier que tinha o hábito de fazer seus deveres de casa no balcão do bar, sempre me observou de perto e saindo com estas mulheres, viu-me fazer pausas para fodê-las no beco, no banheiro ou onde fosse mais perto e conveniente. Ele era uma pessoa noturna como eu, e estava bem com isso, pois estava sempre levantado na hora certa de ir para a escola,

sem precisar ser chamado, então viu coisas que os meus irmãos não viram.

Tudo isso significava que ele não deixaria passar o significado da situação quando voltei para Dru, coloquei suas pernas em volta da minha cintura e os seus braços em meu pescoço e beijei-a enquanto caminhava com ela escada acima.

— Que porra aconteceu com o Grande Bast? — ouvi-o perguntar quando já estava na escada.

Bax riu.

— Foi pego, pequeno irmão.

— Parece… desconfortável.

— Sim, bem, você ainda tem o seu cartão V. — ouvi Bax dizer. — Entenderá quando for mais velho.

— Colocarei suplementos de estrogénio no seu soro em pó, se você falar nisso novamente, Baxter. — avisou Xavier.

— Você não se atreveria, seu pequeno rato.

— Pense novamente, idiota.

Perdi o restante dos argumentos quando fechei a porta no topo da escada. Dru sorria contra o lado do meu pescoço.

— Ele é virgem?

Ri com ela.

— Sim, ele é estranho. Tem a boa aparência e a confiança, mas tem reservas quanto a ser tocado. Tentei juntá-lo com uma garota no ano passado, uma garota que era

amiga de uma amiga de sua irmã mais nova, sabia que ela era fácil, que ajudaria um rapaz, sabe? Mas não, o pequeno filho da puta não foi nessa. Disse que preferia esperar pelo momento certo.

— Isso é admirável. — disse ela.

— Está acabando com a reputação da família, isso sim. — resmunguei.— Quase dezoito e ainda virgem? O restante de nós perdeu-a anos antes disso.

Ela suspirou.

— Ele está esperando o momento certo, Sebastian. Não tem nada de errado com isso. Acho que é admirável e bonito.

— Sim... para o bem dele espero que a garota pela qual se apaixonar, sinta o mesmo.

Estávamos no meu quarto nesta altura, fechei e tranquei a porta atrás de nós e coloquei Dru para baixo.

— Tenho uma pergunta. — ela colocou as mãos no meu peito para me parar enquanto eu tentava tirar suas roupas. — Porque é que eles o chamam Bast?

Soltei uma gargalhada.

— Isso é culpa de Xavier. Quando ele era bem pequeno, aprendendo a falar, não conseguia dizer meu nome. Dizia coisas como, Sastian e Sabashan e simplesmente não conseguia acertar. Tentamos versões menores como, Seb ou Bastian, mas nunca pegaram. Então um dia Xavier chamou-me de Bast e isso pegou, é meu apelido desde então.

— Ownnn, isso é tão fofo! — disse ela, naquele grito estridente que as garotas usam para coisas adoráveis.

Agarrei seus pulsos com uma mão e encostei-a contra a porta.

— Mostrarei uma coisa fofa e selvagem.

Ela piscou lento e quente para mim.

— Oh sim?

Mantive seus pulsos presos acima da cabeça com uma mão e tirei sua calça de ioga pelas coxas com a outra.

— Sim. É tão fofo que você nem vai acreditar.

— Será que está em sua calça e parece com uma anaconda?

— Talvez.

— Não tenho certeza se essa é a palavra certa para o monstro que você chama de pau… Bast. — a voz dela estava sem fôlego enquanto eu colocava os dedos dentro de sua calcinha.

— Oh… deus, por favor, toque-me.

Coloquei os dedos dentro dela.

— Caralho, você está molhada, Dru.

— Não posso evitar, você me deixa louca. — murmurou.

— Amo isso. — digo. — Amo sentir você molhada assim, sabendo que é tudo para mim.

Passeei com os dedos pelo restante de seu corpo passando pela capa que ela ainda usava, com o capuz agora caído para trás.

— Estou pegando fogo. — ela sussurrou. — Tire minhas roupas.

Desabotoei a capa de chuva lentamente, puxando as extremidades para o lado enquanto soltava uma de suas mãos, logo coloquei-a de lado. Depois voltei a agarrar ambos os pulsos e empurrei a camiseta por cima do sutiã, puxando para baixo dos seios para soltar os mamilos. Dru ofegou quando agarrei um deles na minha boca e agora suas mãos lutavam para se soltar. Recusei-me a deixá-la, embora continuasse lambendo-a. Provoquei os mamilos até que ela ficou sem fôlego, depois introduzi os dedos sob sua calcinha novamente e dentro de sua boceta. A cabeça dela bateu contra a porta, gemeu alto quando encontrei seu clitóris e comecei a mover meu dedo contra ele.

— Solte-me, Sebastian. Preciso tocar em você.

— Ainda não. — murmurei. — Ainda não terminei.

Provoquei sua boceta, introduzindo os dedos, apertando seu clitóris, deixando-a louca, levando-a ao limite, mas não a deixando gozar.

— Estou avisando Sebastian. Deixe-me gozar. — sua voz estava baixa e eu não estava bem prestando atenção. Estava muito focado no sabor de seus seios, na sensação de sua boceta nos meus dedos.

Continuei provocando-a e depois, sem qualquer aviso, o mundo virou, meus braços estavam esticados atrás de mim e bati na cama como uma pilha de tijolos. Não sei o que ela fez, mesmo enquanto estava deitado na cama, tonto e desorientado. Dru estava sentada sobre mim, um olhar feroz nos seus olhos.

— Coloque os pulsos acima da cabeça, Sebastian. — Dru sussurrou o comando, com um sorriso faminto em seu rosto.

Iríamos jogar assim, decidi. Ver o que ela faria.

Apenas sorri de volta e ofereci-lhe os pulsos. Dentro de segundos ela tirou sua camiseta e estava envolvendo-a ao redor dos meus pulsos para prendê-los e depois prendeu as pontas na simples cabeceira de metal da cama.

Ela olhou para mim.

— Agora é a minha vez de fazê-lo implorar.

Um arrepio passou pela minha espinha com o som de sua voz e seu olhar. Ela escorregou pelo meu corpo, até ficar sentada nos meus pés, pegou o jeans e abriu o zíper.

— Você não está usando cueca.

Apenas encolhi os ombros.

— Sabia que fodi tudo ao deixá-la ir e não queria perder tempo com isso.

Dru desceu meu jeans até ficar nos tornozelos, tirou minhas botas, depois terminou com o jeans, então estava nu, preso à minha própria cama e certamente a garota sabia fazer

nós, porque não havia como conseguir me libertar deles, a não ser que ela o fizesse, tentei várias vezes, mas não consegui.

— Bem. — disse Dru, parando ao lado do meu rosto na cama. — Estamos ambos aqui e agora você está à minha mercê.

— Não conseguirei sair desse nó de jeito nenhum, então sim, diria que estou à sua mercê.

Ela inclinou-se e beijou a ponta do meu nariz.

— Sebastian, querido. Uma coisa que você precisa entender sobre mim, é que não fodo por aí.

Ela chutou as botas e subiu na cama ao meu lado vestindo nada além do sutiã e a calça de ioga, que ainda estava na altura das coxas, mostrando sua calcinha. Passou sua perna sobre meu peito e montou-me novamente, levando sua boceta para perto do meu rosto.

— Agora, você começou a tirar minha calça, mas não acabou o trabalho. — Empurrou sua boceta com a calça contra meu rosto. — Termine, Sebastian.

— Tenho as mãos presas, querida. Como faço isso?

Seu sorriso era predatório.

— Com os dentes, tonto.

— Então é assim, não é?

— É exatamente assim. Você me excitou e me deixou na mão, então agora vamos jogar à minha maneira.

— E que maneira é essa?

Ela pressionou o polegar contra meu lábio inferior até eu abrir a boca, depois escorregou-o inteiro para dentro.

— Bem devagar, é como será. Quando eu terminar com você, estará implorando pela minha boceta.

O seu olhar derreteu enquanto eu chupava o polegar, lambendo-o da forma mais erótica que sabia.

— E não se engane, pretendo dá-la a você. Mas apenas quando decidir que aprendeu a lição.

— E que lição é essa, Dru?

— Tire, Sebastian.

Ela pressionou o polegar contra meus dentes de baixo para abrir a minha mandíbula e colocou a cintura da calça de ioga na minha boca.

— Que lição?

Fechei a boca e puxei, enquanto Dru se mexia, devagar, ajudando a sair da apertada calça de ioga. Quando estava livre dela, alcançou o sutiã, tirou-o e depois, com uma risadinha, deixou-o na minha cabeça, como se decidisse usá-lo como chapéu. Como um louco e fodido filme da Disney. Xavier gostava daquele filme, como se chamava mesmo? Com o pequeno extraterrestre azul e a garota Havaiana? Tanto faz. Aquele.

— Muito engraçado. — disse, sem expressão.

— Eu acho. — ela disse ainda rindo. — A lição, meu querido, rude e lindo Sebastian. — Dru parou para empurrar

seus quadris, outra vez, contra mim, encorajando-me a puxar o elástico da calcinha com os dentes, o que fiz. — É nunca me provocar, a não ser que espere retaliação, com juros.

— Considere-me ensinado, então. — eu disse. Não gostava de ficar preso e sem reagir, sentia-me vulnerável a outro nível e ainda estava sensível do momento com meus irmãos.

— Oh, eu não penso assim. — ela suspirou. — Ainda não. Não tão depressa.

— Dru... por favor, solte-me.

— Oh... já está suplicando? — ela sorriu para mim. — Isto será divertido.

Contorceu-se na minha frente, provocando-me, encostando os seios em meu rosto e empurrando sua boceta contra minha boca, depois afastando, torcendo e contorcendo devagar, ondulando para cima, provocando com o quadril para os lados. Levantou-se nos joelhos, com a calcinha agora abaixo da bunda. Girou, pressionou-a no meu rosto e tirei sua calcinha com os dentes e empurrei-a para baixo, olhando para aquela linda bunda. Virando-se para mim, agora tinha sua boceta a poucos centímetros, à minha mercê, roubei um beijo quando ela encostou em mim, apressada para que tirasse sua calcinha.

Quando a tinha nos dentes novamente, Dru ondulou contra mim, pressionando a boceta doce e molhada contra meu nariz, estremeci com a pontada de dor e afastei-me um

pouco, o que fez com que ela se levantasse da cama e que a calcinha ao redor dos joelhos, caísse sobre meu peito.

Ela livrou-se dela e sentou-se no meu peito novamente.

— Continua dizendo o quão doce é minha boceta. — disse ela, malicia em seus olhos outra vez. — Prove-a.

— Como? — tinha uma boa ideia e estava ansioso por prová-la.

Pegou sua calcinha e cheirou-a.

— Você me deixou com tesão, Sebastian. — inclinou-se para sussurrar para mim.

— Estou tão excitada, que estou molhada e pingando por sua causa. Você mesmo disse… estou muito molhada.

— Caralho, Dru. Posso sentir o cheiro.

— Isso. Posso sentir escorrendo pela minha perna.

Ela aproximou sua boceta do meu rosto e coloquei a língua para fora, ansioso pelos seus sucos na minha língua.

— Você quer me limpar, me lambendo?

— Porra, sim, Dru. Lamberei cada centímetro dessa sua doce boceta.

— Mostre-me. — ela agarrou o metal da cabeceira e empurrou-se contra mim. — Lamba-me toda, Sebastian. Eu sei que você quer.

— Eu quero, Dru. Amo sua doce e perfeita boceta.

— Você ama, huh? — parei, olhei para seu corpo para encontrar seus olhos, percebendo o que acabei de dizer. Ela estreitou os olhos.

— É apenas minha boceta que você ama? E o restante de mim?

— Eu... — não tinha a menor ideia do que deveria dizer e realmente ainda não estava pronto para dizer essas três palavras.

— Quer dizer... — pânico atacou-me, porque ela estava à espera disso e ainda não estava pronto, não estava pronto...

Ela riu.

— Relaxe, Sebastian. Apenas estou brincando com você. — escorregou pelo meu corpo e beijou-me nos lábios. — Você não precisa dizer isso. Conhecemo-nos há menos de três dias? Então não estou pronta para ouvir, tanto quanto você não está pronto para dizer. Apenas estava brincando. Relaxe.

— Não tem graça nenhuma.

Ela voltou a se mover, contorcendo-se enquanto colocava novamente sua boceta contra minha boca.

— Claro que teve. Você devia ter visto seu rosto.

Ela ofegou quando toquei sua abertura com a língua.

— Sim, assim mesmo. Lamba-me com vontade, Sebastian. Faça-me gozar e o recompensarei por isso.

— Eu gosto de recompensas.

— Você amará essa. — ela prendeu o cabelo no topo da cabeça com ambas as mãos e contorceu-se quando comecei a comer sua boceta com toda minha habilidade. — Tenho planos que envolvem o seu monstruoso pau e a minha extraordinária falta de reflexo de vômito. E você gritando o meu nome tão alto que os vizinhos chamarão a polícia.

— Mmmmmmm? — murmurei minha resposta, atarefado demais, trabalhando para ganhar minha recompensa, para parar e responder.

— Oh sim, será tão bom para você, Sebastian... Oh Deus, sim, assim mesmo, aí mesmo, oh merda, essa língua! Meu Deus, Sebastian... onde você aprendeu isso? Jesus... esqueça, não quero saber, apenas estou feliz que aprendeu, porque, Deus, isso é tão bom.

— E o quanto será bom para mim? — parei para perguntar, olhando para ela.

Ela enterrou os dedos no meu cabelo.

— Menos conversa, mais língua, estou tão perto.

Pressionando-se contra mim, contorceu-se enquanto a chupava da forma que parecia gostar mais. Primeiro devagar, circulando seu clitóris com a língua, depois quando estava próxima do orgasmo, perdia mais tempo provocando-o diretamente, até que ela começava a gozar, chupando-o, movendo a língua, até levá-la à loucura.

— Será a melhor coisa que você já sentiu. Irei chupá-lo tão forte que esquecerá o seu próprio nome e isso é apenas

para começar. Oh Deus, Oh Deus, sim, sim... sim! Sebastian, porra, vou gozar agora mesmo.

E se não estivesse tão concentrado em levá-la ao orgasmo, teria admitido outra coisa: que amava a rapidez com que ela gozava, que não demorava muito para chegar ao orgasmo e que amava como gozava, a forma como se deixava ir, que se entregava completamente a isso, a forma como sua pele pálida ficava corada e gotas de suor se acumulavam no lábio superior, seus seios inchavam e as veias na sua testa ficavam evidentes.

Não disse nada disso, mas pensei. O que era assustador o suficiente. Mas depois que Dru gozava, era tudo o que podia ver, tudo o que queria saber, lambendo a dura protuberância do seu clitóris e chupando-o, virando o rosto para os lados, para cima e para baixo até que ela gritasse, com a boca apertada e fodesse meu rosto com impulsos selvagens dos quadris.

Quando ela finalmente terminou de gozar, depois de algum tempo ofegante, mexendo e se contorcendo contra meu rosto, finalmente deixou-se cair contra mim, respirando rápido e agarrando-se aos meus ombros.

Dei-lhe alguns minutos para recuperar o fôlego e depois mudei o peso sob ela, empurrando.

— Você falou que tinha um plano?

Ela sentou-se, com um leve sorriso no rosto. — disse, verdade? Fingiu pensar. — O que eu disse que faria? Parece que não consigo me lembrar.

— Você disse, se bem me lembro, que tinha planos que envolviam meu pau monstruoso e o seu excelente controle de reflexo de vômito.

Ela se afastou para se sentar ao meu lado.

— Oh, é verdade, estes planos. — segurou meu pau e o acariciou. — Agora lembro-me.

Acariciou-me devagar, até que estava completamente ereto.

— Há algumas coisas que devo dizer, penso eu. — prendeu o cabelo em um rabo de cavalo e depois num coque, firmando-o com um elástico que tinha no pulso. — Primeiro, realmente não tenho reflexo de vômito.

Afastou o pau do meu corpo, o qual ficou de imediato ereto na minha virilha. Acariciou-me mais algumas vezes, devagar. Depois inclinou sobre mim, mantendo o olhar nos meus olhos. Abriu sua boca, lambeu os lábios sedutoramente e depois, sem afastar os olhos, colocou os lábios na cabeça do pau.

Porra, porra.

Um centímetro, dois, três... Dru piscou, levando mais e mais profundo. Depois afastou-se, lambendo seus lábios outra vez, provocando-me com um sorriso e levou-me outra vez na sua boca. E porra, caralho, ela não mentiu. Nada de reflexo de vômito. Já fizeram em mim alguns boquetes muito bons, mas nenhuma garota fez o que Dru estava fazendo, ter o meu pau inteiro em sua boca pela garganta.

Nunca foi importante antes, desde que o objetivo dos boquetes fosse simplesmente me fazer gozar o mais rápido possível, então, uma garota tentar fazer garganta profunda parecia meio sem sentido. Apenas me chupe e acabe com isso, sim? Mas isto, o que Dru, estava fazendo? Isto era... outra coisa: erótico, sedutor, provocante. Ela chupava devagar, centímetro a centímetro, os olhos nos meus, abaixando a boca ao redor do meu pau, rodando a língua na ponta, enquanto me chupava cada vez mais fundo. E depois, caralho, tomou-me todo, cada centímetro do pau dentro da sua garganta, seus olhos piscavam para mim com um olhar de prazer, orgulho e fome, suas narinas dilatadas, a garganta expandida enquanto o engolia, com o seu nariz tocando minha barriga.

E depois ela afastou-se tão devagar, quanto me engoliu, sem preocupação, nunca afastando o olhar do meu.

Juro que quase gozei naquele momento. Aquele olhar, a visão do meu pau, esticando sua boca, seus lábios molhados passando sobre ele.

Soltou-o com um som de estalo.

— Caralho, Dru... — ofeguei. — O que... humm, era a segunda coisa?

Muito lentamente, ela acariciou meu pau com ambas as mãos, sua saliva, deixando-o escorregadio.

— Oh. Apenas planejei fazer você aproveitar, mas não necessariamente gozar. O que seria rápido.

— O que significa isso?

Ela simplesmente sorriu para mim, lambeu a ponta do meu pau.

— Oh... você verá.



13

Dru

Oh homem, oh porra, oh caralho. Que raios estou fazendo? Esta não era eu. Não mais, pelo menos. Mas costumava ser.

Estar com Michael me acalmou, mais ou menos e afastou esta minha faceta. Costumava ser excêntrica. Não muito excêntrica ao nível de BDSM ou qualquer coisa, apenas... meio selvagem, se é que isso faz sentido. Era louca. Estava sozinha e excitada, não tinha nenhuma razão para não fazer. Não era problema de meu pai, desde que ele sempre estava lá para mim e sempre foi maravilhoso, mas era ocupado como um dos melhores detetives do Departamento de Polícia de Seattle.

Eu era livre, o que posso dizer? Queria atenção, queria amor, queria ser querida. Então fui um pouco louca. Vários homens, muitas noites quentes, pesadas e caminhadas da vergonha no dia seguinte. Acho que ninguém realmente soube a extensão da minha loucura durante esses anos, porque simplesmente não disse a ninguém. Nunca tive namorados, realmente, o que era um resultado direto do abandono da minha mãe em uma idade tão jovem; não confiava em mulheres. Nunca confiei, provavelmente nunca confiarei. O que significava que não tinha ninguém que me

falasse de más decisões, como ter ficado com Michael por quatro anos.

Dar-lhe o melhor de mim e receber nada em troca.

Deixou-me fraca, tirou minha verdadeira personalidade. Seus amigos eram chatos, o trabalho era chato, sua vida era chata... Michael era chato. Estava entediada. Aborrecida com o meu trabalho, não possuía amigos e Michael, mesmo que o amasse ou pensava que sim, o que agora estava começando a questionar, percebeu o quanto estava profundamente infeliz. Michael nem chegava perto de me satisfazer na cama. Ele gostava de uma posição única, que era missionário, até que gozasse e depois acabava. Normalmente lembrava-se de me levar ao orgasmo, antes de começar, então pelo menos tinha essa consideração como amante, mas não havia variedade, nada picante, nada de excêntrico. Apenas aquilo... não era ruim, o sexo nunca foi ruim ou não teria ficado tanto tempo com ele, era apenas... isso.

E eu não gostava disso.

Acho que este era o ponto principal na minha relação com Michael: ele fazia-me sentir normal. Cresci com policiais, cresci aprendendo artes marciais, desde que comecei a andar. Passei tanto tempo no campo de tiro como na biblioteca, num tatame como na sala de aula. Conseguia derrubar três faixas pretas ao mesmo tempo e podia acertar um alvo a quase vinte e três metros com uma nove milímetros. Fiz paraquedismo com papai aos dezoito anos, e o meu primeiro salto, sozinha,

aos dezenove. Podia atirar uma faca e atingir o alvo. Conhecia pelo nome quase todos os policiais em Seattle.

Nada normal... mesmo.

Michael era normal. Até sua família era uma espécie de normal disfuncional. E estar com ele me forçou a ser uma pessoa normal, por assim dizer.

Mas aquela não era eu.

Esta sou eu.

Rodeada por machos alfa, selvagens, dominantes que pareciam aceitar-me com algum valor e não estavam interessados em fazer perguntas. Homens que não se intimidavam pelo fato de conseguir derrubar um SEAL da marinha e ficaram realmente impressionados com isso. Na cama, com um grande, duro, forte, poderoso, cabeça raspada e tatuado barman, com um coração de ouro, uma vez que deixava de lado o comportamento grosseiro e possuía um monstruoso pau. Um homem que me deixou amarrá-lo e provocá-lo. Não tinha dúvida que ele poderia rasgar os nós daquela camiseta se realmente quisesse se soltar, mas estava satisfeito em deixar-me fazer o que queria, confiando o suficiente para me deixar fazer da minha maneira, sabendo que seria bom.

Ainda não saí deste pequeno espaço de Ketchikan, mesmo assim, sentia-me mais em casa ali do que me senti em toda a vida em Seattle. As montanhas ao longo, o constante grasnar das gaivotas e o bater das ondas contra as

docas, lembrava-me Seattle de alguma forma, mas ali havia uma selvageria que me agradava.

Tal como o homem sob mim.

Tinha-o duro como uma rocha, vazando pré-gozo. Ele estava pulsando nas minhas mãos.

Seus olhos estavam semifechados com a necessidade estampada, os músculos duros, tensos pelo esforço de se controlar. O seu pau ainda molhado com minha saliva e ele ainda estava tentando se controlar, podia perceber. E homem, oh homem, estava apenas começando.

Eu já o conhecia. Sabia que Sebastian estava perto de gozar e controlando-se, sabia exatamente quando recuar, para que ele não gozasse antes de estar pronta.

Ele já me fez gozar uma vez e planejava conseguir mais alguns orgasmos, antes de deixá-lo gozar.

Sebastian rosnou e moveu os quadris, percebi que parei e fiquei olhando para ele algum tempo, perdida em pensamentos.

— Dru? Você está bem?

Escorreguei o punho para baixo em seu pau.

— Mais que bem. — outro esfregar lento e depois inclinei e lambi o pré-gozo, como se estivesse lambendo uma casquinha de sorvete. — Apenas... chegando a algumas conclusões.

— Que tipo de conclusões? — ele perguntou, lutando para parecer normal ao invés de sem fôlego com o prazer.

Envolvi os lábios ao redor da cabeça inchada do seu pau e rodei a língua nela, depois parei para responder.

— Apenas que nunca realmente pertenci a Seattle. Aquela é a casa do meu pai. A minha vida lá não era o que queria, apenas tirava proveito do melhor que tinha.

Ele gemeu enquanto colocava a boca ao redor dele novamente e tomava centímetro por centímetro do seu grosso pau.

— E será que você descobriu onde... merda, merda, Dru, isso é tão bom... onde você pertence?

Levei-o todo na minha boca, engoli até sentir os músculos da garganta apertando-o. Afastei-me, depois desci novamente, afastei-me, desci o mais fundo possível, provocando-o, fodendo-o com a boca até que o tinha gemendo e mexendo.

Quando finalmente o deixei sair, suspirei com prazer com a visão do seu enorme pau todo brilhando com saliva, vazando pré-gozo a segundos de explodir. Um pau tão lindo que este homem tinha. Coloquei a mão ao redor do enorme pau e beijei sua lateral.

— Eu realmente amo seu pau, Sebastian.

Ele resmungou.

— O meu pau também ama você, Dru.

Levei-o novamente na minha garganta, todo até ao fundo, sem aviso.

— Porra, caralho! Porra como você faz isso?

Sorri para ele, respondi depois de me afastar.

— Mágica.

— Gosto da sua mágica.

— Eu pensei que gostaria.

Massageei sua ereção com ambas as mãos, devagar e ritmicamente, até que ele estava empurrando contra elas, gemendo e praguejando entre dentes.

— Dru, merda, preciso gozar.

— Oh sim? — agarrei suas bolas na minha mão. — Elas parecem bem tensas. Estão doendo?

Ele realmente gemeu quando chupei as duras e sensíveis bolas.

— Tudo dói, Dru. Tanto. Preciso gozar.

— Não ouço você implorar, Sebastian. — disse eu, massageando seu pau com uma mão e tocando suas bolas com a outra, lambendo o pau desde a base até à ponta. — Acho que preciso ouvi-lo implorar para deixá-lo gozar.

— Por favor? Porra, Dru, estou morrendo aqui... preciso tanto. Preciso estar dentro de você. Preciso sentir sua boceta, coisinha selvagem. Por favor. Por favor. Quer que implore? Estou implorando. Por favor deixe-me gozar.

Deixei-o ir empurrando-o novamente.

— Hmmmm... acho que você está quase desesperado o suficiente. Mas ainda não. E acho que, primeiro, preciso de outro orgasmo.

— Estou bastante desesperado, Dru. Eu juro.

Escorreguei para seu peito, levei minha boceta para sua boca.

— Coma-me novamente, Sebastian.

— Caralho, Dru... podia passar todos os fodidos segundos da minha vida comendo essa doce boceta e nunca me fartar.

Enterrou seu rosto nela, sua língua lambendo-a, os lábios chupando-a, sua barba por fazer arranhando.

Cada segundo de sua vida? Parece muito como amor para mim, Sebastian.

Pensei, mas não disse. Não precisava. Ele chegaria lá, eu chegaria lá. Não precisava das palavras, pelo menos, ainda não. Precisaria, um dia. Mas por agora, saber que Sebastian me queria tanto assim, saber que o queria tanto assim... Sentindo-me em casa com ele, nos seus braços, na sua vida, mesmo junto com os irmãos loucos... era o suficiente. Mais do que suficiente.

Nessa altura, perdi toda a capacidade de pensar, quando sua boca talentosa me levou ao limite e depois além, deixando-me à beira de outro orgasmo tão potente que precisei apertar os dentes para não gritar muito alto, mas gemidos e choramingos escaparam de mim, mesmo quando gozei, ele não abrandou, apenas continuou me comendo até que montei seu rosto, com os dedos apertados no seu cabelo, gozando, gozando e gozando.

Afastei-me, sem fôlego. Olhei para ele, tinha minha essência espalhada por toda sua boca e queixo.

— Gosto de você com meu gozo em seu rosto. — eu disse. — Acho que o manterei assim.

Ele respirou forte.

— E que tal se você apenas me manter, ponto?

Esfreguei a minha excitada, pulsante boceta pelo peito dele até o abdômen, deixando um rasto de desejo na sua pele. Depois alinhei seu pau contra a minha entrada, fiquei ali por um momento, até que abaixei, com os seios espalmados no seu peito, as minhas mãos nos ombros dele.

Estava todo dentro de mim, até a base, ofegando quando o senti todo lá dentro.

— Sebastian.

— Dru?

— E se nunca voltasse? — perguntei com seu pau dentro de mim e a minha boceta ardendo com a sensação de plenitude. — Eu gosto daqui.

Ele moveu seus quadris, empurrando ainda mais fundo.

— Não tenho muito para oferecer. Provavelmente nunca terei. Este bar, os meus irmãos... droga, eu, como sou agora... é o que é. É tudo o que poderá ser. Não serei um homem de coisas caras, doçura. Não tenho necessidade de casas bonitas e essas merdas. Você quer ficar aqui? Nada me fará mais feliz, mas precisa querer muito... Ketchikan, o meu, eu rabugento e estes sete irmãos feios, chatos e estúpidos.

— Os seus sete irmãos incrivelmente lindos, você quer dizer?

— Sim... não. Feios e chatos. Mas são meus e são parte do pacote, eu acho.

— Acabamos de nos conhecer. — gemi enquanto ele empurrava seus quadris novamente, enchendo-me, movendo-se dentro de mim. — Isto é meio louco, sabe?

— Apenas conheço a sua bunda sexy há menos de três dias, mas estou preso, Dru. É tudo o que sei. Loucura? Claro. Tanto faz. Não me interessa como é chamado. Talvez esta merda mude para um de nós. Não sabemos. Tudo o que sei agora é que não consigo ter o suficiente, gosto de você aqui e gosto mais de mim quando você está por perto.

Comecei a mover-me. Não suportava mais essa conversa profunda ou tão emocionalmente intensa. Todo o foco disso era abstraí-lo de sua dor, ajudá-lo a ultrapassar o peso gigante que libertou com seus irmãos. Mostrar-lhe que a maturidade emocional e a vulnerabilidade eram sexys para mim. Mas ultrapassei isso de alguma forma.

Ele estava dentro de mim. Literalmente, obviamente, mas metaforicamente, também. No momento que entrei no seu bar me senti mais calma, como se estivesse em um lugar ao qual pertencia. Não era o bar em si, contudo, era este homem. Será que estava apaixonada? Talvez. Ou perto disso. E se não estivesse, percebia agora que o que senti por Michael nunca foi amor. Afeto, com certeza. Importava-me com ele pelo menos, isso sim. Agora apenas o odiava. Mas

nunca foi amor. Porque o que sentia por Sebastian, depois de apenas quarenta e oito horas, fez com que tudo o que compartilhei com Michael durante quatro anos fosse minúsculo. Fez com que parecesse estúpido, insignificante e frágil, como uma chama de vela fraca se extinguindo com a falta de oxigênio. Sebastian era um fogo intenso, quente e majestoso, perigoso e fora de controle.

Não havia como parar isto. Não tinha certeza se queria... na verdade, sabia que não.

Deus, Deus, Deus, era tão bom tê-lo dentro de mim. Céu. Casa. Perfeição. Glória. Faltava-me palavras.

Mas as palavras não interessavam, porque Sebastian não era um homem a quem as palavras realmente interessavam, era mais de ações. Ele poderia dizer que me amava até seu rosto ficar azul, mas se não agisse como tal, não interessaria, porque não seria verdade, outra lição aprendida graças a Michael. Mas porque Sebastian não era um homem de muitas palavras, também nunca diria nada que não sentisse. Não perderia tempo com besteiras.

— Merda Dru, você está me deixando louco aqui, coisinha selvagem. — a sua voz atravessou-me, aquele timbre rouco trovejante.

Perdi-me nele, sentindo-o, pensando nele, o que fez com que o provocasse mais, deixando-o mais excitado. Mas essa era a minha intenção. Queria-o louco.

Coloquei as mãos no seu peito, movi os quadris para frente quase o tirando de mim, levantando-me nos meus joelhos para novamente abaixar.

— Estou deixando-o louco, não é? — inclinei-me e mordi seu queixo. — Sebastian, querido, você não faz ideia do que é ficar louco.

Não existia melhor termo para explicar o que fiz, me contorcer nele. Movi minha bunda para cima e para baixo forte e rápido em pequenos movimentos, para que seu pau entrasse e saísse da minha boceta num ritmo vertiginoso. Depois de cerca de trinta segundos disto, ele começou a gritar, levantou as costas da cama, com os quadris fazendo força para cima, tentando soltar a camiseta, gemendo e rosnando como um selvagem.

Saltei nele até que estava mesmo no limite do orgasmo, tenso, arqueado, gemendo.

— Porra, Dru, vou gozar muito!

Afastei-me, até que ele saiu de mim.

— Ainda não estou pronta para isso. — respondi e beijei-o para compensar a dor de perder minha boceta.

— Porra! Porra, Dru. Acho que você já conseguiu sua vingança. Chega.

Mordi o seu lábio inferior até que ele rosnou com a dor.

— Não tenho tanta certeza disso, também. Acho que posso provocar mais um pouco. Outra...oh... hora ou mais?

O seu rosnado foi desumano. Puxou o tecido retorcido da camiseta até que os músculos saltassem e as veias ficassem salientes. Ouvi um estalo e depois de outro rugido, o tecido cedeu e suas mãos estavam livres.

Estava em mim em um segundo. Curvando-se para frente, agarrou meus pulsos e puxou-me para seu peito.

— Agora já chega. — ele rosnou.

Contorci-me contra ele, inclinei-me para lamber a ponta do seu nariz.

— Oh bom...

E respirei.

Ele riu.

— Ah sua pequena malvada! Você estava provocando-me de propósito, não é?

Senti-me sendo levantada quando ele me agarrou nos seus braços e ficou de joelhos.

— Talvez.

— Tentava me deixar louco?

— Gosto quando fica louco. — disse, ficando quieta nos seus braços, sentindo-me satisfeita e segura ali mesmo onde estava. —Mas odeio vê-lo chateado.

Ele pressionou seus lábios nos meus por um momento com um beijo terno. O que parecia um obrigado, sem palavras, para depois morder meu lábio, como eu fiz, com força suficiente para realmente doer.

— Sou sempre selvagem, Dru.

— Bom. — sussurrei. — Domesticado é para fracos. Estive lá, já fiz isso, comprei um vestido de noiva. Não obrigada.

Seus lábios curvaram num sorriso predador e então empurrou-me para cama com a barriga para baixo. Posicionou-se atrás de mim, agarrou-me pelos quadris e puxou-me com força contra ele. Olhei-o sobre o ombro e estremeci com a imagem dele. Tatuagens cobriam os braços, ombros e peito com redemoinhos de tinta, tornando sua pele uma tela, colorida, com imagens em negrito nos músculos ondulantes. Ele estava gigante e duro atrás de mim, suas mãos acariciando minhas costas, minha bunda, agarrando meus quadris.

Agarrou seu gigantesco pau numa mão, provocou minha abertura com os dedos e guiou-se para dentro devagar, gentilmente, até que seus quadris estavam contra minha bunda. Uma pausa momentânea, até que saiu e voltou a entrar. Devagar, deliberadamente.

Outra estocada lenta, suas mãos apertando meus quadris e bunda, adorando-me com elas. Depois inclinou-se para frente nas minhas costas, agarrou meu cabelo no pulso.

— Assim é o mais devagar que tenho paciência para ir. — ele rosnou.

Movi-me contra ele, empurrando minha bunda ao seu encontro, tomando seu pau dentro de mim.

— Eu lhe disse, Sebastian, não quero gentil.

Soltou uma respiração forte e aumentou a pressão no meu cabelo, puxando-me para trás. Enfiou seu pau com um rosnado, enquanto batia na minha bunda, deixando-a ardendo.

— Você está dizendo que quer bruto?

— Exatamente o que estou dizendo. — ofeguei, sem fôlego pelo tapa que me deu.

Então ele me fodeu. Duro. Forte. Me penetrou brusco e rápido, seu pau batendo na minha boceta sem dó, pele contra pele, as nossas vozes em gemidos e maldições. Ocasionalmente Sebastian batia na minha bunda com a mão, mas basicamente... apenas fodemos.

E Deus, foi a coisa mais incrível que já senti.

Porque quando olhei sobre o ombro, o seu olhar estava nublado, fixo em mim, o corpo se movendo em perfeita sincronia com o meu, dando-me exatamente o que queria, o que precisava, o que nunca pensei que precisasse.

— Porra, Dru. Você é incrível. — Sebastian agarrou meus quadris e me puxou com força contra ele, empurrando mais para dentro de mim, até estar bem fundo. — Você é tão linda, Dru. Preciso senti-la gozar no meu pau, preciso vê-la desfazer-se para mim.

Desci uma mão pelas minhas coxas e provoquei meu clitóris, foi apenas o que precisou, um pequeno toque para me deixar em brasa, o movimento de seu pau dentro de mim, suas palavras, o poder e o suave toque dos meus dedos contra o clitóris.

— Sebastian! Estou gozando, Deus, estou gozando! — ofeguei.

— Caralho, eu sinto isso, querida. Sinto sua boceta me apertando...

Apertei-o ainda mais, tremendo, dilacerada pelo orgasmo. O fogo do clímax intensificado pelo ritmo selvagem, a luxúria desenfreada do seu pau.

— Porra querida. Não quero que acabe, mas não consigo aguentar muito mais. Preciso gozar, Dru.

Isso alarmou alguma coisa na minha cabeça, mas estava tão dentro do meu próprio orgasmo que não parei para pensar nisso. Apenas continuei me movendo contra ele, agarrando os lençóis com os pulsos, empurrando minha bunda, tomando seu pau duro com suspiros longos e maldições sussurradas, repetindo o nome dele uma e outra vez.

— Sebastian, Sebastian, Deus sim, Sebastian!

Depois senti seu ritmo diminuir e a coisa que estava martelando na minha cabeça de repente veio à mente.

— Merda! Não goze dentro de mim, Sebastian!

Ele rosnou.

— Porra.

Senti-o tenso e depois saiu rapidamente, senti o seu pulso mover-se. Virei-me de costas e ele montou meus quadris. Afastei sua mão, segurei seu pau molhado, inchado e manchado com nossas essências nas minhas mãos e

depois, num impulso segurei sua bunda dura e o guiei para mim. Sebastian aproximou-se, os olhos nos meus, selvagens, desesperado, com a mandíbula flexionada enquanto estava próximo ao orgasmo.

Fiquei debaixo dele e o levei a minha boca, senti o sabor da minha própria essência e a sua, combinados, sabores misturados, almiscarado e salgado.

— Não consigo, porra Dru, Dru... preciso gozar, não conseguirei me controlar desta vez. — ele disse, com sua voz ofegante.

Apenas gemi, agarrei sua ereção e apertei suas bolas, passando o dedo ao longo dos nervos sensíveis ali, fodi-o com minha boca até que senti sua mão no meu cabelo e começou a me puxar contra ele.

— Mmmmmmm. — gemi e seus olhos foram para os meus. Soltei o eixo e agarrei sua bunda, abri minha garganta e então ele entendeu o que não precisei dizer.

Rosnando, colocou ambas as mãos no meu cabelo e deixou-se ir fodendo minha garganta, sabendo que podia aguentar, sabendo que eu queria isso. E queria. Tudo o que queria nessa altura era vê-lo perder o controle, senti-lo gozar, saber que encontrou o que precisava em mim. Dar-lhe o maior prazer que pudesse.

Ele gemeu, os quadris afundaram, saboreei-nos, senti sua base nos lábios e seu pau contra minha língua.

— Porra, estou gozando, Jesus... caralho. Dru, Deus... Dru!

Assumi o controle quando Sebastian ficou tenso, afastando-se até que apenas a ponta ficou na minha boca. Chupei, movi a língua, saboreei o sabor almiscarado e senti o aperto no meu cabelo, então ele jorrou e engoli, gemendo baixo, enquanto gozava, gozava e gozava, seu gozo salgado e quase doce, picante, grosso e quente na minha boca. Engoli, engoli e ainda assim Sebastian gozava. Finalmente terminou e levei-o bem dentro da garganta outra vez, até ele estremecer e afastar-se, caindo de costas.

Depois de alguns minutos respirando em silêncio, enquanto ambos recuperávamos o fôlego, ele envolveu-me nos seus braços e agarrou-me contra o peito.

— Você não toma pílula?

Balancei a cabeça contra ele.

— Nenhum tipo de controle de natalidade. Mexe muito com meus hormônios. Deixa-me toda inchada e engordo. Então, não, sem controle de natalidade para mim além dos preservativos. — inclinei-me e beijei seu queixo. — Sinto muito por isso.

Ele passou o polegar contra a minha bochecha.

— Ainda bem que você me avisou antes de ser tarde demais. Sinto muito, Dru. Nem parei para pensar nisso. — ele parecia desapontado, colocando o punho na testa. — Deus, sou um idiota.

— Está tudo bem, Sebastian. — segurei sua mão e beijei os nós dos dedos dele. — Também tenho culpa. Você não é um idiota.

Moveu uma sobrancelha para mim.

— Você me levou ao limite de propósito.

Ri, afagando o seu pescoço.

— Sem arrependimentos. Apenas não podemos esquecer o preservativo na próxima vez.

Ele brincou com meu cabelo, passando-o entre o polegar e o dedo indicador.

— Você me deixou louco assim, não posso ser responsabilizado sobre como reagi. Provoque um urso, você será mordida, doçura.

— Vou lembrar-me disso. — murmurei.

— Bom. É melhor que sim. Porque querida, se quiser selvagem, terá selvagem.

Estiquei-me e brinquei com seu pau.

— Acho que provei bem que posso lidar com a fera selvagem que você tem.

Ele ficou duro na minha mão, olhando com desejo enquanto eu o acariciava até ficar ereto.

— Acho que você provou. — agarrou-me pelos quadris e colocou-me em cima dele.

— Mas acho que precisa provar mais um pouco.

Estiquei-me para o lado e tirei um preservativo da mesinha, abri-o e coloquei-o nele.

— Acho que ainda sei mais alguns truques.

— Oh sim? Tais como?

Virei-me até ficar com o rosto para os seus pés e deslizei-o para dentro de mim.

— É melhor agarrar-se a qualquer coisa, Sebastian. Estou prestes a abalar o seu mundo.

— Você já o fez, eu acho. — disse ele, agarrando a minha bunda.

Olhei para ele sobre o ombro enquanto o montava de costas, começando devagar.

— Isso foi apenas um aperitivo.

— Então mal posso esperar o prato principal.

— Começa com algo como isto... — girei meus quadris em movimentos circulares, lentos e amplos.

— Porra.



14

Sebastian

Seria uma mentira muito suja... se dissesse que Dru e eu não passamos a porra do restante do dia fodendo. E doce Jesus, a mulher era absolutamente insaciável. Nós fodemos, trepamos, transamos e ela já estava em cima de mim assim que meu pau ficava duro, e Dru Connolly era tão linda que sempre gozava dentro de dez ou vinte minutos.

Finalmente, Dru desmaiou. Fomos para meu quarto perto da tarde e já eram oito horas da noite, quando ela dormiu na minha cama, o lençol de flanela enrolado embaixo da sua redonda e doce bunda, o restante dela estava nu e tão linda que minha respiração ficou presa apenas olhando. Quando soube que estava dormindo, coloquei um short e saí do quarto. Meus irmãos estavam todos sentados na sala em frente à televisão, jogando vídeo game.

Mas, enquanto fiquei lá e pensava sobre isso, alguma coisa estava diferente.

Havia uma TV nova, montada na parede e era enorme. Tinha sessenta polegadas, pelo menos, provavelmente mais perto de setenta, a antiga tinha quase quatro anos e menos de cinquenta polegadas. A TV era enorme, cinco ou sete centímetros de espessura e uma leve curva, a imagem era tão louca, clara como cristal que fez minha cabeça girar. Além

disso, há algumas horas eu não possuía um vídeo game, mas agora tinha.

Eles estavam jogando um jogo que tinha a tela dividida em quatro quadrantes, cada um mostrando algo diferente. Era um atirador de algum tipo, mas isso era tudo o que realmente sabia. Nunca tive tempo para jogar jogos enquanto crescia, embora os gêmeos e Lucian fossem viciados e mesmo Xavier apenas que em menor grau.

Fiquei no corredor assistindo. Canaã e Corin apareceram, aparentemente, então agora a sala era um antro de uivo de cacofonia. Baxter, Zane e Xavier estavam esmagados juntos no sofá com os controles em suas mãos. Canaã e Corin estavam bem atrás deles, Canãa segurava um controle em suas mãos enquanto Corin ficava ao lado dele, empurrando-o e gritando direções:

— Não, maldito palerma, ali não, na outra direção, sim, bem, agora lá no fim do corredor...

Xavier em sua habitual tranquilidade intensa, estava inclinado para frente com os cotovelos sobre os joelhos, sua língua saia no canto da boca, balançando levemente para trás e para frente enquanto navegava no mundo da fantasia do jogo, Halo, parecia provavelmente a versão mais recente, mas o que eu sabia? Zane e Baxter estavam gritando muito também, acotovelando um ao outro, xingando, com movimentos bruscos enquanto atacavam. Brock estava sentado na cadeira, uma cerveja na mão, assistindo ao jogo, com um sorriso no rosto.

Então Brock me viu.

— Até que enfim a criatura selvagem emergiu de seu covil! — ele disse com um sotaque australiano e cabelo espetado.

O jogo parou quando seis pares de olhos viraram para mim. Canaã e Corin ambos se movendo ao mesmo tempo, com uma esquisita sincronização instintiva que tinham. Deixaram cair seus controles e vieram jogando os braços ao meu redor e esmagando-me em abraços de urso.

— Bast! — Eles gritavam em uníssono.

Canaã e Corin pareciam as estrelas do rock que realmente eram. Tinham a minha altura, ambos com uma estrutura grande, mas eram magros. Canaã tinha o cabelo longo, solto e bagunçado, que estava constantemente caindo nos olhos e o início de uma barba. Corin era o mais ousado dos dois, ostentava um Undercut[11] as extremidades tingidas de azul néon. Ambos tinham tatuagens no braço como uma manga cheia e espaços em branco, mostrando onde futuras tatuagens ficarão, ambos estavam vestidos em jeans que caíam ao redor de sua cintura com buracos nos joelhos e coxas, usavam camisetas com impressão gráficas e All Stars Converse para completar seus trajes. Estilos individuais que de alguma forma conseguiram combinar, mas apenas o suficiente para manter a individualidade, e para que você não confunda os gêmeos.

[11] É um penteado que estava na moda durante a era eduardiana, 1920, 1930, 1940 e 2010, predominantemente entre os homens. Normalmente, os pêlos no topo da cabeça são longos e separados no lado ou no centro, enquanto as costas e os lados são muito curtos.

Eles brincaram com isso por um tempo, porém, vestidos quase iguais como estavam, você nunca diria com qual dos gêmeos estava falando. Canaã e Corin costumavam foder com o público nos shows também, um deles tocava guitarra e fazia os vocais e o outro tocava baixo e fazia backing vocal, em seguida durante uma mudança de iluminação trocavam de microfones e instrumentos. Até faziam um artifício um pouco engraçado, jogando as guitarras para trás enquanto harmonizavam, para que você nunca soubesse qual era qual. A gravadora cortou esse ato muito rápido. Que em retrospectiva, foi o melhor, com isto cada um foi forçado a encontrar seu próprio espaço como músico, forçando-os a serem mais sérios sobre a música, ao invés de apenas se exibir.

— Achei que nunca sairia. — disse Canaã.

— Ela deve ser realmente algo para mantê-lo lá dentro por sete horas. — disse Corin.

— Caso contrário, por sete horas de merda. — Canaã disse, sorrindo.

Transformei o abraço de urso em joelhadas em ambos.

— Mantenham uma linguagem respeitosa ou rasgarei vocês, punks filhos da puta. — disse apertando-os até que os dois começaram a lutar e gritar.

— Tudo bem. Solte! — disse Corin, o mais vocal dos dois.

Então dei mais uma joelhada, não os soltei inteiramente. Girando-os para que me enfrentassem.

— Sério, pessoal. Sem brincadeira sobre ela. Entenderam?

Canaã me olhou curiosamente.

— Quem é você e o que fez com meu irmão de verdade?

Segurei-o forte o suficiente para que atingisse as costas do sofá e me inclinei sobre ele.

— Sou eu mesmo, idiota. Encontrei uma garota que gosto muito. Não faça nada.

— Parece que é um grande negócio, não é? — Xavier falou. — Eu o ouvi dizer uma vez que o amor era para maricas, que ninguém poderia derrubá-lo.

Suspirei.

— Sim, acho que eu disse algo assim., mas primeiro, estava bêbado, segundo, foi antes de conhecer a Dru e terceiro, era um idiota naquela época.

Os lábios de Xavier tremeram.

— Isso foi há menos de um ano.

— Muita coisa pode mudar em um ano, garoto.

Rindo Baxter disse.

— Muita coisa pode mudar em um único dia, eu acho.

— É verdade. — comentei e então uma realização me acertou. — Espere. E se estou aqui e todos vocês também, quem está trabalhando no bar?

Zane respondeu.

— O Comitê decidiu fechar o bar por um dia. Todos nós passamos os últimos dias viajando e você estava... no caso, impedido.

Corin levantou a mão.

— Além disso... nenhum de nós sabe o que fazer lá em baixo.

— Quem é a Comissão? — perguntei.

Zane acenou para todos.

— Todos nós.

— E não faço parte da Comissão?

Zane riu.

— Bem, você faz agora, eu acho. Mas quando tomamos a decisão você estava com as bolas dentro da moça, então é uma pena.

Rosnei.

— Cuidado com sua boca, idiota.

Ele levantou suas mãos e me lançou um olhar que dizia que estava tendo problemas reconhecendo esta minha nova versão protetora, assim como os gêmeos.

— É brincadeira, cara, foi uma piada. Relaxe. Eu sou a última pessoa aqui a falar merda sobre aquela garota, já que minhas bolas ainda doem do pé dela.

Canaã e Corin giraram para Zane e falaram em uníssono.

— Espere... a namorada do Bast chutou você nas bolas?

Era muito estranho, como podiam falar frases inteiras em sincronização precisa, incluindo a inflexão e ênfase. Muitas vezes me perguntei se praticavam para fazer isso.

— Ela não é minha namorada. — eu rosnei. Então os acontecimentos do último dia, as coisas que disse e compartilhamos hoje cedo vieram em minha memória e me fizeram repensar essa posição. — Bem, talvez seja. Ainda não conseguimos conversar sobre isso. O ponto é, sim, Dru é durona, então se foder com ela é por sua conta e risco.

Zane deslocou o peso no sofá e esfregou sua virilha.

— E digo por experiência... não se meta com ela. O chute nas bolas foi o que me colocou no chão, mas os movimentos que Dru fez para conseguir o chute foram tão rápidos e precisos quanto qualquer um com quem já briguei.

Eu senti o orgulho me aquecer de dentro para fora, ouvindo toda declaração de Zane sobre a agressividade e poder de Dru, e como falava sobre ela. Ele não distribuía elogios facilmente, era uma pessoa muito difícil de impressionar e muito econômico com seus elogios.

Fiz um gesto para a TV.

— E de onde este monstro de TV e vídeo game vieram?

Corin levantou a mão.

— Fomos nós. Chegamos aqui, vimos seu pequeno pedaço de merda de TV da década de noventa ou algo assim e a falta preocupante de um PlayStation, tínhamos que corrigir este fodido problema depressa. Aquela TV era tão pequena

que nem sei por que sequer tinha. E nenhum PS4? Acho que não.

— Quem pagou por isso?

Respondeu Canaã.

— Nós pagamos.

— Estamos abrindo a turnê mundial para Rev Theory, lembra? — Corin falou. — Nós podemos fazer isso, irmão!

Revirei meus olhos.

— Contanto que isso não tenha vindo do caixa do bar, em seguida, o que quer que seja. É uma boa TV.

— Boa? — Xavier disse, soando incrédulo. — Setenta polegadas de imagem de alta ultra definição e você chama de boa?

— Sim, é boa. — olho para os gêmeos. — A turnê acabou, então? Pensei que teriam mais alguns shows.

Canaã encolheu os ombros.

— Nós íamos nos apresentar em mais algumas datas... quais cidades era, você se lembra, Cori?

— Barcelona, Madrid e Lisboa, acho. O plano original era seguir para Beartooth em Paris e depois fazer uma turnê dupla com eles, a atração principal no Reino Unido.

Meu estômago afundou.

— Você era a atração principal?

Canaã encolheu os ombros novamente, o garoto tinha uma enciclopédia inteira de encolher os ombros. Poderia

significar tanto faz, claro, porque não, ou quem liga, além de mais alguns que eram uma espécie de preguiça eu-não-dou-uma-merda. Este encolher foi um tanto faz.

— Sim. Não um show solo. — ele disse. — Nosso gerente ficou com raiva por não termos ido, mas família é família, certo?

— Porra, cara. — gemi. —Você desistiu de uma turnê para voltar aqui?

Foi seu sonho desde que montaram uma banda quando tinham treze anos. Eles faziam shows no bar, nas noites de terça-feira, durante todo o ensino médio e esses shows abriram o caminho para fazer shows em outros bares aqui em Ketchikan e depois em Anchorage, depois ao longo do noroeste do Pacífico, em lugares como Seattle e Portland.

Por acaso um agente assistiu ao show em um bar de merda em Los Angeles. Cara, eles ficaram orgulhosos de conseguirem um show em Los Angeles e por boas razões. Foi um grande negócio. Um maldito show em Los Angeles e conseguiram um contrato. Foi durante o primeiro ano do ensino médio, quando tinham apenas dezesseis anos. Pararam de estudar para se mudar para Los Angeles, passaram um ano gravando um álbum de estreia enquanto terminavam suas aulas, foi a condição para que papai os deixasse mudar, precisavam ter seus diplomas antes de começarem em turnê.

Houve conversas bem antes de seu primeiro álbum ser lançado, turnês nacionais e mesmo internacionais foram

cogitadas. Eles estavam destinados para o grande momento, sempre estiveram. Uma turnê sendo co-atração com uma banda bastante conhecida como Beartooth poderia realmente os catapultar para o centro das atenções.

E eles caíram fora para voltar para cá.

As palavras de Brock de mais cedo voltaram para me assombrar “os gêmeos cancelaram um ano inteiro de turnê... sabíamos que precisávamos voltar... não era realmente uma escolha, não para qualquer um de nós...”

Porra.

Os gêmeos não precisavam do dinheiro, precisavam da experiência da turnê e ser o centro das atenções no seu talento.

Canaã era o mais sério dos gêmeos e foi ele que se inclinou contra mim e envolveu um braço ao redor de meus ombros.

— Ouça, irmão mais velho. Estive em turnês por mais de dois anos. Eu já perdi a conta de quantos shows fizemos, quantas cidades já estivemos. Cortar a curta turnê não era apenas sobre ter vontade. Também não era somente sobre estar aqui para ajudar, então não se sinta um maldito mártir, ok? Estávamos nos aproximando do cansaço.

Corin falou sem perder uma batida.

— Precisávamos de um tempo fora. Gravamos o álbum e então fomos direto para a turnê e não paramos desde que começamos. Precisávamos de um tempo.

Balancei minha cabeça.

— Bobagem. Vocês estavam prestes a alcançar o auge. Precisam de um novo álbum. Precisam...

Canaã interrompeu-me.

— Com todo respeito, Bast. Desde quando você é um especialista da indústria da música? Você não é. Esta é a nossa banda, nossa carreira. E escolhemos estar aqui. E se estivermos sacrificando tudo por um pequeno impulso para estar aqui, assim seja. Podemos recuperar.

Corin inclinou-se sobre meu outro lado, prendendo-me entre eles.

— Além disso, nós temos um amigo que se especializou na construção de estúdios de gravação. Ele chegará em Ketchikan nos próximos dois meses e vai procurar um bom lugar para construir um estúdio, assim podemos gravar o próximo CD aqui.

— E o contrato? Não diz quando e onde... — comecei.

Canaã falou, mais uma vez me interrompendo.

— Quando nós abandonamos a turnê, abandonamos o contrato. Era apenas mais um álbum de qualquer forma e queriam que nosso som fosse para uma direção que não estávamos bem com isso. Tivemos que devolver parte do adiantamento, mas está dando tudo certo. Era apenas dinheiro e fizemos muito nos últimos dois anos.

— Espere, você rompeu seu contrato também?

Corin bufou.

— Tente acompanhar, irmão. Sim, nós rompemos o contrato. A gravadora não queria nos deixar ir, não deixaríamos algum maldito de terno e gravata de Nova Iorque nos dizer o que fazer com nossas vidas ou nossa música, então dissemos onde enfiar seu estúpido contrato e depois viemos para casa.

Gemi novamente e esfreguei as duas mãos sobre o rosto.

— Que desastre.

Canaã, falou desta vez.

— Bast, você não está entendendo. Eles estavam falando sobre o próximo CD, como queriam que nos parecêssemos mais comercialmente acessível, significando mais suave, mais perto de pop do que hard rock.

— Tocamos indie, irmão! — Corin gritou. — Vamos fazer este álbum nós mesmos, fazer exatamente o que queremos em vez de servir para os executivos da gravadora babaca. Isto é sobre nós, agora. Nossa música, nossa vida, nosso tempo.

— Hoje em dia, há o mesmo potencial para reconhecimento e ganhar popularidade ao colocar vídeos no Youtube. — Canaã disse. — Nossa base de fãs dedicados não dão a mínima sobre qual gravadora nossa música sai, apenas querem a nossa música. Podemos fazer isso aqui.

Eu suspirei.

— Parece que vocês têm esse plano decidido.

— Nós não somos estúpidos, Bast. — ambos disseram ao mesmo tempo.

— Não temos planos de abandonar a nossa carreira musical. — Canaã falou.

— Estamos apenas indo numa direção diferente. — Corin terminou.

— Além disso, família é família e nossos irmãos vêem em primeiro lugar. — disseram os dois.

— Chega de conversa. — disse Baxter, levantando. — Preciso de comida e bebida.

— Eu apoio isso. — disse Brock.

Todos os irmãos marcharam para o bar lá embaixo, eu voltei para verificar Dru, que estava dormindo profundamente, soltando um ronco bonito e fungado de vez em quando. Deixei um recado dizendo-lhe que estávamos lá embaixo, e que se juntasse a nós quando acordasse, depois desci a escada para arrumar comida para meus irmãos.

Bax já estava de barman, puxando cervejas e despejando doses para todos enquanto Xavier estava na cozinha, ligando as fritadeiras e grill.

Entrei na cozinha com Xavier.

— Sabe se virar na cozinha, hein, garoto?

Ele colocou dois sacos cheios de batatas fritas em quatro das seis cestas, atirando vários punhados de bacalhau empanado nas outras duas cestas, então começou a jogar hambúrgueres na grelha. Xavier sorriu enquanto fazia tudo.

— Eu trabalho de madrugada como cozinheiro em um restaurante em Cali. — ele disse. — Apenas posso passar um

pouco de tempo estudando, sabe? E meu hábito de eletrônica não vai financiar-se.

Fiz um cálculo mental.

— Espere, X. Você está na escola em tempo integral, na equipe de futebol, trabalha no laboratório de pesquisa em robótica e trabalha de madrugada? Quando dorme?

Ele encolheu os ombros, muito como o gesto de Canaã "por que isso importa?" — Apenas preciso de algumas horas por noite.

— O que significa algumas?

— Quatro ou cinco, no máximo. Nunca precisei dormir muito, Bast, você sabe disso.

— Sim, mas está louco, ocupado, você não pode...

— Todas as pessoas mais inteligentes, mais bem-sucedidas na história são da mesma forma. Tesla, Einstein, Jobs, Edison, caras assim raramente dormiam mais de algumas horas de cada vez.

— Ok, vou te dar isso, pois já ouvi histórias semelhantes. Mas por que um trabalho na madrugada? Com seu cérebro...

Ele fez um gesto em uma pilha de pratos.

— Inicie os pães e tártaro na chapa, você pode fazer? — ele tirou hambúrgueres e substituiu as prensas, verificou o peixe e as batatas fritas, então começou a separar as fatias de queijo enquanto falava.

— Eu gosto do trabalho. É irracional e acelerado. Dá-me tempo para pensar, sabe? É tudo automático, fico fora da zona no ritmo e deixo minha mente vagar. Faço a maioria dos meus trabalhos de casa na minha cabeça enquanto estou trabalhando, então apenas preciso ir para casa e escrever as respostas mais tarde.

Eu ri.

— Você faz sua lição de casa na cabeça? Como funciona?

— Memória fotográfica. — ele respondeu. — Leio os problemas e então tenho na cabeça, posso apenas... penso e invento as respostas.

— O que é isso que você disse... memória fotográfica?

— É o que a maioria das pessoas pensam quando falam sobre uma memória fotográfica. Meu cérebro basicamente tira um instantâneo de tudo o que eu leio, problemas de matemática, equações de física, livros, partituras, esquemas, qualquer coisa. E se vir algo uma vez, posso trazê-lo na minha mente com uma memória perfeita.

— Por isso que você é assim tão esperto? — perguntei, levantando as cestas das fritadeiras e agitando o óleo.

Ele inclina a cabeça para os lados.

— É mais... sintoma de inteligência, você poderia dizer. O fato de ter uma memória fotográfica não é a causa da minha inteligência, mas um pouco mais de um subproduto

disso. — ele sorriu um pouco acanhado. — Sabe, apenas... clinicamente falando, quer dizer.

— Ei cara, sendo tão esperto como você é, acho que pode ser um pouco presunçoso sobre isso algumas vezes.

Ele fez uma pausa no ato de prender o cabelo em um coque.

— Presunçoso? Você acha que eu sou presunçoso?

Sua expressão era tão preocupada que não pude deixar de rir.

— Cara, calma. — eu disse. — Não, você não é presunçoso.

Ele voltou para a chapa.

— Não posso confiar na informação não processada. E se a pessoa mais inteligente do mundo é um preguiçoso sem movimentação ou ambição, ninguém nunca dará ouvidos a ele porque não realizou uma única coisa. Um potencial desperdiçado. Não desperdiçarei o meu potencial. Não importa o valor do meu QI ou o do SAT se não estou me esforçando. É tudo uma bosta inútil se não usar esse potencial e transformá-lo em realizações do mundo real. Trabalhar como um cozinheiro apenas mantém o corpo ocupado enquanto sou incapaz de dormir e deixa-me ganhar dinheiro enquanto minha mente está ocupada fazendo outras coisas. Resolvi uma equação na cabeça enquanto fritava hambúrgueres que meu professor estava pensando por seis meses e isso é apenas umas das minhas espertezas e do meu uso eficiente do tempo.

— Acho que isso faz sentido. — disse, sentindo distintamente oprimido pela inteligência do meu irmão mais novo.

Eu sabia que de fato todos os meus irmãos se sentiam da mesma forma se passassem muito tempo com Xavier. A força bruta de seu intelecto tendia a dominar tudo. Sua mente nunca descansava, nunca, e ele também não. Mesmo enquanto estudava, podia fazer algo com as mãos. Lembrei-me de vê-lo ler um livro de história uma vez, enquanto estava de pé na mesa da cozinha à toa mexendo com pedaços de eletrônica e um laptop. Xavier terminou o livro inteiro em uma única sessão de duas horas e quando terminou, construiu um robô de quatro patas que cambaleava como um cachorro bêbado, parando, tombando para frente em suas patas dianteiras, depois continuava andando por aí fazendo apoio com as patas dianteiras. Não fazia outra coisa senão esse truque, mas não era medíocre. Recortando pedaços e juntando para manter as mãos ocupadas e o resto do cérebro ocupado com a leitura, o robô foi o que ele chamou de subproduto acidental.

Honestamente, era difícil não se sentir um pouco inferior perto dele.

Quando toda a comida estava pronta, servimos todos os sete pratos juntos. Os outros juntaram um par de mesas e foram jogar alguns jogos loucos e beber, que envolvia cartas, muitos gritos e uma garrafa de Jameson, que era nova e estava fechada há menos de meia hora e agora estava quase

metade vazia. Tinha um pressentimento que meu estoque de bebidas estava prestes diminuir exponencialmente.

Cervejas geladas foram distribuídas ao redor, até mesmo para Xavier, os gêmeos e Brock, o outro irmão com experiência universitária, mesmo que fossem menores de idade aqui no Alaska era óbvio que Xavier bebia em Stanford e os gêmeos tinham acesso constante a bebida durante a turnê, então fingir que não bebiam era meio estúpido.

Comemos o jantar, passava das dez da noite neste ponto, mas sempre fomos uma família de comer tarde. Quando estava no comando, geralmente não tinha a chance de fazer o jantar para os meninos até depois das nove ou dez, ocupado cozinhando e servindo mesas para tomar o tempo até depois que fechasse o bar. Nosso pai estava sempre atrás do bar e geralmente com uma garrafa de Jack, de qualquer maneira. Ele não ficava tão bêbado no turno que me deixava ser um assistente de barman, mas significava que estava concentrado nas bebidas e nos clientes em vez do restante de nós. Sua maneira de lidar, acho. Mais fácil enterrar-se na bebida e nos clientes do que abraçar a dor.

Terminamos de comer, estávamos bebendo um barril de cerveja e uma garrafa de Jameson, jogando pôquer, basicamente algumas partidas de merda e conversando uns com os outros.

Depois houve um punho batendo na porta da frente, que trancamos, então as pessoas não confundiriam o brilho

das luzes de estar aberto, no caso de fechado na luz de néon não fosse um indicador suficiente de FECHADO.

Brock, levantou-se.

— Provavelmente é Lucian. — ele disse, caminhando para porta.

Todos nós levantamos, prontos para esmagar nosso irmão mais estranho e mais retrógrado sob uma avalanche de abraços.

Brock foi tranquilamente abrir a porta.

— Sinto muito, cara. Estamos fechados para uma festa privada.

Uma voz masculina veio do outro lado da porta.

— Não estou aqui para beber.

Baxter foi atrás de Brock, como de costume.

— Bom, uma vez que estamos fechados. Volte amanhã.

— Eu apenas disse que não estou aqui para beber. Estou procurando por alguém.

Brock virou-se para me olhar nos olhos, obviamente inseguro de como proceder. Tomei minha última cerveja e fiquei entre Brock e Bax na porta. O homem do outro lado era provavelmente alguns anos mais velho que eu, talvez trinta ou assim. Estatura mediana, cabelos loiros puxados para trás. Não era feio, mas não bonito também. Apenas... médio. Algo sobre ele fez meus instintos... observar e anotar mentalmente. Fez-me... desconfortável, mas sem um motivo identificável.

— Como posso ajudá-lo? — perguntei.

— Meu nome é Michael Morrison, estou procurando por alguém. — o homem repetiu. — Uma mulher. Estrutura mediana, cabelos castanhos avermelhado. O nome dela é Dru Connolly.

Tudo dentro de mim ficou frio e duro, tudo se classificava como irritado. Brock percebeu minha reação e os braços cruzaram em seu peito, ele se moveu para bloquear a porta completamente. Baxter, sempre pronto para lutar, estalou os dedos e rolou a cabeça sobre o pescoço grosso. Ouvi cadeiras raspando no chão de madeira atrás de mim e sabia que o restante dos meus irmãos estava lá para me apoiar, não que eu precisasse, pois estava bastante certo de que poderia quebrar esse tapado ao meio sem suar. Michael estava vestindo calça cáqui justa e uma pólo rosa, pelo amor de Deus, os vincos na calça estavam frisados à meia-noite, como estariam ao meio-dia. Até tinha óculos de marca pendurado no V de sua pólo. Jesus, que idiota.

— Vá embora, filho da puta. — rosnei. — Você não encontrará nada aqui, apenas problemas.

— Não procuro problemas. — respondeu, sua voz calma, apesar do fato de eu ser mais alto e mais forte que ele, para não mencionar Bax e Brock parados olhando. — Estou procurando Dru.

Na verdade, suspirei.

— Bem, se tem que procurar, então talvez ela não queira ser encontrada.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Você sabe onde ela está, não é? — foi para frente, mais perto de mim, o corajoso, filho da puta.

— Falei com o piloto do avião no qual ela veio e ele indicou este bar na curta distância do cais onde desceu. Eu gostaria de ver Dru, por favor.

Cruzei meus braços sobre o peito, não tinha me incomodado em vestir uma camiseta ou sapatos, então minha pele e tatuagens estavam em plena exibição. A maioria das pessoas tendem a me achar bastante intimidante, especialmente se estiver emitindo a vibração que posso bater na cabeça de alguém sem piscar, o que fazia naquele momento.

— Tudo bem, direi isso tão claramente quanto puder: você tem exatamente trinta segundos para sair daqui ou comerá suas refeições através de um canudo. Você entendeu o que estou falando, pedaço de merda?

Ele empalideceu um pouco, mas falou novamente.

— Não há necessidade de violência. Apenas quero falar com ela.

— Ela não quer falar com você. — rosnei. — Vinte segundos.

— Está fora de sua área, eu temo. — ele respondeu. — Você me ameaçou sem provocação e se me machucar fisicamente, meus advogados vão processá-lo até o próximo

século. Agora. Apenas direi isto mais uma vez. Quero... falar... com Dru.

Eu vi vermelho então comecei a caminhar para frente, pronto para explodir seus dentes.

Bax, chegou lá primeiro. Seu punho se fechando ao redor da garganta de Michael, em seguida, flexionou todo o bíceps, Michael e Baxter caíram no chão.

— Você deve ser estúpido, hein. — rosnou Baxter.

— Vá embora. É sua última chance. E se apertar apenas um pouco mais forte... — seu punho apertou e o rosto de Michael ficou mais vermelho, aproximando-se do azul. — Não irá processar ninguém. Entendeu, amigo?

Uma pequena e pálida mão tocou o bíceps de Baxter.

— Bax... pare. Ele não vale a pena.

A cabeça de Baxter girou e ele olhou para Dru cuidadosamente.

— Tem certeza? Porque posso estalar o pescoço dele como um pretzel.

Dru acariciou seu bíceps.

— Tenho certeza. Solte-o, por favor.

Baxter soltou Michael, que bateu no chão como um saco de batatas, ofegante como um peixe fora d'água.

— E se não vale a pena quebrá-lo, então não vale a pena você gastar outro segundo falando com a bunda dele, sim?

Dru apenas sorriu para Baxter suavemente.

— Passei quatro anos com ele, Bax. Mereço uma explicação dele. Ficarei bem.

— Sim, bem, não vamos longe. — Baxter olhou o lugar e girou a mão em um círculo por sua cabeça. — Vamos subir rapazes. Aposto cem dólares que posso ganhar de vocês no Halo.

Canaã e Corin aceitaram a aposta, assim como Xavier, mas Brock e Zane foram mais lentos a responder, Brock juntou-se aos três rapazes mais jovens, deixando apenas Zane no bar comigo, Dru e seu pedaço de merda de ex noivo.

Zane, eu notei, tinha uma 9mm na mão ao lado de sua coxa e uma expressão gelada no rosto. Dru avistou, também.

— Zane, está tudo bem. Realmente. — ela disse.

Zane guardou a arma em suas costas e subiu a escada sem dizer uma palavra.

Então ficou apenas eu, Dru e Michael.

Dru pressionou contra mim, suas mãos no meu peito.

— Deixe-me falar com ele, ok?

Notei que ela estava usando camiseta do Badd... e provavelmente, nada mais. E de fato, podia ver seus mamilos pela camiseta, estava razoavelmente certo de que Dru não estava usando calcinha também.

— Então fale. — rosnei.

Ela afastou-me, sua expressão firme.

— A sós, por favor?

— Isso não acontecerá.

Ela balançou a cabeça.

— Sebastian, está tudo bem, eu juro. Ele é um idiota traidor, claro, mas nunca me fez mal. Ficarei bem, juro.

Não que ele pudesse, percebi. Mas mesmo sabendo que ela poderia se cuidar, com esta aparência não tornava isso mais fácil.

— Olhe nos meus olhos e diga que quer falar com este sacana.

Ela me olhou.

— Eu preciso saber o porquê, Sebastian. Então poderei acabar com ele para sempre. Apenas... um fechamento, ok?

Meu peito doía. Esse homem parecia ter dinheiro e tinha quatro anos com ela. Naquele instante, ver o bundão ofegante no chão em sua roupa de mil dólares, senti toda a esperança que comecei a cultivar começar a desaparecer. O que tinha a oferecer a uma mulher como Dru Connolly? Eu era um homem melhor, é claro, mas ela viu isso? Dru queria conversar com Michael? Queria o encerramento? Queria ele de volta, isso é o que queria.

Eu me afastei dela, sentindo a frieza passar por mim.

— Bem. O que você quiser. — olhei para ele e segui em direção a escada.

Mas apenas dei três passos até sentir suas mãos em meus braços, senti seus braços ao redor, então ela se

pressionou em mim e pude sentir cada doce curva perfeita do seu corpo contra o meu.

— Bast, espere.

Bast? Por que ela me chamava assim se queria esse idiota?

— O que? — eu rosnei.

Ela sorriu.

— Você acha que sairei daqui com ele, não é?

— Bem? Você não vai?

Um flash de irritação cruzou suas feições.

— Sério? Eu pareço tão insossa para você?

Soltei um suspiro.

— Não.

— Não, não sou. Nem um pouco. Vou dar-lhe uma chance para se explicar, porque preciso disso para mim e mesmo que terminou da maneira como foi, ainda passei quatro anos com ele e isso não é uma pequena quantidade de tempo para se investir em alguém. Gostava dele e darei a Michael uns minutos do meu tempo. Não o aceitarei de volta, apenas quero ouvir o que tem a dizer. Então vou lá para cima. — ela esfregou o peito com suas palmas e os olhos dela mostraram luxúria.

— E depois de me alimentar e me embebedar, você vai me levar para cama e vou te mostrar alguns truques a mais que eu sei.

— Eu gosto de seus truques. — respondi, me sentindo um pouco mais tranquilo. — Sinto muito pela minha reação. Apenas...

Ela colocou seus dedos sobre meus lábios.

— Quieto, grande macho alfa. Entendi. Falamos sobre isso mais tarde. Agora vá lá para cima jogar Halo com seus irmãos. Chegarei daqui a pouco.

Balancei a cabeça.

— Tudo bem, mas se ele...

Ela bateu a mão na minha boca, desta vez.

— Você está esquecendo com quem está lidando, Sebastian?

— Sim, sim. — respondi. — Tenha sua conversa. Mas eu sei alguns truques também, não se esqueça.

Ela sorriu para mim.

— Oh realmente? — ela falou pausadamente a última palavra, tornando uma insinuação lasciva.

— Eu não leio muito. — respondi. — Mas vi as imagens do Kama Sutra...

Ela deu uma risadinha.

— Oh. Isso parece promissor.

— Tenho uma posição que quero experimentar com você...

Ela me empurrou.

— Vá, antes que eu salte em você bem aqui.

Michael estava de pé neste ponto, massageando sua garganta e olhando para Dru e eu com ódio e confusão.

— Tem uma coisa que preciso fazer primeiro, certo? — olhando nos olhos de Dru, ela viu a raiva lá. —Tenho que provar uma coisa rapidinho.

Ela se afastou e fechou a boca, seus olhos, ficaram duros.

— Apenas um ponto, sim?

Dei dois longos passos no chão, balancei o punho, uma vez, tanto quanto pude. Pessoas que receberam meu gancho de direita compararam como ser atingido por uma marreta de vinte quilos... e essas pessoas são, geralmente, meus irmãos que realmente eu não queria machucar, então sempre me segurei. Eu não me contive, agora.

E se quebrasse sua mandíbula ou ele perdesse alguns dentes, não iria ficar para verificar, porém, apenas massageei a dor no meu punho, beijei Dru quando passei por ela em direção a escada.



15

Dru

Santa merda

Sebastian bateu em Michael tão forte que ele voltou para baixo no chão como um tronco. Michael apenas... caiu. Ao contrário dos programas de TV e filmes, você tem que bater em alguém muito forte para os derrubar com um único soco no queixo.

Foram vários longos momentos antes de Michael se mexer novamente e quando fez foi com muitos gemidos agonizante. Mais gemidos e se contorcendo, ele finalmente, sentou-se, cautelosamente, lentamente... e cuspiu um molar.

— Jesus. — Michael falou pausadamente. — Ele é um bárbaro.

— Continue falando assim e vou chama-lo aqui, Michael. — disse. — Isso foi Sebastian se contendo por minha causa, então eu teria cuidado com o que diz se fosse você.

Eu dei a volta no balcão e me servi um uísque com gelo, encostando no balcão, esperando Michael se levantar completamente. Ele pegou seu dente, examinou e depois jogou no balcão do bar, dentro do lixo.

Ele indicou o bar.

— Posso me sentar?

Encolhi os ombros.

— Vá em frente. Você não ficará por muito tempo.

Puxando um banco, ele sentou-se e massageou seu maxilar.

— Como se envolveu com esse cara, afinal? — ele franziu a testa para mim. —Está envolvida com todos eles?

Coloquei meu uísque para baixo e me inclinei para me aproximar do rosto de Michael.

— Esqueceu com quem está falando Michael? Continue falando merda e verá aonde chega. Não preciso muito para destruir seu mundo.

Ele esfregou suas têmporas com seus dedos indicador e médio.

— Que droga, não foi assim que imaginei essa conversa.

— Não sei o que você esperava, mas é melhor tirar da cabeça a ideia sobre perdoá-lo.

Ele olhou para mim, a sobrancelha arqueada, tristeza em seus olhos.

— Eu esperava, sim.

— Bem, isso não acontecerá. Nem em um milhão de anos. — eu senti meus olhos arderem, mas me recusei a demonstrar. — Foi no dia do nosso casamento, Michael.

Ele inclinou a cabeça para trás.

— Eu sei, eu sei. Apenas... — ele falou.

— Você o que? Isto é o que estou esperando para ouvir. Você o que? E por que?

Ele encolheu os ombros.

— Eu não sei. Não sei, Dru. Estraguei tudo.

— Não. — falei pausadamente. —Você fodeu a Tawny Howard.

— Eu sei, mas....

— No dia do nosso casamento. Menos de dez minutos antes de ir para o altar. — senti minha raiva voltar a ferver com cada palavra.

— Um casamento que eu paguei... — meu cérebro ferveu e parei no meio da frase. — Espere um segundo. Pensei que tivesse levado Tawny para o Havaí com você... na minha lua de mel, que paguei, a propósito.

— Na verdade, eu paguei por isso, lembra? O acordo era: você pagava o local e a cerimônia e eu pagava a lua de mel. A tarifa aérea foi incluída no pacote. — ele acenou com a mão. — E fui. Quer dizer, ela está lá agora, mas peguei um voo para cá. Precisava encontrar você. Não podia deixar as coisas assim.

— Como você me encontrou, afinal?

— Não foi difícil descobrir em qual voo você se escondeu e uma vez que tinha o número do avião, foi uma simples questão de conseguir o número do piloto e fazer algumas perguntas. Não foi difícil.

— Tanto faz, não me importo. Então deixou Tawny no Havaí para vir aqui e.... o que? Nada disto faz sentido. — peguei meu uísque e tomei a bebida para fortificar os nervos.

— Como eu realmente, realmente não entendi. Quatro anos. Quatro anos, Michael. Você me pediu em casamento, não dei dicas sobre isso. Não tinha certeza se estava pronta, mas você... você passou por tantos problemas, tornando-se romântico e todos no restaurante estavam olhando que eu... não senti como se tivesse uma escolha, além de dizer que sim.

Michel indicou minha bebida.

— Posso ter um desses?

Balancei a cabeça.

— Não. — eu rolei minha mão. — Explique-me, Michael.

Ele respirou fundo, bufando.

— É difícil de explicar. Eu gostava de você. Gosto, quero dizer.

— Besteira, mas continue.

— Eu gosto, juro. Como você disse, passamos quatro anos juntos. Apenas que... não sei. Não estava feliz. — ele limpou o rosto com ambas as mãos.

— Pensei que se a pedisse em casamento, nos faria mais feliz. Eu meio que sentia como se você nunca foi feliz comigo e esperava que casando resolvesse todo o problema, mas não fui capaz de descobrir por que você não era feliz.

— Mas você manteve o casamento de qualquer maneira. Até que o encontrei com o pau em Tawny, pelo menos. E isso levanta a questão... Se eu não tivesse pego você, se casaria comigo? Teria me levado para o Havaí e me foderia com o cheiro de Tawny ainda sobre você?

— Eu não sei, Deus, não sei!

— Pare de dizer que não sabe, seu cretino! — eu gritei. — Apenas diga, você é muito covarde para dizer o que realmente quer dizer.

— Tudo bem! Eu nunca a amei! — ele gritou de volta.

— Queria amar, tentei amar você, mas nunca amei. E você estava... você sempre foi... não sei como dizer isso. Parecia que estava mantendo um papel. Como se tentasse ser alguém mais ou... como se estivesse tentando se encaixar em uma pessoa que não é. Como uma máscara mal ajustada, talvez. Sexo com você... nunca foi ruim, por si, mas... não era o suficiente. Quando a conheci, você era esta pessoa selvagem com todas essas histórias malucas e as primeiras poucas vezes que dormimos juntos você era... feroz, acho. Mas então mudou. Ficou... chata. E não sabia como trazê-la de volta a quem era ou o que costumava ser. Pensei que se ficássemos noivos, você se abriria. Mudaria... o que tínhamos, que algo mudaria, eu acho.

— Eu era chata? — gritei, indignada. — Sempre foi a mesma coisa com você. Nunca mostrou o menor interesse em nada, era a mesma coisa toda vez! E estava tentando ser o

que você queria, me encaixar em sua vida, para me encaixar na sua caixa!

— Como foder é se colocar em uma caixa? Eu nunca nenhuma vez disse a você o que vestir ou como agir, que queria que mudasse. Você fez isso sozinha. Pensei... que tivesse superado seus modos selvagens, talvez. Que tivesse se acalmado. — Michael estava de pé, agora, visivelmente chateado, mais animado do que já vi com algo. Ele raramente xingava também, manter o xingamento era o sinal de uma mente perturbada.

— Sempre senti como se não soubesse de algo, como se Dru Connolly estivesse escondendo a versão divertida, mas nunca a colocaria em uma caixa.

Eu cambaleei para trás, as mãos trêmulas. Santa merda, ele estava certo.

Meus olhos estavam cheios de lágrimas, que não ousei derramar. Eu ignorei, pousei o copo no balcão do bar, lutando para manter o controle. Agarrei a quina do balcão e inclinei-me contra ele, como se estivesse me mantendo na posição vertical. E talvez, naquele momento, estivesse.

Eu mudei por ele..., mas Michael não queria me mudar. Queria a pessoa que conheceu e fiz todos os tipos de esforços para me tornar o que pensava que ele queria para sua vida.

Ah, a ironia.

— Dru? — a voz de Michael era suave, aflita.

Hesitei por um momento. Lembrei-me de quando o tinha, quanta diversão tivemos juntos, nos conhecer parecia coisa fácil. Ele foi um tanto médio, claro, e nunca fez meu pulso trovejar ou minhas pernas tremerem, mas era estável, fácil de estar por perto, decente na cama e acima de tudo... normal. Então estava farta de me sentir deslocada e sozinha, resolvi me envolver com alguém, nunca o amei e no processo mudei a mim mesma, me forcei a ser algum tipo de tentativa patética de normal, quando nunca faria isso, eu não poderia ser. Nunca poderia me apaixonar por alguém como Michael Morrison. E nunca deveria tentar.

Levantei os olhos e vi o espelho atrás das garrafas de tequila Sauza, Johnny, Jack e Beefeater, vi o nome no balcão estampada em letras foscas na parte superior do espelho: Badd Bar & Grill. Eu vi a mesa onde Sebastian me fez coisas tão deliciosas e sujas, a porta onde ele fez outras coisas... então meus olhos levantaram até o teto, lá em cima estavam sete homens incríveis, um dos quais poderia virar meu mundo sem nem tentar. E quando tentava? Que porra.

Sabia que nunca poderia voltar com Michael. Não queria, acima de tudo, por mim mesma. Não por causa de Sebastian ou qualquer outro motivo que não fosse querer a vida ou a versão de mim mesma. Queria esta EU. Aquela que se arriscou a uma vida diferente com um estranho em um bar em Ketchikan, Alaska. Que não tinha medo de chutar alguns traseiros, foder como uma tigresa e nunca se desculpar por qualquer uma de suas extremidades afiadas. Porra, talvez

fizesse algumas tatuagens. Pegaria essas extremidades e as afiaria, as exibindo para todo mundo ver.

Levantei, endireitei as costas. Virei, respirei fundo e soltei, paz era o sentimento que me percorreu.

— Você está certo, sabe. Eu mudei. Não foi você, foi tudo eu. Acho que devo um pedido de desculpas. Transformei nossa relação em algo que não era, em algo que nunca poderia ser. Então, por isso, sinto muito.

— Dru, espere, apenas ouça...

— Não terminei Michael. Sim, você estava certo sobre isso. Eu me transformei em uma versão chata de mim, fui para a faculdade e me formei em algo que realmente não queria, aceitei um emprego chato que odeio, vivi em uma cidade onde nunca me senti em casa, passei quatro anos tentando me convencer que amava um homem que realmente não podia amar e nunca amei.

Apontei um dedo para ele, deixando tudo sair.

— Mas isso não justifica o que fez! Porque se não estava feliz, deveria ter terminado comigo! E se o sexo era chato, você devia ter... não sei, tentado apimentar! Tentar algo diferente! Ter me amarrado, tentado sexo anal ou algo assim. Qualquer coisa! Mas você nunca fez. Então isso não foi suficiente? Eu não era suficiente para você? Bem, ok, tanto faz. Talvez nós dois tenhamos culpa ou talvez eu seja a única culpada por fingir ser algo que não era, mas você devia ter terminado comigo, não proposto casamento! E apenas porque não era suficiente, apenas porque não era o que queria, isso

não significava que você receberia um passe livre para começar a trair!

— Eu sei, apenas...

— Não! Não há nenhuma justificativa. — bati o punho na mesa. — Diga-me por que! Por que ela, por que, então?

Ele murchou ainda mais, se isso fosse possível. — Tawny e eu... nos conhecemos antes de conhecê-la. Nós tivemos uma coisa na faculdade, apenas uma coisa breve, mas...

— Espere, faculdade? Ela consegue ler?

A expressão dele azedou.

— Não seja uma puta, Dru.

Eu fervia.

— Ei, do que você me chamou?

Ele levantou as mãos.

— Sinto muito, isso foi desnecessário.

— Com certeza foi.

— O ponto é, sim, ela foi para faculdade.

— E como vamos de você ter um caso com ela na faculdade, para transarem no dia do nosso casamento?

Ele se moveu, agora ficando desconfortável.

— Eu... ela e eu, nós...

— Fale, Michael.

Ele suspirou.

— Aquela vez que você foi em uma viagem com seu pai?

Fiquei com a boca aberta.

— Realmente? Nós ficamos fora por três dias! Nem isso!

— Todo o pessoal saiu para tomar uns drinks e Tawny foi a última a sair, ambos tomamos um pouco mais também... — ele encolheu os ombros. — E uma coisa levou à outra.

— Isso foi há dois anos. — eu estava me segurando por um fio, a segundos de bater nele.

— Há dois anos. Então todo esse tempo...? — parei, esperando por ele para preencher o resto.

E ele o fez.

— Sim, todo este tempo.

— Eu nunca imaginei.

— Fomos cuidadosos.

Eu me esforcei para manter a compostura.

— Quando? Onde? Quantas vezes?

Ele suspirou.

— Isso importa?

— SIM, IMPORTA! — Eu gritei.

— No salão onde ela trabalha. — ele estava olhando para mim como se eu fosse uma bomba relógio prestes a explodir, o que, reconhecidamente, era. — Nas cabines de bronzeamento. Praticamente todos os dias.

— Eu nunca senti o cheiro dela em você. Nunca ligou para ela, nunca mandou uma mensagem.

Ele suspirou novamente.

— Eu a via de manhã, no caminho para o ginásio. Nos encontrávamos no salão dela e então ia malhar, tomava um banho e ia trabalhar. — ele fez um aceno com sua mão. — Ela nunca me ligou e sempre apaguei nossas mensagens antes de chegar em casa.

— Então você ficou com Tawny durante dois anos? — eu quase o soquei. — Dois anos. Você me traiu por dois anos?

— Sim.

Eu tremia e o bar girou. Ouvi-lo dizer isso tirou a terra do seu eixo.

— E.... o pedido de casamento, o casamento, tudo... você teria feito isso, mas continuaria vendo-a?

— Eu não sei. Era óbvio que estava perdido, então segui o fluxo. Percebi que apenas... não sei o que faria. Descobriria mais tarde, acho. E se as coisas entre nós ficassem melhores, deixaria Tawny, mas se não, ela estaria lá comigo.

— E ela estava bem com esse acordo? Sabendo que era a outra?

— Tawny se sentia um pouco mais complicada do que isso para mim. Honestamente, — disse Michael.

— Ela... me tem. Eu sempre... sempre senti... como se você... — ele hesitou novamente. — Como se você fosse a outra.

— Isso é.... — balancei minha cabeça, as palmas das mãos na minha testa, o coração batendo rápido. — Isso é muito louco e fodido, Michael. Sou a outra, mas você me pediu para casar com você e organizou tudo...

Levantei-me então, porque estava no final da minha capacidade de lidar com mais alguma coisa. E foi quando vi.

Um fino, liso anel de ouro no dedo anelar da mão esquerda.

— Você... espera, espera, espera... Você. — estava prestes a vomitar. — Você se casou com ela?

Ele se levantou, empurrou o banco do bar.

— Sim.

— Sábado? Depois que saiu?

Ele assentiu.

— Sim. Minha família estava lá, o pastor estava lá, os anéis estavam lá, nunca assinei ou enviei nossa licença de casamento... e sabia o que sentia por ela, então pensei por que não? Seu pai e os companheiros de polícia foram atrás de você, o que eram todos os seus convidados, então apenas casamos. Twany estava bem com isso.

Tive problemas para formular palavras por alguns segundos.

— Isso é loucura. — num piscar de olhos, tentei colocar na cabeça e aceitar o que ele estava dizendo. — Sua família... ficaram bem com isso?

Michael riu, um pouco desajeitado.

— Meus familiares ficaram um pouco confusos. Mas havia um open bar na recepção, então... — ele falava como se este fato por si explicasse tudo.

— Você deu a ela meu anel? O anel com o qual me pediu em casamento? As alianças que escolhemos juntos? O pastor que nos entrevistou, na cerimônia que organizei, com a empresa que contratei, o local que eu escolhi...

— Estava lá, pronto e pago para isso, então, por que não? Não fazia sentido deixar ir tudo para o lixo.

Balancei minha cabeça.

— Tudo isso está fazendo minha cabeça doer. Eu não... não faz qualquer sentido. — finalmente olhei em seus olhos. Ele parecia imperturbável. — Por que você está aqui, então?

Ele encolheu os ombros e levantou as palmas das mãos.

— Apenas... odiei como você descobriu. Merecia mais do que isso.

Ofeguei.

— Eu merecia. — não consegui nem repetir suas palavras. — Você está louco. Nem sei como é capaz de loucuras deste tamanho. Está agindo como se tudo isto fosse perfeitamente normal.

— Sei que não é. É incomum, claro, mas... funciona para mim.

— E quanto a mim?

Michael encolheu os ombros e iria quebrar seus ombros se ele encolhesse os ombros mais uma maldita vez.

— Você é uma garota forte, eu sabia que ficaria bem.

Eu dei a volta por trás do bar, abri a porta para lhe mostrar a rua.

— Você precisa ir embora.

Ele assentiu. E foi isso. Um aceno de cabeça. Um único aceno de cabeça e ele estava fora da porta, como se tivesse dito o que veio me dizer.

— Michael? — disse e ele parou do outro lado da porta. — Apenas mais uma coisa.

Ele me olhou com cautela.

— Você vai me bater, não é?

Bati meu punho no seu nariz.

— Como você sabe?

Ele cambaleou para trás, sangue jorrando por seu queixo.

— Palpite.

Ele se afastou e eu estava finalmente em paz.

E me perguntei como porra passei quatro anos com o homem e nunca soube que ele fosse capaz de... qualquer tipo bizarro de loucura. Como... realmente? Michael casou com

Twany? Em vez de mim? Quem faz isso? Quer dizer, se tivéssemos terminado ou fosse há alguns meses, até mesmo semanas..., mas Michael literalmente pegou Tawny e era como se dissesse: “eu vou casar com ela em vez da outra filha da puta”.

Mas ainda assim eu merecia mais do que a forma como descobri?

Não fazia sentido nenhum. Caí em um buraco de coelho? Minha cabeça estava girando. Ouvi pés no chão atrás de mim e então senti os braços de Sebastian ao meu redor.

— Belo soco. — ele disse.

— Quanto você ouviu? — perguntei, não completamente pronta para virar e o encarar ainda.

— Tudo. — ele aparentemente tinha outras ideias, desde que me girou e colocou minha cabeça sob seu queixo, meu ouvido contra o peito. — Eu estava do outro lado da porta, todo o tempo, ouvindo.

— Babaca. — murmurei, significando que ele não era realmente.

— Sim, bem, eu sou. Rei dos idiotas. — tocou meu queixo, então estava olhando para ele. — Sei que não deveria ouvir sua merda privada, mas... não estava pronto para deixar você passar por isso sozinha.

— Bem, no primeiro sinal dele sair da linha você estava pronto para bater?

Ele resmungou uma afirmativa.

— Quase saí quando ele a chamou de puta.

— Você sabe que consigo cuidar de mim, certo? — eu disse, franzindo a testa.

Ele apenas sorriu para mim.

— Sim. Mas agora você não precisa.

Eu suspirei, não me importando, para ser honesta.

— Então... pode acreditar nisso tudo?

Ele ressoou uma negativa.

— Não. Acho que ele pode ser um daqueles... como você chama, psicopatas ou o que seja. Como aqueles que nem sequer entendem a diferença entre certo e errado.

— Acho que é um sociopata. — disse. — E acho que você está certo. Eu apenas... não faz sentido.

— Não, não. — ele me pegou em seus braços, me colocou na mesa mais próxima da porta. — Agora me beije, para que ambos possamos esquecer aquele idiota louco.

— Soa bem. — murmurei, mas as palavras se perderam quando ele me beijou e percebi que esta coisa que eu tinha com Sebastian, poderia parecer apenas mais improvável do que o Michael fez com Tawny, algo muito louco.

Apenas o conheci na outra noite, mas sabia que não iria a lugar algum tão cedo. Nenhum de nós diria que isto era algum tipo de amor eterno, mas também sabíamos que era para onde íamos. Quanto tempo levaria para chegar lá? Não sabíamos e não interessava. Um mês, um ano, cinco anos? Enquanto fosse real, nós sendo honestos sobre o que

tínhamos e o que queríamos... era tudo que eu precisava. Bem, isso e...

— Você vai me levar para cima e foder comigo ou o que? — eu sussurrei.

Ele riu.

— Coisinha selvagem, já transamos umas oito vezes hoje.

— Então? Estou pronta para a número nove. — segurei o pau dele endurecendo dentro do short. — E pelo que vejo, você também quer.

— Sim, sempre. Mas tenho irmãos que ainda não a conheceram.

A porta para o bar se abriu e Sebastian girou para me colocar atrás dele, mas depois que a figura entrou na luz, ele imediatamente me soltou.

— Lucian! — Ele deu um passo ansioso para frente. — Você está aqui! Não o esperava aqui.

Lucian Badd... Meu Deus. Qualquer magia foi para a criação destes oito irmãos e não foi poupado o gene bonito. Ele era, como os gêmeos que mal vi e o irmão mais novo Xavier, alto e magro, grande, musculoso em um corpo de urso. Lucian tinha o cabelo castanho mais longo que os outros, fazendo-me perguntar se alguma vez o cortou. Era baixo na sua nuca, mas caía ao longo das costas. Ele possuía um pouco de tudo, o nariz afiado, o queixo forte, os olhos escuros vincados, a simetria perfeita, mas onde até mesmo

Brock, com a beleza mais clássica de todas, ainda era bonito dessa forma áspera, masculino, Lucian era...

Eu me esforcei para encontrar uma palavra.

Sublime. Algo de outro mundo.

Isso. Todos os irmãos que conheci eram gigantes e podiam facilmente dominar um lugar com suas personalidades alfas, impetuosos e os mais silenciosos como Brock, eram tão fascinantes que não podiam ser ignorados. Mas Lucian... era sublime.

Era difícil de explicar, honestamente.

Ele era lindo, assustadoramente. Corpo destacado, olhos duros e emanava uma força tranquila. Sua presença era... irritante, de certa forma. Lucian não disse uma palavra, mas seu olhar estava fixo em mim, usando a camiseta de Sebastian, a postura protetora de Sebastian e provavelmente viu Michael do lado de fora com o nariz sangrando. O olhar de Lucian não perdeu nada.

Finalmente, Lucian caminhou para frente e colocou os braços ao redor de Sebastian.

— Bom estar em casa, Bast.

— Como você chegou aqui tão rápido? Pensei que estivesse nas Filipinas?

Lucian se inclinou para cima de um ombro.

— Olhos vermelhos de Honolulu.

— Havaí? — Sebastian perguntou.

Ele acenou com a cabeça.

— Algumas ondas doentias na costa norte.

— Então alguma vez você esteve nas Filipinas?

Ele balançou sua cabeça, saltando o rabo de cavalo.

— Não, por um tempo. Há alguns meses? Recebi a ligação do advogado em Honolulu. Estava lá há algumas semanas.

Sebastian riu.

— Nunca poderia ficar preso. O que você fazia no Havaí?

— Surf. Pesca. — uma piscada maliciosa. — E... pesca, significa o que, irmão?

Ele estendeu a mão para mim.

— Lucian.

Apertei sua mão, ainda tentando lê-lo. Ele era frio, quieto e conciso, mas eu podia ver um profundo turbilhão vertiginoso fervendo sob seu plácido exterior. Lucian apenas... entregava pouco do que estava pensando ou sentindo. Mas sabia que era profundo e que estava vendo e ouvindo tudo, não deixando passar nada, e você não podia evitar se perguntar o que ele pensava.

— Sou Dru Connolly. — eu disse. — Seja bem-vindo.

— Em casa? — Lucian perguntou e era apenas uma frase, mas a inflexão que deu às sílabas deixou dúzia de perguntas no ar.

Sebastian bateu em seu irmão na nuca.

— Sim, em casa. Para você, para todos os outros... — ele me curvou contra seu outro lado. — E para Dru, se for isso que ela queira.

Uma sobrancelha se ergueu e recebi um único aceno de Lucian.

— Estará lotado, então. — ele soltou minha mão e até me ofereceu um pequeno sorriso. — E se Sebastian gosta de você, então prazer em conhecê-la.

— Eu mais que gosto dela, punk.

Isso chamou a atenção de Lucian.

— Sem merda?

Sebastian parecia ser capaz de ler Lucian muito melhor do que eu e obviamente tinham aquela comunicação entre homens, que era silenciosa acontecendo.

— Sim, sem merda.

Lucian assentiu e encolheu os ombros.

— Tudo bem então.

Ele tinha uma mochila enorme nas costas, do tipo daquelas que pessoas que caminhavam em trilhas dos Apalaches por semanas e meses, com um tempo de uso.

— Estou com fome.

E assim, todos os irmãos Badd voltaram para casa.

E parecia, que eu também.



EPÍLOGO

Zane

Odiava ternos. Coloque-me uma roupa de camuflagem no maldito deserto e eu não reclamaria, mas quando coloco minha bunda em um smoking fico rabugento por tempo indeterminado.

Dru não parecia se importar.

— São cerca de vinte minutos, Zane. Assim que começarmos a recepção você pode tirar o terno e a gravata.

— Eu quero tirar a porra da gravata agora. — rosnei.

Ela apenas deu um tapinha no meu peito.

— Mas você é o padrinho. Precisa usar a gravata. Além disso, se não usar a gravata, nenhum dos outros rapazes o farão. E então será o inferno e meu casamento estará arruinado. Você não quer isso, quer?

Franzi a testa em sua lógica.

— As estúpidas gravatas não são o que estão mantendo-os na linha, Dru, foi a ameaça de violência e a promessa de bebida.

Ela me deu seu sorriso de, vou congelar suas bolas.

— Use a maldita gravata, Zane Badd.

Deus abençoe Sebastian para ter uma vida longa e feliz com Dru Connolly, mas Deus, precisa ter coragem para falar com essa mulher. Ela era algo, com certeza.

Levantei minhas mãos em sinal de rendição.

— Certo, Jesus. Mas no segundo em que a cerimônia acabar...

— Então tirarei a gravata para você, se está tão focado nisso. — ela cortou. — Apenas por favor pare de reclamar sobre isso.

— Não consigo respirar usando essa coisa. — eu comecei.

Dru apenas sussurrou para mim.

— Você é um Seal da Marinha, Zane. Pode prender a respiração por uns dez minutos.

— Essa é a questão. — disse. — Não deixa o maldito terno mais confortável.

Ela apenas balançou a cabeça.

— Boceta.

Ela se afastou de mim, porque Baxter estava chegando em sua Harley. O desgraçado olhou para a moto de Xavier e decidiu que precisava de uma também, mas claro que precisava de uma maior, mais malvada, a mais barulhenta já feita, para que você pudesse ouvir a coisa estúpida, vindo à uma milha de distância. Baxter não estava usando capacete, sendo absurdamente vaidoso com o cabelo e usava seu terno como se tivesse nascido em um. Mas então, ele participou de

vários jantares de jogadores e tal, usava um mais frequentemente do que eu alguma vez usei.

Dru, com vestido de noiva, reuniu a parte de trás do vestido e montou na moto atrás dele. Eu tinha certeza que somente Dru Connolly, poderia fazer isso. Ela usava seu antigo vestido de noiva, o idiota do Michael sequer a viu com ele, então Dru foi para cidade com um par de tesouras, uma agulha e linha. Isso era uma piada... de verdade.

Ela contratou uma costureira qualificada e teve o vestido alterado profissionalmente. Eu nunca vi a versão original, mas este vestido parecia muito bom para mim. Ouvi que Dru tirou a parte superior então pode respirar nele e teve a parte da saia cortada até suas coxas então poderia caminhar, deixou a parte de trás longa o suficiente para ser um vestido de verdade. Não sei como a costureira conseguiu, mas o fez e Dru parecia incrível. Elegante, sensual e real tudo de uma vez.

Sendo Dru e Bast, o casamento não era nada tradicional. A cerimônia e a recepção seriam nas docas do lado de fora do bar... durante o horário comercial normal. Era dezenove horas e Bax apenas daria a volta no quarteirão para que ela pudesse fazer sua entrada triunfal na parte de trás de uma Harley. Nenhum corredor, nenhum aqui está a noiva. Bem, na verdade, acho que Canãa e Corin iriam surpreendê-la com uma versão improvisada da marcha nupcial.

Nós bloqueamos a rua toda ao redor do bar e a empresa de buffet montou uma mesa de comida do lado de fora e

muitas mesas cobertas de pano branco, na rua e nas docas. Canaã e Corin tinham um palco do lado fora e planejavam tocar a noite toda, tendo pausas para comida e bebida, claro.

Os gêmeos, sendo os gêmeos, podiam tocar covers de qualquer coisa, além de seu próprio repertório com centena de canções originais, incluindo dezenas de canções que escreveram enquanto viajavam, mas nunca entraram em um estúdio para gravar. Eles nunca disseram a sua antiga gravadora sobre elas e havia apenas as doze canções do álbum de estreia que não lhes era permitido tocar sem permissão da gravadora.

O casamento foi aberto ao público, com o interior do bar aberto para negócios como de costume, mas com o casamento e recepção acontecendo lá fora. Tivemos que contratar funcionários temporários, além do pessoal da cozinha para comandar o bar à noite, assim todos nós poderíamos sair e festejar a noite toda.

Havia algo como duzentas pessoas reunidas já, mais no bar e ainda mais gente caminhando em todas as direções. Poderia ser porque Canaã e Corin estavam fazendo um cover indisciplinado de Stairway to Heaven e estavam tocando no momento ou seria as luzes, a multidão e o cheiro de comida... talvez apenas o ar de uma arrebatadora festa que se espalhou por toda esta parte de Ketchikan.

Nos quatro meses desde que Dru se embriagou acidentalmente no Badd & Grill, as coisas ficaram um pouco loucas. O boato espalhou-se que todos os oito irmãos Badd

estavam de volta na cidade e que todos estávamos no bar em uma base regular, o que trouxe... garotas em massa com seus namorados e maridos sempre por perto, por causa da maldita música todas as noites no bar, tocada pelos gêmeos e as fortes bebidas feitas por Bast e Bax. Os negócios mudaram, digamos. Xavier provou ser um chef talentoso como em qualquer outra coisa, o que significava que tínhamos um menu de matar e Dru fornecia um rosto sorridente, bonito e feliz para as multidões, que nos colocava em capacidade máxima todas as noites. É isso mesmo, a garota rasgou seu diploma de direito para ser anfitriã em um bar nas docas... e parecia bem e verdadeiramente feliz com a decisão.

Lucian, Brock e eu nos revezamos ajudando conforme necessário na cozinha, atrás do bar e no atendimento às mesas, Xavier encarregou-se de cuidar dos livros, desde que ele podia fazer a matemática necessária na cabeça bêbada. As coisas estavam... incríveis. Nós estávamos mais ocupados do que nunca e todos muito contentes com a forma como as coisas estavam.

Eu não atirava em meses, o que era o tempo mais longo que fiquei sem gastar horas no campo de tiro ou em combate desde os dezoito anos.

Nem todos se encaixaram no apartamento acima do bar, obviamente, alguns de nós acamparam nos fundos, compramos e reformamos uma loja antiga e o apartamento acima, a uma quadra do bar. A loja foi transformada em um estúdio de gravação para os gêmeos e o apartamento acima forneceu espaço para eles, Lucian, Brock e Bax, enquanto

Xavier e eu tínhamos os outros dois quartos acima do Badd. Nenhum de nós passava muito tempo em qualquer um dos quartos exceto para dormir, então realmente não importava, já que todos tendíamos a passar todos os momentos no bar fazendo qualquer trabalho ou bebendo.

Com Dru e Bax fazendo seu circuito ao redor do quarteirão, era hora de tomar o meu lugar ao lado de Sebastian no altar, que era um suporte para microfone e um arco branco alugado decorado com rosas, com os irmãos alinhados em ambos os lados. Desde que Dru não tinha amigas e família, exceto o pai dela, que estava realizando a cerimônia, os irmãos decidiram ser os padrinhos da noiva bem como de Sebastian. Lucian, Xavier, Bax e Brock eram os padrinhos dela, gêmeos e eu éramos os padrinhos de Bast. Tecnicamente eu era o melhor homem, mas isso apenas significava que fui incumbido a levar as alianças.

Sebastian, ao lado de Drew, parecia mais nervoso do que jamais vi.

Eu toquei nele.

— Você não está nervoso, está?

Ele franziu o cenho para mim.

— Porra, sim, estou. Vou me casar, me casar, cara. Claro que estou nervoso.

— Não é como se ela fosse desistir ou algo, você sabe disso, certo?

Ele bufou.

— Bem, porra, cara, claro que não, mas não é por isso que estou nervoso.

— Então o que é? Nunca vi você parecer tão verde sobre qualquer coisa.

Ele mudou seu peso de pé para pé, olhando por cima das cabeças da multidão, olhando para onde Dru entraria.

— Os meus votos. Eu os escrevi sozinho, mas... — ele encolheu os ombros desconfortavelmente. — Colocar o que está na minha cabeça em palavras nunca foi meu forte.

Eu me esforcei para lhe dizer algo de útil.

— Não sou muito melhor que você, irmão. Apenas... seja você, eu acho. Isso é o que ela ama e ficará feliz.

Drew Connolly, vestindo seu uniforme de gala dos tempos da Corporação, bateu no ombro de Sebastian.

— Ouça, garoto. Isto não é tão complicado. Seu irmão disse para seguir sua cabeça. O truque é não tentar dizer o que está na cabeça. Diga o que está no coração. Minha Dru não liga muito para palavras bonitas, nunca ligou. Eu a criei para prestar mais atenção ao que as pessoas fazem, porque isso é o que realmente fala sobre o caráter. Você tenta colocar os seus votos em pentâmetro iâmbico[12] ou algo assim, ela olhará para você como se tivesse perdido a cabeça. Apenas diga como você se sente e faça suas sinceras promessas sobre o futuro.

---

[12] É um tipo de métrica usada em poesia e em drama. Descreve determinado ritmo que as palavras estabelecem em cada verso. Esse ritmo é medido em pequenos grupos de sílabas, estes pequenos grupos são chamados de “pés”.

Sebastian franziu o rosto.

— Que porra é pentâmetro ou o quer que tenha dito?

Xavier falou.

Não me permita permitir, entre o casamento de duas mentes verdadeiras, impedimentos. Amor não é amor se muda ao encontrar mudança.

Ou se é apagado pelo apagador.

Oh, não! O amor é escrito em tinta perpétua e atravessa, sem mácula, a água de tempestades.

É o mapa que guia navios perdidos, seu valor é incalculável, embora sua extensão física seja calculável.

O amor não se submete ao tempo, mas a lábios rosados e a faces vermelhas.

O amor não se mede em horas ou semanas,

Ele persiste ainda nos portões do abismo.

E se eu estiver errado e isso for provado, jamais escrevi e ninguém jamais amou.

Todo mundo apenas olhou para ele por um momento, até que ele encolheu os ombros.

— O que? É Shakespeare. Soneto-116, em pentâmetro iâmbico. Um dos mais emblemáticos poemas sobre amor já escrito.

Sebastian olhou para Xavier fixamente por um minuto.

— Bem, isso é muito bonito, mas o que quer dizer?

Xavier piscou rapidamente, o que significava que ele estava pensando sobre sua resposta.

— Depende, se você o ler por conta própria, ou em contexto com outros sonetos da série a qual pertence. E se ler por si só, fora de contexto, é sobre a perfeição do amor verdadeiro e como o amor é eterno e imutável.

Sebastian riu.

— Você me perdeu, irmão. Apenas sei o significado de umas quatro dessas palavras.

Xavier suspirou.

— Esqueça. — ele franziu a testa para Sebastian. — Sabe, acho que você é muito mais esperto do que demonstra.

— Obrigado pelo voto de confiança, cara, mas deixarei as palavras bonitas e a poesia para você e Brock.

— Deixe-me fora da poesia, obrigado. — Brock disse. — Lerei Kant e Nietzsche, sobre Shakespeare e Marlowe qualquer dia da semana.

Xavier abriu a boca para argumentar, provavelmente alguma tese de doutorado sobre a interseção entre poesia e psicologia ou uma besteira chique, mas o ronco da Harley de Bax o interrompeu. A multidão foi para moto e quando Bax estava em paralelo com o altar e a linha dos irmãos Badd, ele parou, virou para baixo o pedal, saiu da moto e estendeu a mão para ajudar Dru a desmontar. Ela balançou a perna, mostrando uma quantidade quase indecente de perna no

processo, alisou o vestido sobre seus quadris e barriga, então soltou um suspiro profundo.

Ela ficou lá por alguns momentos, apenas respirando, sorrindo e olhando para Sebastian. Os gêmeos, no momento, começaram tocando Here Comes the Bride, embora nunca ouvi uma versão que incluía um solo de guitarra uivando ou um de baixo. Funcionou, de alguma forma.

Recompondo-se, ela se aproximou de Sebastian, segurando o braço de Bax.

Drew pegou a mão dela e a de Sebastian e se juntou a eles entre ambos.

— Nenhum de nós quer uma cerimônia tradicional por aqui, então farei isto rápido e simples.

Ele olhou para sua filha.

— Dru, meu bebê, minha menina, eu sou o homem mais feliz do mundo, junto de Sebastian, aqui. Vê-la feliz, encontrando um homem que vale a pena? Faz este velho soldado frio, amolecer seu coração duro, apenas um pouco. Nunca teria pensado que algo tão bom poderia vir daquele dia de merda há quatro meses, mas aqui estamos nós amarrando você e Sebastian no que eles chamam de sagrado matrimônio.

Ele olhou para Sebastian, então.

— Sebastian, meu rapaz. Não preciso dizer muito para você. Ame-a, cuide dela, seja o homem que ela merece. Eu sei que você será e sei que você é. Pediu-me há um mês atrás a

mão dela e dei minha benção em particular, estou dando a você novamente agora, publicamente. Você é um homem bom e estou orgulhoso para caralho de tê-lo como meu genro.

Dru bateu no braço do pai dela.

— Pai! Não pode xingar quando está nos casando!

Drew apenas riu no microfone.

— Claro que posso. Nós não estamos em uma igreja, estamos?

Dru suspirou, admitindo o ponto e o pai dela continuou.

— Então, sem mais discursos, aqui vamos nós.

Ele olhou para Dru.

— Dru Connolly, você aceita Sebastian Badd como seu marido, promete amá-lo e apenas ele com tudo o que tem, enquanto viver e para o que vier além desta vida?

Dru tomou respirou fundo e suspirou.

— Eu aceito. Para sempre e além.

Drew olhou para Sebastian em seguida.

— E Sebastian, você aceita esta mulher, minha filha preciosa e minha única família neste mundo, para ser sua esposa e amá-la, apenas ela com tudo o que tem enquanto você viver e para o que vier além desta vida?

Sebastian assentiu com a cabeça.

— Sim.

O olhar de Drew passou de um para o outro.

— Vocês têm seus votos para trocar, antes de fazer as honras?

Dru soltou outra respiração.

— Sebastian... às vezes tenho problemas em aceitar que estou aqui, que isso é real. Que você é real, mas você é e... eu te amo. Muito obrigada. E aos irmãos, os sete, que são toda a família que nunca tive, agradeço sempre por você e por eles. Prometo amá-lo com toda a loucura que tenho, o que é muito. E tudo que posso dizer é que estou muito feliz por ter entrado em seu bar naquela noite.

Sebastian riu.

— Estou feliz que você veio, também. Eu tinha este grande discurso escrito, mas os cartões que escrevi estão todos amarrotados agora e não consigo entender minha própria letra. — ele segurava um par de cartões pequenos cobertos em ambos os lados com letra ilegível, em seguida, os colocou no bolso da calça de smoking.

— Então terei que improvisar. Quando você tropeçou no meu bar há quatro meses, estava usando este mesmo vestido de casamento que está usando agora, mas estava toda molhada, sua maquiagem escorrendo, seu cabelo era um emaranhado e estava com o coração partido, triste e derrotada. E querida, o primeiro pensamento no momento em que coloquei os olhos em você, foi que era um anjo. Você me tirou o fôlego e tem tirado todos os malditos dias desde então. Não sabia o que estava procurando, mas encontrei em você. Então aqui estamos. Eu te amo. E obrigado por me dar uma

chance. — ele olhou para Drew então. — E Drew, agora que casei com sua filha, você tem oito de nós como sua família. Em nome de meus irmãos e eu... bem-vindo à tribo.

Drew soltou uma respiração profunda, limpou a garganta e piscou forte.

— Obrigado, Sebastian. Isso significa mais do que posso dizer. Agora, se vocês dois não tem mais nada... — ele olhou de Dru para Sebastian e ambos balançaram as cabeças. — Então apenas o que resta dizer é... pelo poder investido em mim por... como se chama... Igreja Universal da Vida e uma ótima internet... eu os declaro marido e mulher. Beije ela, garoto.

Sebastian não perdeu tempo beijando Dru e caralho... Foi aquele beijo. Deixou algumas pessoas mais do que um pouco desconfortáveis, mas porra, você não podia negar o amor entre eles.

Sebastian entrelaçou os dedos nos de Dru e eles levantaram as mãos unidas para a multidão, uma mistura de moradores de Ketchikan e turistas, além do pequeno, mas barulhento grupo de amigos policiais de Drew, todos vestindo camisas de turista havaianas e crocs com meias, uivaram e aplaudiram com loucura, mas ninguém fazia tanto barulho como nós irmãos Badd.

Sebastian deixou continuar por um tempo e então se inclinou para o microfone.

— Obrigado, pessoal. Agora que a cerimônia acabou, vamos festejar! Divirtam-se!

Os gêmeos voltaram para trás de seus microfones e instrumentos e iniciaram uma empolgante versão do clássico Beastie Boys, Fight For You Right To Party e você imaginaria que aqueles dois malucos poderiam fazer rimas de rap?

A festa estava acontecendo, as bebidas fluindo e as comidas sendo servidas.

Logo quando Dru e Sebastian deixaram o altar e o microfone, Dru ficou na minha frente e tirou minha gravata preta. Tirei o terno, peguei a gravata da mão dela e coloquei no bolso, então joguei-o sobre o encosto da cadeira onde eu sentaria. Depois que dobrei as minhas mangas até o cotovelo, senti-me melhor. Gravata, terno, mangas dobradas... podia respirar novamente.

A multidão estava ficando selvagem, o que não estava fazendo nenhum favor para minha ansiedade. Após inúmeras missões no Iraque, no Afeganistão e algumas poucas na América do Sul, indo atrás de traficantes, ficar ao redor de grandes grupos de pessoas não era exatamente super incrível. Eles tendiam a me deixar nervoso, ansioso e desconfortável. As coisas mais loucas aconteciam, mas meus nervos se transformariam em ansiedade, até que precisaria me retirar do barulho e da atividade e encontrar algum lugar quieto, então poderia respirar novamente.

Nenhum dos meus irmãos sabiam sobre os ataques de ansiedade, porque me arrasaria se tivesse que admitir fraqueza para qualquer um deles, mesmo sabendo que

logicamente nunca diriam nenhuma merda sobre isso, exceto me apoiar. Ainda assim, não admitiria isso. Não mesmo.

Por enquanto, porém, tudo ia bem. Tinha meus irmãos reunidos ao redor de mim e Sebastian estava feliz, sorrindo de orelha a orelha e recusando a deixar Dru longe dele. Peguei uma cerveja do balde de gelo, em frente ao buffet de comida e me sentei ao lado de Lucian na mesa perto do palco.

Deus, Lucian. O garoto estava de volta e tão ilegível como sempre foi. Sempre achei que fiz um bom trabalho em manter meu problema para mim mesmo, mas Lucian apenas... seu rosto não soltava nada, até mesmo para aqueles de nós que o conheciam bem, era quase impossível de ler.

Mas ali estava ele inclinando a cadeira em duas pernas, tomando uma cerveja de um copo vermelho, com um manhoso e divertido sorriso no rosto.

— O que é engraçado, Luce? — Seu apelido era pronunciado Loose, mesmo que o nome fosse pronunciado como Loosh-yee-an. Vai entender, certo? Apelidos familiares não se discutem, acho.

Ele apenas encolheu os ombros para mim.

— Isto. — Lucian acenou na direção com sua cerveja. — Bast, se amarrando.

Eu olhei para ele.

— Por que é engraçado?

Ele balançou a cabeça para os lados.

— Eh, não engraçado estupidamente ou engraçado tipo isso não é sério. — ele fez uma pausa para tomar um gole, provavelmente porque chegou ao limite de quantas palavras podia dizer de uma vez.

— Apenas... engraçado, esquisito, eu acho. Bast... casado? Nunca pensei que ele seria o primeiro de nós a fazer isso, é tudo. E é estranho. E engraçado.

Não pude deixar de rir.

— Sim, eu ouvi isso. — e assim passamos as próximas horas, Lucian e eu, sentados à mesa e bebendo cervejas, nenhum de nós entrando em bebidas destiladas. Ah, não me interpretem mal, estou inclinado a ficar completamente bêbado de vez em quando, mas apenas faço isto em privado. Não tenho certeza sobre Lucian, mas suspeitava que ele raramente se deixava ficar tão bêbado que perdesse o controle.

Brock e Bax, não tinham tais inibições. Uma festa era uma festa, especialmente para Bax. Ele gostava de ficar doidão e a menos que as coisas tenham mudado enquanto estava no Canadá, jogando para o Stampeders Calgary na CFL, Bax sempre proporcionou um tempo interessante quando bebia muito.

Prova disso, olhei para cima e sim, aqui vamos nós. Bax estava sentado com um pé na sua cadeira, outro em cima da mesa, uma garrafa de Jameson levantada, bebendo direto da garrafa. A multidão estava cantando: Beba! Beba! Beba! E Bax, sendo Bax, parecia tentar acabar com a garrafa inteira

em um gole... e porra, não acabaria bem. Absolutamente. Para qualquer um.

Então pulei, peguei a garrafa dele e disse.

— Bax, não seja um idiota.

Ele olhou para mim, sombrio, com raiva.

— Ei, filho da puta. Eu estava prestes a ganhar uma aposta. — ele piscou, um pouco desigual, para um casal de garotas, que titubearam e riram timidamente. —E se matar uma garrafa de Jameson, ao mesmo tempo, as garotas vão me levar de volta para seu hotel com elas.

Ri, apesar de minha irritação.

— Bax, amigo. Ouça. Você mata essa garrafa de uísque e não terá nada acontecendo com qualquer uma delas ou ambas, mesmo tão gatas como são, desde que você terá um mau caso de pau de uísque. Então, isto sou eu fazendo um enorme favor de irmão. Seja inteligente, sim?

Bax, alcançou mais rápido do que eu esperava que ele fosse capaz, dado o seu estado de embriaguez e tirou a garrafa de mim.

— Eu... não... tenho pau de uísque... irmão. — ele me lançou um olhar sujo, estendeu sua língua e terminou com a garrafa em longos goles. — Deveria dividir isto, mas agora não irei.

Ele estava parado em sua pose de Capitão Morgan, um joelho levantado, um pé em cima da mesa, então o empurrei, meio como uma reação instintiva por ele ser um idiota e a

outra metade, porque estava com raiva. Bax caiu para trás, movimentando os braços, acertando as garrafas e pouco antes de cair, pegou minha camisa e me arrastou para baixo com ele. Caiu duro e caí em cima dele, ouvi o som de vidro quebrando. Bax rolou mais uma vez, me empurrando e eu senti algo afiado cortando minhas costelas, então estava de costas, sem fôlego, costelas ardendo de dor, as pessoas gritavam e Bax estava xingando.

Eu me sentei, pressionei minha mão nas costelas e ficou vermelha. Levantei minha camisa, verifiquei o corte, não muito fundo, poderia precisar levar pontos, mas não tinha certeza. Nada muito grave. Peguei alguns guardanapos e os pressionei contra o corte, apertando-os tanto quanto podia e então me virei para ver Bax.

Porra.

Caralho.

Ele estava de mau jeito, um pedaço irregular da garrafa esmagada profundamente na parte superior da sua coxa. Uns três centímetros, se não mais. Eu sabia sobre a triagem básica de batalha, o que significava que sabia exercer pressão sobre uma ferida, como improvisar algo para manter a pressão e sabia que não era para tentar remover algo empalado no corpo.

— Não se mova, Bax. — eu disse, trabalhando para manter minha voz calma. — É preciso deixar isto aí dentro por um minuto, ok, irmão? Sei que dói, mas temos que deixar.

— Porquê? — ele falou com os dentes apertados, olhando para mim. — Essa porra dói. Tire isto.

— Não, ainda não. — eu disse. — Pode causar danos piores se tirarmos. E é alto o suficiente, pode estar perto de sua artéria. Se retirarmos, poderia cortar uma artéria e você vai sangrar antes de fazermos qualquer merda.

Ele estava deitado de costas, lutando agora e depois de sentar e olhar, mãos oscilando ao redor de sua coxa como se lutando contra o desejo de simplesmente arrancar o fragmento para fora.

— Porra homem.

— Sinto muito Bax. Eu não devia ter empurrado você.

— Para de merda, idiota.

O sangue, a dor em seus olhos, a tensão, a culpa... me fez voltar.

— Médico! — gritei, esquecendo-me momentaneamente, que estava no Alaska e não em uma missão.

Eu ouvi a comoção ao redor de mim e olhei para cima para ver alguém empurrando abrindo caminho através da multidão.

— Deixe-me passar. Eu sou médica. — ouvi uma voz de mulher, com aquele tom brusco de alguém que costuma ser ouvido. — Saiam do caminho, idiotas!

As pessoas foram movendo para o lado e uma mulher atravessou o vazio que ela criou, ajoelhando ao lado de Bax.

Mudei de lado para lhe dar espaço e rapidamente fez um balanço.

— Ah, não é tão ruim. Não é bonito, mas você ficará bem. Apenas, fique quieto, ok?

— Ainda estou parado! — Bax se lamentou. — Você é quem está balançando.

Ela olhou para mim.

— Segure a perna dele para mim.

— Sim, senhora. — respondi, porque ela tinha uma voz de autoridade e sou um soldado treinado para ouvir isso. Peguei na coxa de Bax perto de sua virilha e de seu joelho e a estabilizei. — Agora o que?

— Agora eu puxo e espero que ele bata em você em vez de mim. — ela disse isso com um sorriso torto que tirou o ar dos meus pulmões.

Merda, porra e caralho... essa garota era linda. Pequena, mas curvilínea. Cabelo loiro trançado firme contra sua cabeça, pendurado sobre um ombro, brilhantes olhos verdes na cor da grama quando o sol de verão bate sobre ela e aquele sorriso, porra, que sorriso. Desequilibrada, bonita, confiante e sexy, uma pitada de dentes brancos, lábios expressivos e cobertos em batom vermelho brilhante. Esse sorriso me nocauteou para caralho.

E ela estava tratando disto com a calma e facilidade de alguém que viu muito, muito pior.

— Não vai machucá-lo mais se você retirar?

Ela acenou com a cabeça, a trança balançando contra seu ombro.

— Não. Não onde está. Não há perigo de cortar sua femoral. Apenas músculo e sangue lá dentro. Ele ficará bem. Será pior quando eu tirar, mas não irá prejudicá-lo mais. Grande diferença. — ela olhou para Bax.

— Você precisa de um cinto para morder, garotão? Pode suportar a dor? — ela estava jogando uma isca, eu percebi.

— Posso suportar, ok? Apenas tire essa porra de mim. — rosnou Bax.

— Segure em mim, Bax. — disse. — Quebre alguma coisa se for preciso.

— Ah eu vou quebrar alguma coisa. — Bax rosnou para mim. — Apenas espere.

— Preciso que mantenha sua perna parada. — disse a médica sensual. — Então ele não poderá mexer e piorar as coisas.

— Entendido. — respondi. Ouvi as sirenes à distância, o que significava que alguém ligou para o 911. Mantendo um aperto firme na perna de Bax, me preparei para o momento em que ela puxaria o fragmento irregular da garrafa. Bax estava esperando também, dentes apertados, suas mãos nos meus ombros, seu aperto brutalmente poderoso. Eu merecia, por isso permiti. Mas doía muito e junto com o corte nas minhas costelas, que ainda estava sangrando, estava em um mundo de dor.

Mas Bax deveria estar pior, então empurrei a dor de lado e me concentrei.

A médica deu-me um olhar.

— Em três, certo? Pronto? Um... dois... — e então ela tirou em um puxão rápido de sua mão, muito rápido. — Três.

— Hah, hah. — Bax gemeu, soando distintamente fraco e sem expressão. — Bem original. Oh merda... dói.

A médica olhou Brock, que pairava sobre nós. — Você. Preciso de sua camisa e cinto.

Brock cumpriu imediatamente, descartando o terno, arrancando a gravata e desabotoando a camisa. Em menos de trinta segundos lhe deu a camisa e o cinto. A médica envolveu a camisa ao redor da coxa de Bax, mantendo um amontoado de tecido agrupado no local da ferida e depois envolveu o cinto ao redor e apertou forte. A ambulância chegou e os paramédicos assumiram, a médica sensual os inteirou do atendimento e então Brock foi para a ambulância atrás de Bax, que estava na maca. E então se foram e me deixaram ali de pé, mão pressionada do meu lado, com a médica ao lado, suas mãos cheias de sangue.

Ela me olhou.

— Militar?

Balancei a cabeça.

— Marinha. Bem... ex, agora, eu acho. — devolvi seu olhar e me perdi no verde. — Combate médico?

— Exército. Três missões, uma no Iraque e no Afeganistão.

— Obrigado. — eu estendi minha mão, aquela não pressionada nas minhas costelas. — Zane Badd.

Ela estendeu a mão para pegar a minha, mas então hesitou.

— Eu apertaria, mas minhas mãos estão uma bagunça.

— Não é a primeira vez que qualquer um de nós tem sangue em nossas mãos. — aproximei e apertei sua mão na minha. — Qual é seu nome, querida?

Ela me cumprimentou com um aperto firme, forte.

— Mara Quinn. — nossas mãos estavam escorregadias e pegajosas com sangue, a dela com o de Bax e a minha com o sangue de Bax e o meu.

Não sou um falador, como alguns dos meus irmãos e, também não sou tão quieto ou rosno como Lucian ou Sebastian, mas nunca tive qualquer problema em falar com mulheres. Principalmente, acho, porque minha aparência normalmente falava por si mesmo e o fato de que não há geralmente muito a falar depois de eu dizer: Sou um Seal da Marinha. Mas, por alguma razão, Mara Quinn me deixou com a língua presa.

— Então. — senti que minha língua estava presa ao céu da minha boca, palavras alojadas na minha garganta.

— Conversa é uma merda e eu preciso de uma bebida. — ela me deu aquele sorriso torto mais uma vez, algo vibrou

dentro de mim, como se houvesse uma colônia de morcegos dentro de meu peito. — Por acaso sabe de algum lugar... calmo... onde podemos conseguir uma?

Eu sorri para ela.

— Talvez. Acontece desse bar ter o meu nome…

— Esse bar tem o seu nome ou você é dono do bar?

— A mesma coisa. Era do nosso pai, e agora é nosso. — disse, gesticulando antes, para ela entrar no Badd.

— Quando você diz nosso, o que é isso, exatamente? — Mara perguntou.

— Eu e meus sete irmãos. — disse. — Sebastian, o que se casou, é o mais velho. Então eu, em seguida, Brock, cuja camisa colocou ao redor da perna de Bax. Bax é próximo, então Canaã e Corin, em seguida, Lucian, então Xavier.

Mara levantou as sobrancelhas.

— Caramba, isso é um monte de irmãos.

Balancei a cabeça.

— Claro que é, mas isso apenas significa que nunca é chato por aqui.

Pegamos duas cadeiras no bar e o barman temporário veio imediatamente.

— O que deseja, Sr. Badd?

Eu franzi a testa.

— Meu nome é Zane. Sr. Badd era meu pai e ele se foi. Uísque com gelo para mim. — dei uma olhadela para Mara. — Para você?

— O mesmo que ele.

— Qualquer Bourbon em particular que você gostaria, senhor?

— Maker's Mark está bem. — disse.

— Boa escolha. — disse Mara, sorrindo. — Embora eu geralmente seja uma típica garota de Blanton[13], mas nem todos têm Blanton.

Bebemos nossos bourbons, em um silêncio estranhamente sociável durante uns minutos, então Mara girou na cadeira para me enfrentar.

— Então, hum... — ela me olhou por cima do copo dela, um pequeno, esperto sorriso em seus lábios. — Quando eu disse um lugar mais calmo, aqui não era exatamente o que quis dizer.

A maneira como Mara estava se aproximando, deixando seu joelho encostar no meu, me disse o que ela provavelmente quis dizer, mas não sou de jogar jogos ou medir palavras. Gosto de saber exatamente no que entrarei e gosto de que a garota seja clara sobre o que quer de mim. Estive perto da morte muitas vezes, vendo as vidas de muitos amigos serem encurtadas para incomodar os outros fazendo jogos mentais.

---

[13] Blanton é um Bourbon Straight do Kentucky.

— Oh. Bem... o que você quis dizer, então, Mara? — cheguei mais perto dela, meio caminho agora, tocando seus joelhos com os meus, escorreguei uma palma na sua coxa. Ela tomou o último gole de sua bebida de uma vez e então se levantou, se aproximando mais. Sem hesitação, sem jogos.

— Você, eu e um lugar privado com uma cama. — ela disse. — Um sofá. Um balcão.

— Eu tenho os três à minha disposição e todos estarão aqui no futuro previsível.

— Vamos em frente, então. — Mara disse, colocando a mão na minha. Eu a levei lá para cima para o apartamento e lhe mostrei meu quarto. Logo quando fechei a porta atrás dela, Mara pulou em mim. Literalmente, ela saltou no ar e caiu contra meu peito, me deixando carregar todo seu peso, a boca dela batendo contra a minha, buscando minha língua.

Por um longo momento, sem fôlego, nos beijamos. Tinha as duas mãos em sua bunda vestida de jeans, apertando, segurando-a no alto com aquele aperto. Eu a levantei mais alto e ela envolveu suas pernas curtas, poderosas ao meu redor.

Eu a segurei lá, me afastei do beijo o suficiente para sussurrar contra seus lábios.

— Porra, garota. Você não perde tempo, não é?

Ela balançou a cabeça.

— Porra nenhuma. Você viu a mesma merda que eu, Zane... acha que devemos perder tempo quando nós dois sabemos o que queremos?

— Porra. — devolvi suas palavras.

— Mas para ser clara. — ela murmurou, com aquele sorriso doce, sexy, travesso, desequilibrado, em sua boca linda. — Apenas porque não quero perder tempo com jogos estúpidos não significa quero pular qualquer uma das coisas boas.

— Eu nunca ignoraria qualquer uma das coisas boas. — disse.

— Bom, porque as preliminares são metade da diversão.

— Pelo menos metade. — concordei.

— Ainda bem que estamos na mesma página, então.

— Concordo.

Ela desceu, puxou minha camisa para cima e me deixou tirá-la, então deixou a camisa de lado. Quando alcançou o botão da minha calça de smoking, ela parou, vendo o corte nas minhas costelas.

— O que é isto, Zane?

Eu olhei para baixo, tendo esquecido o ferimento.

— Ah, isso? Não é nada.

Ela puxou os guardanapos de papel, que estavam cobertos com sangue e colando na minha pele.

— Não é nada. Jesus, por que não disse?

— Bax estava pior, então apenas... me esqueci.

Ela me deu-me um olhar perplexo.

— Como você pode esquecer sobre um corte de quinze centímetros em suas costelas, porra?

Encolhi os ombros.

— Quer dizer, não faz cócegas exatamente, mas você me distraiu. — eu sorri, afastando suas mãos e alcançando a camisa dela. — Estou bem. Podemos lidar com isso mais tarde.

Ela ignorou minhas tentativas de afastá-la e continuou tirando suavemente o punhado de guardanapos molhados de sangue, em seguida, examinou o corte.

— Você pode ficar sem pontos. Não é tão profundo, apenas extenso. E já está coagulando. — ela me olhou. —Tem supercola?

— Supercola?

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim. Funciona muito bem para coisas como esta. Cola médica seria melhor, mas a simples e velha supercola funciona.

— Há algumas na gaveta da cozinha.

— Bem, mostre-me o caminho. Apenas não posso ignorar isso, sabe. Não na minha natureza. Então quanto mais rápido você me mostrar a cola, mais rápido podemos voltar para as coisas divertidas.

Eu a levei para fora do quarto e fui para cozinha, encontrei a cola e o kit de primeiros socorros com as bandagens e fita. Ela arrancou um pedaço gigante de toalhas de papel, encheu um copo com água e derramou a água sobre o corte para limpá-lo, então, quando ficou satisfeita, secou e cuidadosamente aplicou uma faixa grossa de supercola ao longo do corte, em seguida, ajoelhou-se e soprou na minha pele para secar a cola mais rápido. Em menos de um minuto, a cola estava seca e eu estava tão bom quanto novo.

Bem, na maior parte.

Ela se levantou, lavou as mãos e então inclinou o quadril contra o balcão, em pé na minha frente.

— A calça está molhada. Oops. — ela disse isso com um sorriso, que me disse tudo que eu precisava saber.

— Acho que terá que sair. — disse e levei-a do corredor para meu quarto, fechei e tranquei a porta atrás de nós.

— Acho que sim. — ela desabotoou o botão, soltou a fivela e abaixou o zíper. — E onde nós estávamos? Estou tendo dificuldade de lembrar.

Senti o estômago apertar, meu pau endurecendo, minha cabeça martelando.

— Acho que estávamos na mesma página, sobre como as preliminares são pelo menos metade da diversão do sexo.

— Oh, sim. — murmurou, puxando a calça de smoking para baixo. — Página.

— Página. — tirei meus sapatos, saí da calça e fiquei na frente de uma Mara completamente vestido com nada além de uma cueca preta justa.

— Deus, você é muito lindo, Zane, sabia disso? — a voz da Mara era baixa, um sussurro de sincero agradecimento. — Mas ainda está usando roupa demais.

Deixei-a puxar minha cueca e então fiquei nu, ela ainda tinha cada peça de roupa, uma situação que pretendia corrigir o mais rápido possível. Mara ficou na minha frente, seu olhar passando descaradamente pelo meu corpo. Deixei-a olhar, porque ralei para caramba para me parecer assim.

— Mara, querida, você é muito linda também, mas acho que preciso ver mais de você. Apenas... sabe... para ter certeza de que estamos na mesma página.

Ela agarrou a barra da blusa em preparação para tirar, mas peguei os pulsos em minhas mãos.

— Ah-ah-ah. — disse. — Eu faço isso.

Mara me deixou tirar sua camisa, tirei seus sapatos, o jeans justo. E então estava gloriosamente, em nada mais que seu sutiã e calcinha, um conjunto harmonioso de laço verde e seda que cobria apenas o suficiente para ser, você sabe, funcional, mas ainda deixava pouco à imaginação. Levei um momento para observar sua beleza, ela era como eu já sabia, incrível. Tinha um metro e sessenta e cinco no máximo. Braços musculosos e pernas, abdômen tonificado, uma bunda redonda tensa que dizia que fazia uma porrada de agachamento na academia e seios que seriam um pouco mais

do que um punhado. Mara não era o que chamaria de músculos tonificados, mas claramente não era uma estranha no ginásio, era saudável, mas ainda possuía suavidade e carne onde eu gostava de ver em uma mulher. Ela era perfeita.

Eu abri o fecho do sutiã com uma das mãos, joguei-o longe e então ajoelhei na frente dela, passando o nariz em sua barriga para o quadril, em seguida, do outro lado novamente, um pouco mais baixo, dando-lhe muita atenção quanto à minha intenção nos próximos momentos. Mara não dificultou e não esperava que fizesse. Ela me deixou tirar a calcinha e sua boceta estava nua, exceto por uma fina e estreitamente aparada penugem. Cheia, lábios grossos, úmidos, brilhando.

— Porra, Mara. Você é perfeita. — rosnei.

Levei as mãos até a parte de trás das suas coxas, agarrei aquela bunda firme, mas suculenta, nua e tão suave como a seda que tirei dela. Passei um dedo acima da fenda de sua boceta, recebendo um gemido baixo.

— Posso provar você, Mara?

Ela passou as mãos sobre meu couro cabeludo para apertar minha nuca.

— Ficarei chateada se você não o fizer.

Passei minha língua pela sua fenda, provando seus sucos.

— Ah caralho, Zane, isto é tão bom.

— Apenas começando, querida.

Mara me olhou lambendo sua boceta e com cada lambida lenta ela gemia mais alto, os quadris flexionados e empurrando, me dizendo que estava chegando ao orgasmo. E então, quando tinha certeza que estava a segundos de gozar, ela empurrou meu rosto.

— Espera. Zane, espera.

Parei imediatamente, mas franzi a testa para ela.

— Pensei que você quisesse isto?

— Eu queria... quero. — ela não tentou me levantar, apenas olhou para baixo para mim por um momento. — Apenas preciso ter certeza que estamos na mesma página sobre uma outra coisa.

— O que é isso?

— Que isto é... sem amarras. Apenas hoje. Que nenhum de nós ficará estranho de manhã.

Meu coração apertou com suas palavras. Não era o que eu queria. Queria o estranho. Sabia, pelos curtos alguns momentos que tive com ela até agora, que esta noite não seria o suficiente, não importava quantas vezes fodêssemos. Queria mais. Mas não perderia a chance que tinha na minha frente, então esmaguei minhas esperanças.

Deslizei dois dedos dentro de seu canal e movi minha língua contra o clitóris.

— Sem compromissos, sem estranheza. — concordei.

Mas não tinha certeza se estava falando a verdade.

Talvez apenas estivesse fazendo uma promessa que não planejava manter.

O que não era honesto, mas agora não importava.

Eu sabia que faria o que fosse preciso para manter Mara na minha cama por quanto tempo pudesse.

Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).